Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Mariana Gouveia da Costa

O Projeto de Reabilitação de Tipologia Histórica no Centro de Viseu como Ensaio de Metodologia Projetual para a Reabilitação Conservativa

março de 2025

O Projeto de Reabilitação de Tipologia Histórica no Centro de Viseu como Ensaio de Metodologia Projetual para a Reabilitação Conservativa

Mariana Gouveia da Costa

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Mariana Gouveia da Costa

O Projeto de Reabilitação de Tipologia Histórica no Centro de Viseu como Ensaio de Metodologia Projetual para a Reabilitação Conservativa

Trabalho de Projeto
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura
Área de Construção e Tecnologias

Trabalho efetuado sob a orientação dos
Professor Doutor Vincenzo Riso
Professor Doctor Eugénio Alberto Fiel de Sousa Coimbra

março de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador Vincenzo que me transmitiu tanto conhecimento e ideias, que me suportou e ajudou neste trabalho. Ao arquiteto Eugénio pelas sugestões, melhorias e interesse demostrado ao longo do processo.

Ao Arquivo Municipal e à Câmara Municipal de Viseu pela disponibilidade e prontidão no fornecimento de informações relevantes para este trabalho.

Ao Sr. Figueiredo, proprietário do edifício, cuja disponibilidade e gentileza foram essenciais ao fornecer visitas e informações, tornando possível a realização deste trabalho.

Ao Sr. Arquiteto Sérgio, pela disponibilidade em fornecer os desenhos rigorosos do edifício.

Ao meu pai e à Ana por me receberem sempre para me dar carinho, por me terem apoiado em tudo, que sempre estiveram presentes e me facilitaram e proporcionaram tudo para que estivesse focada neste trabalho.

À minha mãe que mesmo longe, mostrou o apoio e o orgulho incondicional e que se preocupou sempre.

A toda a minha família que me deu força e motivação para que tudo corresse bem.

Ao Ruben que sempre me trouxe confiança no meu próprio trabalho e me fez acreditar que tenho capacidade para fazer tudo.

Aos meus amigos que me fizeram rir quando eu só queria chorar e que me acompanharam neste percurso árduo e incrível que é o curso.

RESUMO

A presente investigação centra-se no desenvolvimento e aplicação de uma metodologia sistemática para a reabilitação de edifícios com valor patrimonial, utilizando como caso de estudo um imóvel localizado no centro histórico de Viseu. A metodologia fundamenta-se numa análise sequencial que se inicia pelo estudo do contexto urbano, progredindo para uma análise detalhada do edificado, incluindo o levantamento dos elementos arquitetónicos, a interpretação histórico-tipológica e o estudo dos remates interiores.

O processo engloba diversas ferramentas metodológicas que permitem uma compreensão holística do objeto de estudo, culminando numa proposta de intervenção que procura equilibrar a preservação dos elementos com valor histórico e a necessária adaptação às exigências contemporâneas de habitabilidade.

Palavras-chaves
Centro histórico Viseu, Metodologia projetual conservativa, Reabilitação construtiva, Desenho de remates tradicionais

ABSTRACT

The present research focuses on the development and application of a systematic methodology for the rehabilitation of buildings with heritage value, using as a case study a property located in the historical center of Viseu. The methodology is based on a sequential analysis that begins with the study of the urban context, progressing to a detailed examination of the building, including the survey of architectural elements, historical-typological interpretation, and the analysis of interior finishes.

The process incorporates various methodological tools that enable a holistic understanding of the object of study, culminating in an intervention proposal that seeks to balance the preservation of elements with historical value and the necessary adaptation to contemporary habitability requirements.

Keywords
Historical Center of Viseu, Conservation Design Methodology, Construction Refurbishment, Traditional Finishing Design

AGRADECIMENTOS **VI**

RESUMO **IX**

ABSTRACT **XI**

INTRODUÇÃO **1**
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E OBJETIVOS 3
1.2 EXPLICAÇÃO DA METODOLOGIA 5
1.3 PENSAMENTOS EM RELAÇÃO AO RESTAURO 7

ENQUADRAMENTO URBANO **11**
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE VISEU 13
2.2 CENTRO HISTÓRICO: A HISTÓRIA, A CASA E O ABANDONO 19

CASO DE ESTUDO **27**
3.1 ESTUDO DO EDIFÍCIO: ARQUITETURA E MATERIALIDADE 29
3.2 INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA TIPOLÓGICA A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DO EDIFÍCIO 35
3.3 A REFLEXÃO DO VALOR ARQUITETÓNICO NOS REMATES E O SEU PAPEL PROPULSOR NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO 53
3.3.1 DETALHE DE REMATE 73
3.4 QUADRO DAS TRANSFORMAÇÕES 75
3.5 PROPOSTA FINAL DE PROJETO 91
3.6 VERIFICAÇÃO ATRAVÉS DA IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES DEMOLIDAS (AMARELOS) E DAS PARTES ACRESCENTADAS (VERMELHOS) 108

RELFEXÃO FINAL E APLICABILIDADE DA METODOLOGIA **123**

BIBLIOGRAFIA **129**

LEGENDA DE DESENHOS **134**

LEGENDA DE IMAGENS **136**

INTRODUÇÃO



[1]

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo investigar uma metodologia para a conservação adaptativa de edifícios com valor patrimonial, destacando e sistematizando os passos fundamentais para alcançar resultados que respeitem e revitalizem a identidade do edificado. A seleção do caso de estudo fundamenta-se em diversos critérios. Em primeiro lugar, salienta-se o abandono e a progressiva degradação de edifícios localizados em centros históricos, um problema recorrente em várias cidades. Adicionalmente, a urgência na criação de novas habitações, impulsionada pelo crescimento contínuo da cidade e pela escassez de residências disponíveis no centro urbano, reforça a relevância desta investigação. O edifício analisado apresenta características arquitetónicas singulares e está inserido numa área classificada devido à sua proximidade com a Sé de Viseu, um marco histórico da cidade e que reforça a sua relevância.

‹

Imagem 1.
Largo da Misericórdia, Sé de Viseu e caso de estudo



[2]

1.2 EXPLICAÇÃO DA METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta investigação foi desenvolvida de forma a atribuir significado ao processo de restauro. Inicialmente, procedeu-se a um estudo da cidade em que o caso de estudo se insere, analisando o edificado, as parcelas, a hierarquia entre ruas principais e secundárias, assim como a topografia e a hidrografia local. Foi examinada a malha urbana numa escala que permite identificar a tipologia da zona, complementada por um estudo comparativo de tipologias semelhantes noutras cidades.

Numa fase subsequente, realizou-se uma análise detalhada da envolvente e do exterior do edifício, abrangendo elementos como fachadas, orientação solar, materiais, acabamentos, remates, caixilharias e janelas, considerando todos os aspetos relevantes. Esta análise permitiu identificar uma paleta de materiais que ajudou a compreender a época de construção do edifício e a reconstruir parcialmente a sua história, estabelecendo uma ligação entre o interior e o exterior.

A metodologia adotada baseia-se também na exploração de elementos representativos da identidade do edifício. Neste contexto, os remates interiores, como rodapés, rodatetos, caixilharias de portas e janelas, pormenorização de pavimentos e tetos, foram selecionados para análise, possibilitando a compreensão das transformações sofridas pelo edifício ao longo do tempo.

‹
Imagem 2.
Largo da Misericórdia e Fonte das Três Bicas

Posteriormente, foi aplicada a ferramenta operacional designada de “quadro de transformações”, utilizando um sistema cromático que categoriza os elementos do edifício. Este método distingue os componentes a remover, sem valor patrimonial; os que devem ser preservados, pelo seu valor histórico ou estético; e os elementos cuja relevância é incerta, com a possibilidade de utilizar uma cor adicional para indicar a insuficiência de informação. Este procedimento clarifica a importância de cada componente, servindo como base para as fases seguintes da intervenção.

Após esta avaliação, elaboraram-se plantas de projeto da intervenção para reorganizar os espaços em função das suas antigas e novas funções, propondo uma dinâmica funcional que respeita a essência histórica do edifício, enquanto o adapta às exigências da contemporaneidade. Para uma análise mais clara, desenvolveram-se axonometrias, que permitem uma melhor compreensão volumétrica do espaço.

Por fim, como meio de verificação, realizaram-se as “plantas de vermelhos e amarelos”. Nas plantas, os elementos a preto (a preservar) são claramente diferenciados dos elementos a amarelo (a modificar ou remover) e a vermelho (a adicionar), garantindo clareza nas ações propostas.

1.3 PENSAMENTOS EM RELAÇÃO AO RESTAURO

No âmbito da presente investigação, propõe-se uma análise sistematizada das principais correntes teóricas do restauro arquitetónico, tendo como base fundamental a obra de Wessel de Jonge e Marieke, "Designing From Heritage" (2017), que apresenta uma síntese criteriosa desta temática complexa e multifacetada.

A abordagem ao património edificado requer, primordialmente, uma clara distinção conceptual entre arquitetura e património, bem como entre história e património. Define-se como património construído, o conjunto de estruturas provenientes do passado que reconhecidas pela sociedade possuem um valor insubstituível na contemporaneidade. Esta definição suscita um debate fundamental que assenta em dois princípios: a ética e a estética, sintetizados na seguinte citação:

"[...] the search for historic 'truth'- by which a monument is seen as a historical document in built form (ethics) – versus the restoration of the heritage building back to its supposed former glory which has been lost over time (aesthetics)" (Kuipers, Jonge, 2017, p.66).

No século XIX, esta dicotomia entre o "valor da fonte" e o "valor da imagem" materializou-se no debate entre John Ruskin, crítico de arte inglês, e Viollet Le-Duc, arquiteto francês. Ruskin advogava a preservação e proteção do monumento no seu estado original, permitindo apenas

intervenções conservativas que mantivessem a sua autenticidade. Esta perspetiva influenciou significativamente as Cartas de Atenas (1931) e de Veneza (1964), documentos fundamentais que ainda hoje orientam as práticas de conservação. Por sua vez, Le-Duc defendia a reconstrução das componentes em falta através de documentação e investigação científica, visando a recuperação integral do monumento e a recriação de "uma situação histórica que talvez nunca tenha existido" (Viollet-le-Duc, 1895). Esta divergência conceptual originou duas vertentes distintas: a "conservação" e o "restauro".

Alois Riegl, conservador geral austríaco, introduziu uma perspetiva inovadora ao conjugar a análise científica com a dimensão emocional do património. Segundo Riegl, os monumentos persistem na contemporaneidade como testemunhos do passado, distinguindo entre monumentos intencionais e não-intencionais, estes últimos valorados pela sua relevância estética e histórica.

Para ilustrar esta problemática, considere-se o exemplo de um castelo em ruínas: preservá-lo nesse estado, privilegiando o "valor de antiguidade", implica aceitar a sua eventual deterioração pela ação do tempo. Alternativamente, a sua recuperação integral, enfatizando o "valor de novidade", permitiria a sua preservação, mas alteraria a sua autenticidade histórica. Este dilema evidencia a complexidade inerente à conservação arquitetónica, particularmente quando se pretende otimizar o "valor de uso".

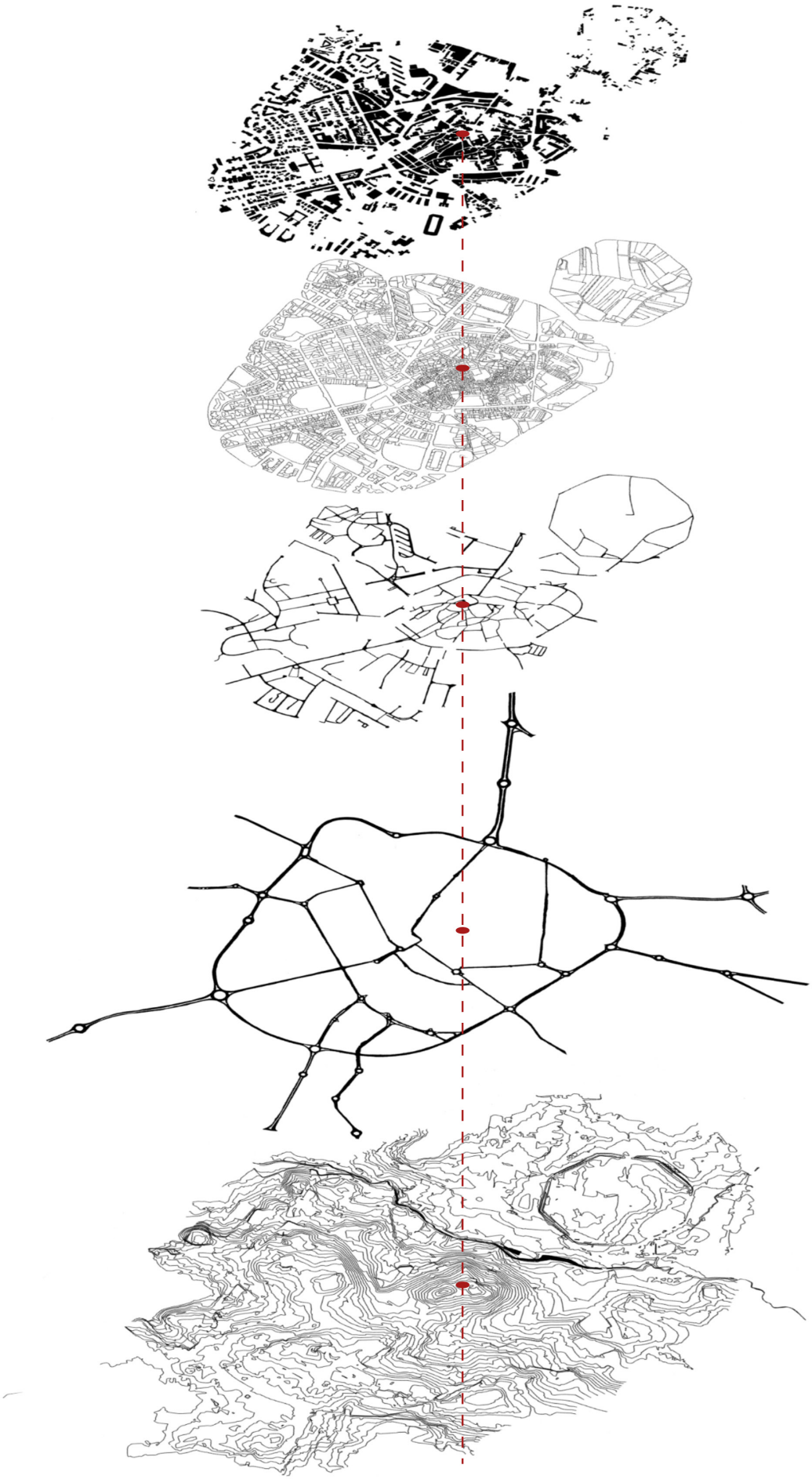
A perspetiva de Riegl culmina numa síntese que reconhece a conservação como um compromisso entre a preservação da autenticidade histórica e material e a necessária adaptação técnica e estética às exigências contemporâneas, conforme expresso:

"[...] any act of conservation is somehow a compromise between, on the one hand the ideal of maintaining the historic 'truth' of material

authenticity of the historic form and fabric as far as possible, and on the other hand the inevitable need to adapt technical and/or aesthetical performance to current needs to keep a building in daily use" (Kuipers, Jonge, 2017, p.70).

No contexto da presente investigação, o edifício em análise apresenta um significativo valor histórico, determinado pela sua inserção no centro histórico e proximidade a monumentos da urbe. A sua degradação atual exige uma intervenção que, como se vê no exemplo de Riegl, deve equilibrar a preservação da sua identidade histórica com a necessária adaptação às exigências contemporâneas, evitando assim a sua eventual ruína e preservando o carácter distintivo do quarteirão histórico.

ENQUADRAMENTO URBANO



2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE VISEU

A cidade de Viseu, situada na região Centro-Norte de Portugal, apresenta um rico legado histórico que remonta a aproximadamente 2500 anos (CMV, 2017, p.2). Esta urbe constitui um notável repositório patrimonial, cuja evolução temporal moldou a sua atual configuração urbana e arquitetónica. A morfologia urbana de Viseu evidencia claramente a influência da ocupação romana, desenvolvendo-se em torno de um núcleo central dominado pela Sé Catedral. Este conjunto edificado estava originalmente circunscrito por uma estrutura amuralhada que desempenhava um papel fundamental na organização e compartimentação do espaço urbano (Castilho, 2012, p.8).

O património arquitetónico e histórico da cidade manifesta-se através de diversos elementos estruturantes. Do sistema defensivo original, subsistem atualmente duas das sete portas que permitiam o acesso ao interior do perímetro amuralhado: a Porta do Soar e a Porta dos Cavaleiros. De particular interesse arqueológico e histórico destaca-se a Cava de Viriato, uma estrutura octogonal que se estende por 38 hectares, cuja função primordial permanece incerta.

O conjunto monumental da Sé assume-se como núcleo do centro histórico, integrando elementos com valor patrimonial: o claustro, o Museu Grão Vasco - repositório de significativos achados arqueológicos - o cruzeiro, a Igreja da Misericórdia (edificada no século XVI), a Casa do Miradouro e a Praça D. Duarte, esta última prestando tributo ao monarca homónimo, natural da cidade. O tecido urbano histórico caracteriza-se

‹
Desenho 1.
Planta explodida das diferentes camadas da cidade e o caso de estudo.
(sem escala)



ainda pela presença de elementos arquitetónicos distintivos, como as janelas manuelinas. As outrora prósperas artérias comerciais - Rua Direita e Rua Formosa - apresentam atualmente sinais de degradação e abandono. No que concerne à paisagem natural, a cidade é dotada de vastas áreas arborizadas, entre as quais, o Parque da Cidade e o Fontelo. A norte, o rio Pavia, afluente do Dão, estabelece uma linha de água que atravessa o perímetro urbano.

Para efeitos da presente investigação, definiu-se como limite de análise a via de circunvalação e as suas principais ramificações viárias, incluindo-se a Cava de Viriato, não obstante a sua localização exterior a este perímetro.

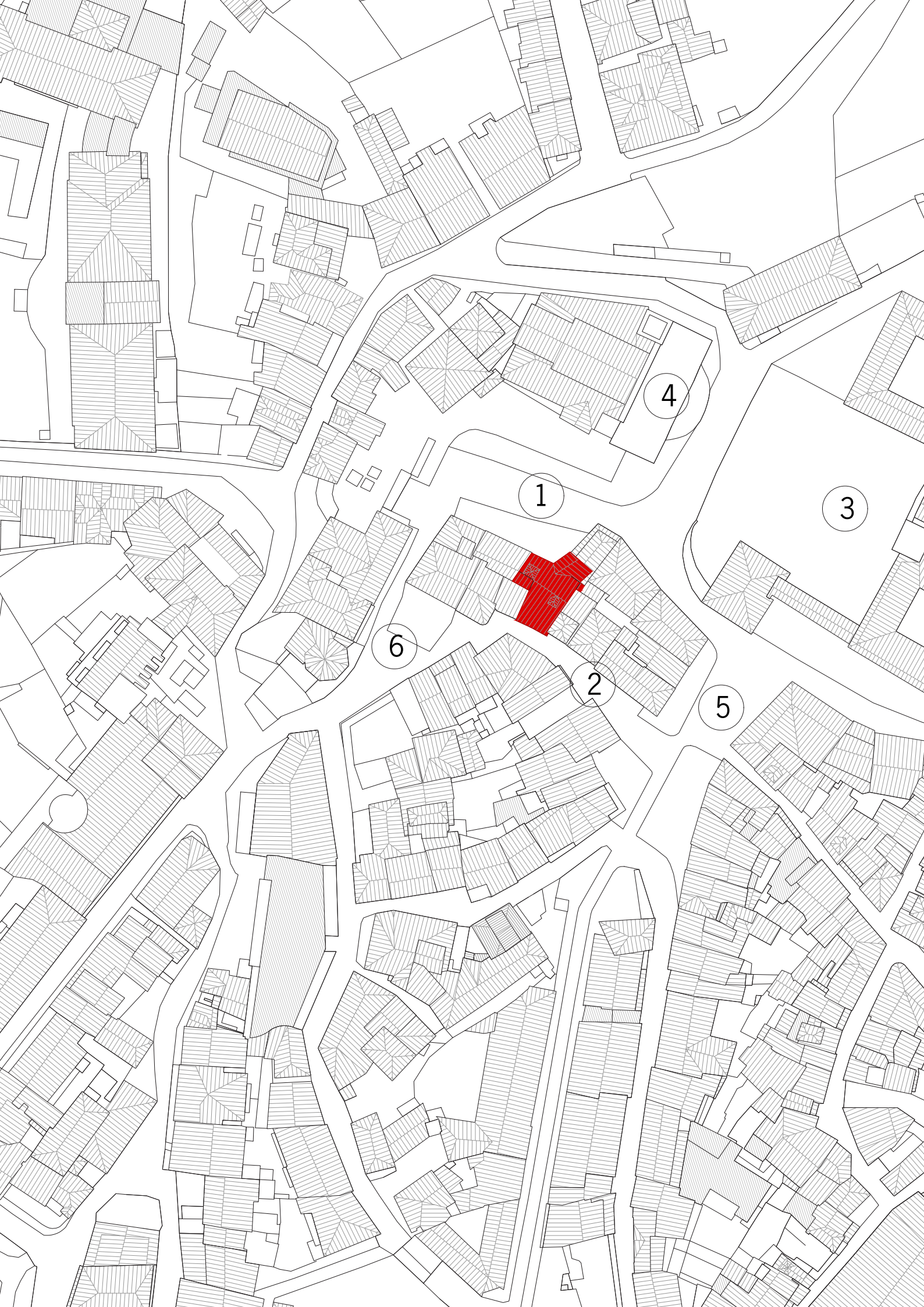


‹

Desenho 2.
Planta síntese das camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo
Escala 1:10000

›

Desenho 3.
Planta parcial das coberturas da cidade de Viseu e o caso de estudo
1. Largo da Misericórdia
2.Rua Grão Vasco
3.Sé de Viseu
4.Igreja da Misericórdia
5.Praça D.Duarte
6.Largo Pintor G
Escala 1:1000


1
2
3
4
5
6





[3]



[4]

‹
Imagem 3.
Planta da cidade de Viseu em 1864 (sem escala)

2.2 CENTRO HISTÓRICO: A HISTÓRIA, A CASA CORRENTE E O ABANDONO

História

Ao pesquisar mais sobre a cidade e seu núcleo foi possível obter informações relevantes. A praça D. Duarte, que se encontra na terminação de uma das ruas do caso de estudo, era uma zona central designada de praça ou rossio do concelho. Os edifícios que se encontravam ao redor desta praça tinham uma distribuição de pisos térreos para comércio. No sentido oposto à praça D. Duarte, encontra-se a antiga Praça da Erva e atual Largo Pintor Gata onde podemos encontrar ainda a porta do Soar, uma das entradas da muralha que continua intacta. Nesta praça, encontra-se a capela da Nossa Senhora dos Remédios com a forma distinta de um octógono, dando acesso à rua das Estalagens, atual rua Grão Vasco. (Castilho, 2012, pp. 24-29)

A Rua das Estalagens fazia ligação direta entre a Porta do Soar e a Praça do Concelho, o que criava um contexto "privilegiado" e estratégico, como o nome da rua indica, servia para hospedar visitantes que viessem à cidade tratar de assuntos de âmbito religioso e/ou civil. No século XVI, esta rua já se encontrava quase toda habitada por civis, sendo predominante a tipologia de habitação de dois pisos, carecendo de habitação nos pisos térreos. No século seguinte, começam a surgir em força as habitações de três pisos, mirrando a presença de habitações de dois pisos. Por fim, no século XVIII, deixam de existir casas de dois pisos e predominam as casas de três pisos, surgindo até habitações de quatro pisos. Neste quarteirão não existem quintais nas traseiras dos

‹
Imagem 4.
Planta da cidade de Viseu no século XIX (sem escala)



Travessa da Misericordia
Rua Silva Gaio
Largo Antonio José Pereira
Adro da Sé
Largo
Pintor Gata
Rua Grão Vasco

lotes, apesar da presença destes ser comum nas outras ruas de Viseu. A nordeste do caso de estudo, entre a Sé e a Igreja da Misericórdia situa-se o Adro. Trata-se de uma zona mais religiosa, distinguindo-se da praça D. Duarte, que é uma zona mais civil. Existia ainda outra rua, a Rua do Arvoredo. A última representação que existe dessa rua foi datada de 1928 e no fim do século XIX esse quarteirão foi demolido, (Imagem 5, círculo a tracejado) criando o atual Largo da Misericórdia. (Castilho, 2012, pp. 53-56)

Casa corrente

Passando para a questão da habitação, a casa corrente, apresenta características repetitivas camuflando-se com a malha urbana. São menores em dimensões, tanto em implantação como no sentido geral, o que exige um crescimento vertical para melhor aproveitamento do espaço. Os lotes mantiveram-se, na sua maioria, iguais à sua origem - caracterizada por ter uma forma mais alongada, sendo o espaço mais estreito voltado para a rua. O comprimento da casa poderia variar consoante o tamanho dos quintais, que eram geralmente apresentados na zona mais interna do lote. Estas características eram muito comuns "entre as cidades portuguesas de origem medieval", uma vez que o preço do solo era elevado, fazendo com que este tipo de habitação crescesse em altura para melhor aproveitamento do lote. (Castilho, 2012, pp. 232-235)

Do ponto de vista do interior da habitação, existem umas observações gerais a indicar. Se o lote é estreito o seu interior também o é. Nas casas com apenas uma fachada para a rua, o seu comprimento é sempre maior que a sua largura. O formato mais comum nas casas situadas entre duas ruas é o quadrangular. Assim surgem novas divisões na habitação. As divisões que geralmente compunham uma casa eram: a sala, a cozinha e a câmara.

Em geral, a casa corrente apresenta-se regular, existindo apenas

‹
Imagem 5.
Parte da planta topográfica da cidade de Viseu, 1928
(sem escala)



[6]



[7]



[8]



[9]



[10]

‹

Imagens 6 e 7.
Centro Histórico de Viseu, Praça D.Duarte

algumas exceções sob forma de "projeções" sobre a fachada. A grande mudança da casa, que surge do século XVI, é a quantidade de vãos de cada habitação. Inicialmente, existia somente uma porta no piso do rés-do- chão de entrada à habitação, posteriormente surge mais uma porta para entrada no comércio que se situava nesse mesmo piso. A porta que se destina à habitação guiava a pessoa a umas escadas que davam acesso aos pisos mais privados, separando a zona de habitação da zona de comércio através de "materiais frágeis".

As janelas, inicialmente eram destinadas somente aos pisos superiores. Posteriormente, começaram a usar-se nos térreos, como uma montra para as lojas que o ocupavam. Antigamente, minimizavam o número de janelas presentes na fachada, para melhor eficiência energética. Porém, mais tarde foi aumentado o número de janelas, com o objetivo de arejamento e iluminação da habitação, permitindo também o surgimento da zona de lazer e das varandas que as acompanhavam.

A organização do interior do edifício surge de uma forma orgânica, "de raiz medieval" - de acordo com as necessidades e vivências dos seus habitantes. Normalmente, quando a casa tinha diversos pisos, o rés-do-chão era destinado a lojas (uma ou mais) podendo também ser complementado por um armazenamento de apoio. Nos restantes pisos, localizavam-se as salas, as cozinhas e as câmaras, sendo que os seus números variavam de acordo com a área da casa (mais tarde surgem novas divisões específicas, de acordo com a necessidade do seu ocupante). Ao nível da distribuição, o comum em casas de dois pisos: o 1.º piso com lojas, a cozinha como divisão central, a sala do lado da fachada de acesso e, as câmaras na zona mais resguardada do piso, viradas para o quintal. Já no caso de casas de três ou mais pisos, para uma melhor extração do ar, a cozinha localizava-se no último piso, mas em alguns casos podia encontrar-se em pisos intermédios. Por vezes, algumas casas correntes tinham interiores e características que as identificavam como casas de elite, como corredores de divisão e a lareira, normalmente situada na sala ou nos quartos (câmaras) com o

‹

Imagens 8,9 e 10.
Centro Histórico de Viseu, atrás da Sé

intuito de aquecer e não o de confecionar comida. (Castilho, 2012)

O abandono

O progressivo despovoamento dos centros históricos representa um desafio significativo para o planeamento urbano atual. Este fenómeno, observado em várias cidades portuguesas e particularmente documentado em Viseu, manifesta-se através de um conjunto complexo de fatores interrelacionados que contribuem para a degradação do tecido urbano histórico. A análise da zona habitacional nos centros históricos revela falhas estruturais significativas, onde os edifícios apresentam características construtivas obsoletas, particularmente no que concerne ao desempenho energético e ao conforto térmico com a ausência de materiais isolantes. A morfologia urbana característica destas zonas apresenta desafios adicionais, sendo que o terreno frequentemente acidentado, combinado com uma malha urbana ancestral, cria constrangimentos significativos à mobilidade. A escassez de lugares de estacionamento e a existência de ruas pedonais, embora preservem o carácter histórico, constituem obstáculos práticos para os residentes contemporâneos. (Viseu, 2022)

O envelhecimento populacional nestas áreas representa um indicador da falta de renovação geracional. A carência de serviços essenciais nas proximidades e a escassez de espaços verdes contribuem para reduzir a atratividade destas zonas para novos residentes, particularmente famílias jovens. Ademais, os custos elevados associados a estas áreas, seja em termos de aquisição ou reabilitação, funcionam como fator dissuasor adicional. Face a este cenário, o município de Viseu implementou um conjunto de medidas estratégicas visando a revitalização do seu centro histórico, incluindo a criação de uma nova Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), estabelecendo um enquadramento institucional para a regeneração urbana, programas de apoio específicos para a recuperação de alçados, reconhecendo a importância da preservação da identidade arquitetónica, medidas de incentivo fiscal e administrativo, incluindo

isenções de taxas e simplificação de procedimentos burocráticos, e a implementação do programa Viseu Habita (PROHABIT), que visa facilitar o acesso à habitação nestas zonas. Isto evidencia a complexidade dos desafios enfrentados pelos centros históricos e a necessidade de abordagens integradas que conjuguem preservação patrimonial com adaptação às exigências contemporâneas de habitabilidade e sustentabilidade. (SRU,s.d.)

CASO DE ESTUDO



[11]



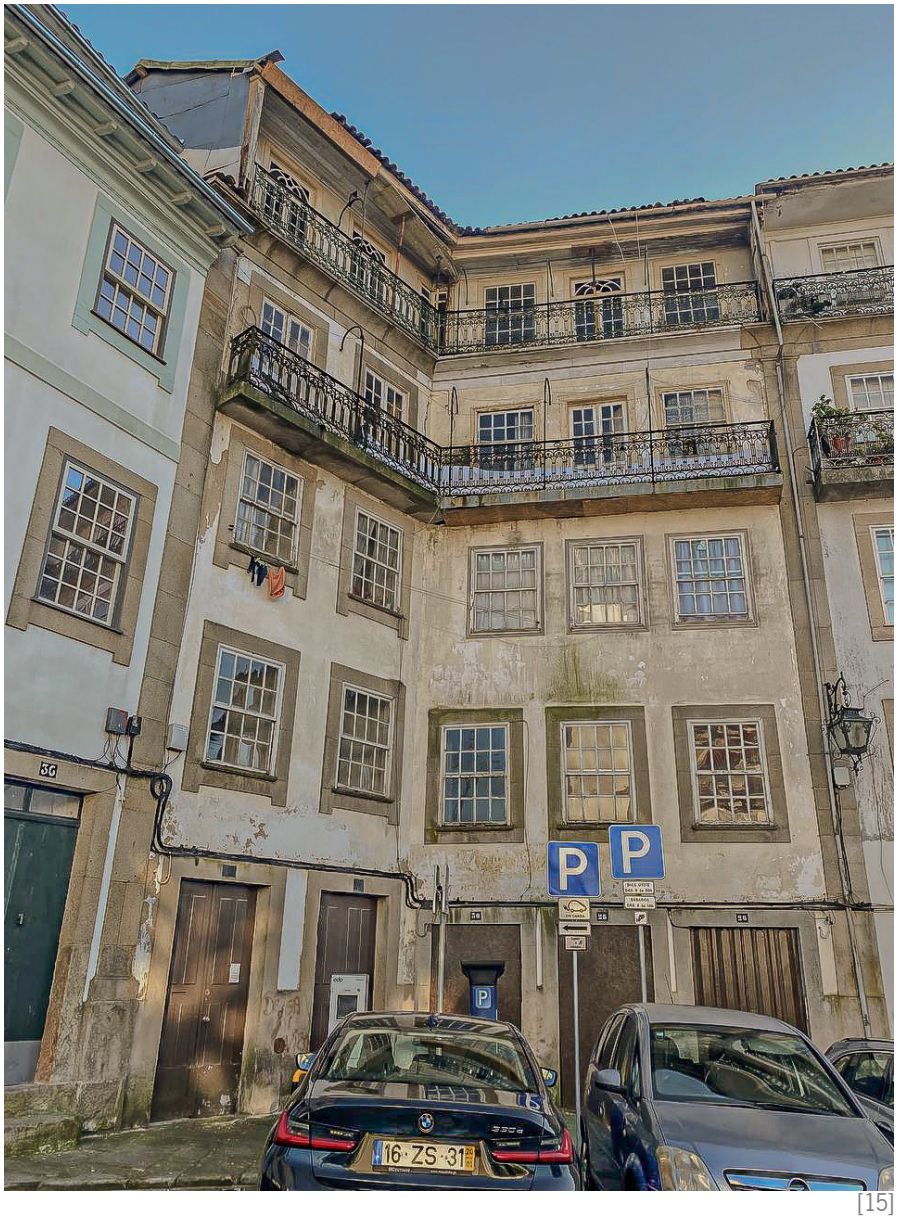
[12]



[13]



[14]



[15]

3.1 ESTUDO DO EDIFÍCIO: ARQUITETURA E MATERIALIDADE

Este edifício com diversas características que o destacam, situa-se na zona alta da cidade, como anteriormente referido, perto da Sé de Viseu, demostrando a sua importância patrimonial. É um dos poucos edifícios da zona que faz parte de duas ruas opostas, tendo as fachadas noroeste e nordeste voltadas para a Rua do Largo da Misericórdia, lado onde se situa a entrada principal da habitação e a fachada sudoeste direcionada para a Rua Grão Vasco. É um dos edifícios mais altos do centro histórico, com cinco pisos e sem intervenções recentes, tendo a última sido registada oficialmente em 1967 pelo arquiteto Luís Amoroso Lopes, com o objetivo de realizar arranjos na fachada que se encontrava degradada, como refere na documentação disponibilizada pelo Arquivo Municipal de Viseu (AMV,1967). O edifício encontra-se parcialmente habitado, apesar do seu estado aparente de grande degradação, com paredes cobertas de manchas de humidade, fendas e suportes externos para que o edifício não colapse, evidenciando o perigo para quem o habita.

O edifício, no seu estado atual, constitui um exemplar da arquitetura urbana portuguesa oitocentista, evidenciando uma métrica rigorosa através da organização da fachada. O alçado desenvolve-se em altura a partir de um esquema tripartido: o rés-do-chão, executado em cantaria de granito aparente, localizam-se os espaços comerciais; o corpo principal, constituído por três pisos habitacionais, com vãos ritmados e varandas em ferro forjado apresentando padrões geométricos elaborados e, por último, um beirado tradicional em telha cerâmica. (Fernandes,1999) O

‹
Imagens 11,12,13,14 e 15.
Fachadas Nordeste e Noroeste do caso de estudo e detalhes da mesma



Nordeste

Noroeste

Legenda:

Pedra

Madeira pintada de bege

Reboco



Sudoeste

‹›

Desenho 4.

Palete dos materiais de remates das fachadas

Alçados Nordeste, Noroeste e Sudoeste

Escala 1:100



[16]



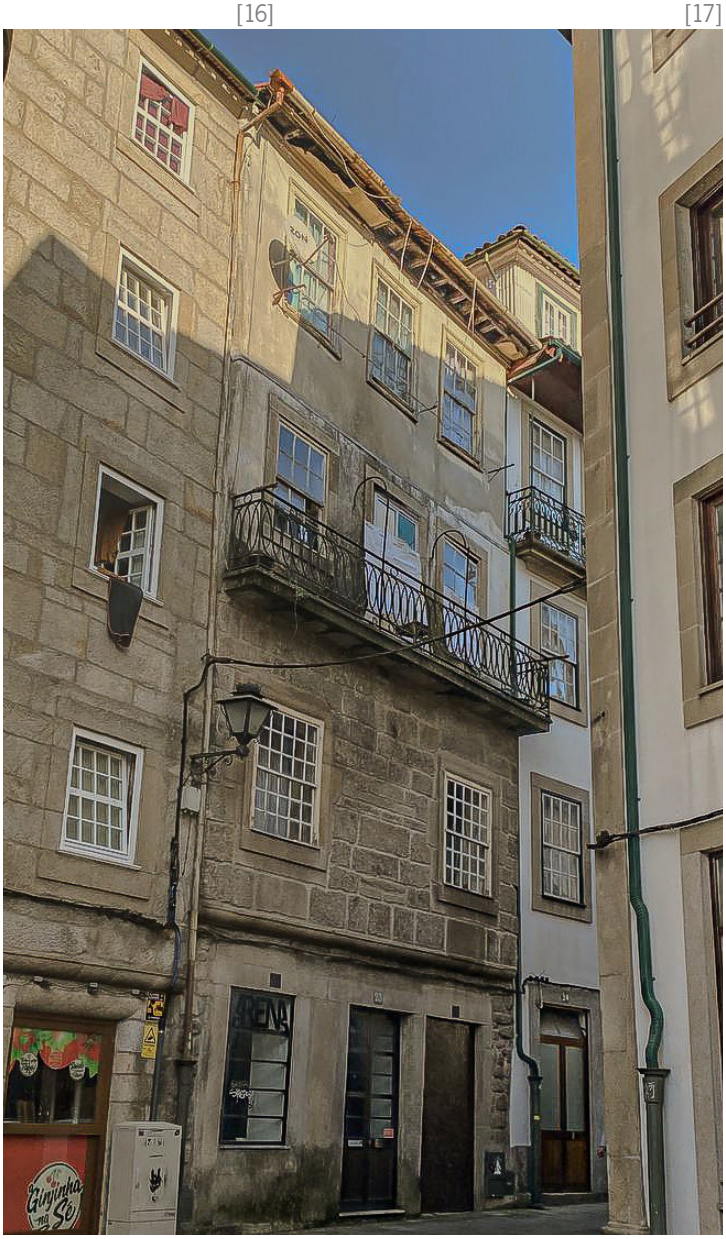
[17]



[18]



[19]



[20]

sistema construtivo adota soluções características da época, paredes estruturais em alvenaria de pedra, rebocadas e pintadas nos pisos superiores, para além de vãos emoldurados por cantarias de granito e caixilharia em madeira pintada, do tipo guilhotina, com quadrícula regular. (Oliveira, Galhano,1994) Outro material que foi bastante utilizado foi a taipa, conhecida como "taipa francesa ou taipa de tijolo", utilizada para paredes divisórias e para o exterior, sendo um material leve e de fácil aplicação. A madeira foi considerada um dos grandes materiais usados nesta época, para revestimento de pavimento, nos telhados, nas portas e no exterior. O vidro era raramente utilizado por não ser tão conhecido e por ser caro, e apenas estava presente em edifícios públicos religiosos e civis. A cal também era outro material usado para revestimentos (Castilho, 2012)

A distribuição programática do edifício é definida pelo piso térreo, apresenta vãos de maior dimensão adaptados à função comercial. Os pisos superiores dedicados à habitação evidenciam uma hierarquia vertical na qual a nobreza dos espaços diminui em altura. A presença de varandas corridas nos pisos nobres sugere uma apropriação do espaço público. O edifício representa uma tipologia habitacional plurifamiliar que se tornou dominante nos centros urbanos portugueses do século XIX, caracterizada pela racionalização dos espaços interiores através de uma estrutura compartimentada. Este exemplar arquitetónico insere-se num período de significativa transformação dos centros urbanos portugueses, marcado pela regularização e alargamento dos traçados medievais, e a implementação de infraestruturas urbanas modernas. (Fernandes, 2000)

A análise deste edifício permite-nos compreender, não apenas as características arquitetónicas da época, mas também o contexto socioeconómico e cultural que moldou a paisagem das cidades portuguesas. A sua preservação e estudo revelam-se fundamentais para a compreensão das transformações urbanas e sociais que caracterizaram este período histórico.

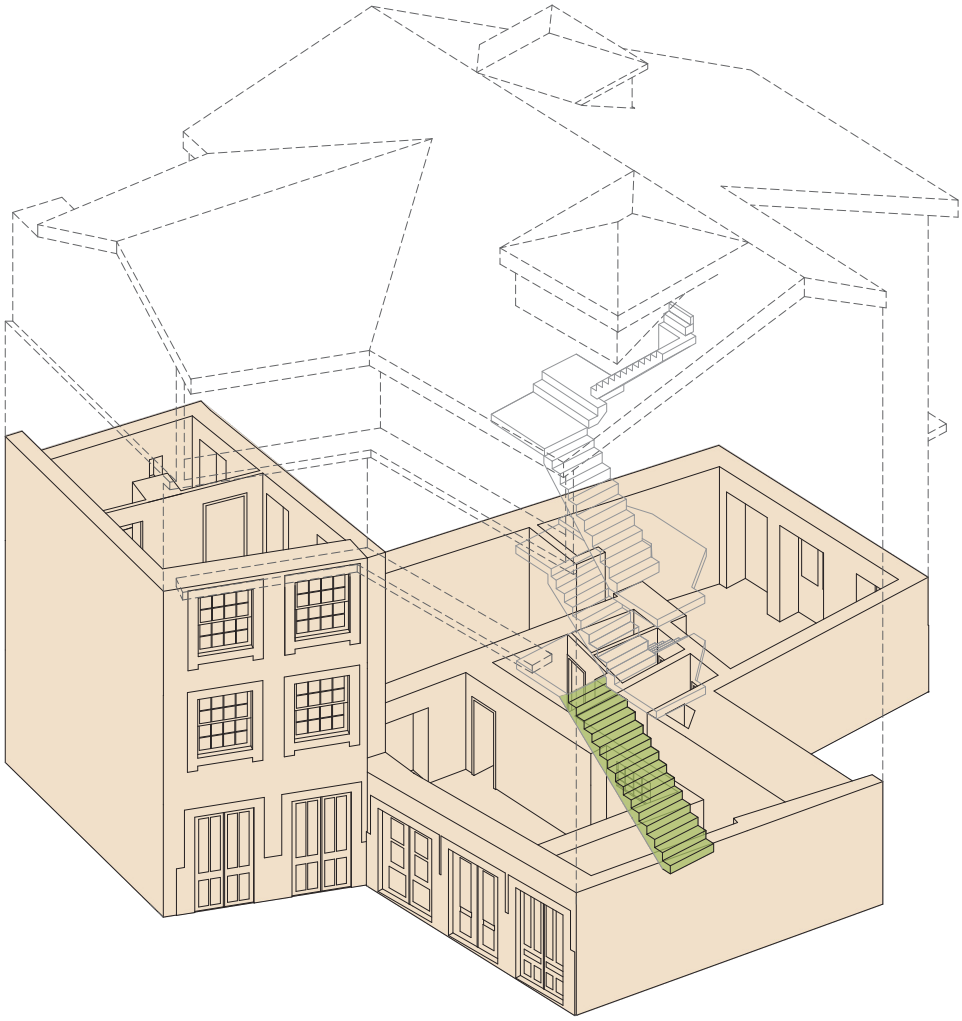
‹
Imagens 16,17,18,19 e 20.
Fachada Sudoeste do caso de estudo e detalhes da mesma



[21]



[22]



‹
Imagens 21 e 22.
Fachada Sudoeste e face interna da fachada Nordeste (Piso 0)

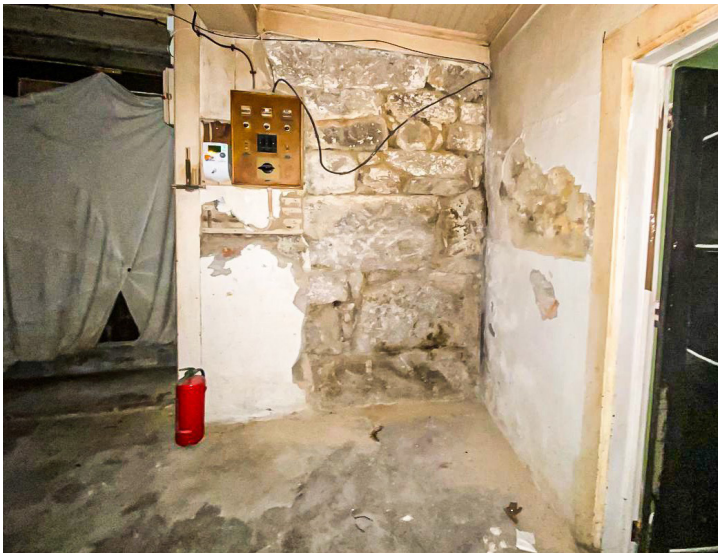
3.2 INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA TIPOLÓGICA A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DO EDIFÍCIO

Um dos primeiros passos fundamentais nesta metodologia consiste na análise e interpretação das fachadas do edifício. Com base nas informações recolhidas em estudos prévios, é possível iniciar uma tentativa de reconstrução da história do caso de estudo e do seu desenvolvimento. Importa salientar que estas reconstruções baseiam-se, em grande parte, em suposições, não existindo provas suficientes para garantir, com total certeza, que os acontecimentos decorreram conforme o concebido. Ainda assim, esta etapa permite uma exploração criativa que posiciona o investigador no contexto histórico. No âmbito desta investigação, o edifício foi dividido em cinco etapas, detalhadas nas secções seguintes com recurso a fotografias, de forma a facilitar a interpretação e compreensão do processo.

1ª ETAPA

Na fachada principal a sudoeste, o edifício apresenta características que denotam a sua antiguidade, especialmente, pela utilização de pedra irregular. (Imagem 21) Na parte superior do piso 0, perto das molduras das janelas existe uma cornija saliente que sugere a existência de um telhado, hoje desaparecido, o que poderá indicar uma configuração anterior do imóvel. Na fachada oposta a nordeste observa-se igualmente a utilização de pedra irregular na estrutura original, posteriormente rebocada, mas com molduras que se mantêm semelhantes à fachada sudoeste. (Imagem 22)

‹
Desenho 5.1.1.
Axonometria da etapa I
Escala: 1:200



[23]



[24]



[25]

‹

Imagens 23, 24 e 25.
Amostra de parede estrutural, pilar estrutural e possível janela encerrada posteriormente (Piso 0)

Ao observar a fachada noroeste, dado que o quarteirão onde o edifício se insere já se encontra definido há bastante tempo, a continuidade das molduras de pedra entre as fachadas adjacentes sugere que o volume que se debruça sobre o Largo foi edificado em simultâneo com o restante corpo do edifício. A nível visual, esta fachada aparenta três assoalhadas, comprovado pelas molduras de pedra das janelas que são idênticas entre si, mantendo o alinhamento e evidenciando o mesmo estado de conservação, o que remete para uma construção da mesma época.(Imagem 23)

Do ponto de vista da planta do edifício, observam-se paredes em alvenaria de pedra irregular, particularmente notáveis na fachada sudoeste, onde a espessura das mesmas é bastante significativa, algo comum nas construções dessa época.

O edifício revela a presença de três volumes distintos, correspondentes a cada uma das suas fachadas principais. Um elemento que merece destaque é o pilar de grandes proporções que percorre os três pisos originais, mantendo o seu perímetro constante ao longo de cada piso, o que sugere que estes pisos foram construídos de forma simultânea. (Imagem 24) Nos dois restantes pisos, que parecem ter sido adicionados posteriormente, o pilar reduz as suas dimensões. É possível que, inicialmente, os três volumes não estivessem conectados entre si, apesar de atualmente estarem ligados através de aberturas realizadas em momentos distintos. A parede estrutural do volume, correspondente à fachada noroeste, que apresenta uma espessura muito superior às restantes paredes, foi intervencionada em épocas posteriores, com a abertura de passagens que conectam este volume aos outros dois, surgidos em fases mais recentes. O edifício terá surgido precedentemente à envolvente urbana, visto que a presença de uma janela, atualmente encerrada, anuncia um contacto entre a parede anterior do edifício em questão e a parede posterior do edifício adjacente.(Imagem 25) Por fim, a ausência de escadas para os pisos superiores sugere que estas possam ter sido removidas ou, alternativamente, fariam parte de um

‹

Desenho 5.2.
Axonometria explodida da etapa I
Escala: 1:200



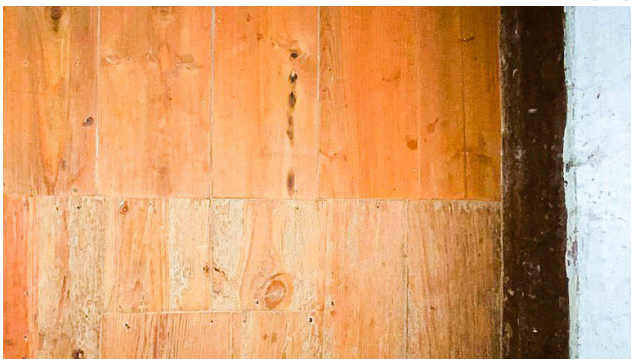
[26]



[27]



[28]



[29]



[30]

bloco independente, agora inexistente.

‹
Imagens 26 e 27
Fachada Sudoeste, Fachada Nordoeste e Noroeste

2ª ETAPA

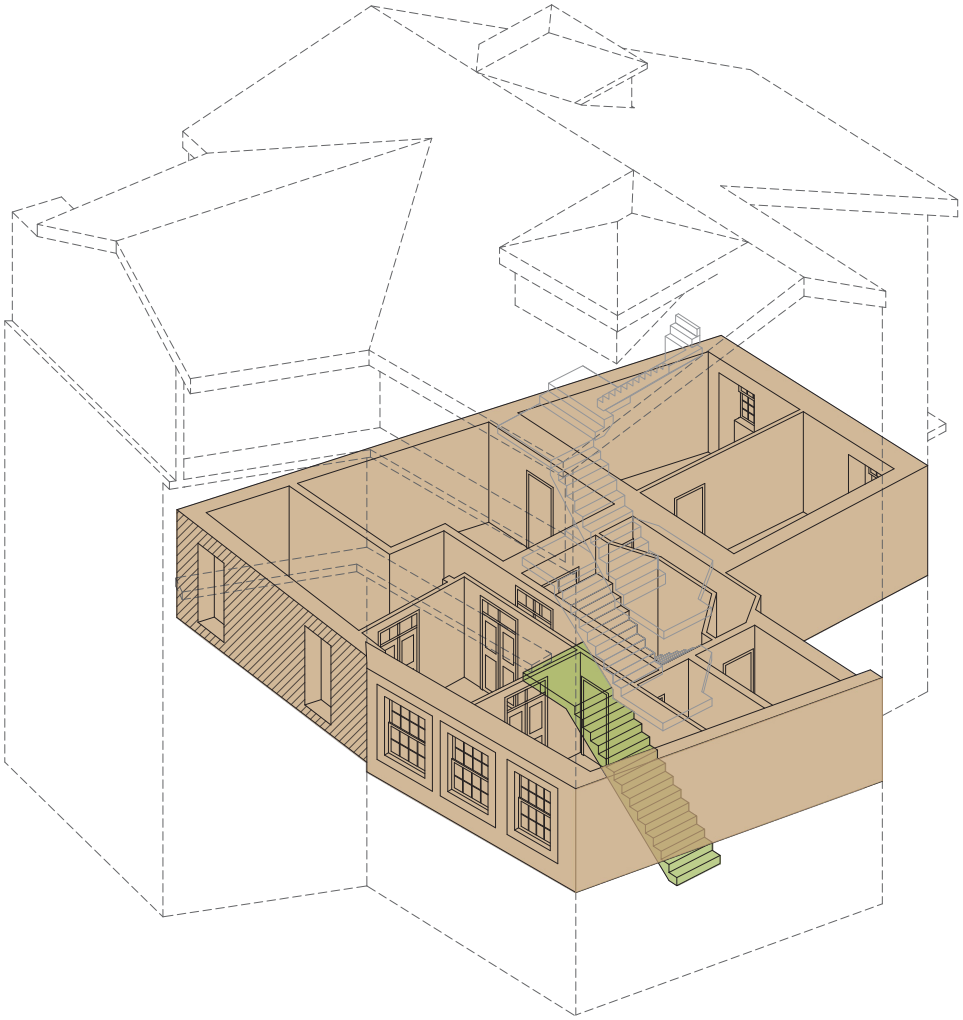
Ao analisar a fachada sudoeste o edifício em questão revela marcas claras de evolução construtiva ao longo do tempo, com a adição de novos pisos e a utilização de diferentes métodos construtivos. No segundo piso, observa-se uma alvenaria de pedra mais regular em comparação com a parede do piso inferior. Ainda que as janelas mantenham as molduras em pedra, as características construtivas sugerem uma intervenção posterior. (Imagem 26)

Na fachada nordeste, o segundo piso é construído em alvenaria de pedra rebocada no exterior e nas janelas, embora tenham molduras de pedra semelhantes às do piso inferior, os caixilhos já não seguem o mesmo modelo. Este desalinhamento visível nas molduras das janelas, indica uma diferença nas cotas entre os pisos, confirmando que esta parte do edifício é posterior ao segundo piso da fachada adjacente (noroeste). (Imagem 27) A hierarquia da entrada principal, onde se destaca uma moldura de pedra maciça estrutural, sugere que esta parte do edifício pode ter sido originalmente uma casa da alta burguesia. (Imagem 28) A configuração inicial é integrada por dois pisos, com o primeiro destinado ao comércio ou estábulo e o segundo à habitação. As escadas, que surgem em madeira nesta fase, assumem um papel central na planta, constituindo uma reação à adição de novos pisos. (Imagem 29)

3ª ETAPA

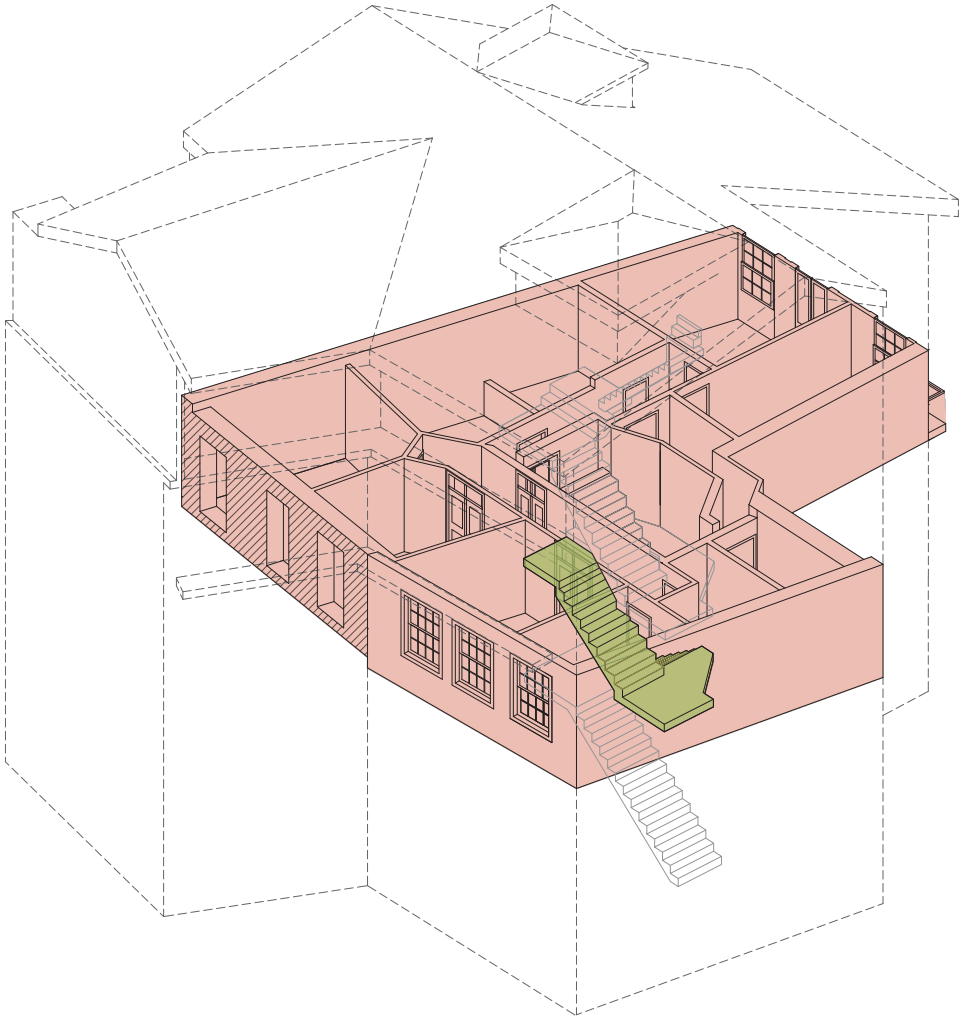
Interpretando a fachada sudoeste, nesta etapa de construção, apesar das molduras das janelas continuarem a ser em pedra, é evidente a transição para um método construtivo mais industrializado. As pedras utilizadas nas molduras são mais refinadas e os acabamentos menos elaborados, indicando uma simplificação dos processos.(Imagem 30) A porta da fachada do edifício, anteriormente uma possível janela,

‹
Imagens 28,29 e 30.
Porta senhorial (1°Piso), diferenciação de pavimento nos acessos (1°Piso) e fachada Sudoeste



‹

Desenho 5.1.2.
Axonometria da etapa II
Escala: 1:200



›

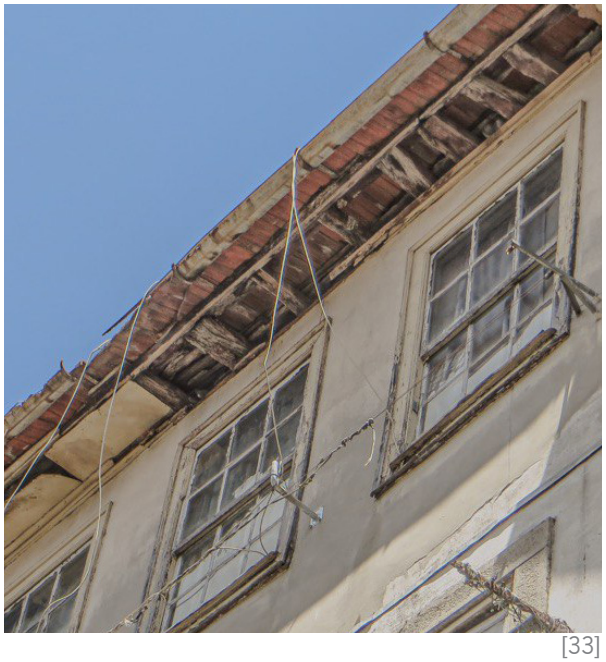
Desenho 5.1.3.
Axonometria da etapa III
Escala: 1:200



[31]



[32]



[33]



[34]

parece ter sido adaptada para dar lugar a uma varanda, o que reforça a hipótese de uma intervenção posterior. Deixa de existir qualquer parede estrutural em alvenaria de pedra na fachada, sendo substituída por uma parede em tabique, o que reflete as mudanças construtivas da época. Entre o segundo e o terceiro piso identifica-se a presença de uma tela, que poderá estar relacionada com um sistema de isolamento térmico. Esta intervenção leva a crer que existiu um telhado anterior. Nas janelas observa-se também a introdução das primeiras molduras em madeira, marcando um novo alinhamento, uma vez que as dimensões das molduras de madeira são distintas das de pedra, introduzindo uma descontinuidade visual na fachada nordeste. (Imagem 31)

No interior, não se encontram mais paredes estruturais em pedra, à exceção do volume referente à fachada noroeste, particularmente a parede separatória e o pilar original.

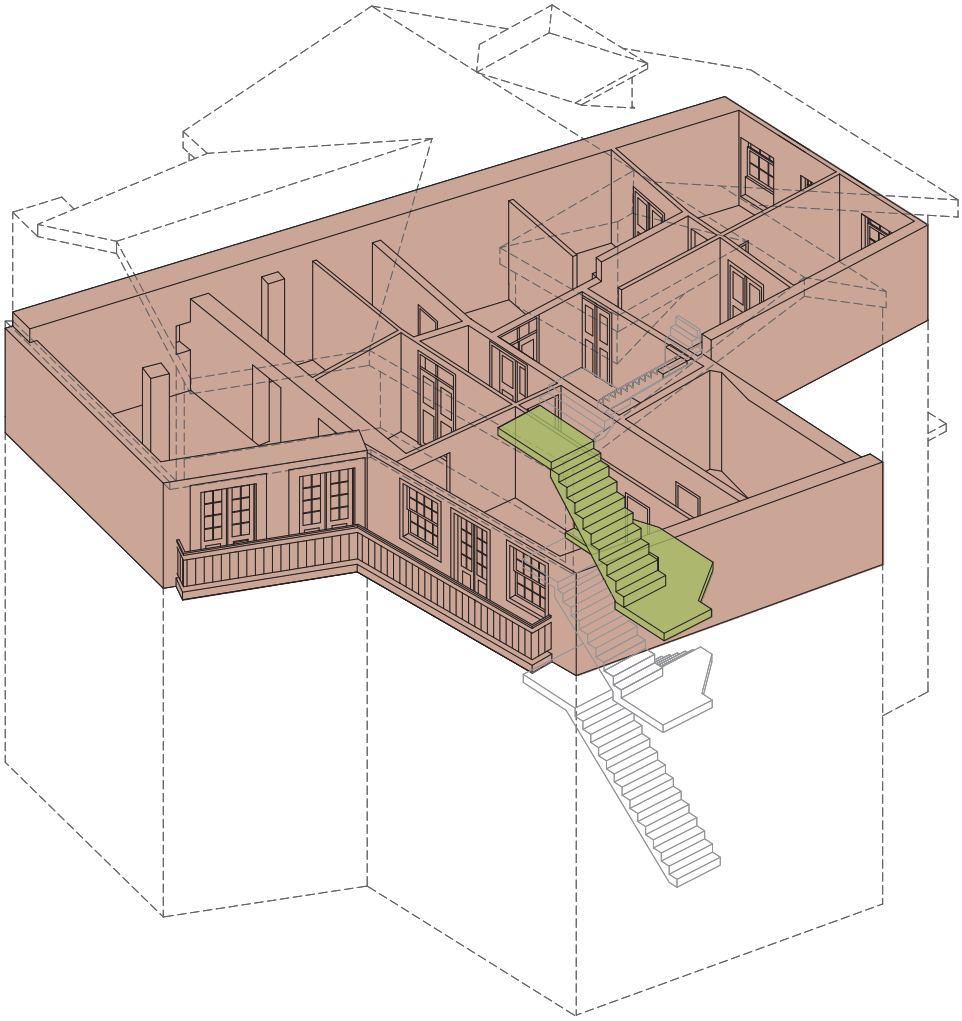
4ª ETAPA

O edifício mantém a sua fachada sudoeste com a mesma materialidade ao longo do tempo, embora com intervenções de épocas distintas. As molduras das janelas, anteriormente em pedra, passaram a ser executadas em madeira, o que evidencia uma transformação significativa nos elementos decorativos da fachada. (Imagem 32) O telhado atual é construído com uma estrutura tradicional em madeira, composta por varas e ripas à vista. (Imagem 33)

Na fachada nordeste, não há vestígios de uma janela onde se encontra atualmente a porta de acesso à varanda, o que sugere que, originalmente, existia uma varanda neste piso, mais tarde substituída pela varanda atual. As janelas presentes neste piso parecem ter a mesma origem que as do piso inferior, partilhando características semelhantes. (Imagem 34) Partilha características semelhantes à fachada nordeste e distingue-se pelo facto de as molduras de suporte das portadas serem em pedra em vez de madeira.

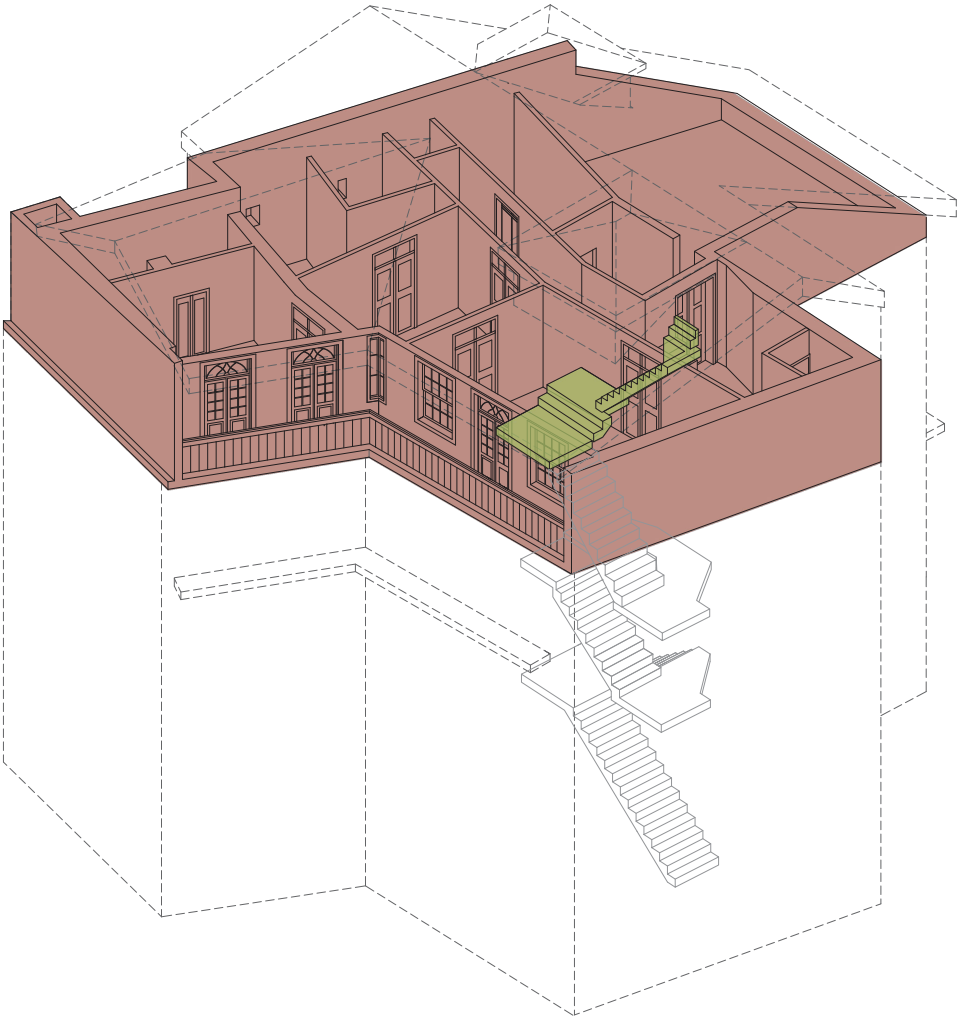
‹

Imagens 31,32,33 e 34.
Fachada Noreste (1° e 2° piso), fachada Sudoeste (2° e 3° piso), ampliação da estrutura da cobertura a Sudoeste e ampliação da varanda a Noroeste



‹

Desenho 5.1.4.
Axonometria da etapa IV
Escala: 1:200



›

Desenho 5.1.5.

Axonometria da etapa V - Parte 1

Escala: 1:200



[35]



[36]



[37]



[38]



[39]

‹

Imagens 35,36 e 37.
Ampliação das varandas a Norte, nicho de cozinha do piso 3 e caixa de escadas

Na planta do edifício, é possível observar que o pilar de grandes dimensões começa a diminuir à medida que se ascende nos pisos. Esta redução gradual indica que o pilar começa a transformar-se num nicho utilizado para a função de uma cozinha, correspondente à zona da chaminé. (Imagem 36)

O interior do edifício mantém-se sem a presença de paredes estruturais em alvenaria de pedra, à exceção do volume da fachada noroeste, que continua a desempenhar um papel de suporte estrutural. A possível existência de varandas anteriores, sugere que o edifício foi unificado internamente. (Imagem 35)

5ª ETAPA

A união das fachadas noroeste e nordeste é evidente na presença de um recuo que afeta tanto o exterior, quanto o interior do edifício. Este recuo é visível na planta e também na caixa de escadas. (Imagem 37) A transição entre estas fachadas é marcada por um novo elemento, uma janela de canto, que conecta os dois alçados, fortalecendo a integração interna do edifício e a sua unificação. (Imagem 38) As portadas das janelas neste ponto são mais elaboradas, apresentando vitrais coloridos na parte superior, um detalhe que destaca o nível de ornamentação desta fase. (Imagem 39) Neste momento, já não são visíveis molduras em pedra, pois as paredes são construídas em tabique.

Na planta, observa-se que as janelas da fachada noroeste, que entra em contacto com outro edifício, encontram-se encerradas, sugerindo que este volume poderá ter sido construído antes do volume vizinho. (Imagens 40 e 41) Este mesmo fenómeno repete-se na parede sul, onde janelas voltadas para outro edifício adjacente também estão fechadas, indicando que o edifício original possivelmente precede ambos volumes adjacentes. (Imagem 42)

‹

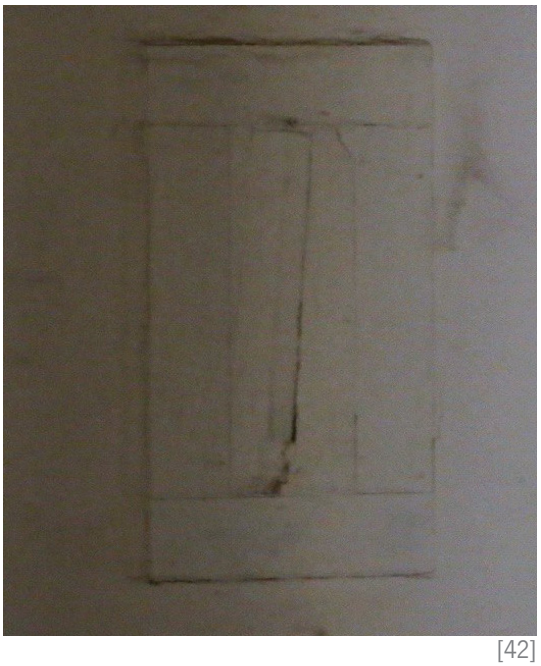
Imagens 38 e 39.
Janela de canto e detalhe de janela do piso 4



[40]



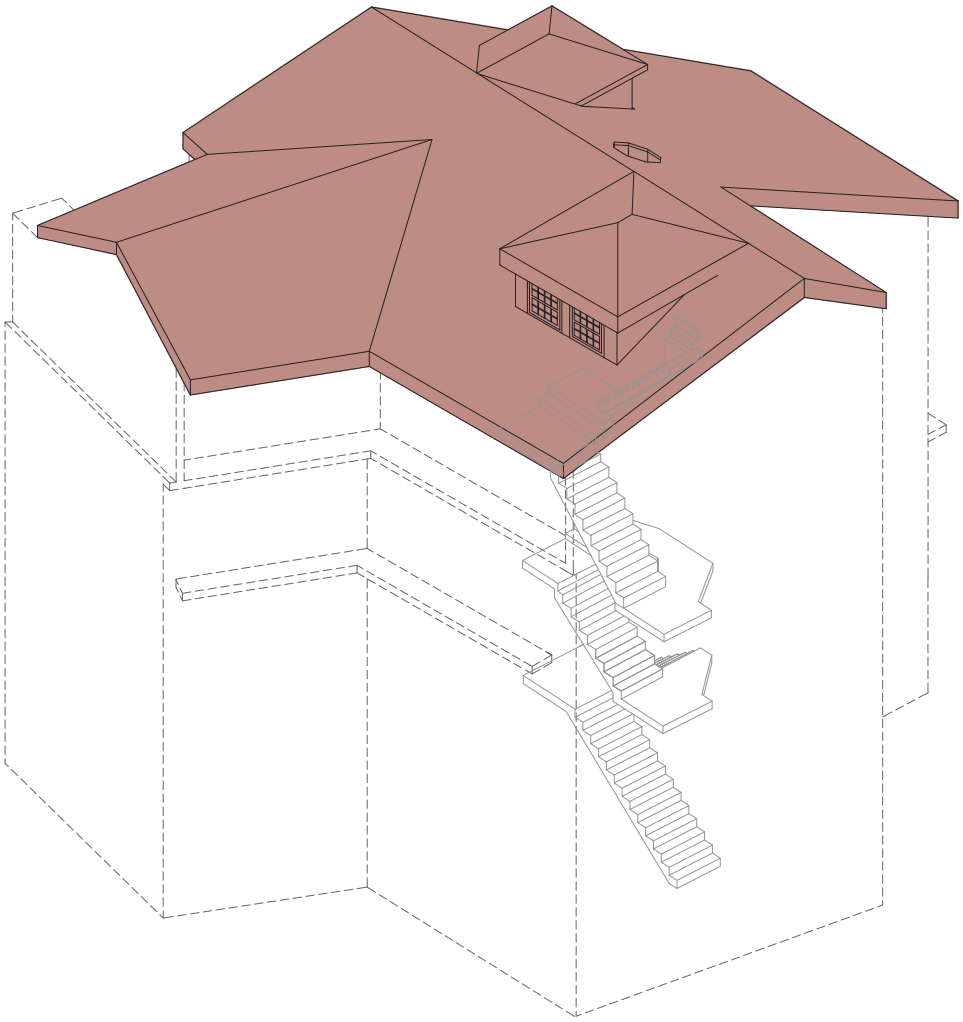
[41]



[42]

‹

Imagens 40, 41 e 42.
Janelas posteriormente
encerradas



›

Desenho 5.1.6.
Axonometria da etapa V - Parte 2
Escala: 1:200



[43]



[44]

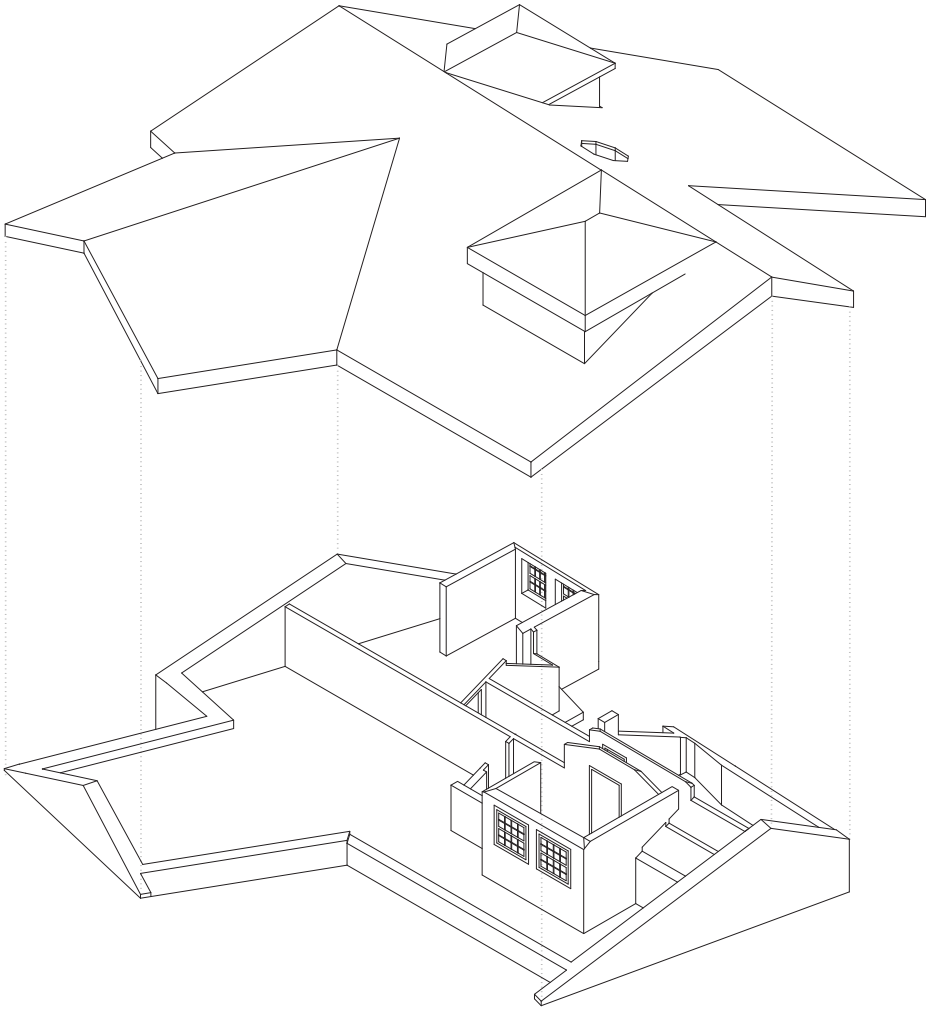


[45]

‹

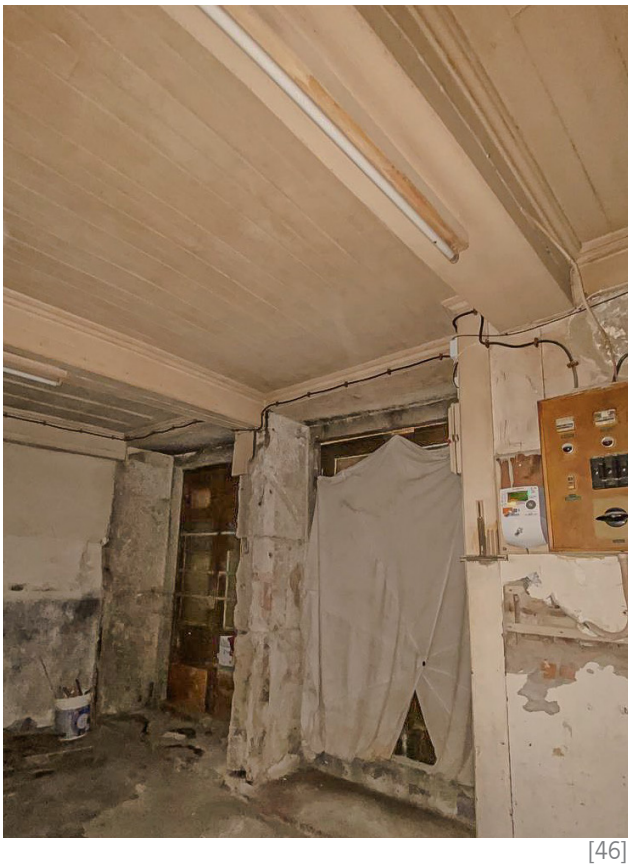
Imagens 43, 44 e 45.
Desvão da cobertura a Sudoeste, vão parcialmente encerrado e parede posterior (4°piso)

A presença de um telhado no volume da fachada noroeste reforça a ideia de uma construção independente entre o terceiro e o quarto piso, indicando que essas partes do edifício foram provavelmente construídas em fases distintas. O volume correspondente à fachada sudoeste é apenas uma estrutura de madeira coberta com telhas, apresentando um pé-direito reduzido devido à inclinação do telhado. (Imagem 43)Este volume é iluminado por uma claraboia octogonal, que proporciona luz natural à escadaria, núcleo do edifício. (Imagem 44) Outro elemento digno de menção é a janela interior voltada para a caixa de escadas. Apesar do corrimão manter o modelo ao longo dos pisos, a madeira utilizada é diferente, possivelmente devido ao desgaste causado pela exposição a águas pluviais e outros agentes. (Imagem 45)

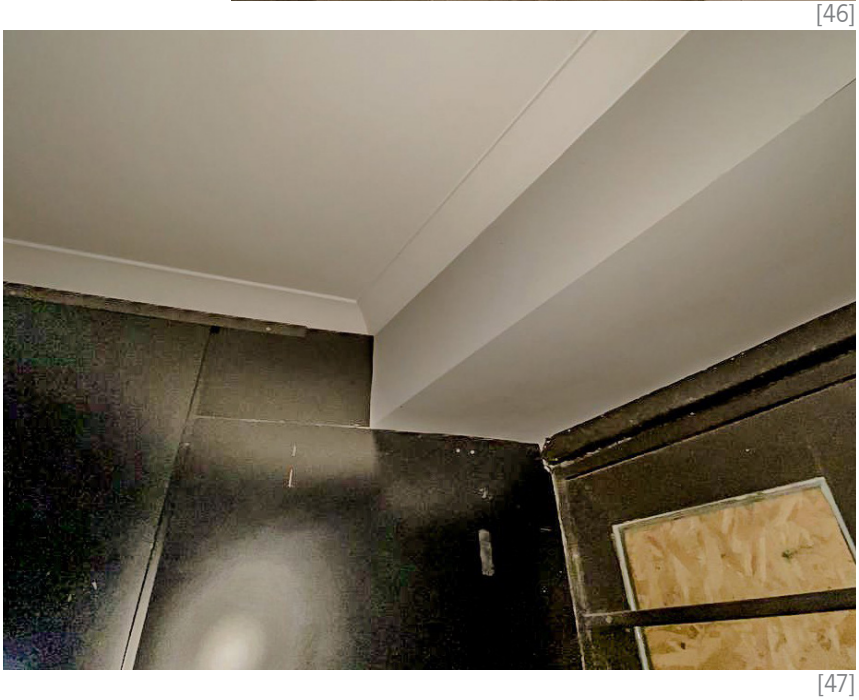


›

Desenho 5.3.
Axonometria explodida da etapa V - Parte 2
Escala: 1:200



[46]



[47]

3.3 A REFLEXÃO DO VALOR ARQUITETÓNICO NOS REMATES E O SEU PAPEL PROPULSOR NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

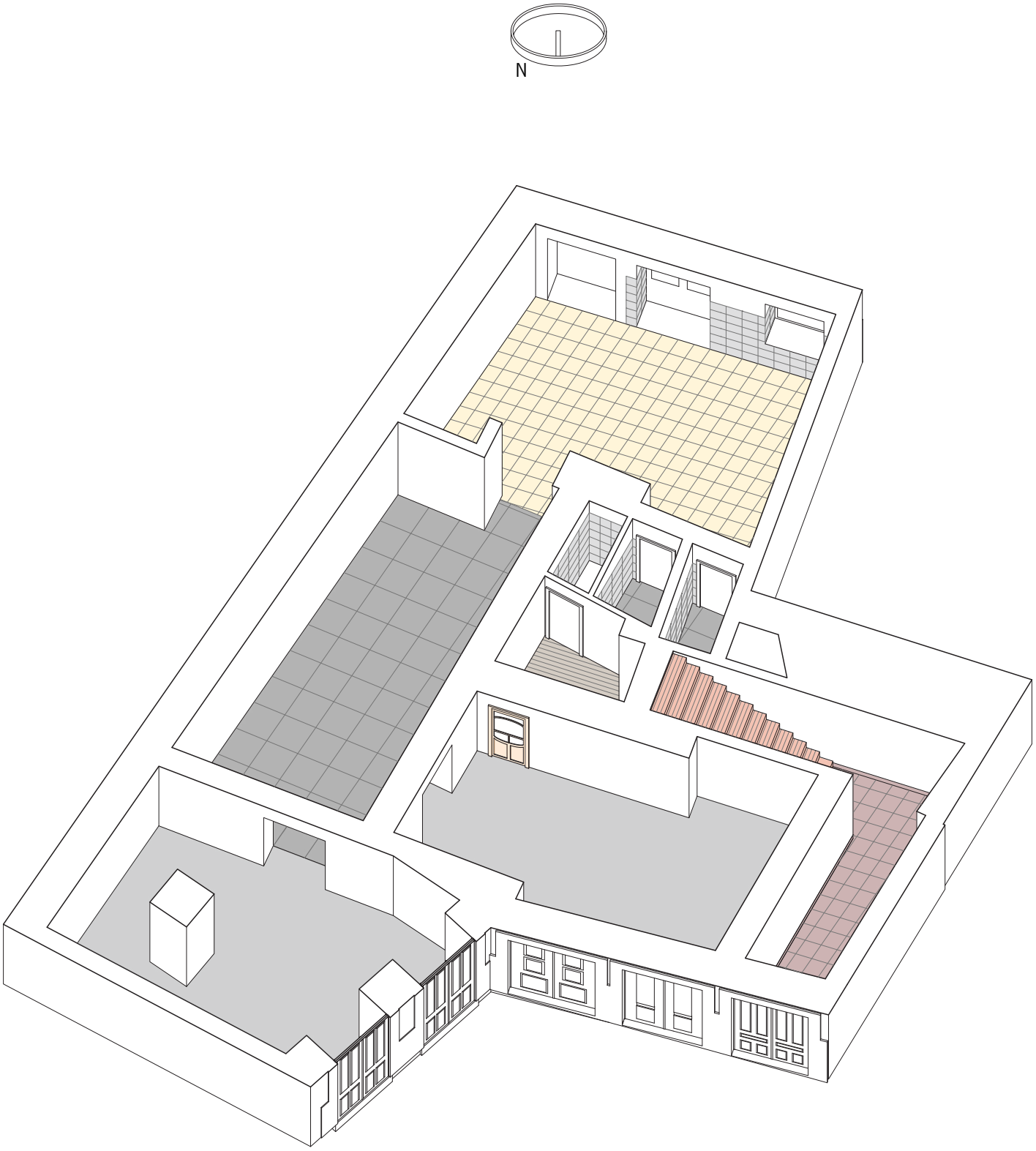
A análise detalhada do edifício baseou-se numa observação meticulosa, apoiada por registos fotográficos e visitas in loco, catalogando todos os elementos de remate, incluindo rodapés, rodatetos e as diversas estereotomias de tetos e pavimentos, o que permitiu revelar a evolução histórica do edifício e as diversas intervenções realizadas ao longo do tempo, fornecendo informação valiosa para futuras intervenções de conservação e reabilitação.

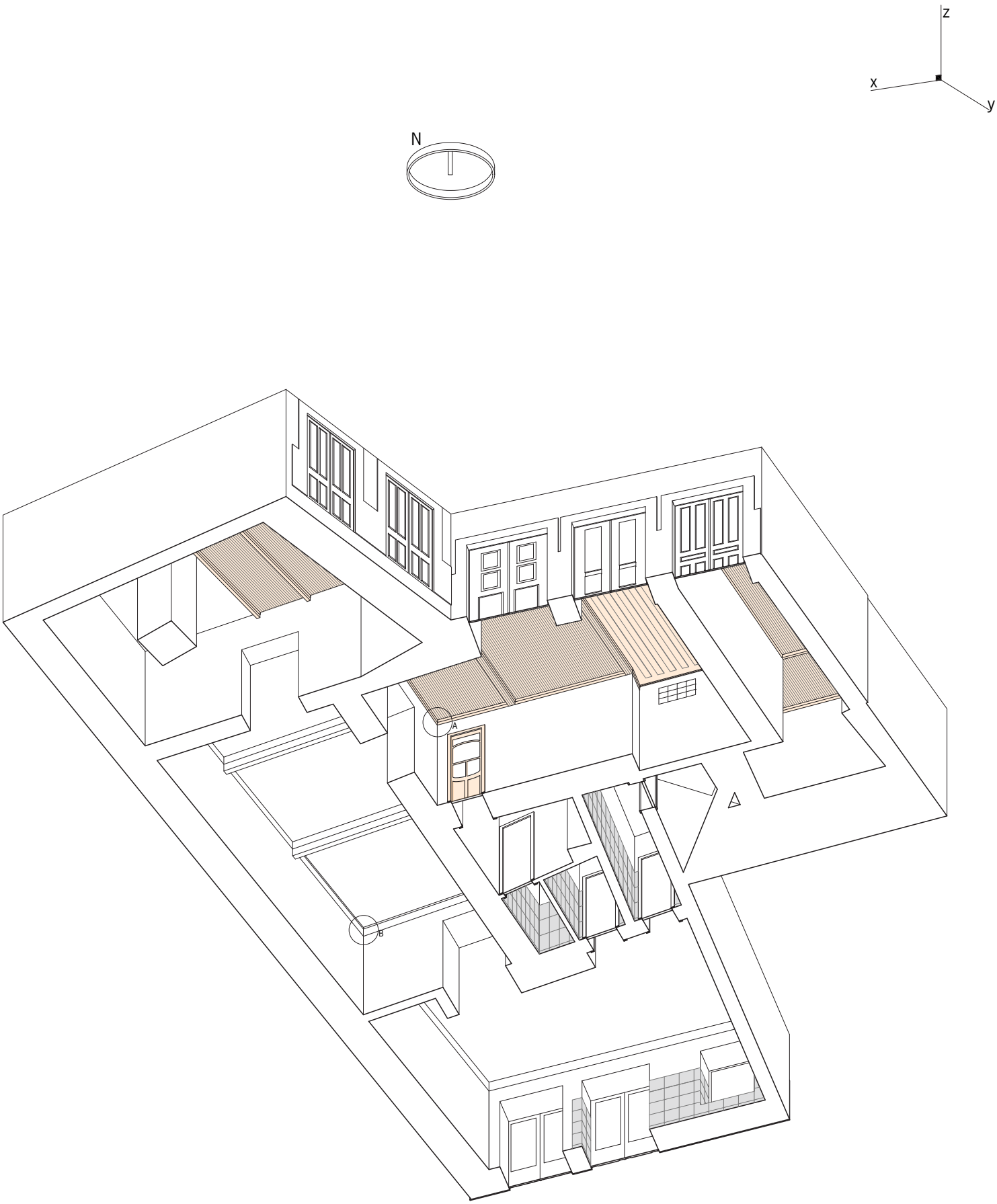
O Piso 0, a zona comercial, situada no rés-do-chão, apresenta as alterações mais significativas devido à sua acessibilidade e funcionalidade. A análise axonométrica dos pavimentos revela a presença de mosaicos contemporâneos, enquanto algumas áreas permanecem num estado semibruto, possivelmente não original, impossibilitando a sua representação integral. Na zona de acesso às habitações, identifica-se um rodapé de linhas simples que estabelece a transição entre as paredes e o pavimento em mosaico, apresentando uma combinação cromática de cinzento e vermelho. Os tetos evidenciam um trabalho decorativo mais elaborado nas zonas menos intervencionadas, executados em madeira com acabamento bege, característica presente em todo o edifício. As áreas mais modificadas apresentam soluções contemporâneas em gesso cartonado e teto falso branco, com menor pormenorização.

‹

Imagens 46 e 47.
Face interna da fachada Noroeste e detalhe de rodateto (Piso 0)

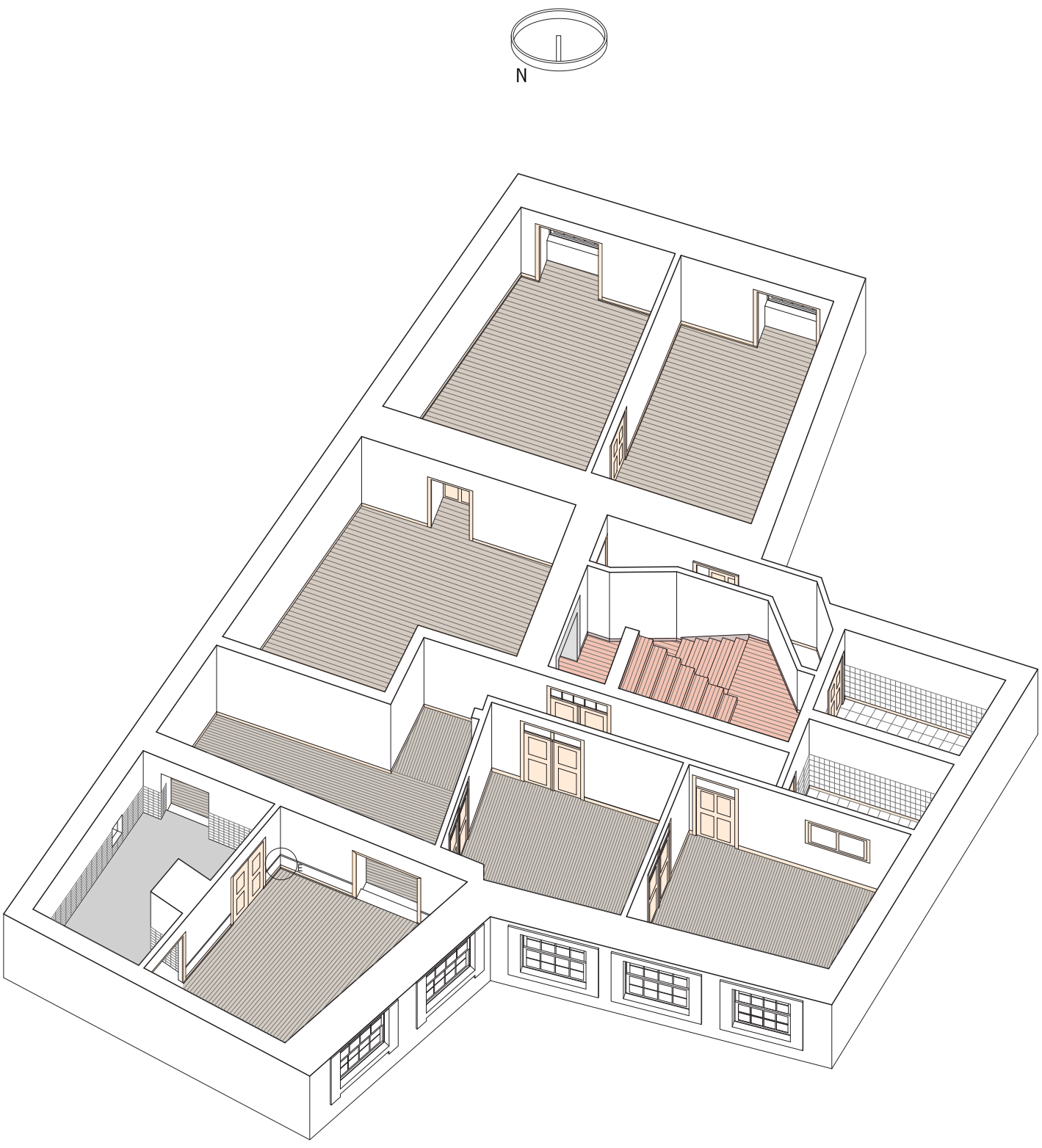
O piso 1 comporta duas frações distintas, o apartamento orientado a Norte, atualmente em processo de reabilitação, permitiu a observação

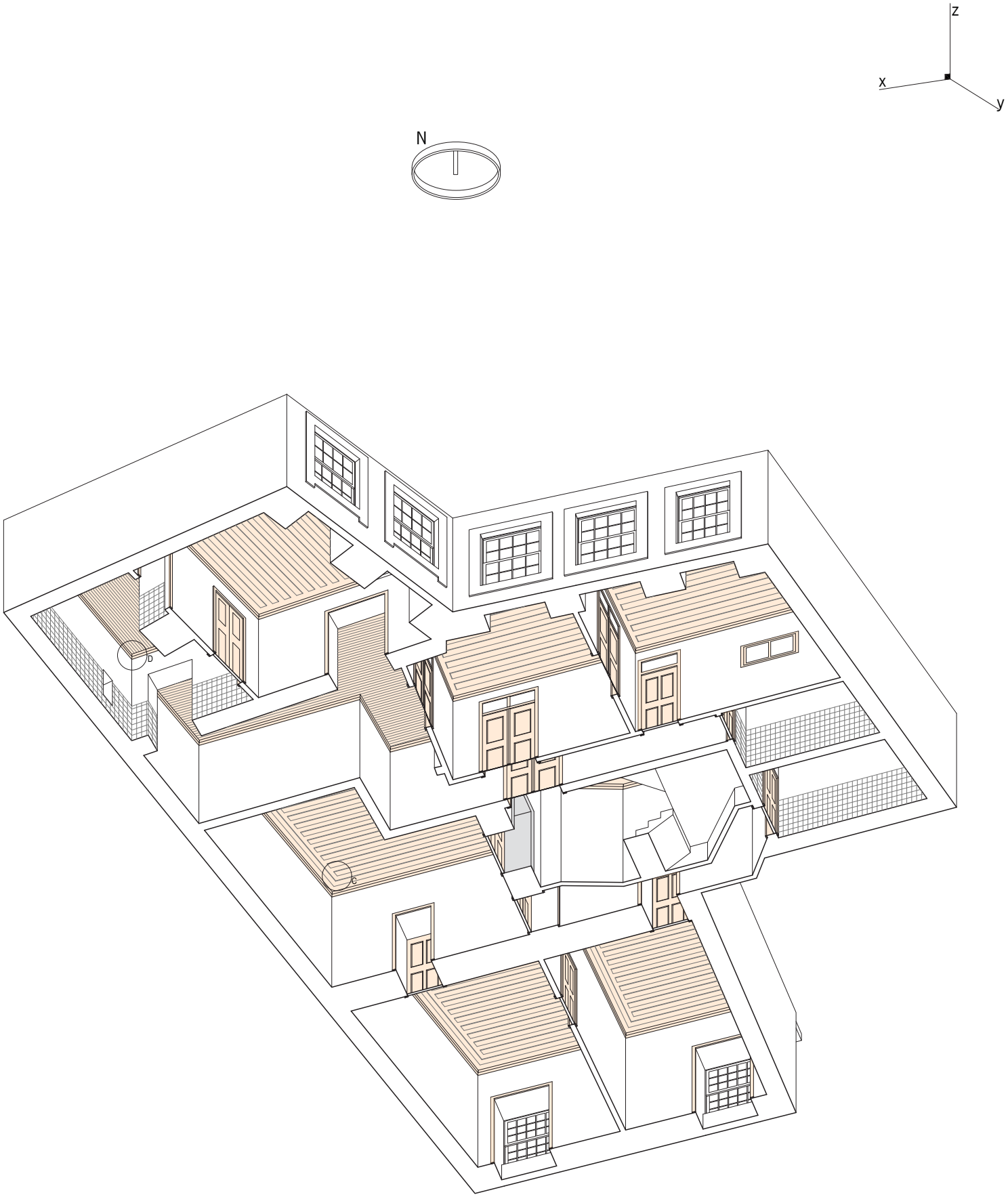

N



‹›

Desenho 6.1.
Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 0
Escala: 1:100


N



‹›

Desenho 6.2.
Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 1
Escala: 1:100



[48]



[49]



[50]



[51]



[52]

‹

Imagens 48 e 49.
Rodatetos do 1°piso (fração do Norte)

tanto dos elementos originais como das modificações em curso. Os rodapés apresentam um desenho simples, em harmonia com as molduras das portas de duas folhas, executadas em madeira pintada. As portas incorporam bandeiras envidraçadas superiores, permitindo a transmissão de luz natural entre compartimentos. A cozinha distingue-se pela ausência de rodapés, apresentando um revestimento integral em azulejo branco, contudo, apresenta rodatetos com um novo desenho parecido com o anterior, porém mais arredondado. Uma zona específica apresenta um rodapé duplo, com uma secção inferior mais reduzida e um elemento decorativo superior, mais estreito e integrado cromaticamente com a parede. O pavimento em soalho estende-se por todas as divisões, excetuando as zonas húmidas.

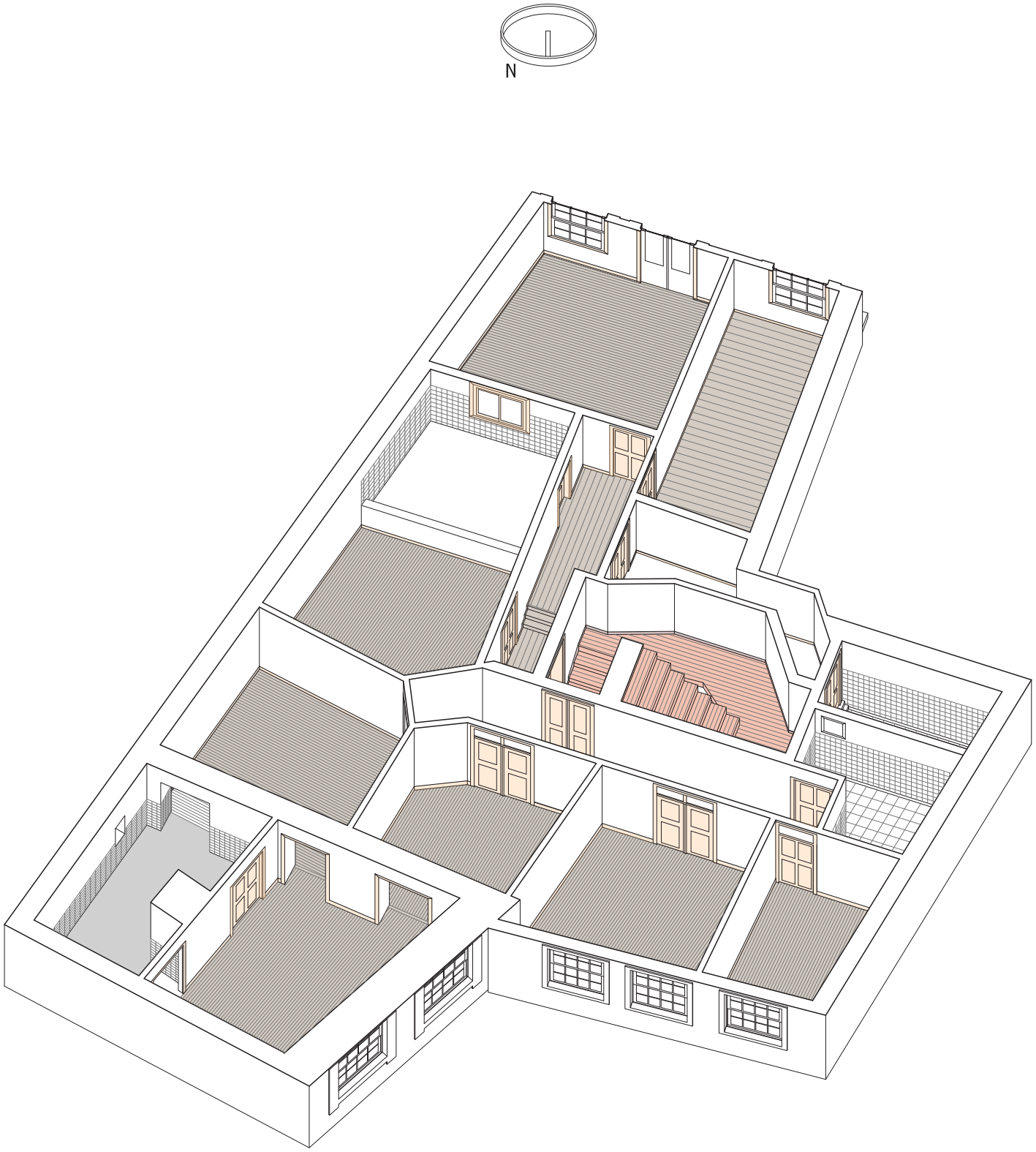
O apartamento a sudoeste, embora inacessível durante o levantamento, presume-se manter características similares às restantes frações, dada a aparente regularidade tipológica do edifício. Esta suposição carece, no entanto, de confirmação presencial.

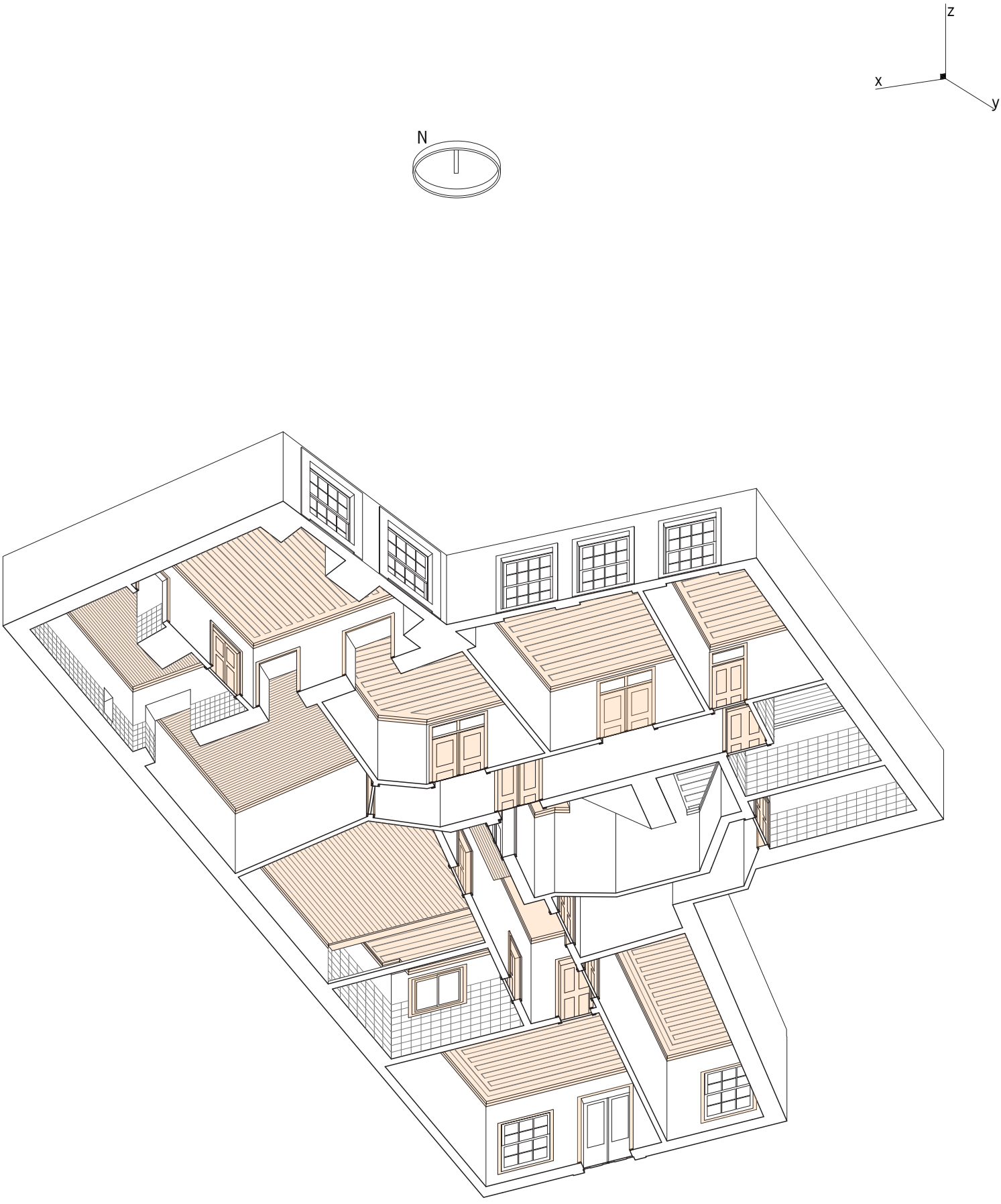
O piso 2 mantém a disposição em duas frações, o apartamento Norte, habitado e inacessível durante o levantamento, que foi documentado através de uma análise comparativa com as tipologias adjacentes. A organização espacial apresenta maior compartimentação, relativamente aos restantes pisos, mantendo os rodapés simples em tom bege e a diferenciação nas zonas húmidas através de revestimentos em azulejo e mosaico.

O apartamento Sul encontra-se em estado de conservação precário, apresentando sinais de abandono abrupto, conforme informação fornecida pelo proprietário. A degradação acentuada dificultou a análise de alguns compartimentos, impossibilitando a identificação dos materiais de pavimento em determinadas áreas. Todo o perímetro do apartamento é caracterizado por rodapés simples, excluindo a zona da cozinha que apresenta rodapé duplo. As estereotomias dos pavimentos variam entre compartimentos, apresentando soalhos de diferentes dimensões.

‹

Imagens 50, 51 e 52.
Rodatetos do 2°piso (fração Sudoeste)


N

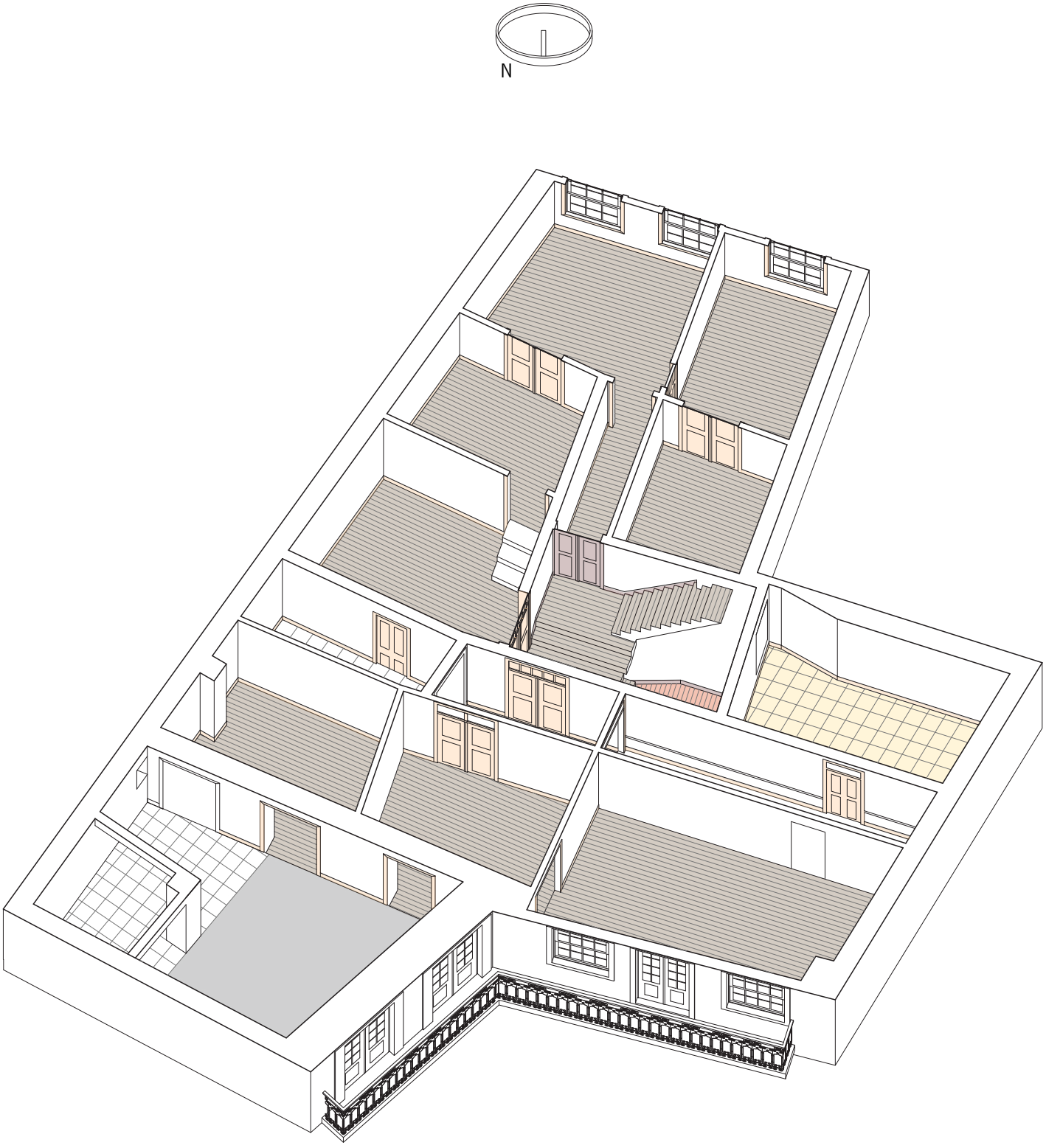


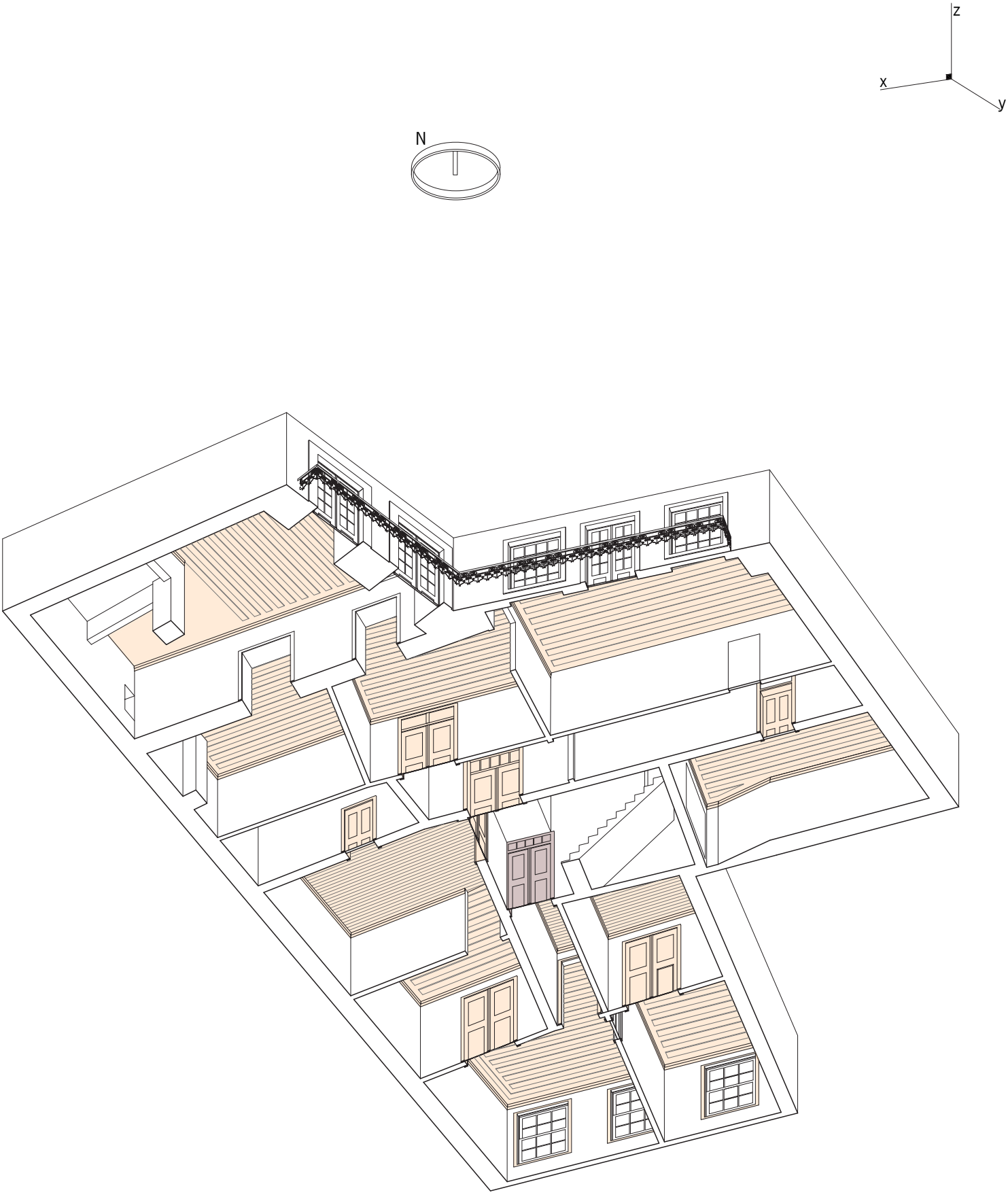
‹›

Desenho 6.3.

Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 2

Escala: 1:100


N



‹›

Desenho 6.4.

Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 3

Escala: 1:100



[53]



[54]



[55]



[56]

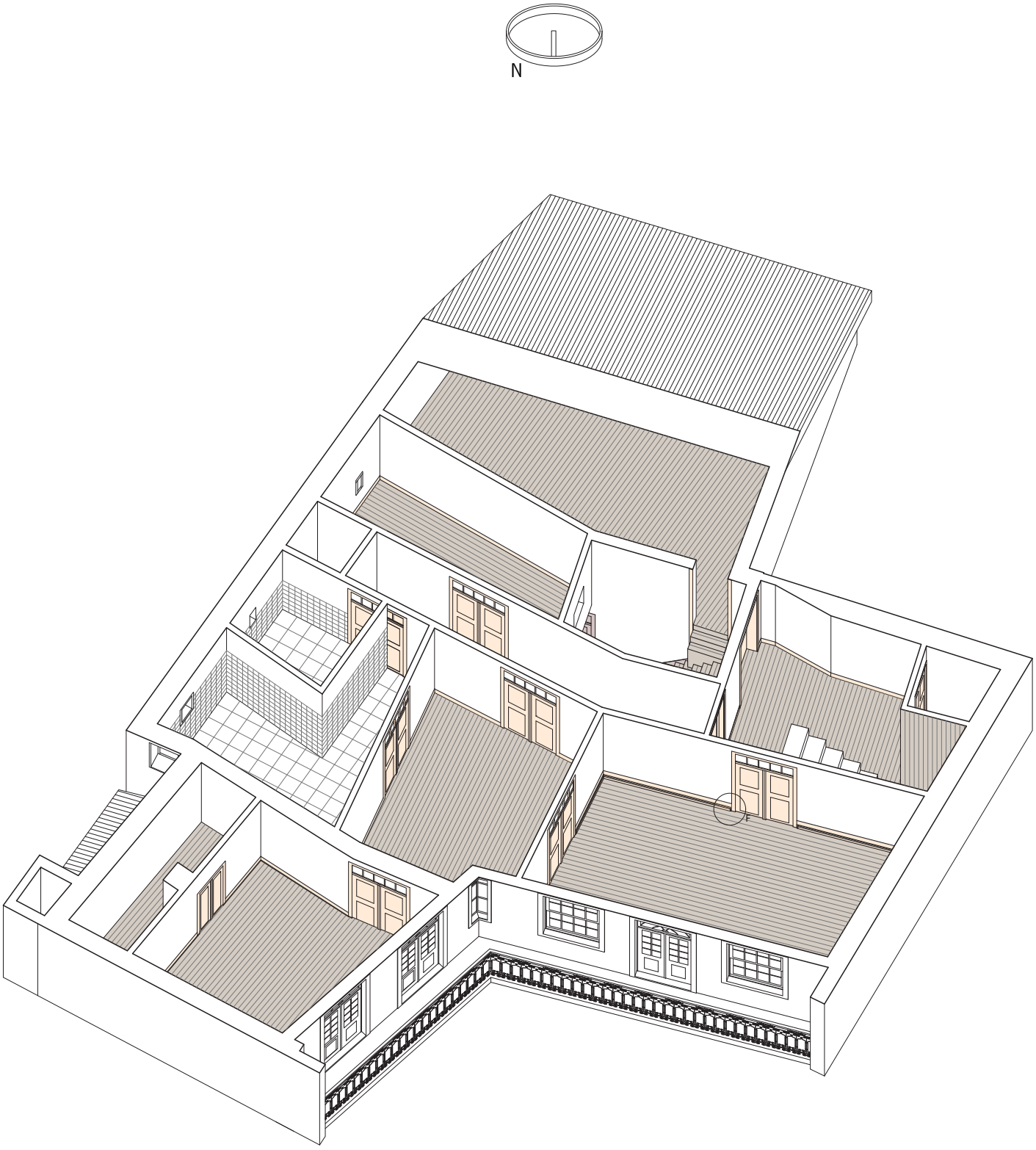
‹
Imagens 53 e 54.
Rodatetos do 3°piso (fração do Norte)

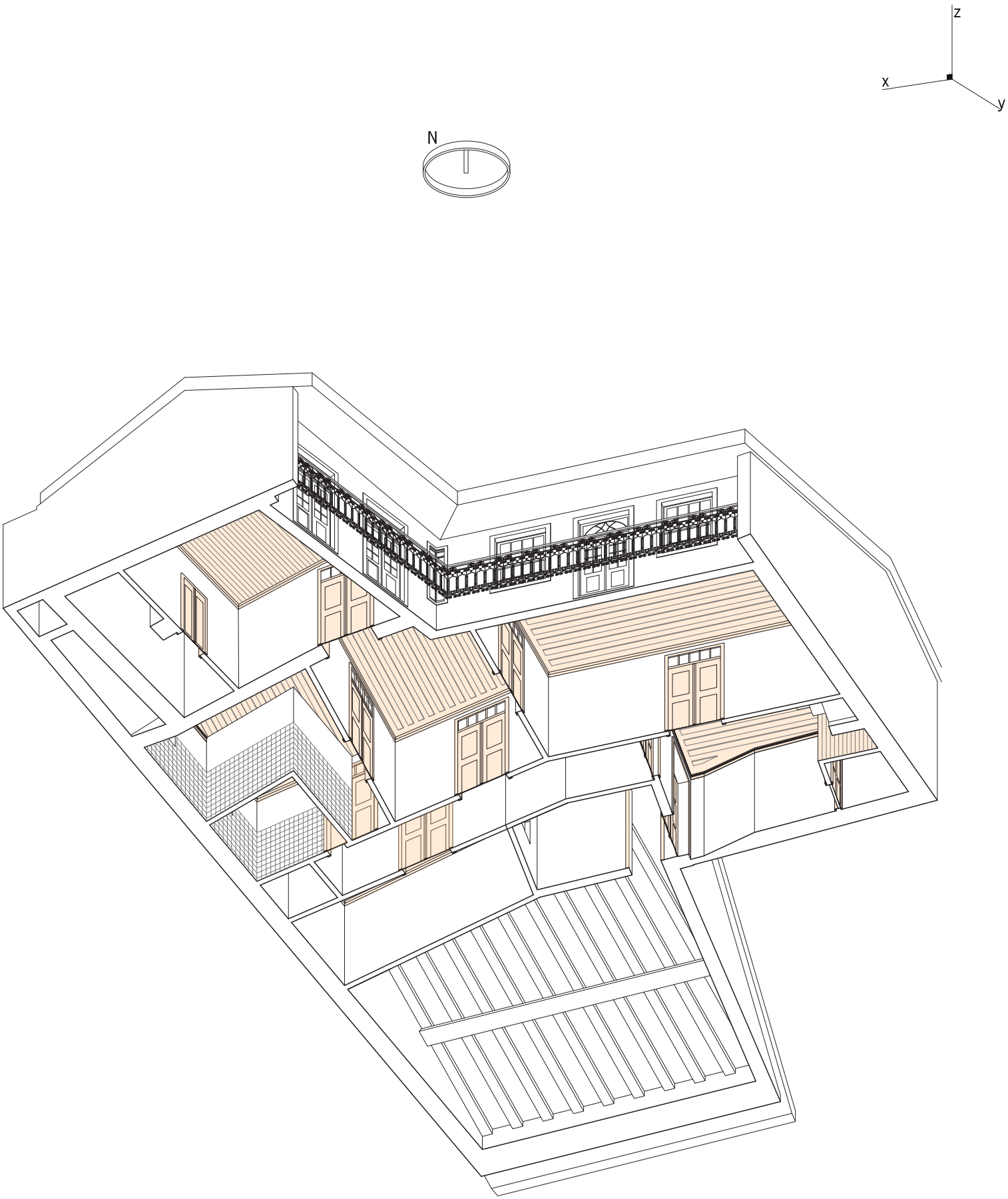
Passando ao piso 3, a fração Sul, embora inacessível, foi documentada por analogia com o piso inferior, dada a evidente similaridade tipológica. Na fração Norte, os elementos de remate apresentam-se maioritariamente simplificados, destacando-se apenas o corredor de acesso à instalação sanitária, que incorpora um friso decorativo acima do rodapé simples, reminiscente da solução adotada no primeiro piso.

Uma particularidade notável reside na parede divisória recentemente introduzida, caracterizada pela ausência de rodapé físico, substituído por uma simulação pintada em continuidade com as paredes adjacentes. A porta desta divisória destaca-se pela ausência de moldura, apresentando-se como um simples recorte na parede. A cozinha evidencia três vãos numa das paredes estruturais, em que um deles se encontra selado. Esta zona distingue-se pela ausência do tradicional revestimento em azulejo e por uma configuração espacial ligeiramente distinta, um nicho formado por dois vãos apoiados num pilar, sugerindo a presença de uma antiga chaminé, agora encerrada, assim como uma saliência no canto, onde poderá estar inserida a chaminé referente ao piso inferior. Os rodatetos mantêm uniformidade estilística, com variações na estereotomia. Os pavimentos alternam entre madeira sem acabamento e betonilha revestida com pavimento vinílico imitando madeira, em contrapartida a instalação sanitária mantém o pavimento em mosaico, diferenciando-se pela ausência de revestimento de azulejos nas paredes.

O piso 4 introduz variações significativas nos elementos de remate. Surge um novo tipo de rodapé composto por quatro tábuas de madeira de diferentes dimensões numa das divisões, enquanto noutra se observa um rodapé duplo com perfil quadrado arredondado. Os rodatetos replicam o mesmo estilo que se encontra no piso inferior e na maioria das divisões, a estereotomia é em madeira com placas intercaladas paralelamente ao vão maior da divisão. As zonas húmidas mantêm o revestimento em azulejo e pavimento em mosaico. Os pavimentos em madeira sem tratamento apresentam variações dimensionais nas suas placas. Destaca-se uma parede revestida em madeira, cromaticamente

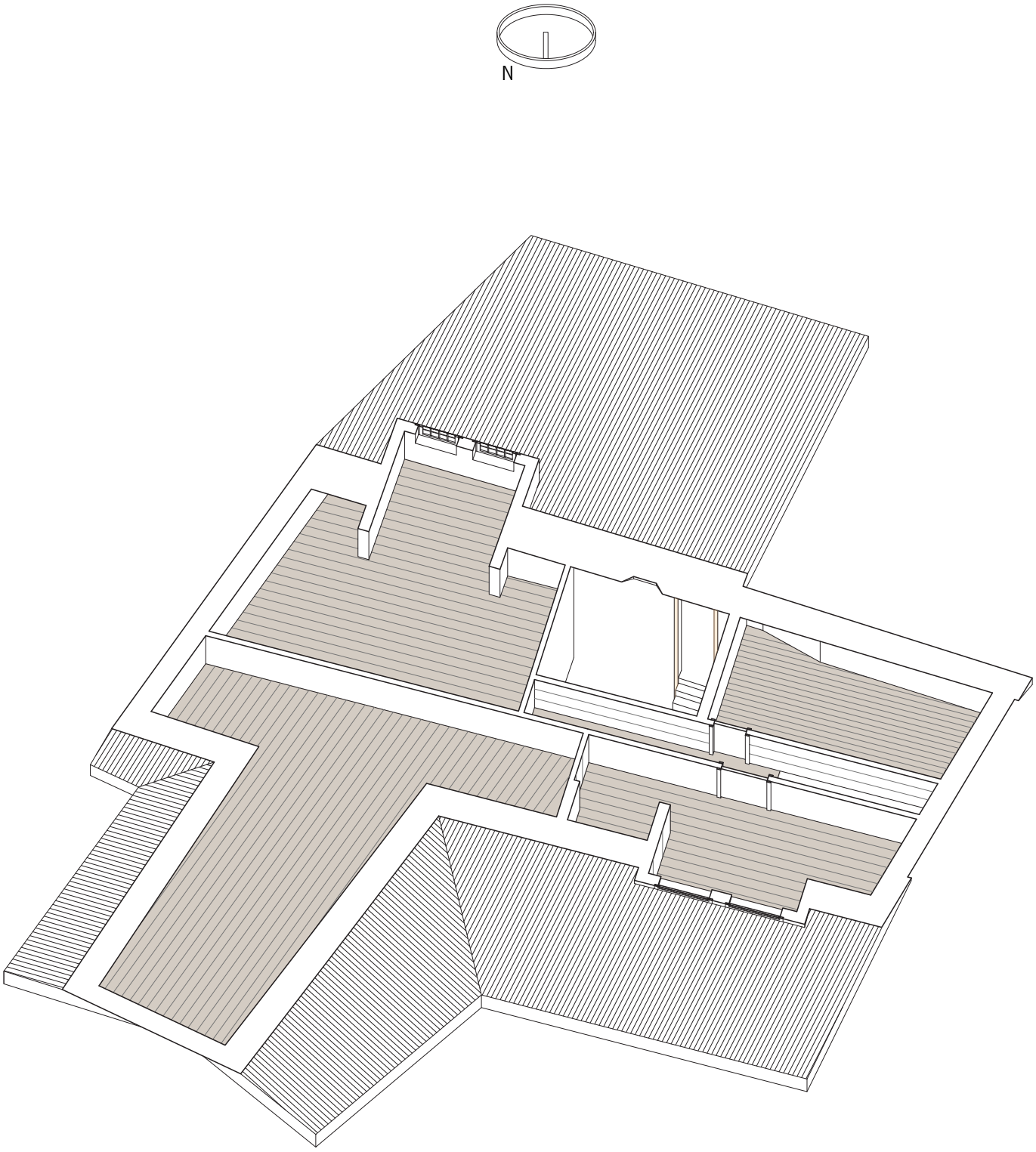
‹
Imagens 55 e 56.
Rodateto e rodapé do 4°piso (fração Norte)

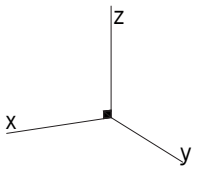

N

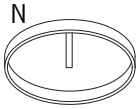


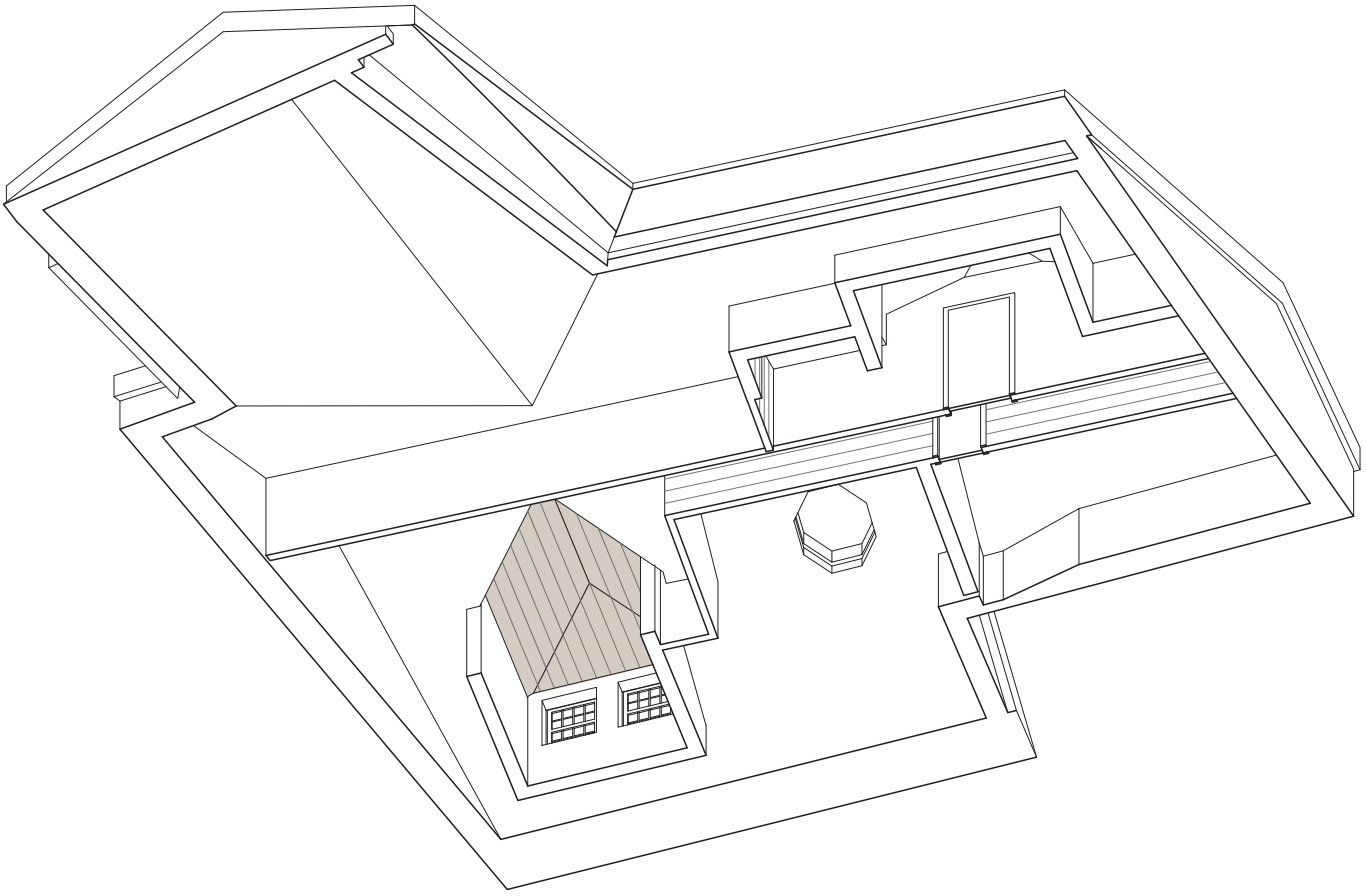
‹›

Desenho 6.5.
Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 4
Escala: 1:100


N







‹›

Desenho 6.6.
Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso Sótão
Escala: 1:100



[57]



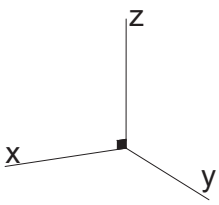
[58]

coordenada com os elementos de remate.

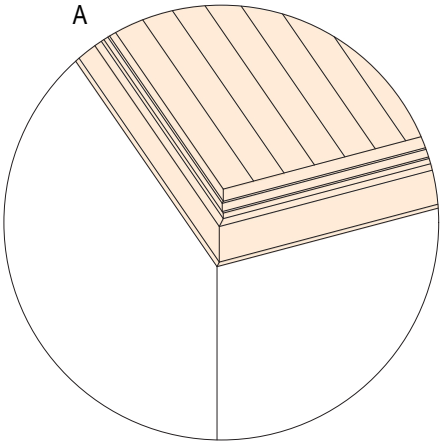
O último piso, designado de sótão, caracteriza-se pela ausência de rodapés e pela presença exclusiva de estereotomia em madeira não tratada enquanto as paredes incorporam placas horizontais de madeira com acabamento branco. As mansardas apresentam tratamentos distintos: o teto da secção Norte exibe trabalho em madeira pintada de branco, enquanto a secção Sul mantém a madeira no seu estado natural.

‹

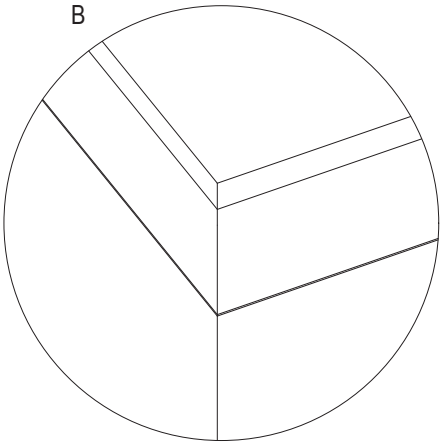
Imagens 57 e 58.
Abertura ao desvão da cobertura e corredor do sótão



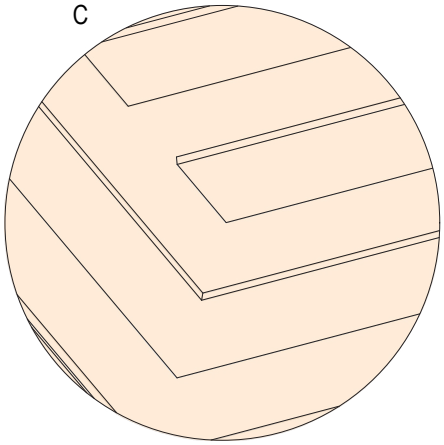
A



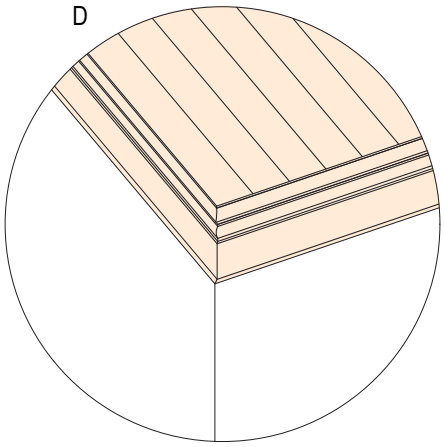
B



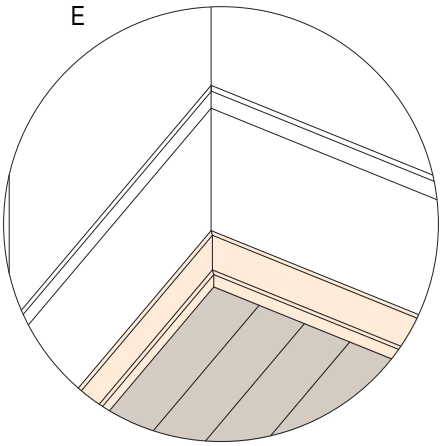
C



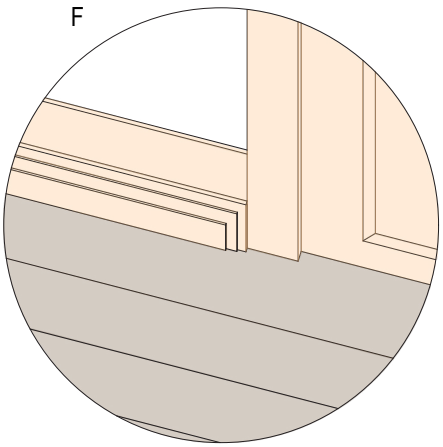
D



E



F



3.3.1 DETALHE DE REMATE

Para melhor compreensão de como se encontram os remates do edifício reproduz-se umas ampliações dos remates, em destaque rodapés e os rodatetos. Esta documentação detalhada revela-se fundamental para a caracterização material original, permitindo uma análise minuciosa dos elementos que conferem identidade ao espaço construído. Grande parte da qualidade do edifício e que ainda hoje se reconhece está presente no tratamento dos remates em madeira, que tem uma continuidade ao longo do edifício, dando uma linguagem própria da construção. Esta continuidade manifesta-se não apenas na materialidade, mas sobretudo na coerência formal e executiva que caracteriza todo o conjunto edificado.

‹

Desenho 7
Axonometria de ampliações de rodapés e rodatetos
Escala: 1:10



[59]



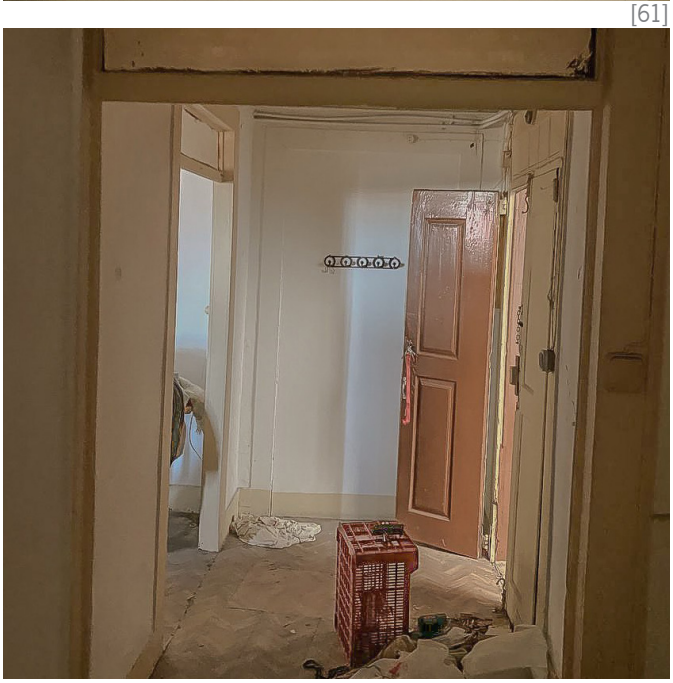
[60]



[61]



[62]



[63]

‹

Imagens 59 e 60.
Abertura de vão em parede estrutural e janela posterior na fachada sudoeste (Piso 0)

3.4 QUADRO DAS TRANSFORMAÇÕES

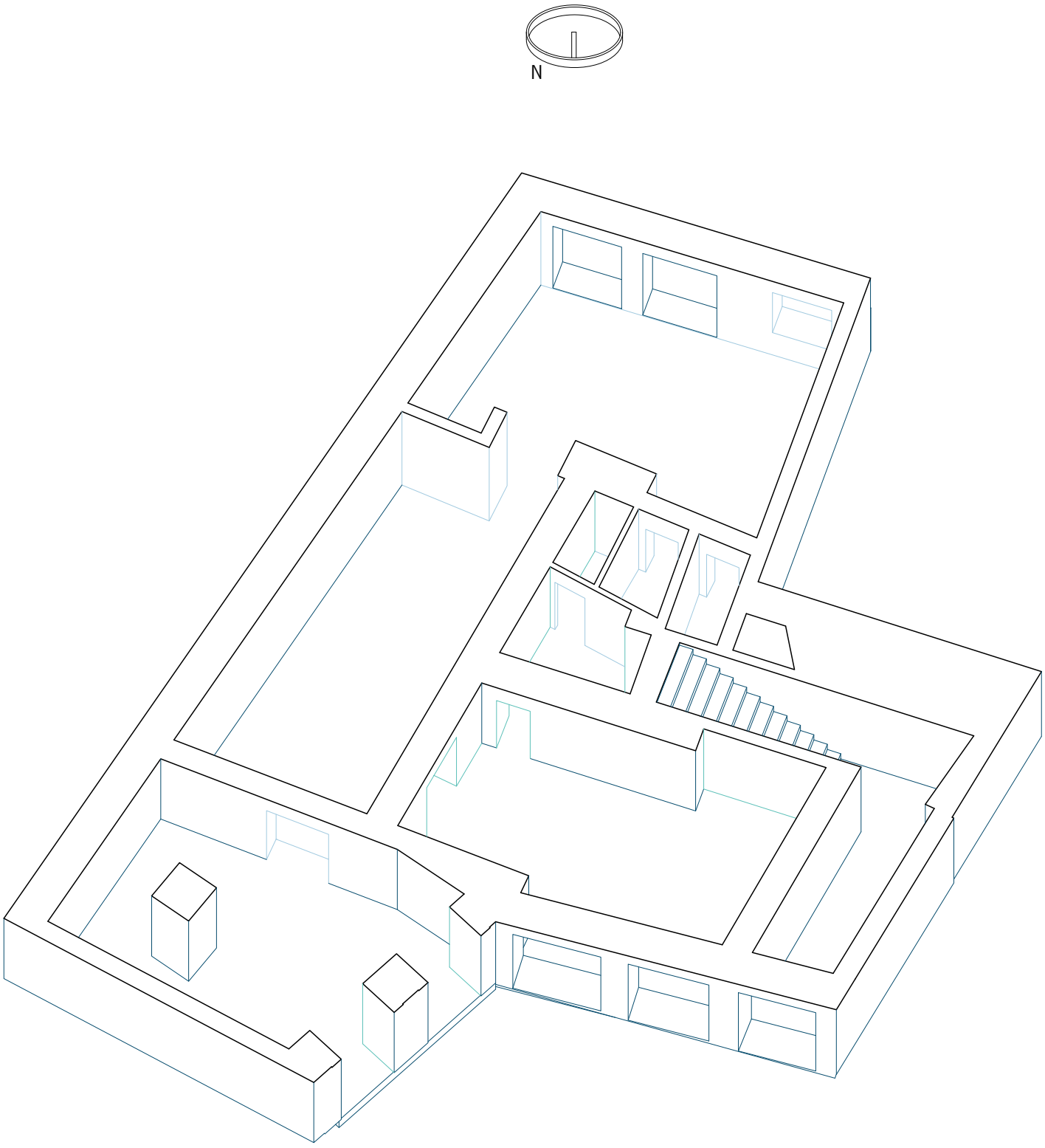
A elaboração do quadro de transformações constitui uma ferramenta metodológica fundamental para a clarificação da visão projetual na intervenção arquitetónica. Este instrumento permite a distinção hierárquica dos elementos característicos do edifício através de um sistema cromático, embora a sua aplicação não seja obrigatória no processo projetual. A metodologia cromática adotada estabelece uma hierarquia visual onde tonalidades mais escuras identificam elementos a preservar com fidelidade, tons intermédios assinalam componentes de preservação facultativa, cores claras demarcam elementos passíveis de remoção, e uma tonalidade contrastante (laranja-tijolo) indica áreas sem acesso ou com informação insuficiente.

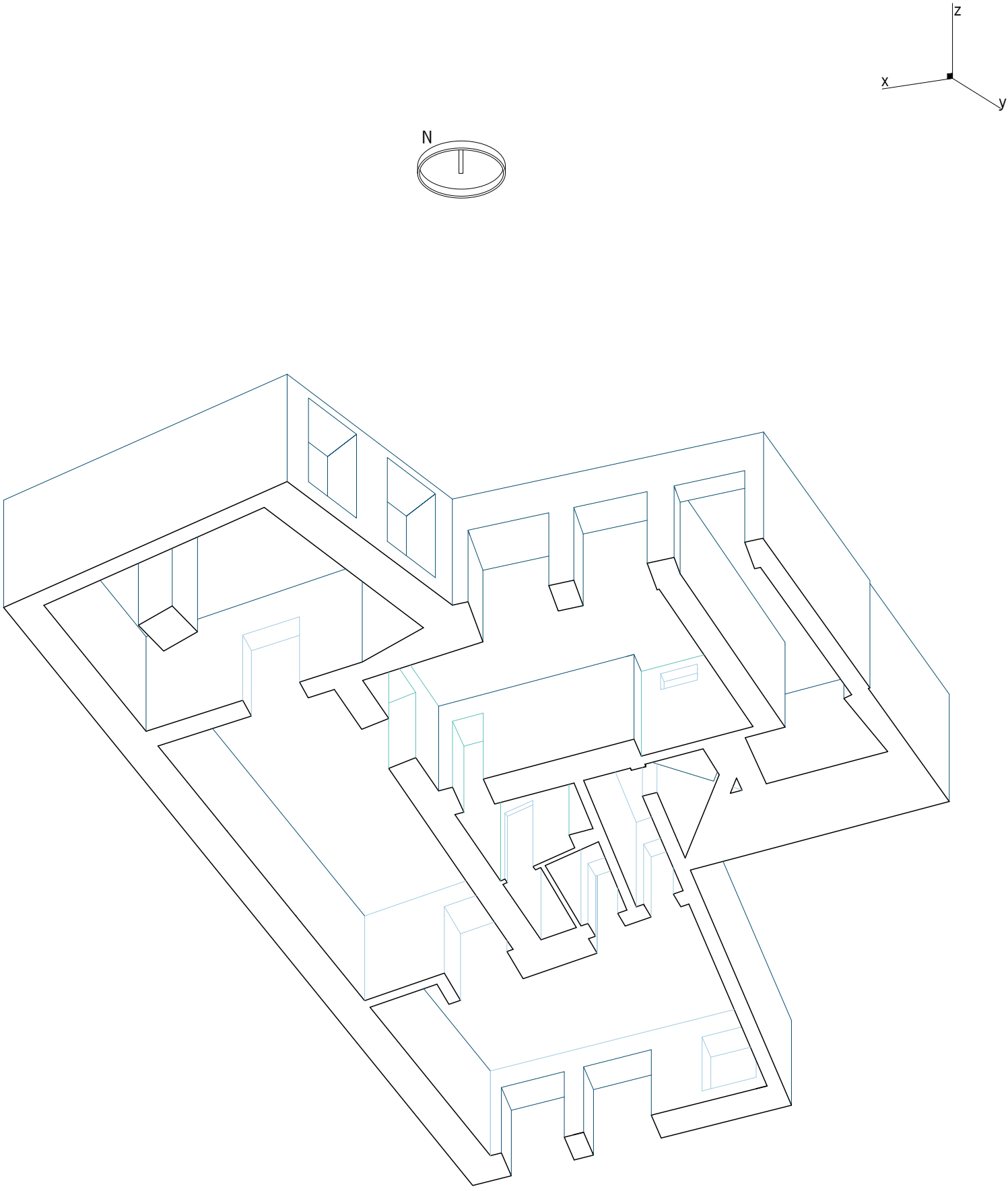
As fachadas, elementos patrimoniais fundamentais, receberam demarcação em tom escuro, permitindo-se apenas intervenções de restauro que respeitem a sua morfologia original. Na fachada sudoeste, identifica-se uma abertura posterior que destoa da tipologia histórica local, sendo necessária à sua adequação para um vão de pé-direito completo. Na análise do piso 0, regista-se uma abertura estrutural inadequada, executada sem critérios técnicos apropriados, classificada como elemento de baixa relevância. As paredes divisórias contemporâneas foram igualmente categorizadas como prescindíveis, excetuando-se o acesso principal.

‹

Imagens 61,62 e 63.
Abertura de vão posterior, caixa de escadas assimétrica e vão encerrado posteriormente

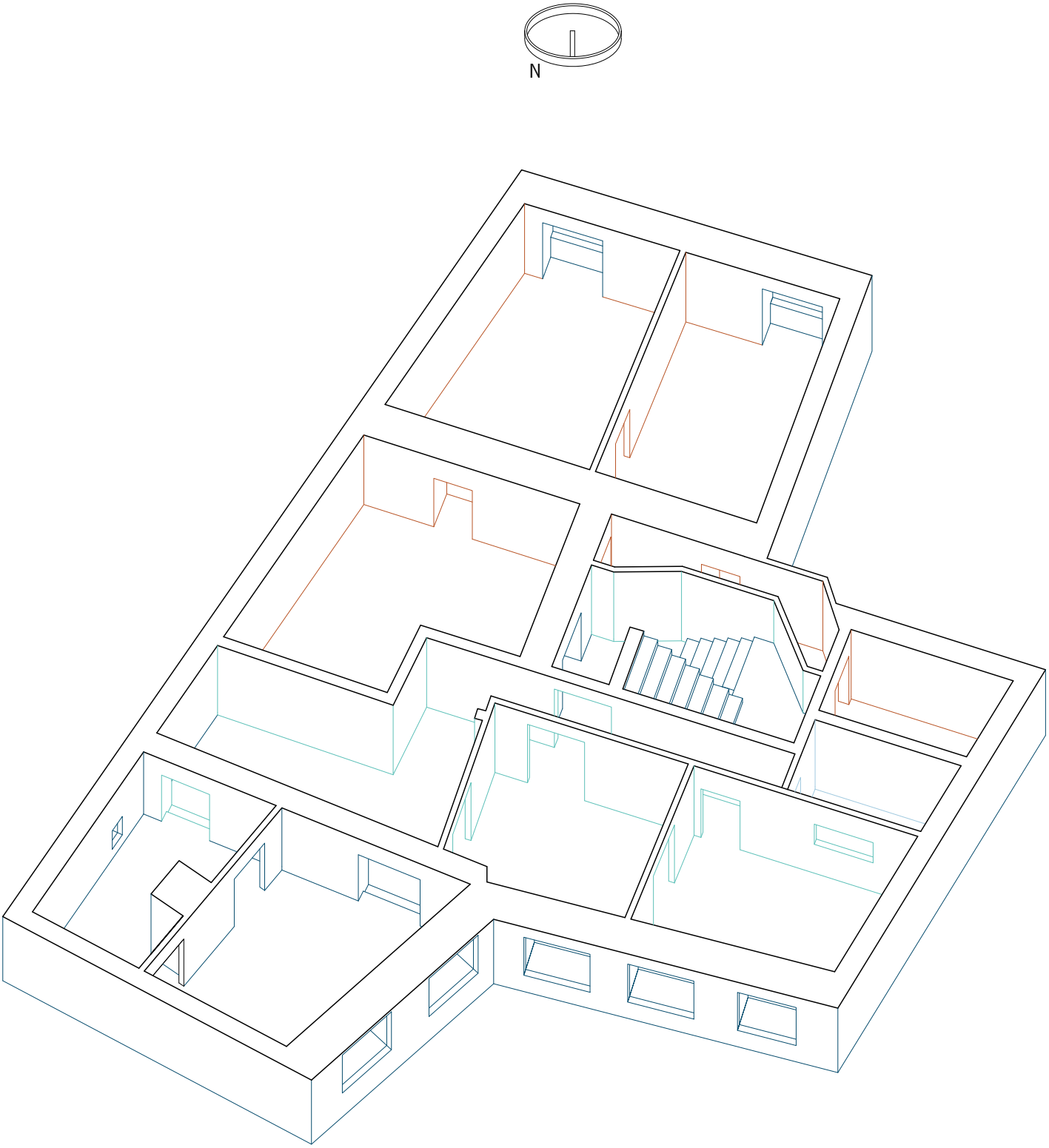
A caixa de escadas, elemento estruturante do edifício, mantém-se como componente de alta relevância, embora as suas paredes circundantes

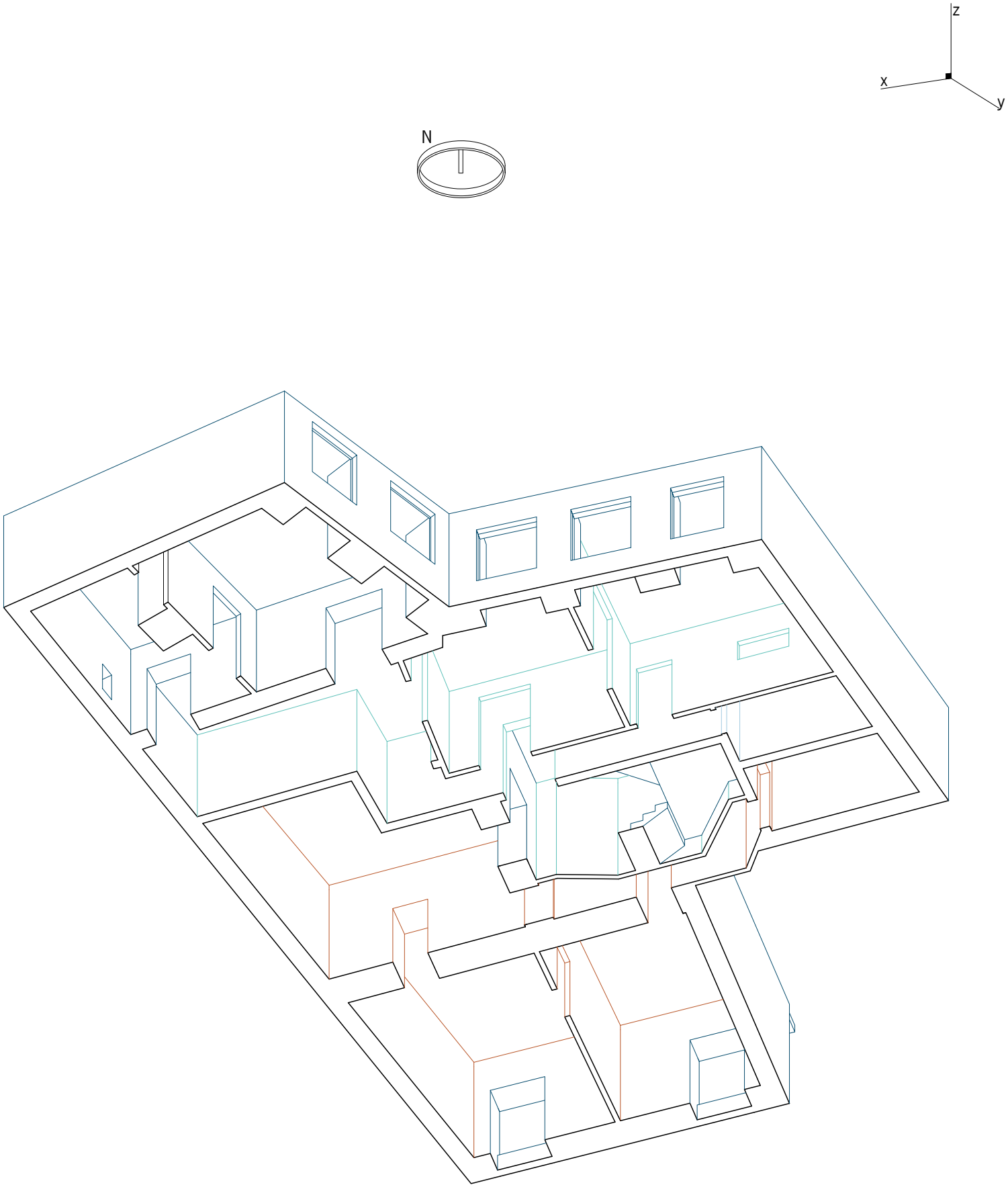

N



‹›

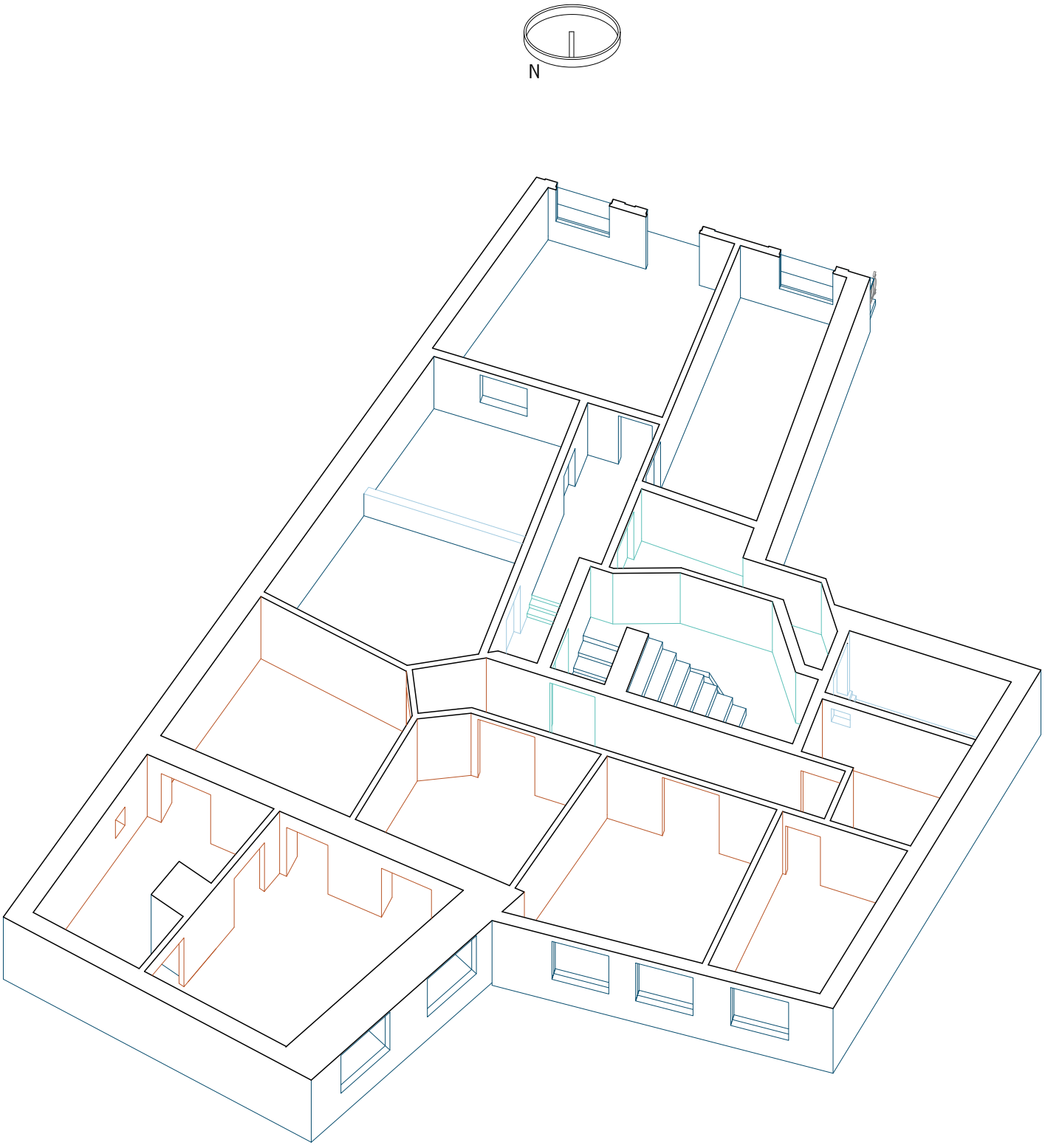
Desenho 8.1.
Axonometrias de análise das alterações do Piso 0
Escala: 1:100

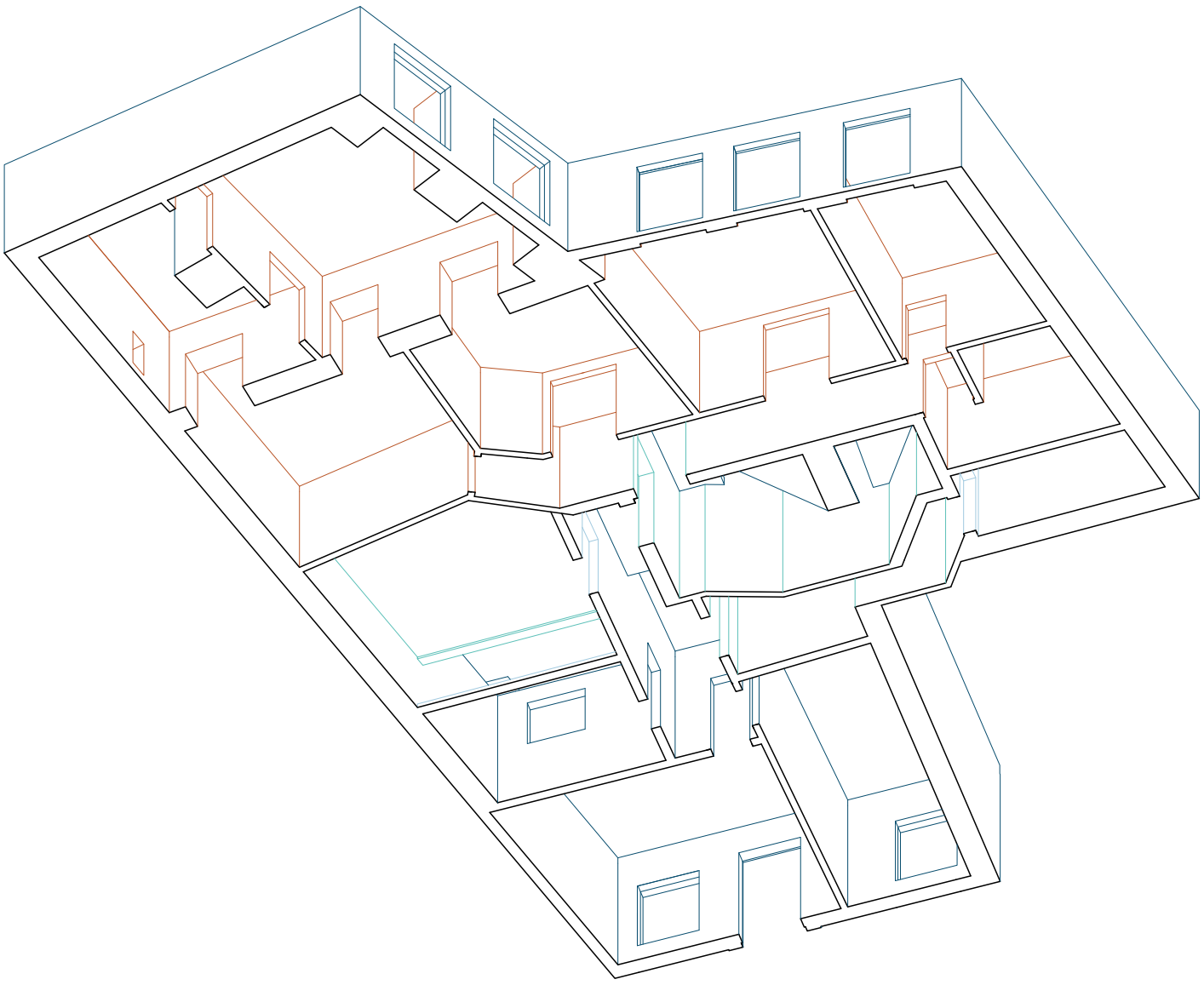

N



‹›

Desenho 8.2.
Axonometrias de análise das alterações do Piso 1
Escala: 1:100


N



‹›

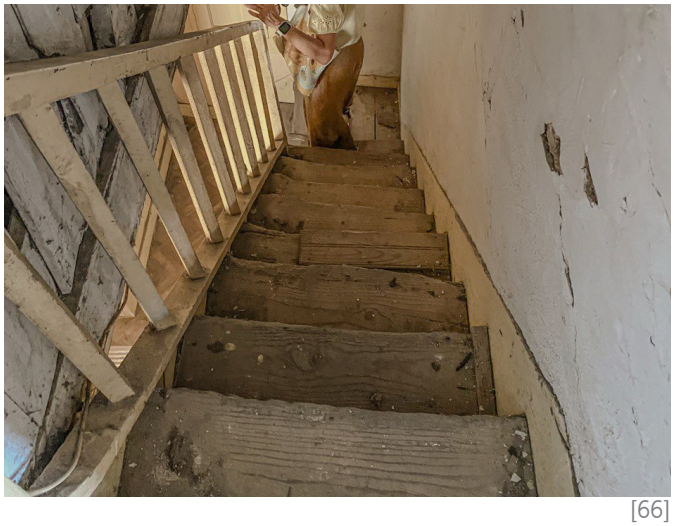
Desenho 8.3.
Axonometrias de análise das alterações do Piso 2
Escala: 1:100



[64]



[65]



[66]



[67]



[68]

‹

Imagens 64, 65 e 66
Não alinhamento de vão com parede (piso 4), vão sem remates (piso 3) e escadaria degradada de acesso ao sótão

apresentem possibilidade de modificação para otimização da circulação. Isto, porque pela configuração não existe uma regra de desenho da escada, que surgiram com o crescimento gradual do edifício. No primeiro piso, na zona sul, áreas inacessíveis foram demarcadas adequadamente. O apartamento a norte apresenta elementos arquitetónicos de interesse intermédio, como remates distintivos, embora a configuração espacial seja questionável devido às dimensões reduzidas dos corredores. A casa de banho, pelas suas modificações contemporâneas, foi classificada como elemento de baixa relevância.

Relativamente ao segundo piso, do lado norte, inacessível, recebeu a demarcação apropriada. Na fração sul, preserva-se maioritariamente a configuração original, excluindo-se uma intervenção não regulamentada que estabeleceu ligação entre compartimentos através da demolição parcial de uma parede.

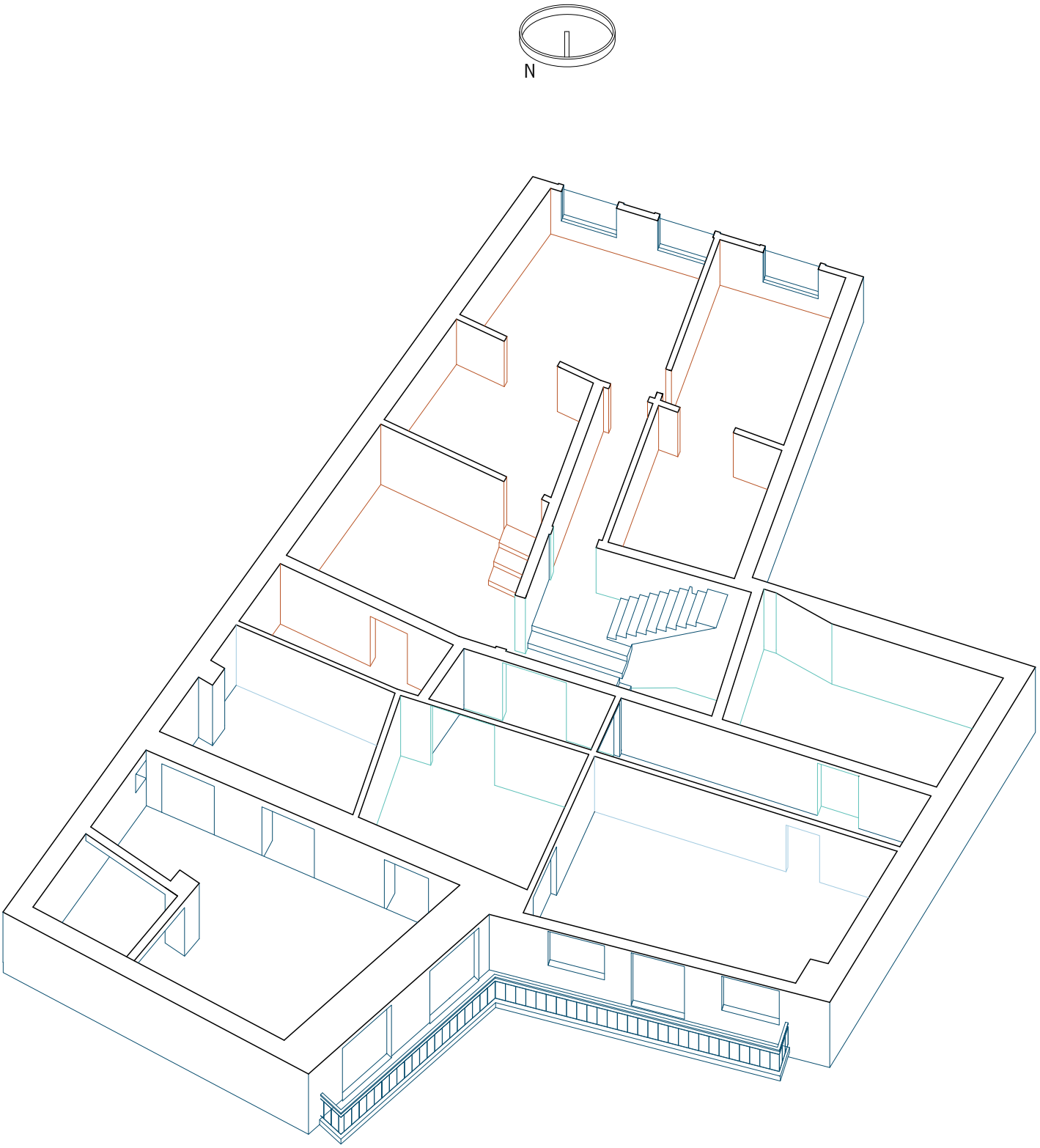
No terceiro piso, especificamente no apartamento norte, identificou-se uma antiga porta ocultada por encerramento posterior, elemento considerado de alta relevância para possível recuperação. Elementos contemporâneos, como paredes divisórias em gesso cartonado com imitações de acabamentos tradicionais, foram classificados como de baixa relevância.

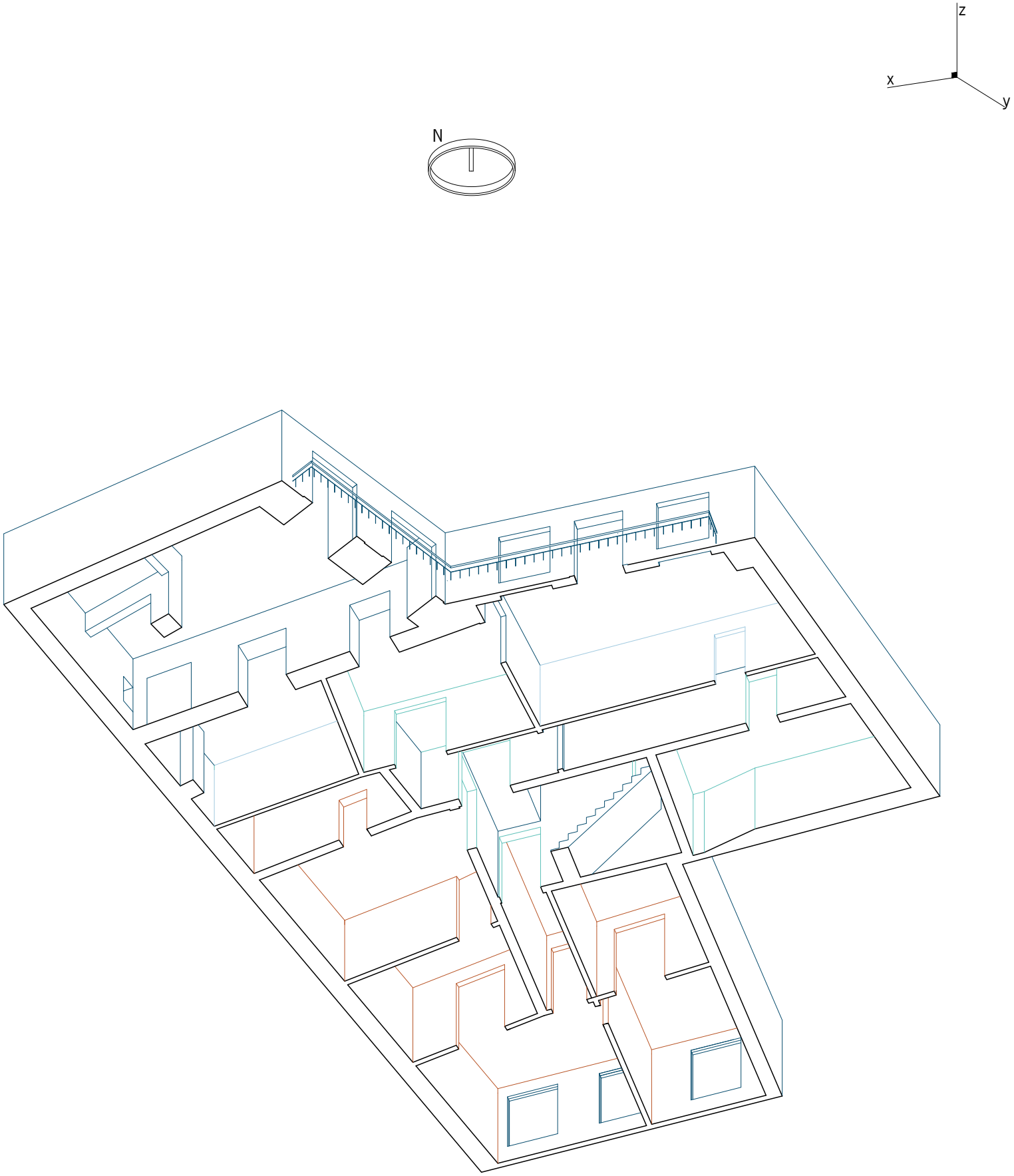
A análise do quarto piso revela a presença de uma escada de acesso ao desvão, executada de forma improvisada. As paredes divisórias da área esquerda e as instalações sanitárias apresentam incongruências construtivas com o conjunto, evidenciadas pelos remates do teto, indicando intervenções posteriores de baixa relevância patrimonial.

Por fim, o sótão, área predominantemente ocupada por desvãos, apresenta valor patrimonial reduzido. Excluem-se as mansardas e elementos estruturais de suporte da cobertura, que merecem consideração no projeto de intervenção.

‹

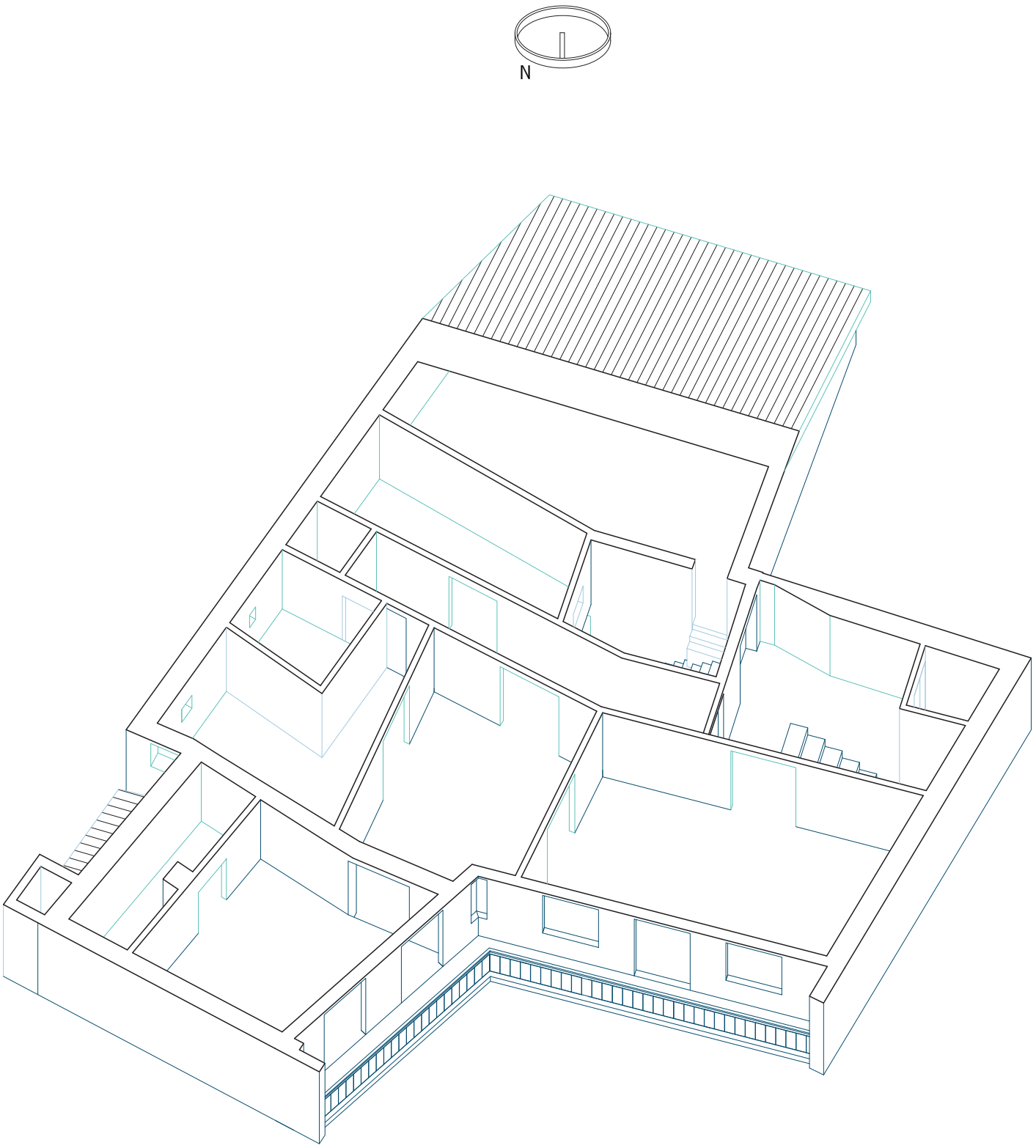
Imagens 61,62 e 63.
Desvão de cobertura e vista para Sé a partir do sótão

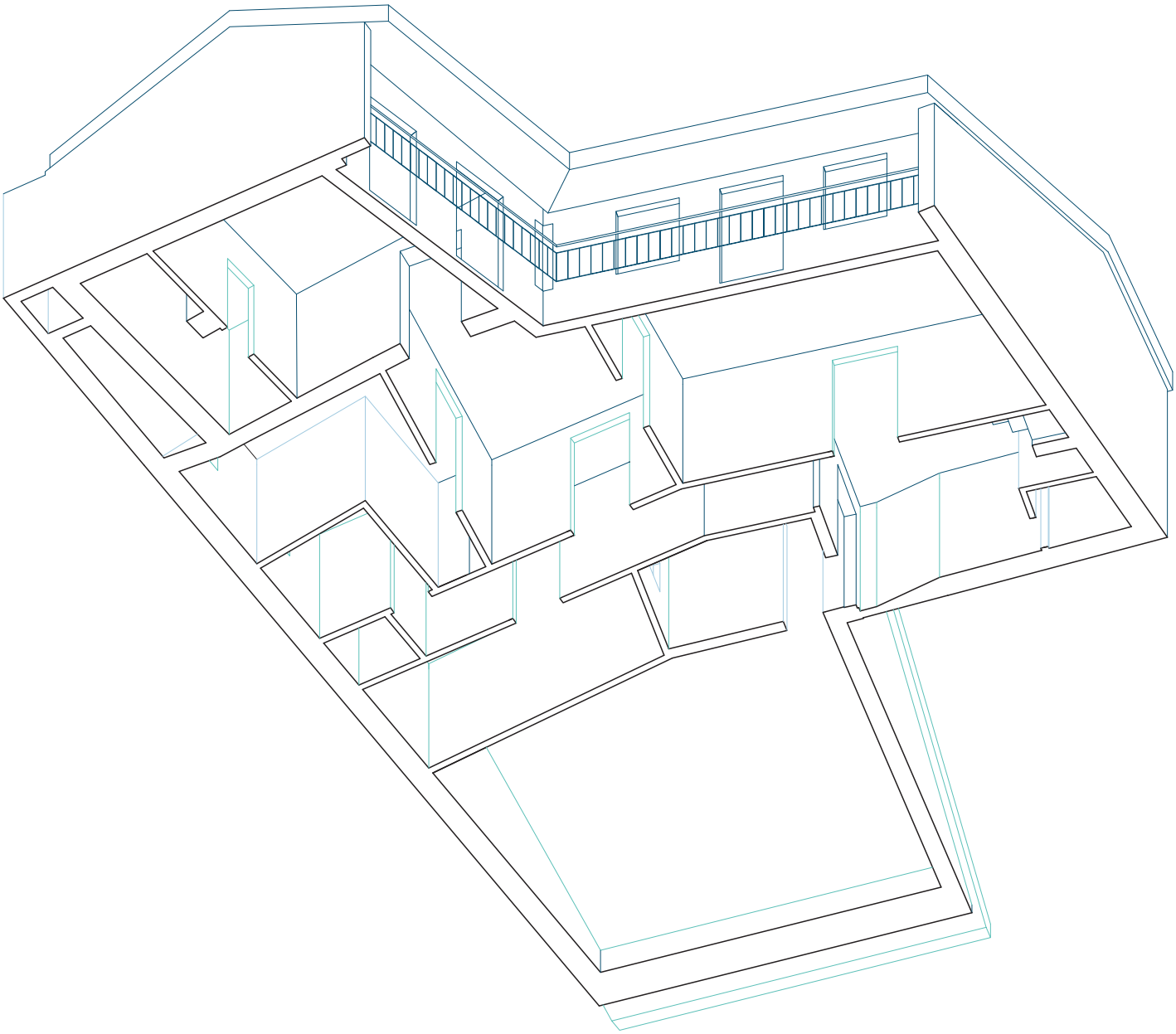

N



‹›

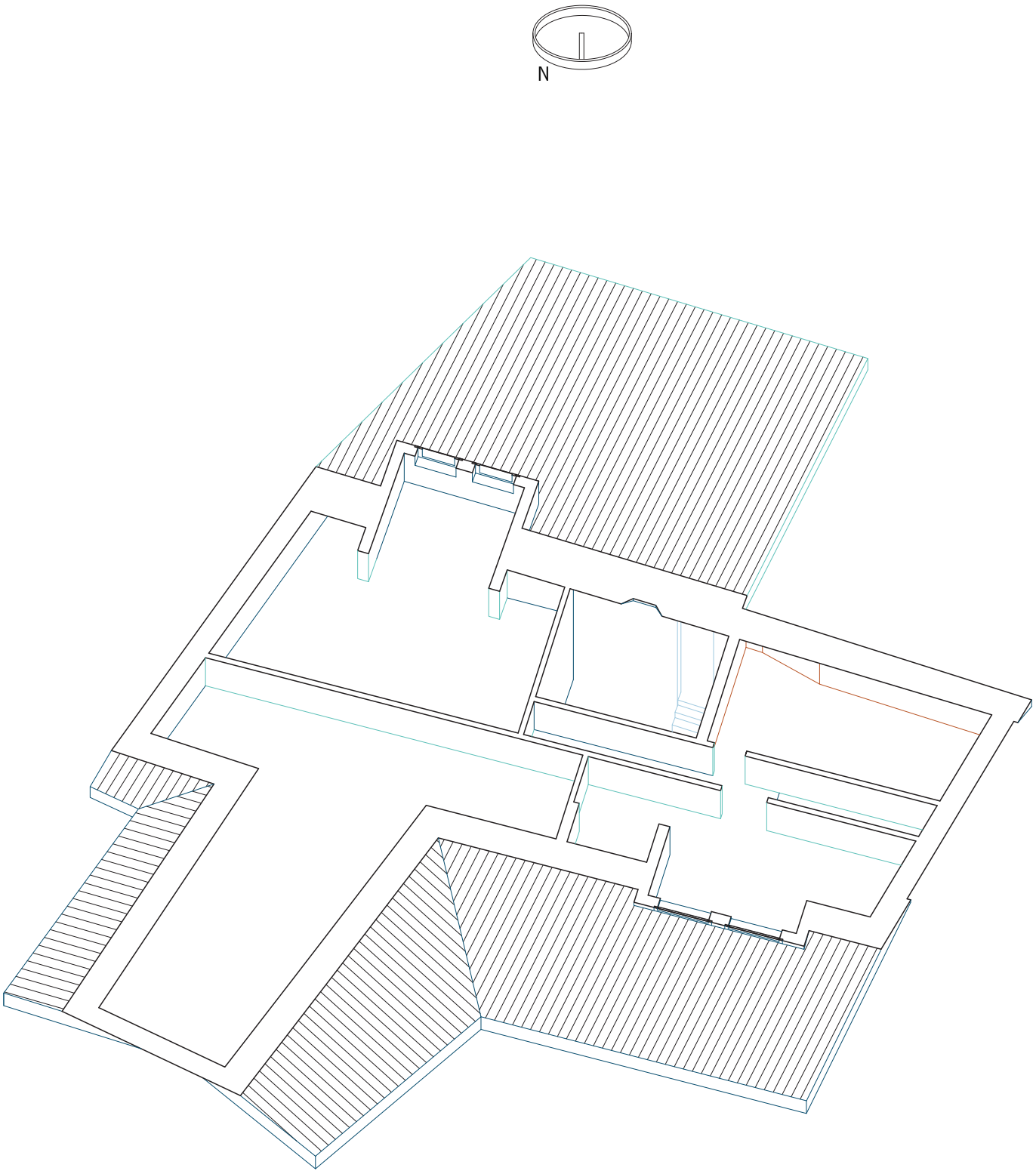
Desenho 8.4.
Axonometrias de análise das alterações do Piso 3
Escala: 1:100

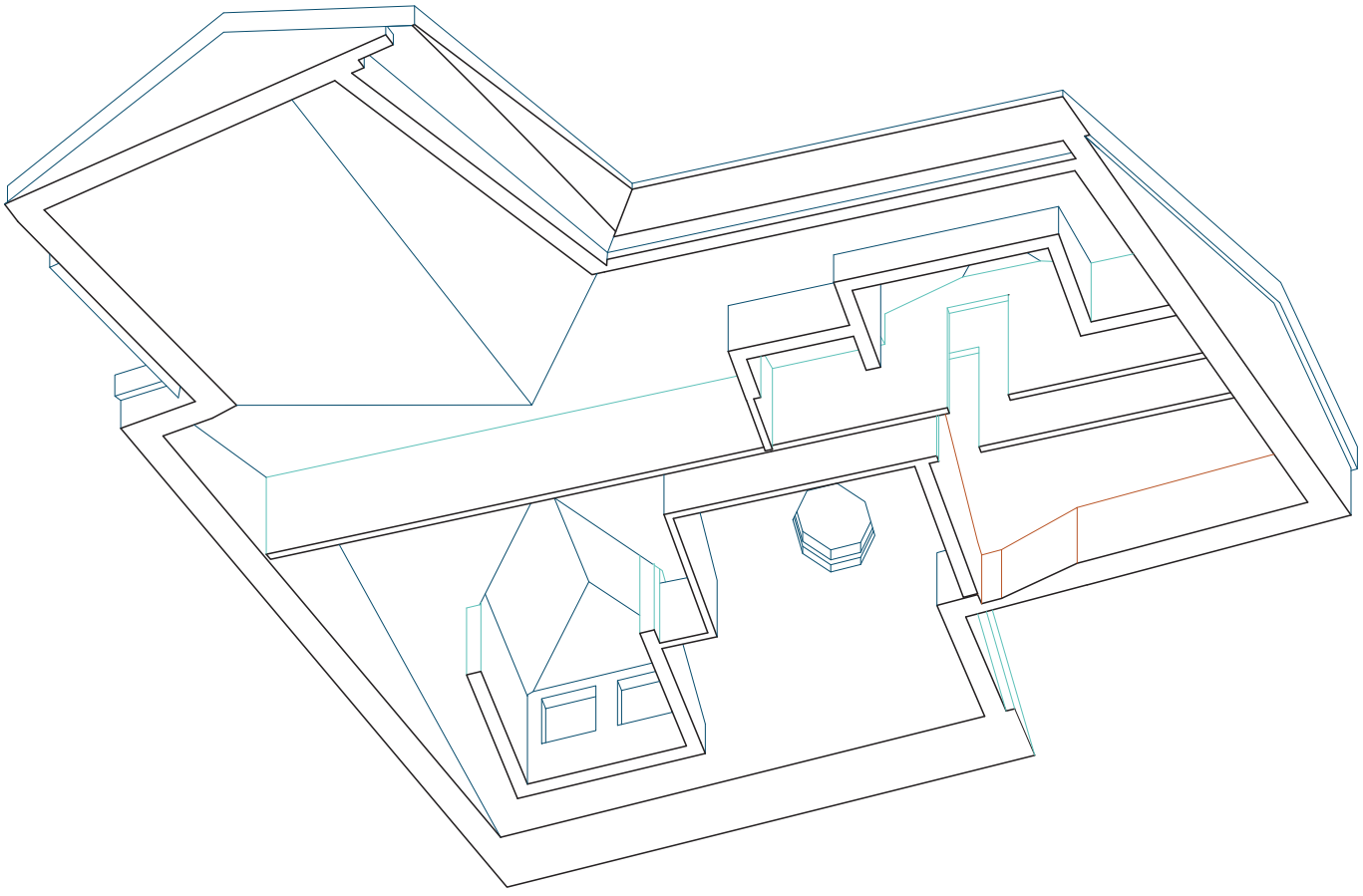

N



‹›

Desenho 8.5.
Axonometrias de análise das alterações do Piso 4
Escala: 1:100


N



‹›

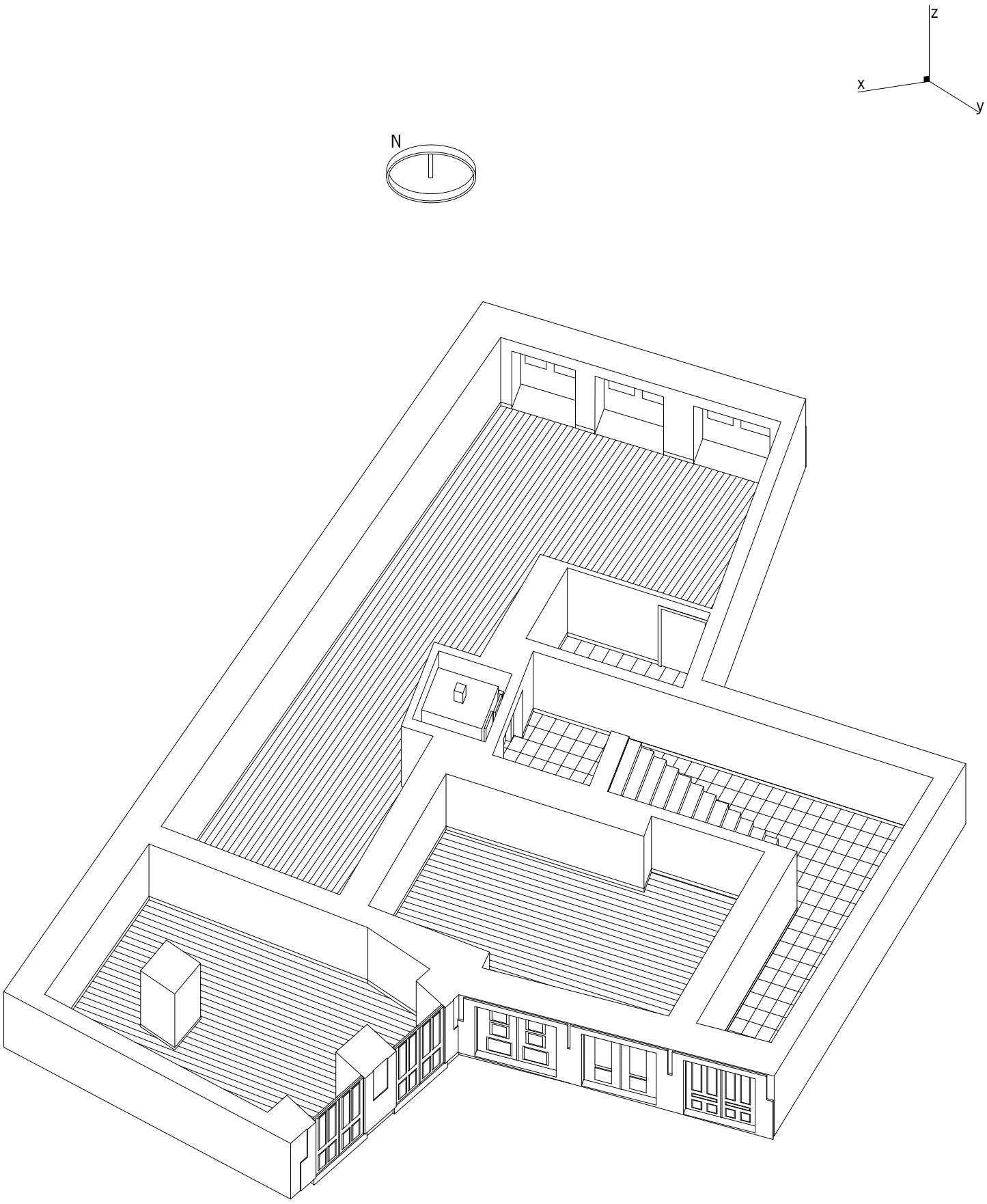
Desenho 8.6.
Axonometrias de análise das alterações do Piso Sótão
Escala: 1:100

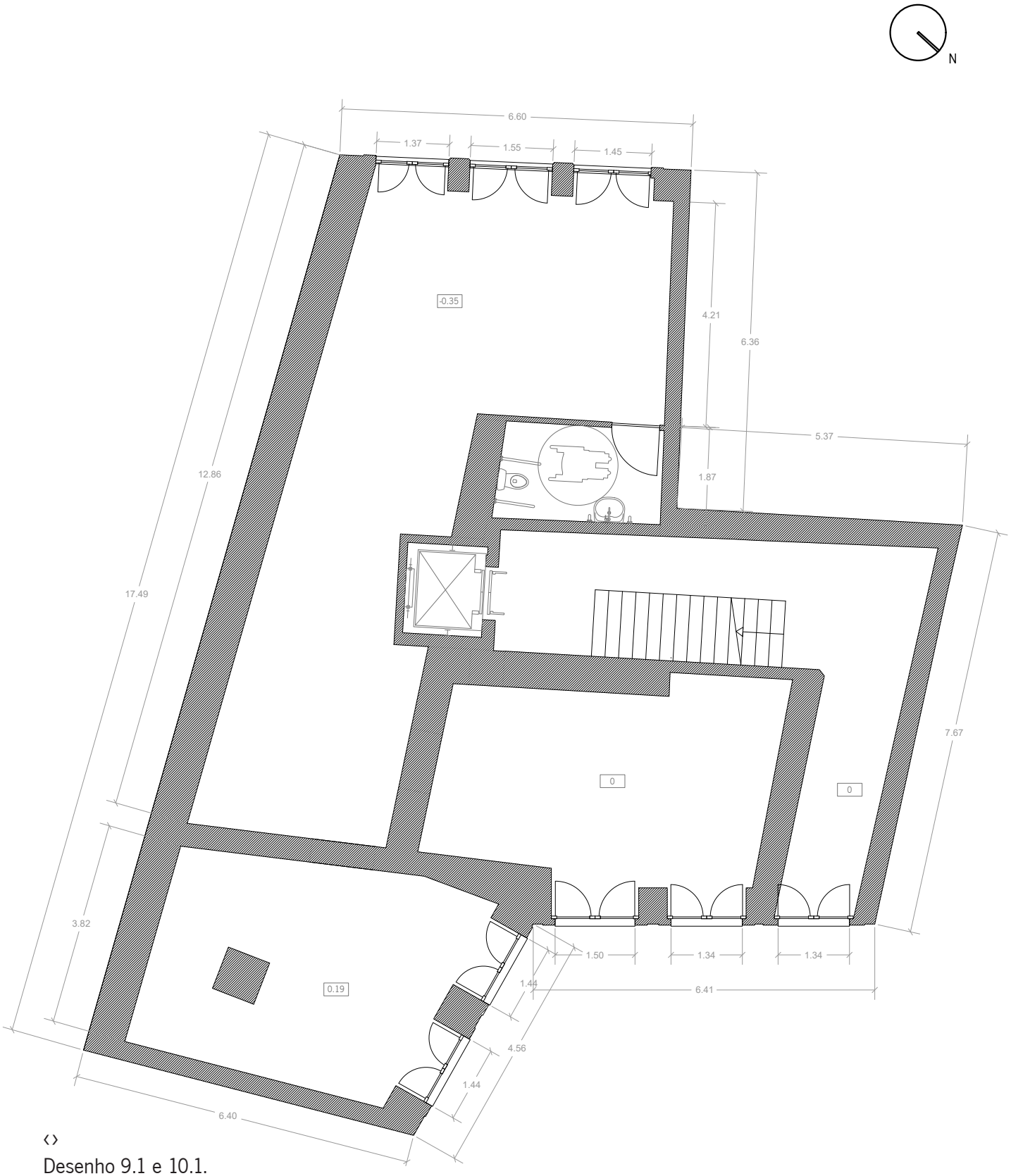
3.5 PROPOSTA FINAL DE PROJETO

Transitando para a fase projetual, ainda que se tenha feita toda a pesquisa anterior, a prioridade inicial consiste na averiguação dos requisitos que serão necessários cumprir para que o edifício seja utilizado na atualidade. Logo de início a importância das acessibilidades, mesmo tratando-se de um edifício antigo é pertinente existirem as dimensões mínimas para a locomoção de qualquer pessoa, uma vez que oque o edifício não cumpre as normas. Primeiro a necessidade de colocar um ascensor para acesso vertical aos 5 pisos. Optou-se por uma solução que estabelecesse um diálogo entre o contemporâneo e o histórico, posicionando a entrada do ascensor na antiga porta com moldura em pedra – elemento único no edifício – localizada no primeiro piso. A partir dessa decisão colocou-se o ascensor em todos os pisos alinhados e, portanto, houve urgência em reorganizar os espaços agora perturbados pelo novo elemento.

Para questões de aproveitamento de espaço e facilidade no sistema de redes de águas residuais colocaram-se as instalações sanitárias num eixo vertical comum posterior à caixa do ascensor. Também se cria um eixo horizontal em que se observa, instalações sanitárias – acessos – instalações sanitárias, que acontece em todos os pisos, excluindo pisos térreo e sótão.

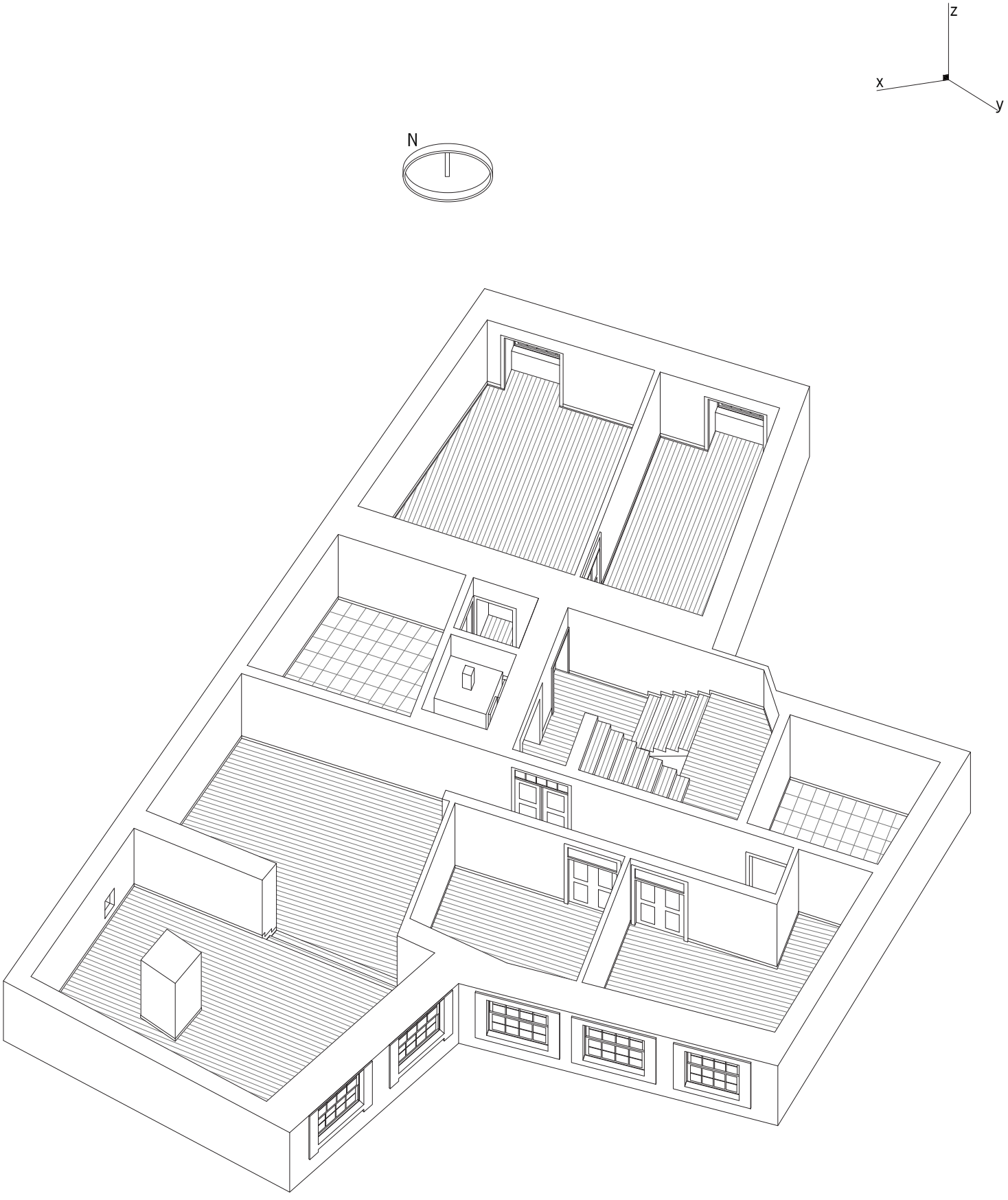
Nas questões do comércio, no piso do rés-do-chão, optou-se por encerrar as ditas aberturas em paredes estruturais e retomar a sua configuração original, criando assim três espaços de comércio, sendo dois de pouca

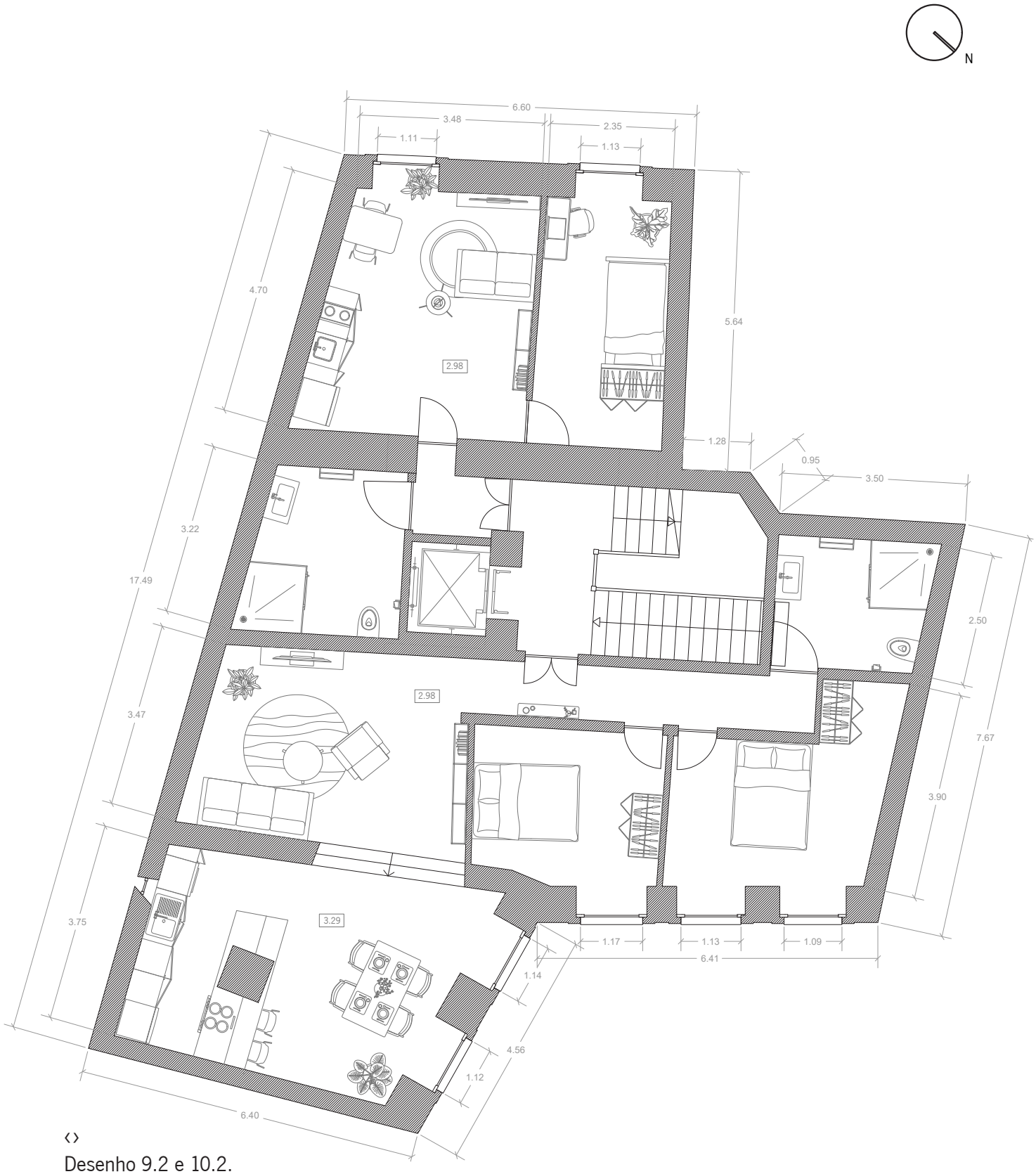

z
x
y
N



‹›

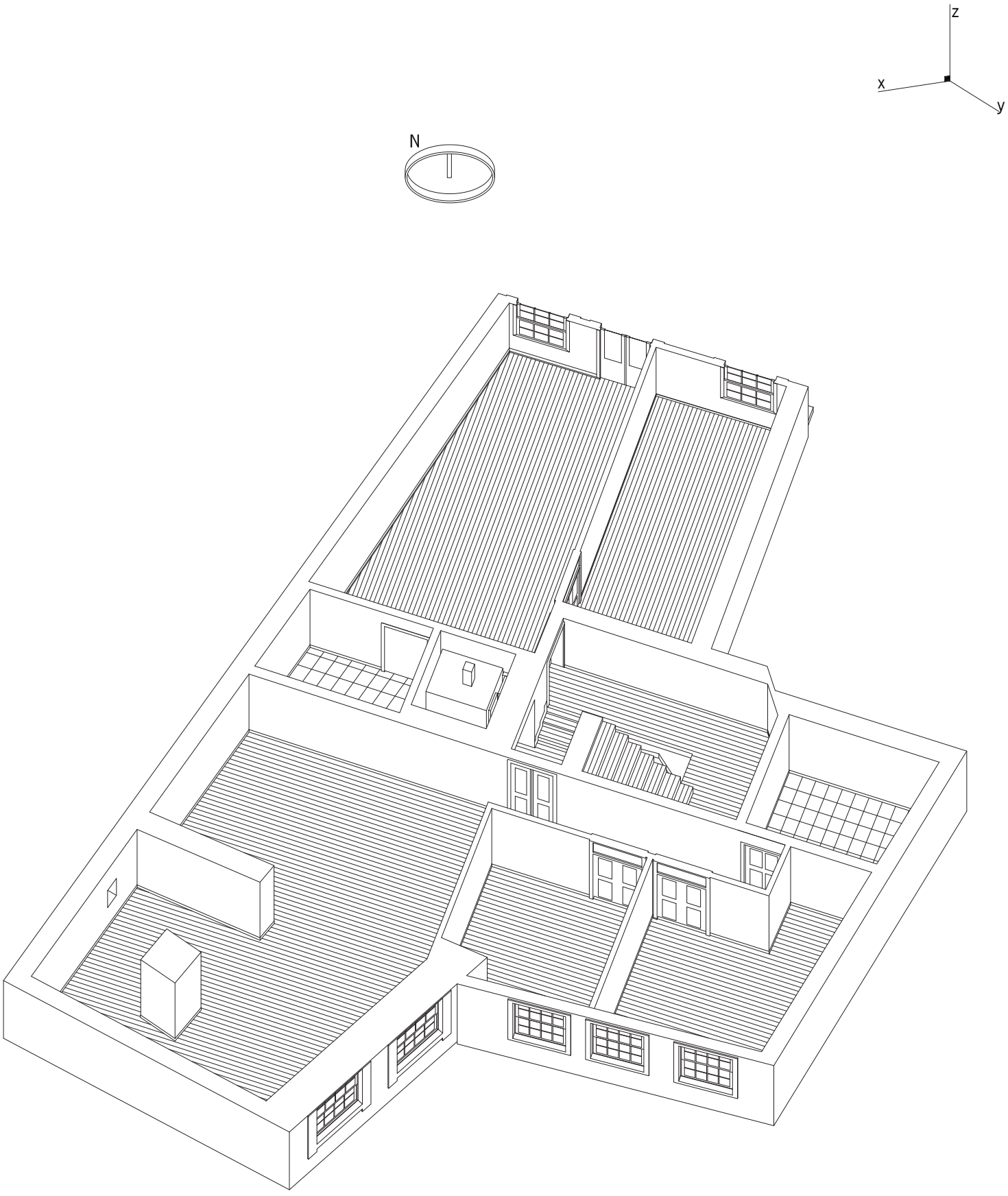
Desenho 9.1 e 10.1.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso 0
Escala: 1:100

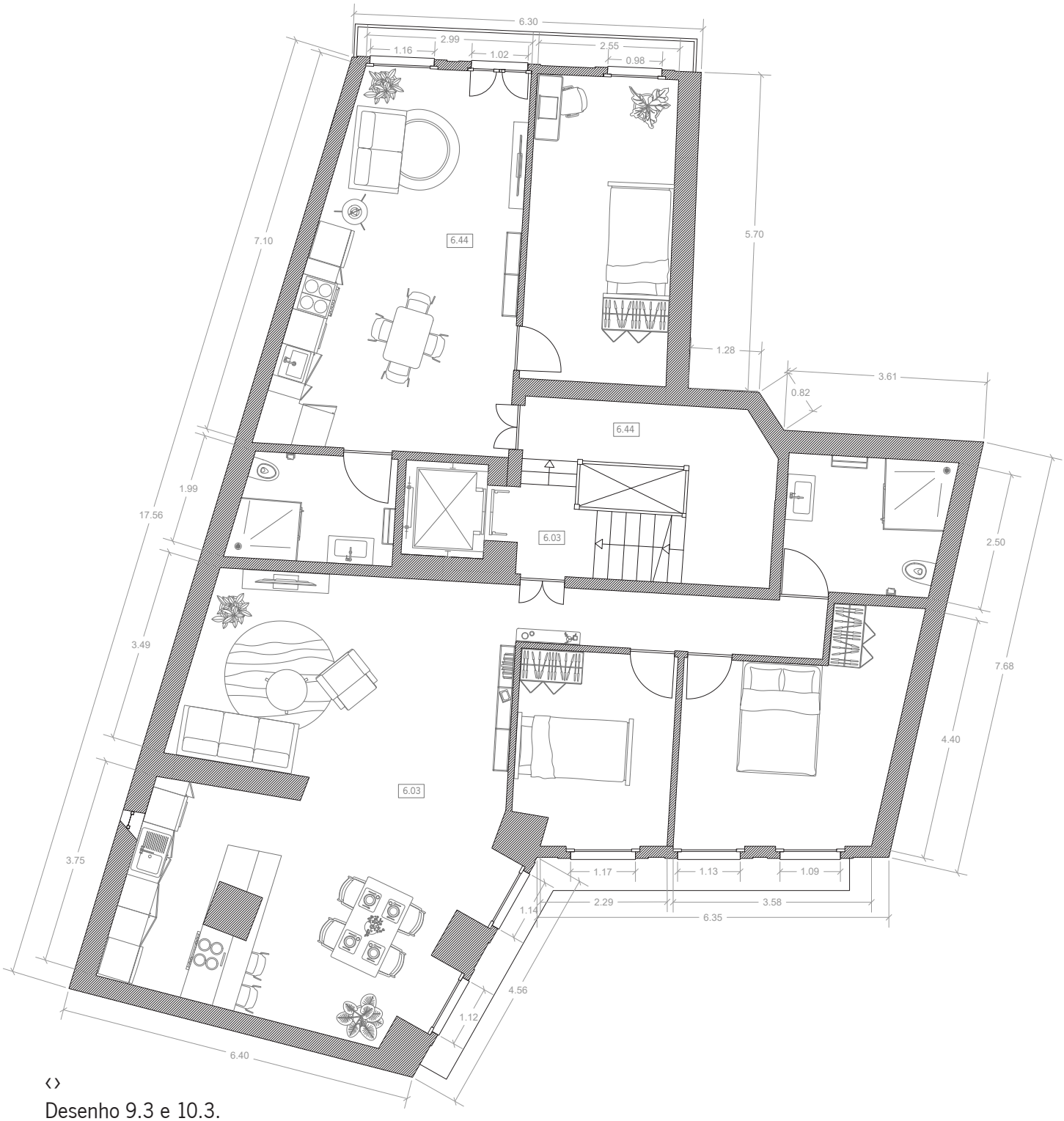

z
x
y
N



‹›

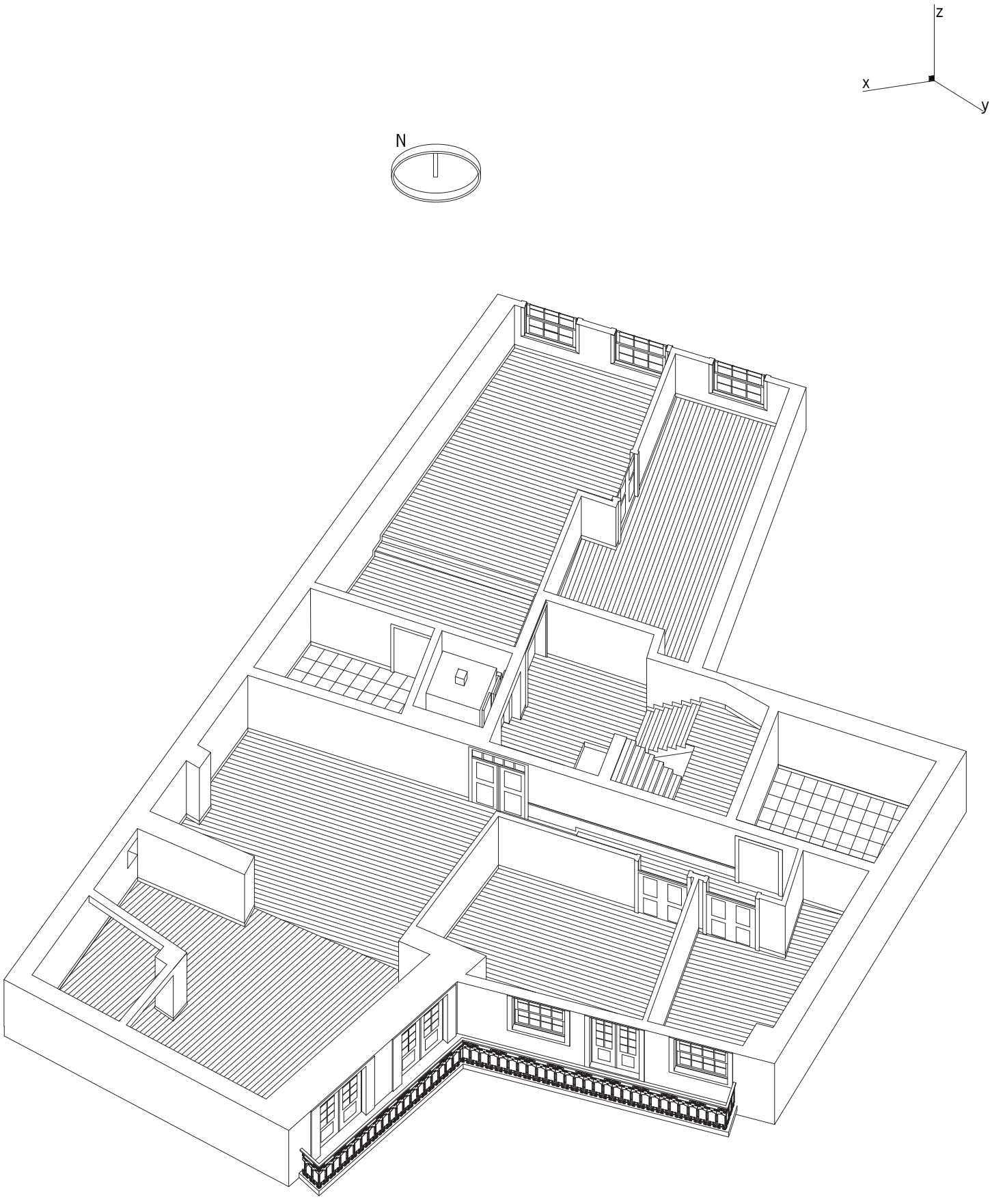
Desenho 9.2 e 10.2.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso 1
Escala: 1:100

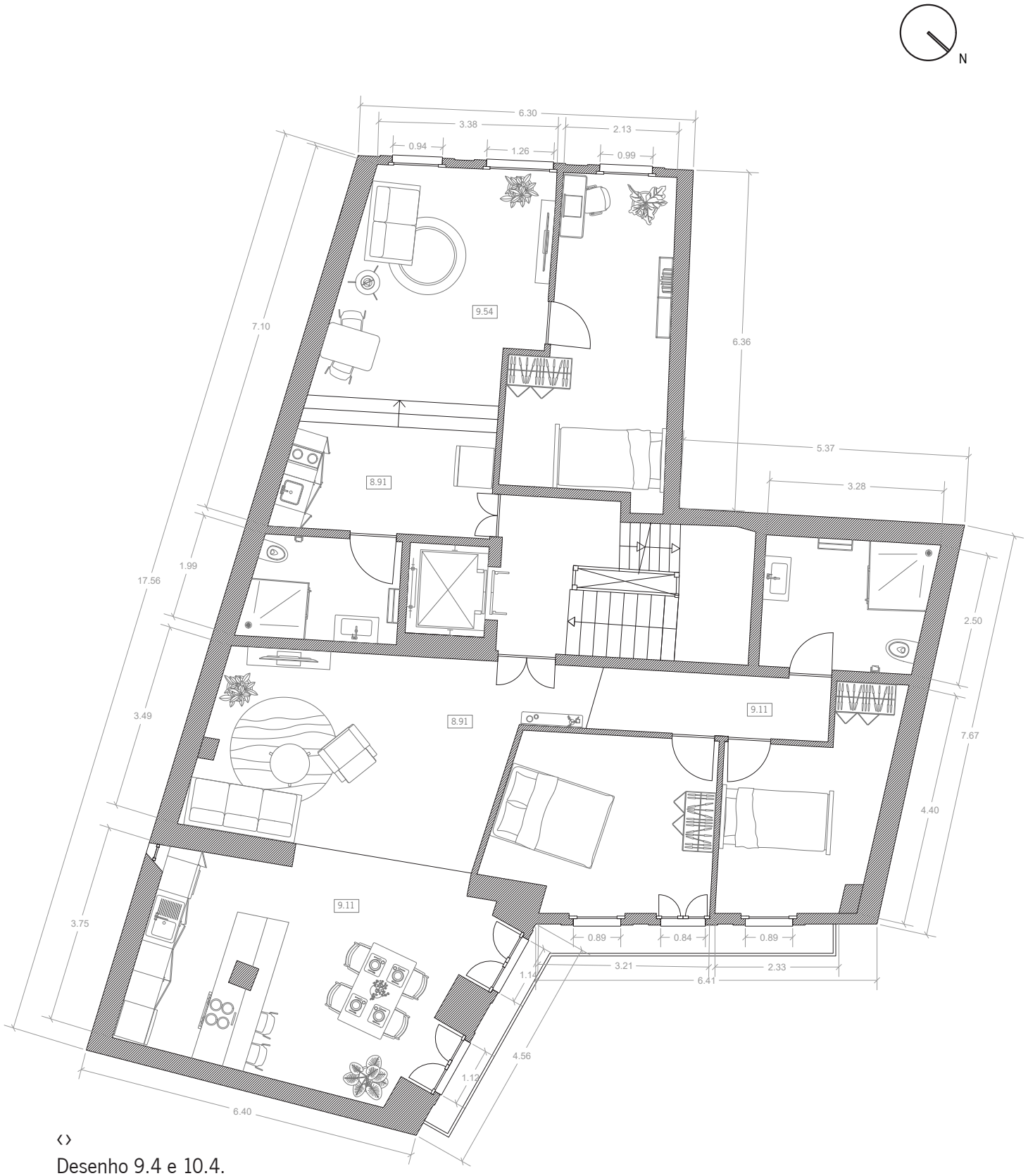

z
x
y
N



‹›

Desenho 9.3 e 10.3.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso 2
Escala: 1:100


z
x
y
N



‹›

Desenho 9.4 e 10.4.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso 3
Escala: 1:100

permanência e o outro de alguma permanência, agora mais amplo e que inclui uma casa de banho. Essa área teve de ser reorganizada de acordo com a nova passagem de acesso ao ascensor e também com o intuito de se poder inserir uma casa de banho para mobilidade reduzida. A entrada ao edifício continua a mesma, as mudanças surgem no novo corredor junto às escadas de acesso ao elevador, como já mencionado. Pelo facto da primeira escadaria se encontrar reabilitada, não foi necessário intervir.

O primeiro piso continuará a manter duas frações, um T1 a sudoeste e um T2 a norte. A disposição dos espaços sofreu alterações para cumprir os requisitos. Aumentou-se a largura das passagens, eliminaram-se passagens para melhorar a circulação na zona de acessos, aumentaram-se as casas de banho, abriram-se e fecharam-se vãos para maior entrada de luz na sala, criando espaço comum de cozinha/sala e assim aproveitarem a luz dos vãos a nordeste.

Nos dois seguintes pisos, as mudanças continuaram pela mesma lógica, remetendo a tipologias iguais. Criaram-se alinhamentos e reduziu-se a compartimentação de espaços, tornando as áreas amplas e fluidas.

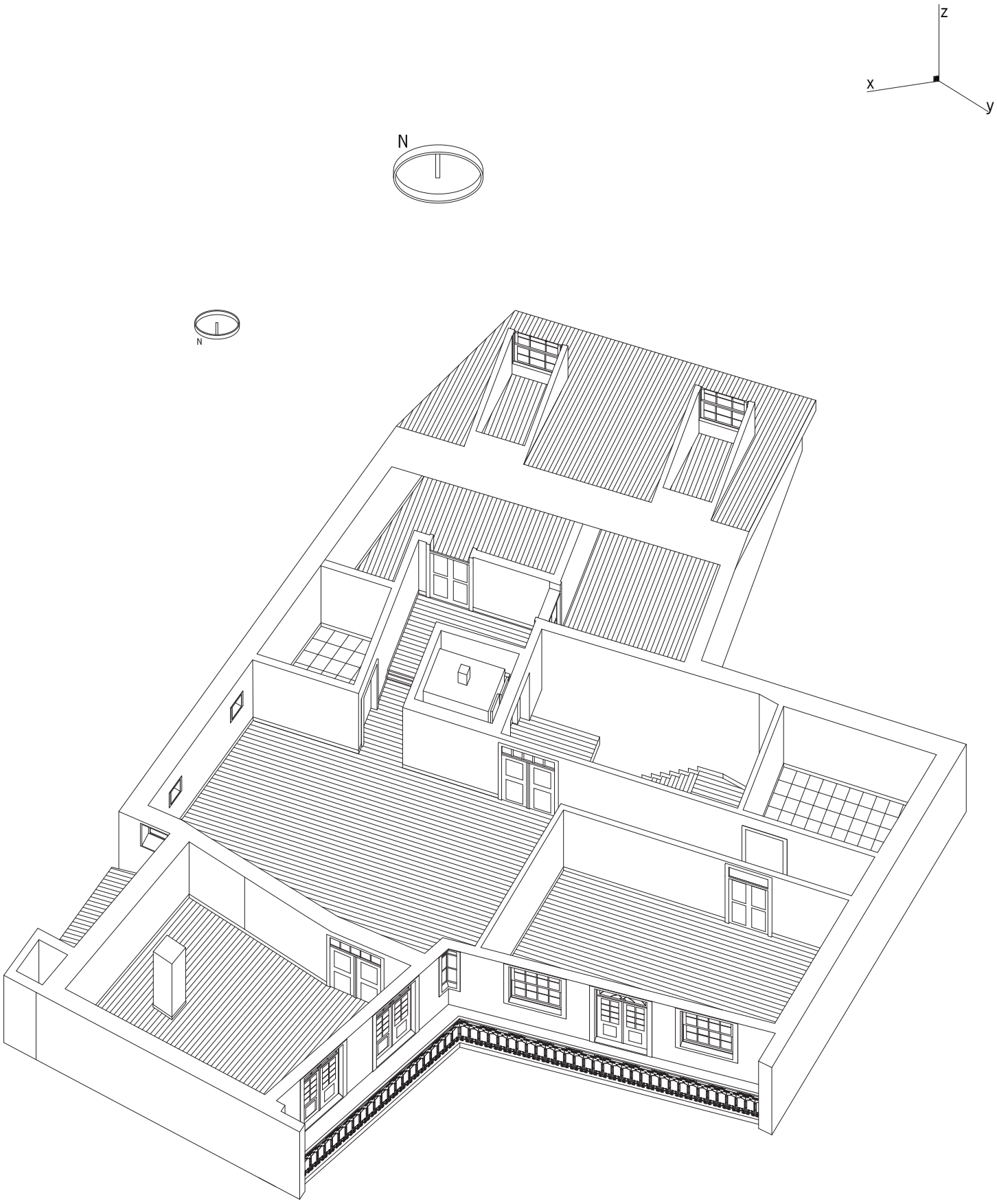
O piso 4 sofreu as maiores alterações, por ocupar todo o perímetro do edifício, criando-se um T3. A entrada ao fogo não se situa no mesmo sítio, para que os acessos fossem alargados, seguros e existisse maior iluminação da caixa de escadas. O apartamento tem bastante iluminação natural excluindo as duas casas de banho, que são interiores. Criaram-se duas mansardas idênticas do lado sudoeste para dois novos quartos. O acesso ao sótão foi repensado, substituindo-se a escada degradada por uma solução retráctil, convertendo este espaço numa área de arrumação e de potencial lazer.

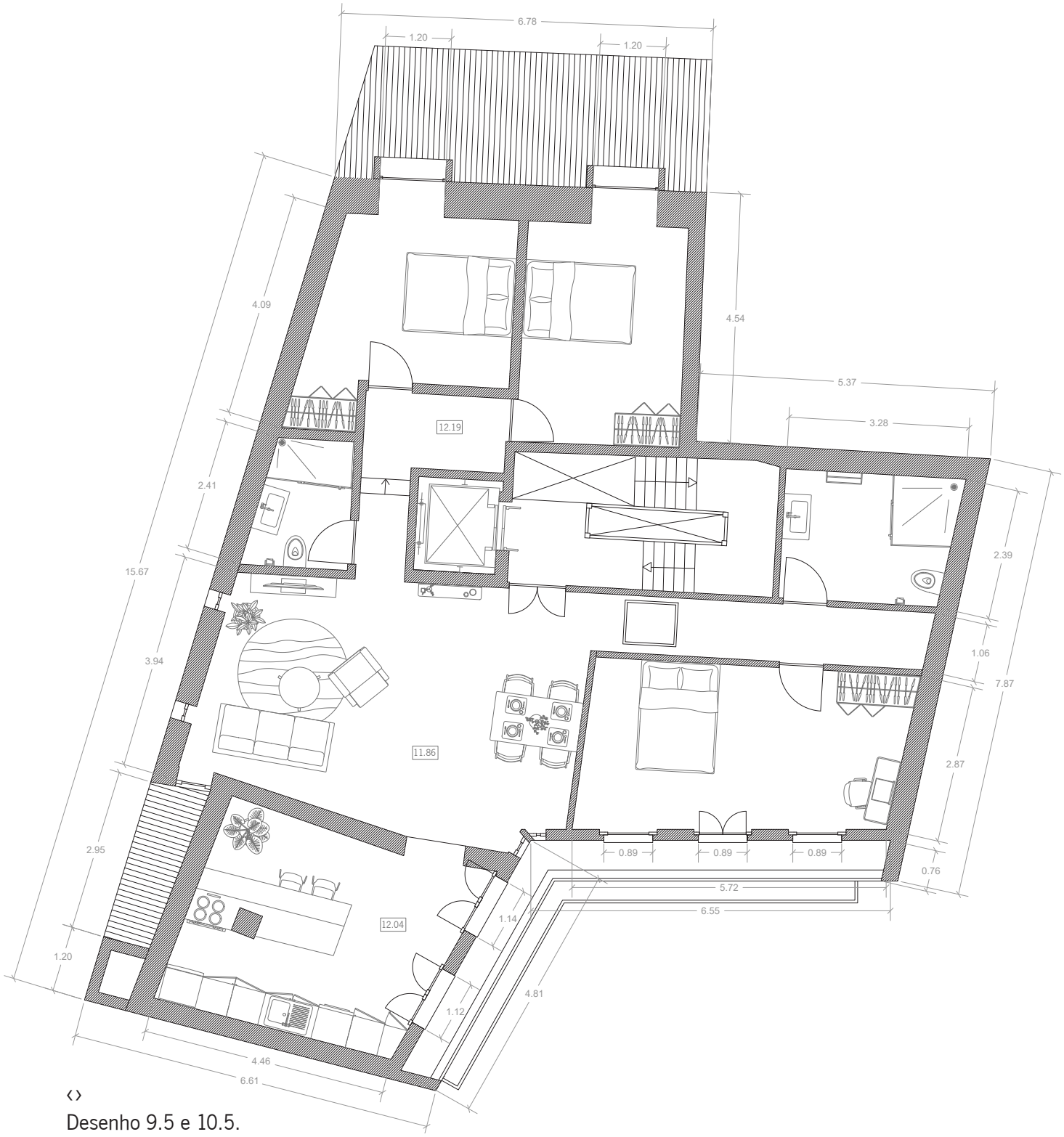
A intervenção nas fachadas adotou uma abordagem conservadora, limitando-se a trabalhos de limpeza e conservação dos materiais, com pequenas reparações pontuais. Na fachada sudoeste, como não se

pode modificar, sugeriu-se retirar a janela do piso térreo para voltar a ter uma portada ampla, seguindo a métrica original do edifício.

Ao nível dos remates tenciona-se reproduzir os mesmos ao longo da nova proposta, assim como as portas duplas com bandeira transparente e a estereotomia elaborada dos tetos.

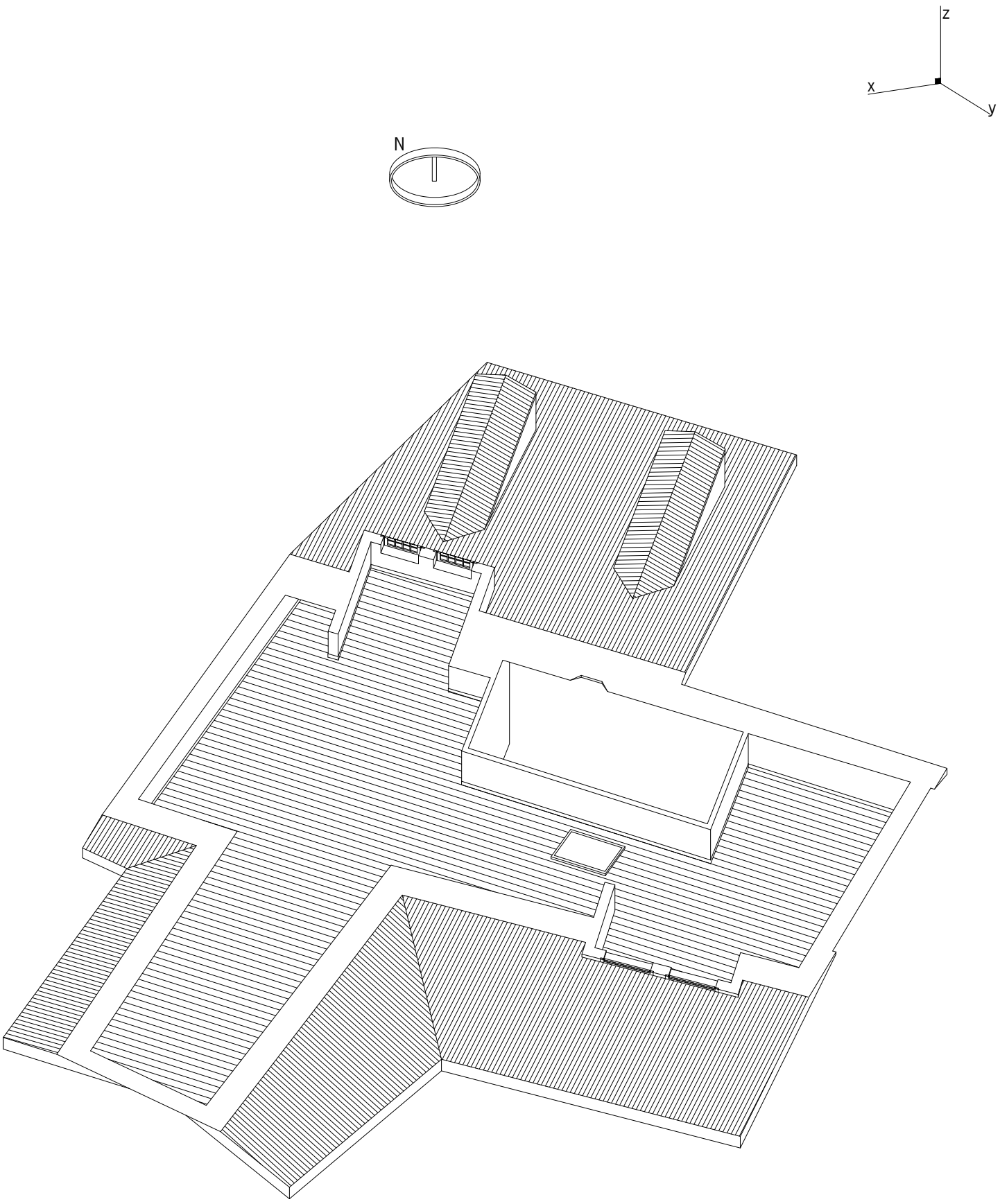
Todo o processo foi rigorosamente orientado pelas normas e regulamentações vigentes, incluindo as orientações da Câmara Municipal, a legislação atualizada e o cumprimento do Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU). Este rigor assegura que os espaços reabilitados sejam acessíveis, funcionais e confortáveis. Esta proposta representa uma das possíveis abordagens à reabilitação do edifício.

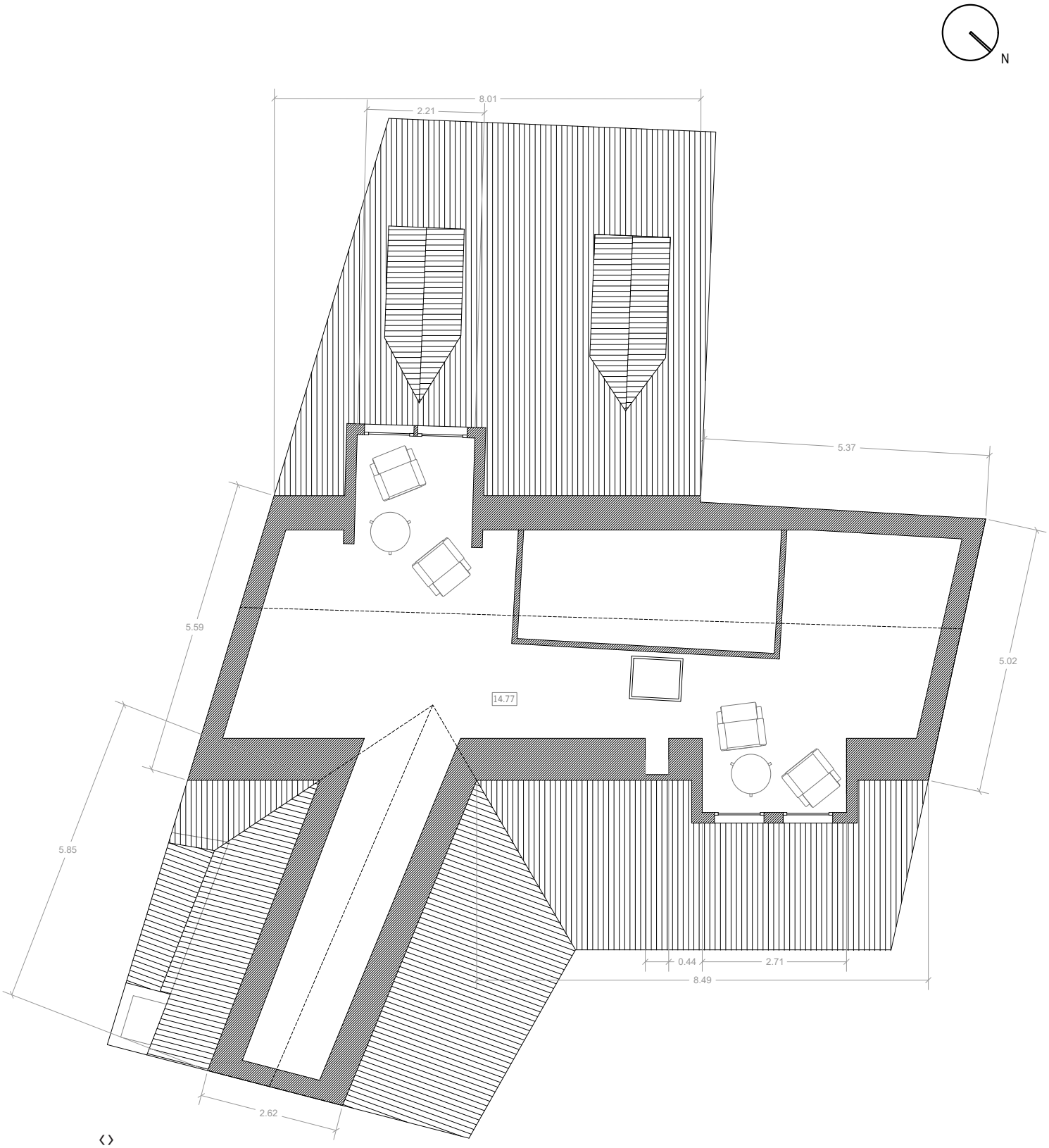

z
x
y
N
N



‹›

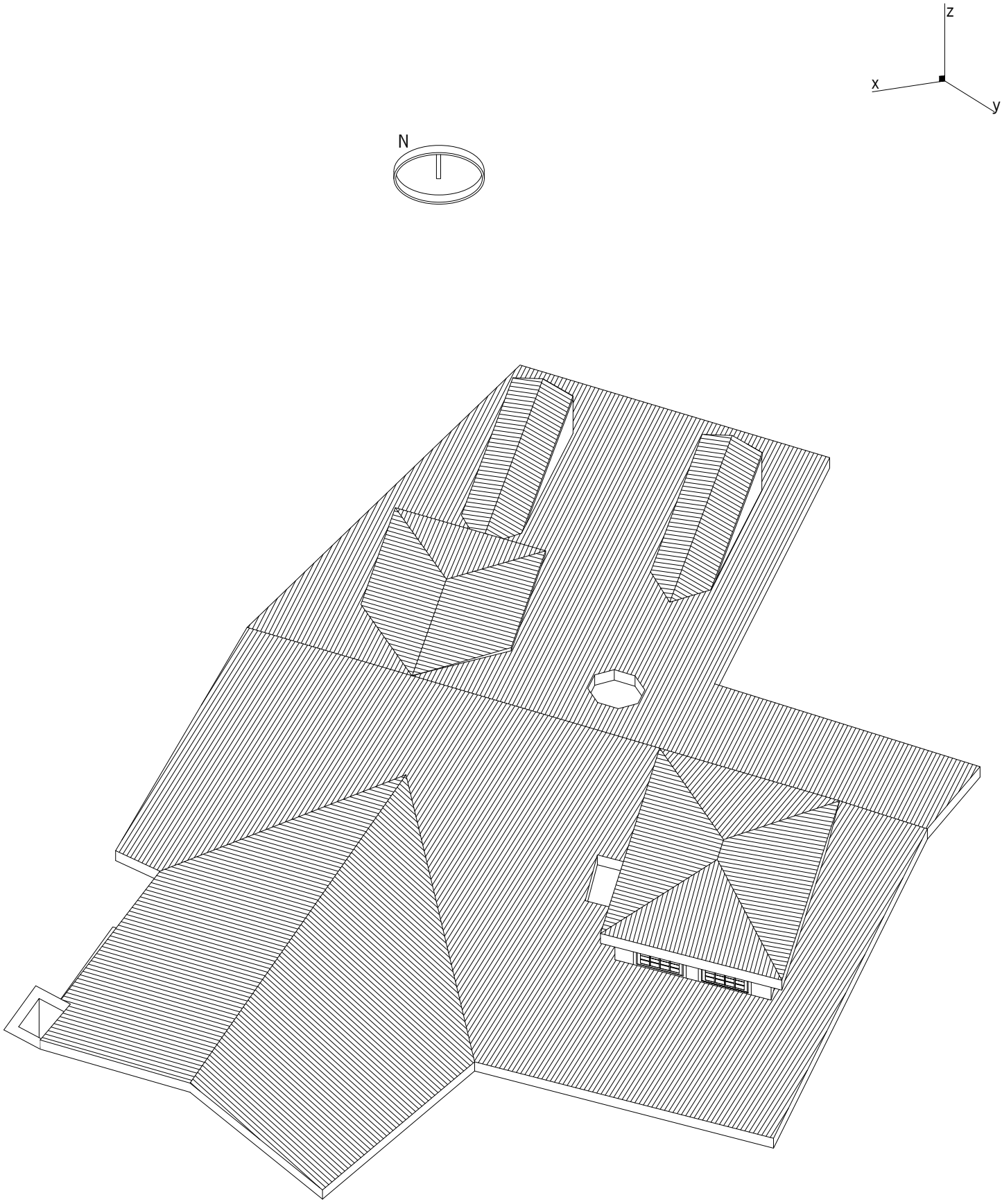
Desenho 9.5 e 10.5.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso 4
Escala: 1:100

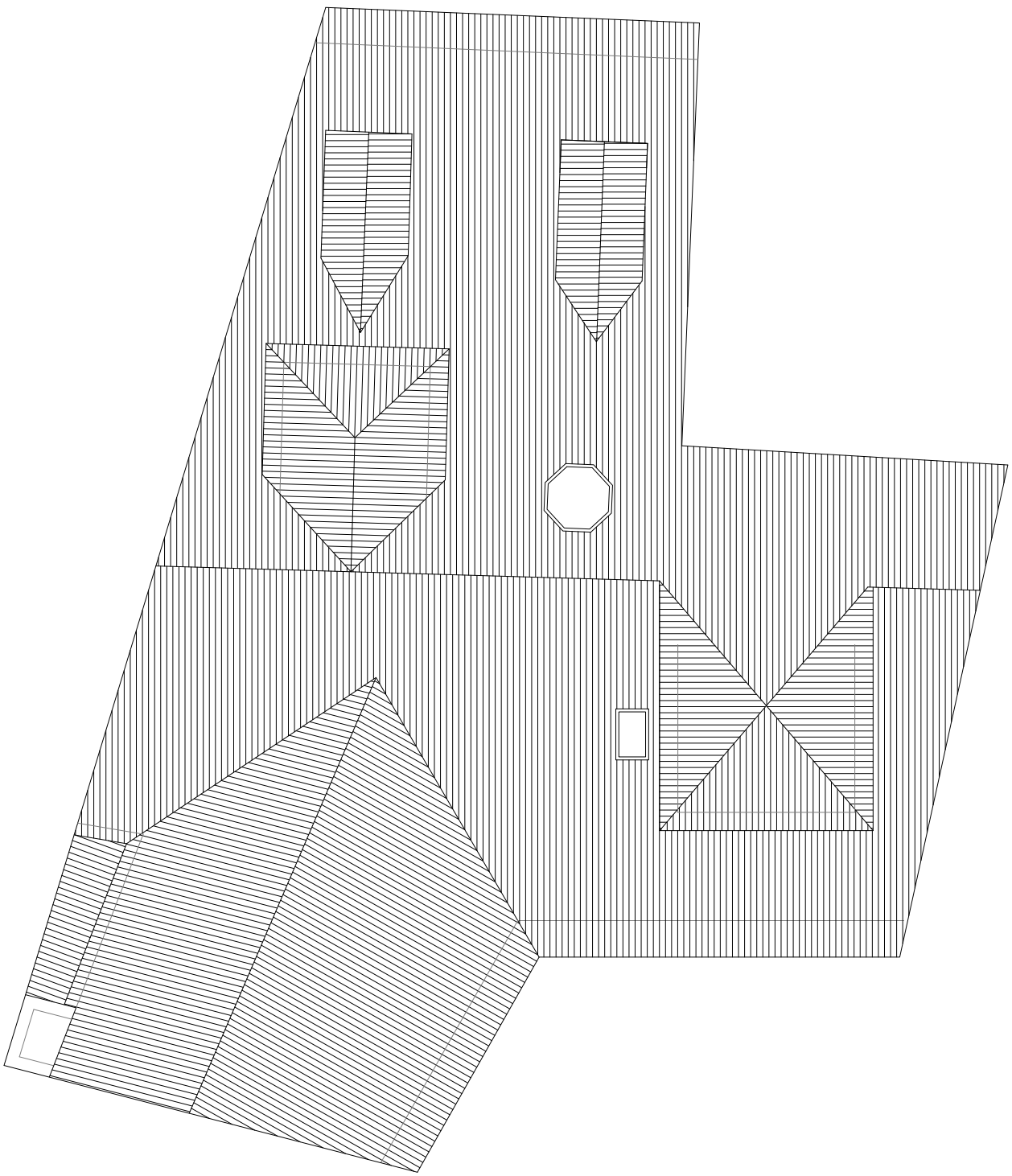

z
x
y
N



‹›

Desenho 9.6 e 10.6.
Axonometria e planta do piso da configuração de projeto do Piso Sótão
Escala: 1:100


z
x
y
N



‹›

Desenho 9.7 e 10.7.
Axonometria e planta do piso
da configuração de projeto da
Cobertura
Escala: 1:100

3.6 VERIFICAÇÃO ATRAVÉS DA IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES DEMOLIDAS (AMARELOS) E DAS PARTES ACRESCENTADAS (VERMELHOS)

Após a realização do projeto, aplica-se as plantas de vermelhos e amarelos para compreender as mudanças significativas da intervenção. Estas peças desenhadas constituem um elemento fundamental na documentação arquitetónica, permitindo uma leitura clara e imediata das alterações propostas em relação à estrutura existente. A convenção cromática utilizada - vermelho para elementos a construir e amarelo para elementos a demolir - estabelece um código visual universalmente reconhecido no contexto da arquitetura. De acordo com o livro "Yellowred – On reused Architecture" de Martin Boesch, Laura Lupini e João F. Machado:

*"Behind Yellowred, there is a strong, shared belief that talking about architecture today, is intrinsically talking about the careful process of reactivating existing buildings that have lost their use in the meantime or even their sense of existence; no matter whether they are listed buildings or not, industrial compounds or simply forgotten suburban housing blocks, our goal is to illustrate the enormous potential that a no longer in use, abandoned, or neglected building holds." (*Boesch, Lupini e Machado, 2017, p.9)

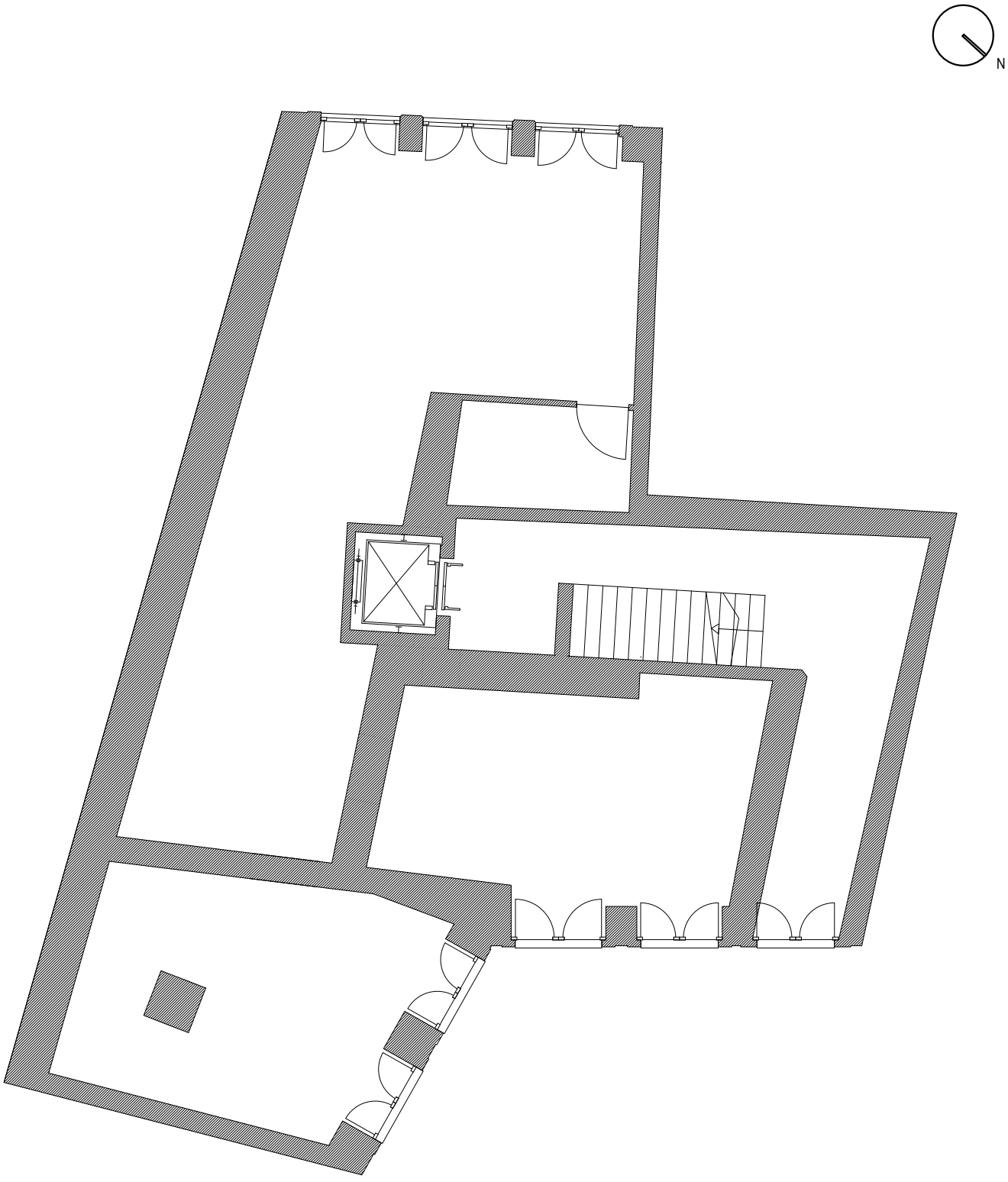
O processo consistiu no raciocínio necessário para que o edifício pudesse ser utilizado na atualidade, tendo recorrido à remoção de partes originais. Esta decisão projetual fundamenta-se na necessidade

de adequação às exigências contemporâneas, sejam elas normativas, funcionais ou programáticas. A remoção de elementos originais deve, contudo, ser precedida de um rigoroso processo de análise e documentação, garantindo que a memória da preexistência não se perde irremediavelmente.

"(...) every single existing building constitutes a specific "starting point" and despite its age or historical value, the richness of the project comes from the ability of architects to avoid dogmatic or preconceived strategies, understanding the qualities and rules of existing constructions, pursuing continuity and/or carefully reinterpreting them. (...) but will help to read and understand projects, illustrating what architects found before they started their work, what parts they decided to "sacrifice", and what was added, using the Yellowred representation code." (Boesch, Lupini e Machado, 2017, p.10)

É imperativo que qualquer intervenção feita seja reconhecida enquanto tal, rejeitando categoricamente qualquer tentativa de falsificação histórica. A distinção entre elementos originais e posteriores deve ser claramente evidenciada através da diferenciação no acabamento da materialidade, criando uma leitura clara do edifício que permita compreender as diferentes fases da sua evolução.

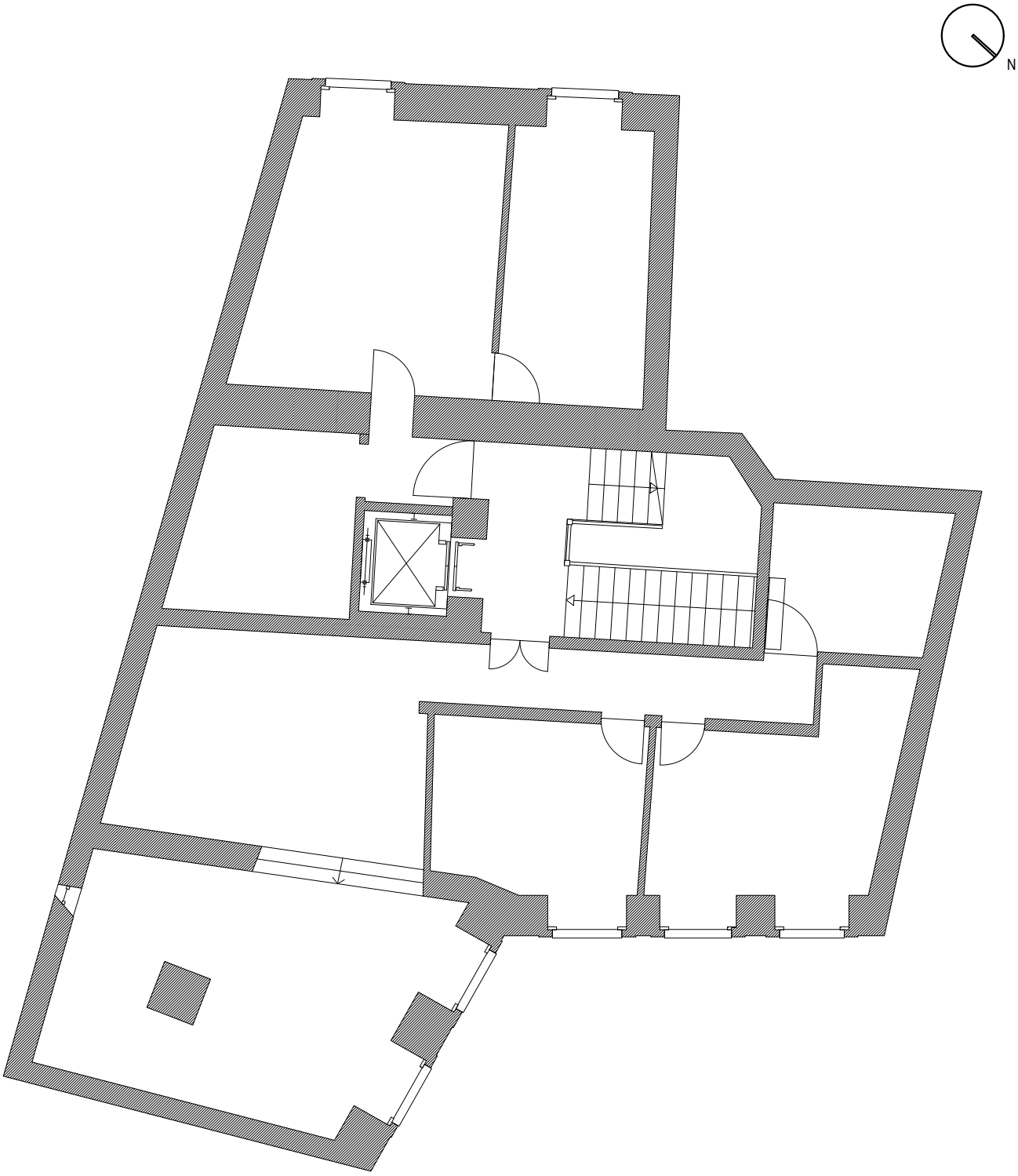




‹›

Desenho 11.1.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso 0
Escala: 1:100

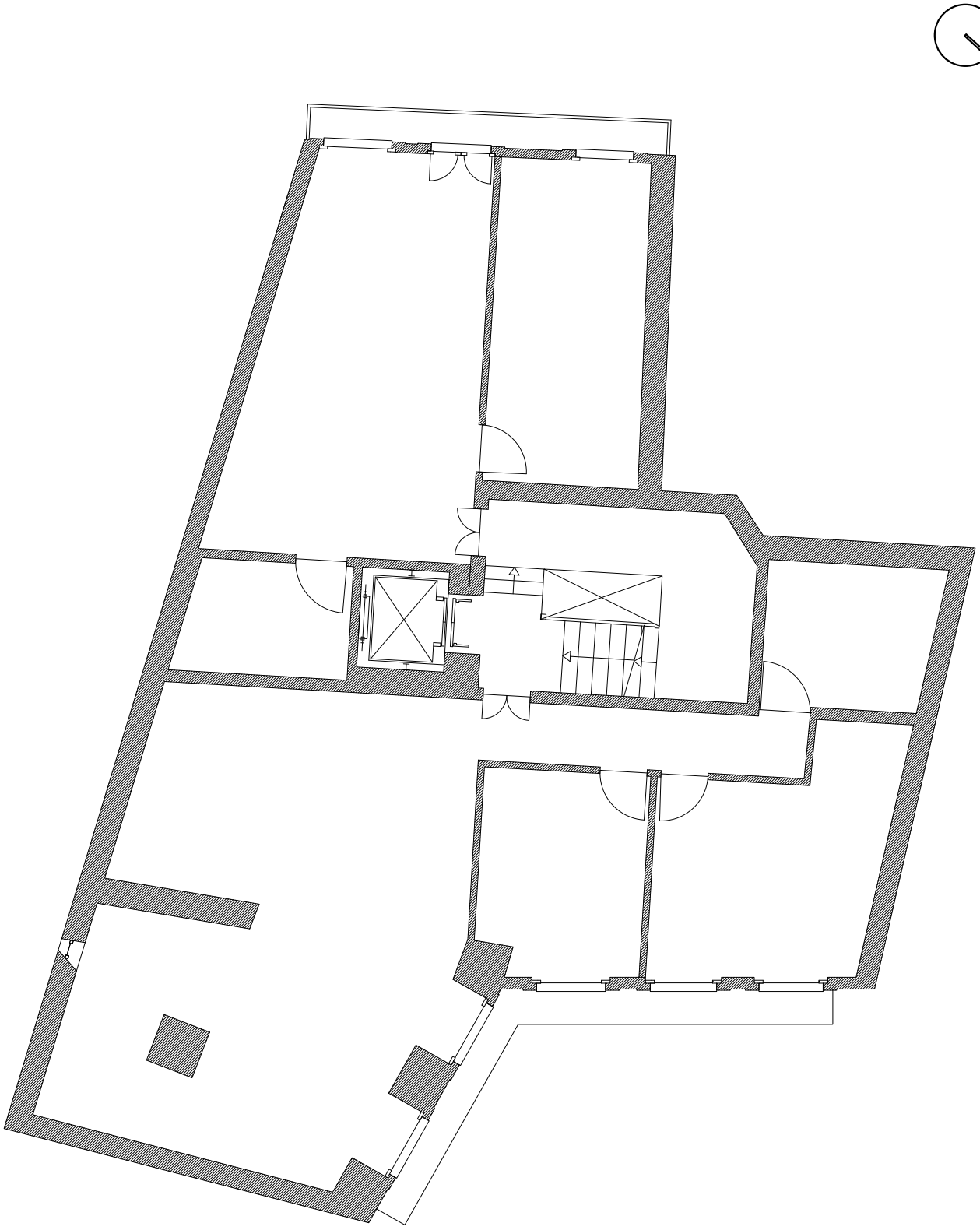




‹›

Desenho 11.2.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso 1
Escala: 1:100

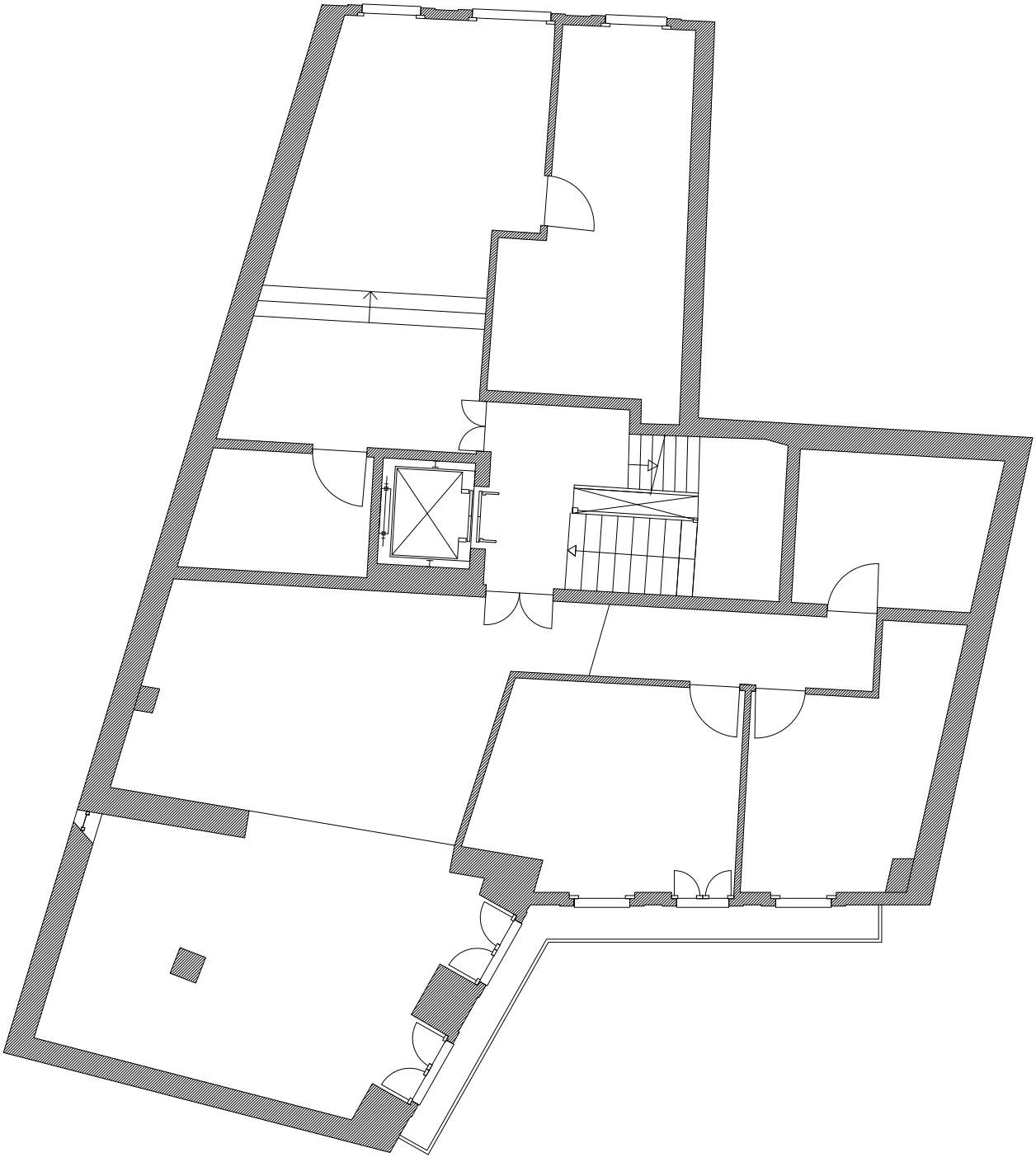




‹›

Desenho 11.3.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso 2
Escala: 1:100

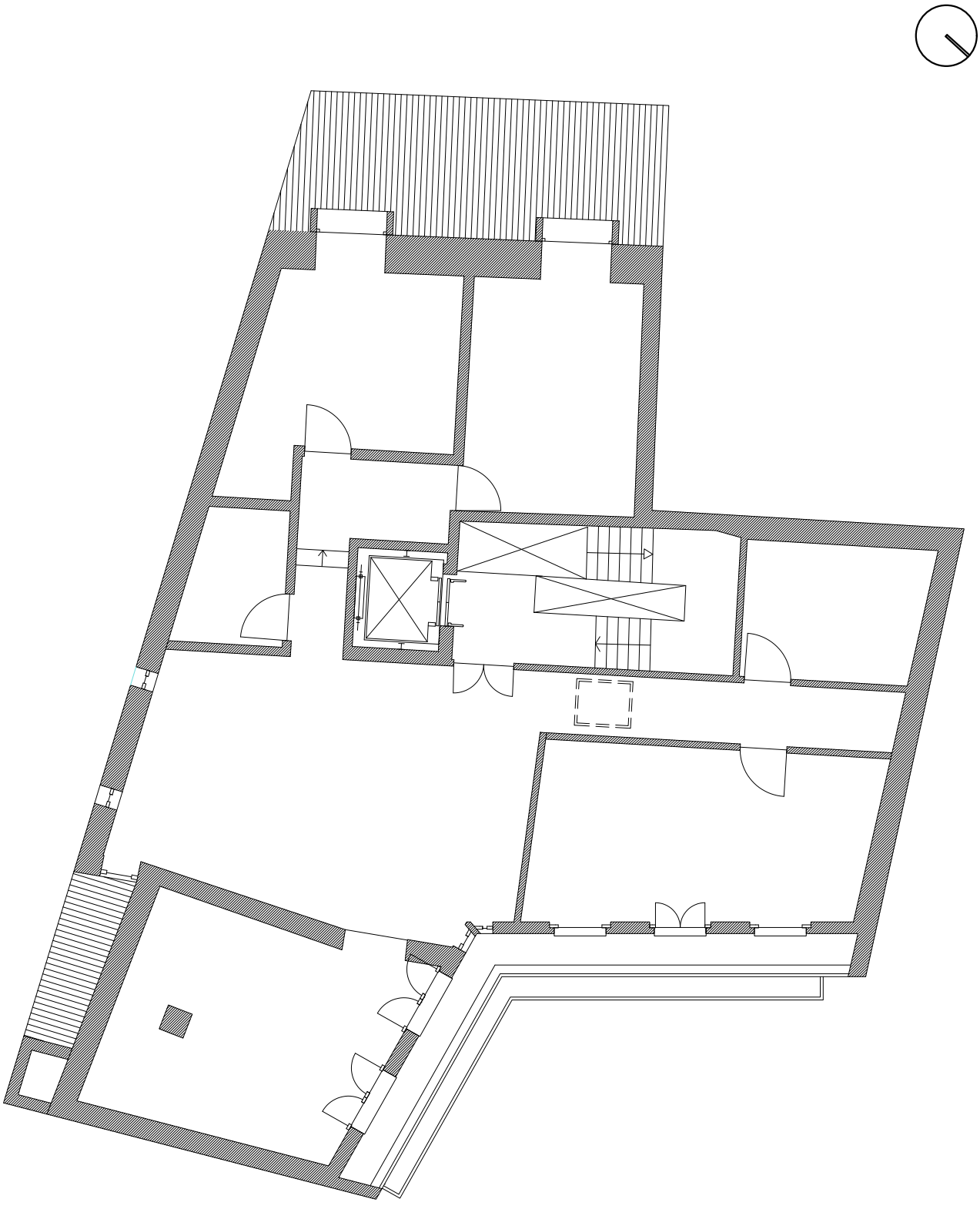




‹›

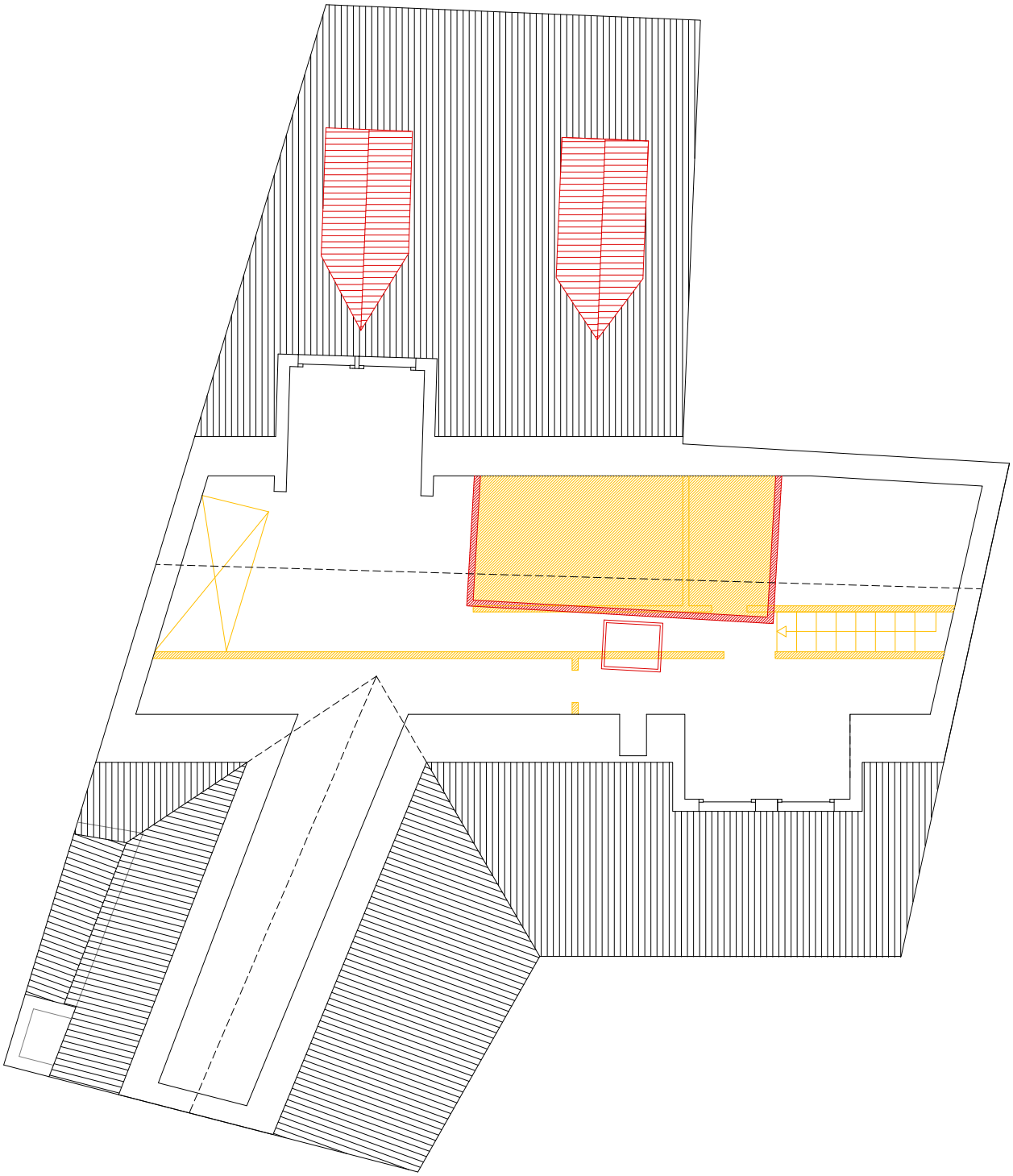
Desenho 11.4.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso 3
Escala: 1:100

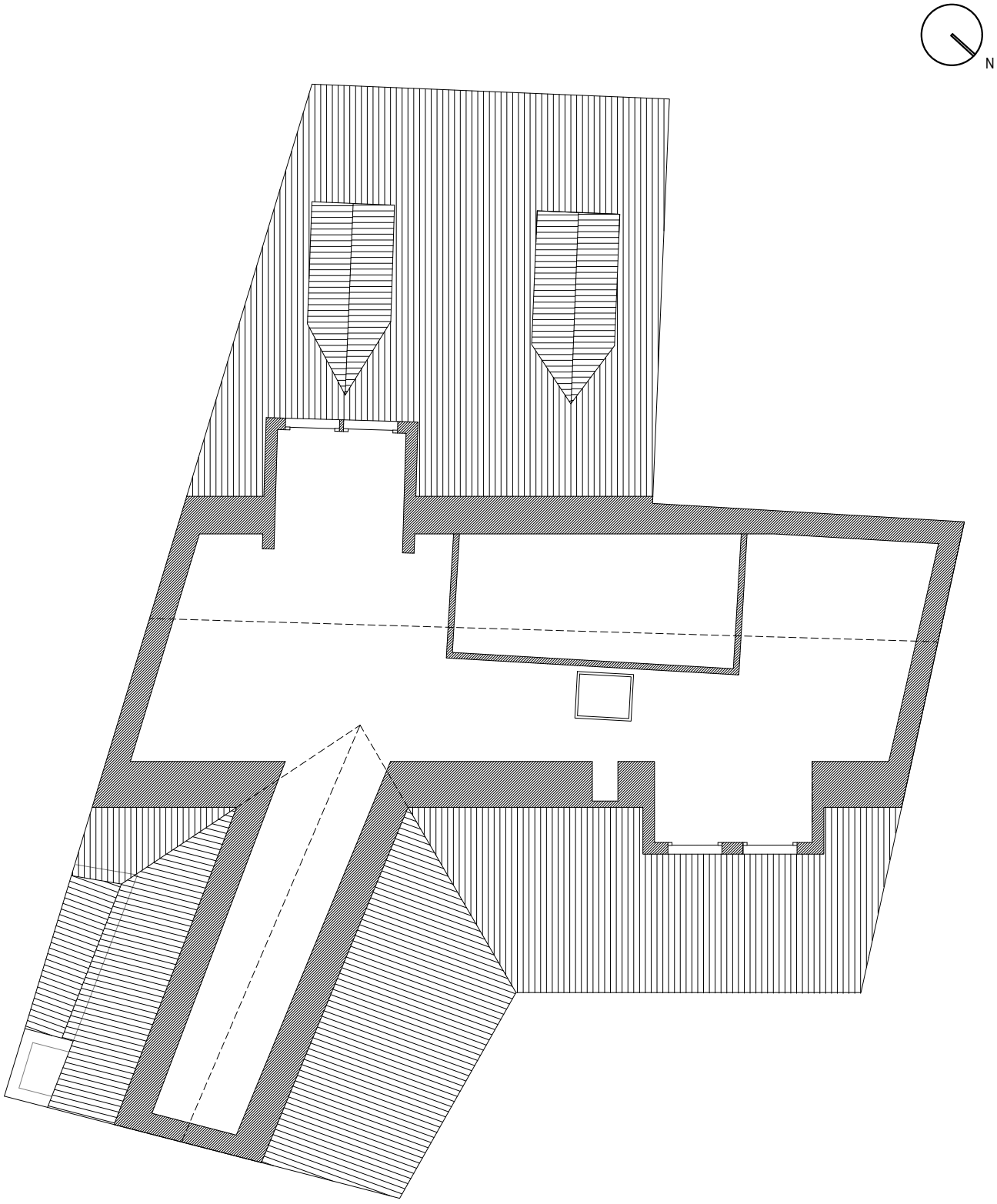




‹›

Desenho 11.4.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso 4
Escala: 1:100





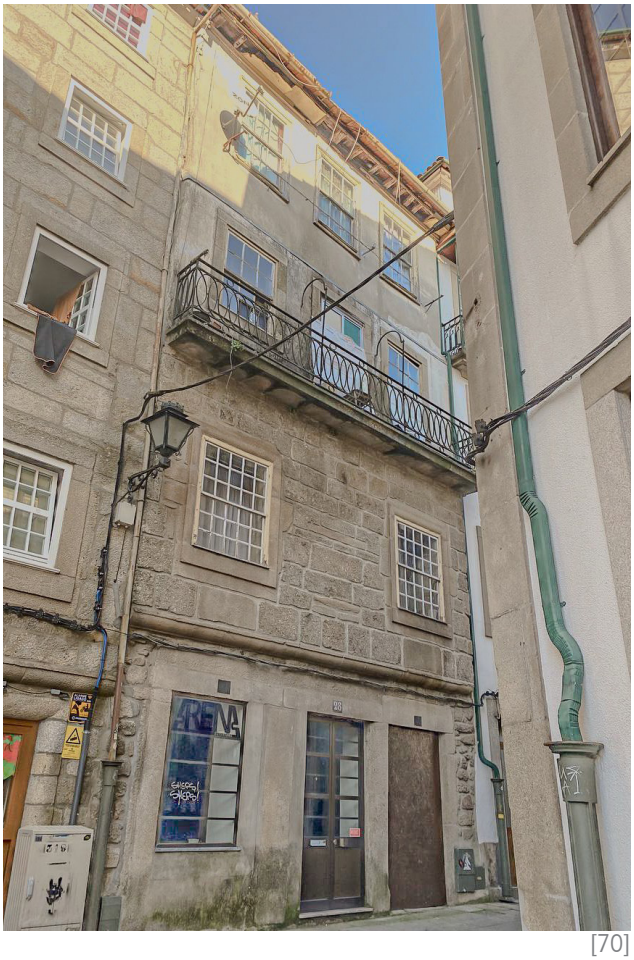
‹›

Desenho 11.5.
Plantas sobrepostas dos amarelos
e vermelhos como verificação de
projeto do Piso Sótão
Escala: 1:100

REFLEXÃO FINAL E APLICABILIDADE DA METODOLOGIA



[69]



[70]

A aplicação metodológica integral revelou-se fundamental na análise aprofundada do edifício, proporcionando uma clareza interpretativa que permitiu identificar elementos arquitetónicos que, de outro modo, poderiam ter sido inadvertidamente negligenciados durante o processo de reabilitação. Muito embora determinadas etapas metodológicas não apresentem carácter vinculativo, a sua execução revela-se crucial para uma compreensão holística do objeto de estudo. É fundamental reconhecer que qualquer intervenção de reabilitação constitui um processo intrinsecamente complexo, caracterizado por decisões críticas e frequentes necessidades de adaptação projetual face aos desafios emergentes.

A metodologia de reabilitação demonstra, fundamentalmente, que o processo constitui um exercício de equilíbrio delicado e meticuloso. A impossibilidade de preservação integral das características originais implica necessariamente a adoção de soluções de mediação, procurando uma harmonização criteriosa entre os elementos preexistentes e as novas intervenções necessárias, salvaguardando sempre o valor patrimonial do conjunto edificado.

O quadro metodológico proposto apresenta uma versatilidade que permite a sua aplicação em diversas tipologias de intervenção no âmbito da reabilitação. O objetivo inicial consiste na compreensão aprofundada do edifício, iniciando pela investigação histórica através da análise morfológica das fachadas e da disposição do espaço, identificando os elementos caracterizadores e diferenciadores do caso de estudo. Esta procura permite hierarquizar os diversos componentes do edificado segundo a sua relevância patrimonial, possibilitando posteriormente uma resposta adequada às exigências contemporâneas de habitabilidade, culminando numa proposta projetual que sintetiza e incorpora todos os valores, tangíveis e intangíveis, que influenciaram a solução arquitetónica final.

A adoção rigorosa desta metodologia proporciona um conjunto de instrumentos e conhecimentos fundamentais para navegar com

‹
Imagens 69 e 70.
Rua Grão Vasco (1960)
Rua Grao Vasco (2025)



[71]



[72]

maior segurança no complexo processo que constitui a reabilitação arquitetónica. Importa salientar que a ausência de condições adequadas de habitabilidade num edifício compromete intrinsecamente o seu valor patrimonial, sendo este um princípio que deve orientar qualquer intervenção de reabilitação.

‹

Imagens 71 e 72.
Largo da Misericórdia (s.d.)
Caso de estudo visto por detrás da Fonte das Três Bicas (2025)

BIBLIOGRAFIA

Sistema APA

Almeida, C., M. (2017). *Avaliação da sustentabilidade em ações de reabilitação de edifícios em núcleos urbanos antigos.* [Tese de Mestrado] Universidade de Coimbra. Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/83413/1/Avaliação da sustentabilidade em ações de reabilitação de edifícios em núcleos urbanos antigos.pdf

Almeida, M. F. (2018). *Continuidade e Transformação. Projecto de reabilitação do edifício do antigo Orfeão de Viseu.* [Tese de Mestrado] Repositório Aberto da Univerdade do Porto.

Azevedo, C. (1975). *Arte Monumental Portuguesa - 4ºVol.* Edição do autor. Porto.

Blanco, J., R. (2008). *De Varia Restauratione: Teoría e Historia de la Restauración Arquitectónica, «Lecturas de Arquitectura»*. Abada Editores. S.L., Madrid.

Boesh, M., Lupini, L., Machado, J. F. (2017). *Yellowred - On Reused Architecture. Vol.1.* Silvana Editoriale /Mendrisio Academy Press.

Caniggia, G., Maffei, G., L. (2001). *Architectural Composition and Building Typology - Interpreting Basic Building.* trad. Fraser, S., J., Editora ALINEA Editrice. Firenze.

Castilho, L. A. (2012). *A cidade de Viseu nos Séculos XVII e XVIII: Arquitetura e urbanismo* [Tese de Doutoramento]. Repositório Aberto da Universidade do Porto, Porto. http://hdl.handle.net/10216/67328

Choay, F. (2014). *Alegoria do Património, col. «Arte & Comunicação».* Edições 70. Lisboa.

Coelho, C., D. [coordenação] et al. (2014). *O Tempo e a Forma, vol. 2 de Cadernos de Morfologia Urbana*. Argumentum. Lisboa.

Custódio, J., & Curvelo, A. (2010). *100 anos de património: Memória e identidade: Portugal 1910 - 2010.* Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico.

França, J. A. (1990). *A arte em Portugal no Séc. XIX - Vol. II.* (3ªed) Bertrand Editora Lda. Lisboa.

Fernandes, F., B., (1999). *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: as formas da casa na forma da cidade.* Porto: FAUP Publicações.

Fernandes, J., M. (2000). A*rquitectura Portuguesa: Uma Síntese.* INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.

Freitas, V., P. (2012). *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos.* Ordem dos Engenheiros - Região Norte (OERN).

Jesus, P. P. (2015) *Centro Histórico de Viseu Reabilitação de Edifício na Rua do Comércio.* [Tese de Mestrado] Universidade da Beira Interior. Covilhã https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5274/1/4327_8305.pdf

Jokilehto, J. (1986). *A History of Architectural Conservation: The Contribution of English, French, German and Italian thought towards an International Approach to the Conservation of Cultural Property.* D.Phil Thesis. The University of York. Institute of Advanced Architectural Studies. England.

Kuipers, M., Jonge, W. (2017). *Designing from Heritage: Strategies for Conservation and Conversion.* Delft University of Technology. https://books.bk.tudelft.nl/press/catalog/book/521

Marques, Susana R. N. (2018). *Centro Histórico de Viseu, Viseu Novo, SRU: Proposta de reabilitação para Hostel* [Tese de Mestrado]. UBibliorum.. http://hdl.handle.net/10400.6/8250

Município de Viseu. (2020). *Ícones História de Viseu - O despertar do museu, Catálogo da Exposição.* https://www.mhcviseu.pt/documentos/Catalogo_Icones_de_Viseu.pdf

Oliveira, E., V., Galhano, F. (1994). *Arquitectura Tradicional Portuguesa* (2ª ed.). Publicações Dom Quixote. Lisboa.

Padrão, J., Guedes, J., M., Pinto, J., Arêde, A. (2020). *As paredes de tabique em Viseu -Detalhes construtivos e caracterização material.* https://www.researchgate.net/publication/347241045_As_

paredes_de_tabique_em_Viseu_-Detalhes_construtivos_e_caracterizacao_material_Tabique_walls_in_Viseu_-Constructive_details_and_material_characterization

Pereira, P. (1995). *História da Arte Portuguesa.* Círculo de Leitores. Lisboa.

Pipa, A., I. (2017). *Os Protagonistas da Historiografia e do Património, Viseu – séculos XVIII e XX* [Tese de Doutoramento]. Viseu Património. Câmara Municipal de Viseu. https://www.mhcviseu.pt/documentos/CMVINVESTIGACAOHISTORIOGRAFICAweb.pdf

Portas, N. (2007). *A cidade como arquitetura, prefácio de Fernando Távora.* Editora Livros Horizontes. Lisboa.

Rebelo, M., A. (2019). *Reconstruir o Habitar: No projeto de intervenção na cidade de Viseu.* [Tese de Mestrado]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. https://hdl.handle.net/10216/124475

Riso, V. (2021). *Álvaro Siza's Lordelo do Ouro Cooperative Building: Preliminary Studies towards the Conservation of a Masterpiece in Need of Recognition.* Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT). Universidade do Minho. Braga.

Rocha, M., J. [coordenação] (2018). *História da Arquitetura - Perspetivas Temáticas.* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. https://doi.org/10.21747/9789898351937/his

Rodrigues, S. J. (2014). *Reabilitação de quatro edifícios no centro histórico da cidade de Viseu.* [Relatório de Estágio para obtenção de Mestrado] Universidade Católica Portuguesa. Viseu. http://hdl.handle.net/10400.14/16327

Ruskin, J. (1849), *The seven lamps of architecture, with 14 Plates by the Author.* Editado por E. T. Cook e Wedderburn, A.

Sá, M., F. (2010). *Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu – Capítulo 6: Principais anomalias funcionais, ambientais e construtivas.* Câmara Municipal de Viseu e Universidade Católica Portuguesa – CRB, Viseu. https://www.researchgate.net/publication/349718306

Sá, M., F. (2010). *Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu – Capítulo 9: Principais critérios técnicos para a Reabilitação de Edifícios.* Câmara Municipal de Viseu e Universidade Católica Portuguesa – CRB, Viseu. https://www.researchgate.net/publication/349725258

Sá, M. F. (2010). *Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu – Capítulo 10: Estaleiro e custo das obras de reabilitação.* Câmara Municipal de Viseu e Universidade Católica Portuguesa – CRB, Viseu. https://www.researchgate.net/publication/349725258

Saraiva, A. M. [coordenação] et al. (2007). *Monumentos de escrita, 400 anos da história da Sé e da cidade de Viseu 1230 -1639.* Instituto dos Museus e da Conservação/Museu de Grão Vasco. Viseu. https://www.academia.edu/307598/Monumentos_de_Escrita_400_Anos_da_História_da_S%C3%A9_e_da_Cidade_de_Viseu_1230_1639

Serra, S., M. (2018). *A cidade romana de Viseu. A memória do passado como suporte da cidade do presente.* [Tese de Mestrado] Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111497

SRU, V., N. (s.d.). *Apoios Financeiros e Benefícios Fiscais à Reabilitação Urbana.* Município de Viseu. https://viseunovo.pt/storage/documentos/incentivos/web-brochura-viseu-novo-apoios-e-benificios-reabilitacao-urbana-out24.pdf

Távora, F. (1996). *Da organização do espaço* (3ªed). FAUP publicações. Porto.

Teixeira, M., C. (1996). *Habitação Popular na cidade oitocentista - As ilhas do Porto.* Prefácio de Fernando Távora. Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Vaz, P. (2019). *Edificar no Património: Pessoas e paradigmas na conservação & restauro.* Edições 70 LDA.

Venturi, R. (1995). *Complexidade e Contradição em Arquitetura.* trad. Cabral, A. Editora Martins Fontes. São Paulo.

Viollet-le-Duc, E., E. (1990). *The architectural theory of Viollet*

-le-Duc: Readings and commentary. Editado por M.F.Hearn, Massachusetts Institute of Technology

Viollet-le-Duc, E.-E., Huss, G., M. (1895). *Rational building, being a translation of the article "Construction" in the Dictionnaire raisonné de l'architecture française of M. Eugène-Emmanuel Viollet Le-Duc.* New York: MacMillan & Co.

Viseu, C. M. (2017). *Viseu: O fio da história.* https://www.mhcviseu.pt/documentos/FiodaHistoria.pdf

Viseu, M. (2022). *Proposta de alteração da delimitação da área de reabilitação urbana de Viseu –Núcleos históricos e Fontelo.* https://viseunovo.pt/storage/documentos/area-de-reabilitacao-urbana-de-viseu/02md-arudeviseu-2022.pdf

LEGENDA DE DESENHOS

1. Planta explodida das diferentes camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo
2. Planta síntese das camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo a 1:10000
3. Planta parcial das coberturas da cidade de Viseu e o caso de estudo a 1:2000
4. Palete dos materiais de remates das fachadas a 1:100
    4.1. Alçado Nordeste e Noroeste
    4.2. Alçado Sudoeste
5. Desenho interpretativo das etapas de desenvolvimento do caso de estudo a 1:200
    5.1. Axonometrias das etapas
        5.1.1. Axonometria da etapa I
        5.1.2. Axonometria da etapa II
        5.1.3. Axonometria da etapa III
        5.1.4. Axonometria da etapa IV
        5.1.5. Axonometria da etapa V - parte 1
        5.1.6. Axonometria da etapa V - parte 2
    5.2. Axonometria explodida da etapa I
    5.3. Axonometria explodida da etapa V - parte 2
6. Desenho dos remates, pavimentos, tetos e caixilharia a 1:50
    6.1. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 0
    6.2. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 1
    6.3. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 2
    6.4. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 3
    6.5. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso 4

6.6. Axonometrias do desenho dos remates ao nível do pavimento e ao nível dos tetos do Piso Sótão

7. Desenho de ampliação dos remates a 1:10

8. Desenho do quadro das transformações a 1:100

8.1. Axonometrias de análise das alterações do Piso 0

8.2. Axonometrias de análise das alterações do Piso 1

8.3. Axonometrias de análise das alterações do Piso 2

8.4. Axonometrias de análise das alterações do Piso 3

8.5. Axonometrias de análise das alterações do Piso 4

8.6. Axonometrias de análise das alterações do Piso Sótão

9. Desenho das plantas da configuração de projeto a 1:50

9.1. Planta do Piso 0

9.2. Planta do Piso 1

9.3. Planta do Piso 2

9.4. Planta do Piso 3

9.5. Planta do Piso 4

9.6. Planta do Piso Sótão

9.7. Planta de Coberturas

10. Desenho das axonometrias da configuração de projeto a 1:50

10.1. Axonometria do Piso 0

10.2. Axonometria do Piso 1

10.3. Axonometria do Piso 2

10.4. Axonometria do Piso 3

10.5. Axonometria do Piso 4

10.6. Axonometria do Piso Sótão

10.7. Axonometria de Coberturas

11. Desenho das plantas sobrepostas dos amarelos e vermelhos como verificação da configuração de projeto a 1:100

11.1. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 0

11.2. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 1

11.3. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 2

11.4. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 3

11.5. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 4

11.6. Planta de amarelos e vermelhos do Piso Sótão

11.7. Planta de amarelos e vermelhos das Coberturas

LEGENDA DE IMAGENS

Imagem 1. Largo da Misericórdia, Sé de Viseu e caso de estudo

Fotografia do autor

Imagem 2. Largo da Misericórdia e Fonte das Três Bicas

Fotografia do autor

Imagem 3. Planta da cidade de Viseu em 1864 (sem escala)

Arquivo Municipal de Viseu

Imagem 4. Planta da cidade de Viseu no século XIX (sem escala)

Arquivo Municipal de Viseu

Imagem 5. Parte da planta topográfica da cidade de Viseu, 1928 (sem escala)

Arquivo Municipal de Viseu

Imagem 6. Centro Histórico de Viseu, Praça D.Duarte

Fotografia do autor

Imagem 7. Centro Histórico de Viseu, Praça D.Duarte

Fotografia do autor

Imagem 8. Centro Histórico de Viseu, atrás da Sé

Fotografia do autor

Imagem 9. Centro Histórico de Viseu, atrás da Sé

Fotografia do autor

Imagem 10. Centro Histórico de Viseu, atrás da Sé

Fotografia do autor

Imagem 11. Ampliação do 4°piso da fachada Nordeste

Fotografia do autor

Imagem 12. Janelas do 2° piso da fachada Noroeste

Fotografia do autor

Imagem 13. Janela do 1°piso da fachada Nordeste

Fotografia do autor

Imagem 14. Detalhe da varanda do 4°piso da fachada Noroeste

Fotografia do autor

Imagem 15. Fachada Nordeste e Noroeste do caso de estudo

Fotografia do autor

Imagem 16.Detalhe da varanda e do vão do 3° piso da fachada Sudoeste

Fotografia do autor
Imagem 17. Detalhe da cornija entre Piso térreo e piso 1 da fachada Sudoeste
Fotografia do autor
Imagem 18. Janela do 1°piso da fachada Sudoeste
Fotografia do autor
Imagem 19. Detalhe da fachada Sudoeste - diferenciação de materialidade entre 2°piso e o 3°piso
Fotografia do autor
Imagem 20. Fachada Sudoeste, Rua Grão Vasco
Fotografia do autor
Imagem 21. Piso 0 da fachada Sudoeste
Fotografia do autor
Imagem 22. Face interna da fachada Nordeste no piso 0
Fotografia do autor
Imagem 23. Amostra de parede estrutural no piso 0
Fotografia do autor
Imagem 24. Pilar estrutural no piso 0
Fotografia do autor
Imagem 25. Janela encerrada posteriormente no piso 0
Fotografia do autor
Imagem 26. Fachada Sudoeste
Fotografia do autor
Imagem 27. Fachada Nordeste e Noroeste
Fotografia do autor
Imagem 28. Porta Senhorial no 1°piso
Fotografia do autor
Imagem 29. Diferenciação de pavimentos nos acessos
Fotografia do autor
Imagem 30. Fachada Sudoeste
Fotografia do autor
Imagem 31. Fachada Noreste - 1° e 2° piso
Fotografia do autor
Imagem 32. Ampliação do 2° e 3° piso da fachada Sudoeste

Fotografia do autor

Imagem 33. Ampliação da estrutura da cobertura a Sudoeste

Fotografia do autor

Imagem 34. Ampliação da varanda a Noroeste - 3ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 35. Ampliação das varandas a Norte

Fotografia do autor

Imagem 36. Nicho de cozinha do 3ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 37. Caixa de escadas

Fotografia do autor

Imagem 38. Janela de canto do 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 39. Detalhe de janela do 4º piso

Fotografia do autor

Imagem 40. Janela posteriormente encerrada do 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 41. Janela posteriormente encerrada do 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 42. Janela posteriormente encerrada do 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 43. Desvão da cobertura a Sudoeste no 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 44. Vão parcialmente encerrado no 4º piso

Fotografia do autor

Imagem 45. Parede posterior no 4ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 46. Face interna da fachada Noroeste do piso 0

Fotografia do autor

Imagem 47. Detalhe de rodateto do piso 0

Fotografia do autor

Imagem 48. Rodateto da zona da cozinha na fração a Norte no 1ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 49. Rodateto da zona da sala na fração a Norte no 1ºpiso

Fotografia do autor

Imagem 50. Rodateto de zona húmida na fração a Sudoeste do 2°piso

Fotografia do autor

Imagem 51. Rodateto da zona da cozinha na fração a Sudoeste do 2°piso

Fotografia do autor

Imagem 52. Rodateto da zona de quarto na fração a Sudoeste do 2°piso

Fotografia do autor

Imagem 53. Rodateto da zona da cozinha na fração a Norte do 3°piso

Fotografia do autor

Imagem 54. Rodateto da zona de quarto na fração a Norte do 3° piso

Fotografia do autor

Imagem 55. Rodateto da zona de quarto na fração do 4°piso

Fotografia do autor

Imagem 56. Rodapé da zona da sala na fração do 4°piso

Fotografia do autor

Imagem 57. Abertura ao desvão da cobertura

Fotografia do autor

Imagem 58. Corredor do sótão

Fotografia do autor

Imagem 59. Abertura de vão em parede estrutural no piso 0

Fotografia do autor

Imagem 60. Janela posterior na fachada sudoeste no piso 0

Fotografia do autor

Imagem 61. Abertura de vão posterior

Fotografia do autor

Imagem 62. Caixa de escadas assimétrica

Fotografia do autor

Imagem 63. Vão encerrado posteriormente

Fotografia do autor

Imagem 64. Não alinhamento de vão com parede do 4°piso

Fotografia do autor

Imagem 65. Vão sem remates no 3°piso

Fotografia do autor

Imagem 66. Escadaria degradada de acesso ao sótão

Fotografia do autor

Imagem 67. Desvão de cobertura

Fotografia do autor

Imagem 68. Vista para Sé a partir do sótão

Fotografia do autor

Imagem 69. Rua Grão Vasco

Antiga, V. (2013, 8 de abril) *Rua Grão Vasco (1960).* Facebook. https://www.facebook.com/viseuantiga/photos/pb.100064372554333.-2207520000/357350977718610/?type=3&locale=pt_PT

Imagem 70. Rua Grão Vasco - Fachada Sudoeste

Fotografia do autor

Imagem 71. Largo da Misericórdia e parte do caso de estudo (s.d.)

Antiga, V. (2013, 2 de abril) *Largo da Misericórdia.* Facebook. https://www.facebook.com/viseuantiga/photos/pb.100064372554333.-2207520000/354753801311661/?type=3&locale=pt_PT

Imagem 72. Largo da Misericórdia - Fachada Noroeste

Fotografia do autor

ANEXOS

ÍNDICE

DESENHOS FINAIS

1. Planta explodida das diferentes camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo
2. Planta síntese das camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo a 1:10000
3. Planta parcial das coberturas da cidade de Viseu e o caso de estudo a 1:2000
4. Palete dos materiais de remates das fachadas a 1:100
    4.1. Alçado Nordeste e Noroeste
    4.2. Alçado Sudoeste
5. Desenho interpretativo das etapas de desenvolvimento do caso de estudo a 1:200
    5.1. Axonometrias das etapas
        5.1.1. Axonometria da etapa I
        5.1.2. Axonometria da etapa II
        5.1.3. Axonometria da etapa III
        5.1.4. Axonometria da etapa IV
        5.1.5. Axonometria da etapa V - parte 1
        5.1.6. Axonometria da etapa V - parte 2
    5.2. Axonometria explodida da etapa I
    5.3. Axonometria explodida da etapa V - parte 2
6. Desenho dos remates, pavimentos, tetos e caixilharia a 1:50
    6.1. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 0
    6.2. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 1
    6.3. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 2
    6.4. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 3
    6.5. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 4
    6.6. Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso Sótão
7. Desenho de ampliação dos remates a 1:10

8. Desenho do quadro das transformações a 1:100

8.1. Axonometrias de análise das alterações do Piso 0

8.2. Axonometrias de análise das alterações do Piso 1

8.3. Axonometrias de análise das alterações do Piso 2

8.4. Axonometrias de análise das alterações do Piso 3

8.5. Axonometrias de análise das alterações do Piso 4

8.6. Axonometrias de análise das alterações do Piso Sótão

9. Desenho das plantas da configuração de projeto a 1:50

9.1. Planta do Piso 0

9.2. Planta do Piso 1

9.3. Planta do Piso 2

9.4. Planta do Piso 3

9.5. Planta do Piso 4

9.6. Planta do Piso Sótão

9.7. Planta de Coberturas

10. Desenho das axonometrias da configuração de projeto a 1:50

10.1. Axonometria do Piso 0

10.2. Axonometria do Piso 1

10.3. Axonometria do Piso 2

10.4. Axonometria do Piso 3

10.5. Axonometria do Piso 4

10.6. Axonometria do Piso Sótão

10.7. Axonometria de Coberturas

11. Desenho das plantas sobrepostas dos amarelos e vermelhos como verificação da configuração de projeto a 1:100

11.1. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 0

11.2. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 1

11.3. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 2

11.4. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 3

11.5. Planta de amarelos e vermelhos do Piso 4

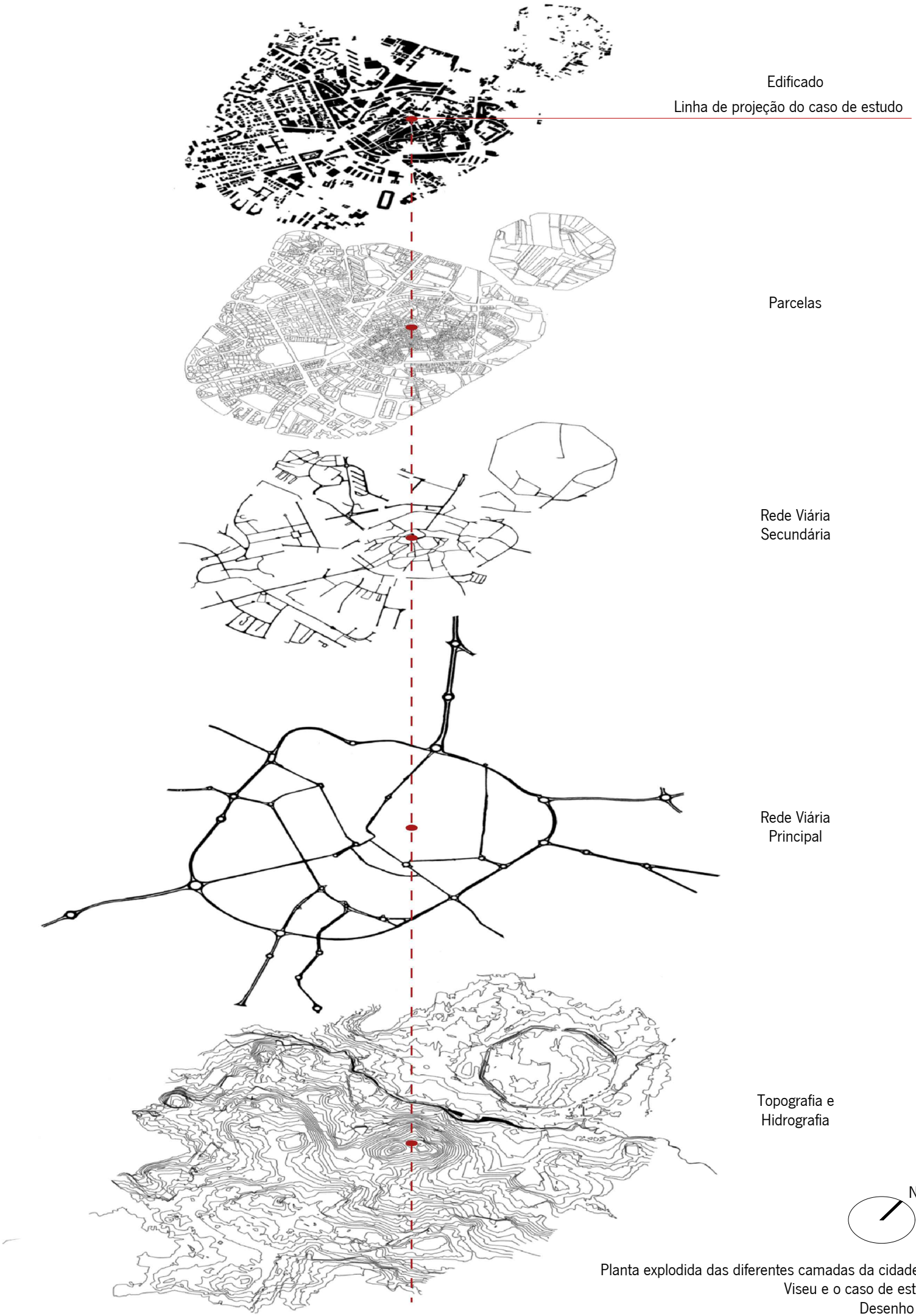
11.6. Planta de amarelos e vermelhos do Piso Sótão

11.7. Planta de amarelos e vermelhos das Coberturas

FOLHA DE LEVANTAMENTO DE MEDIDAS DOS VÃOS

LEVANTAMENTO ORIGINAL DO EDIFÍCIO DISPONIBILIZADO (pelo Arquiteto Sérgio Rodrigues)

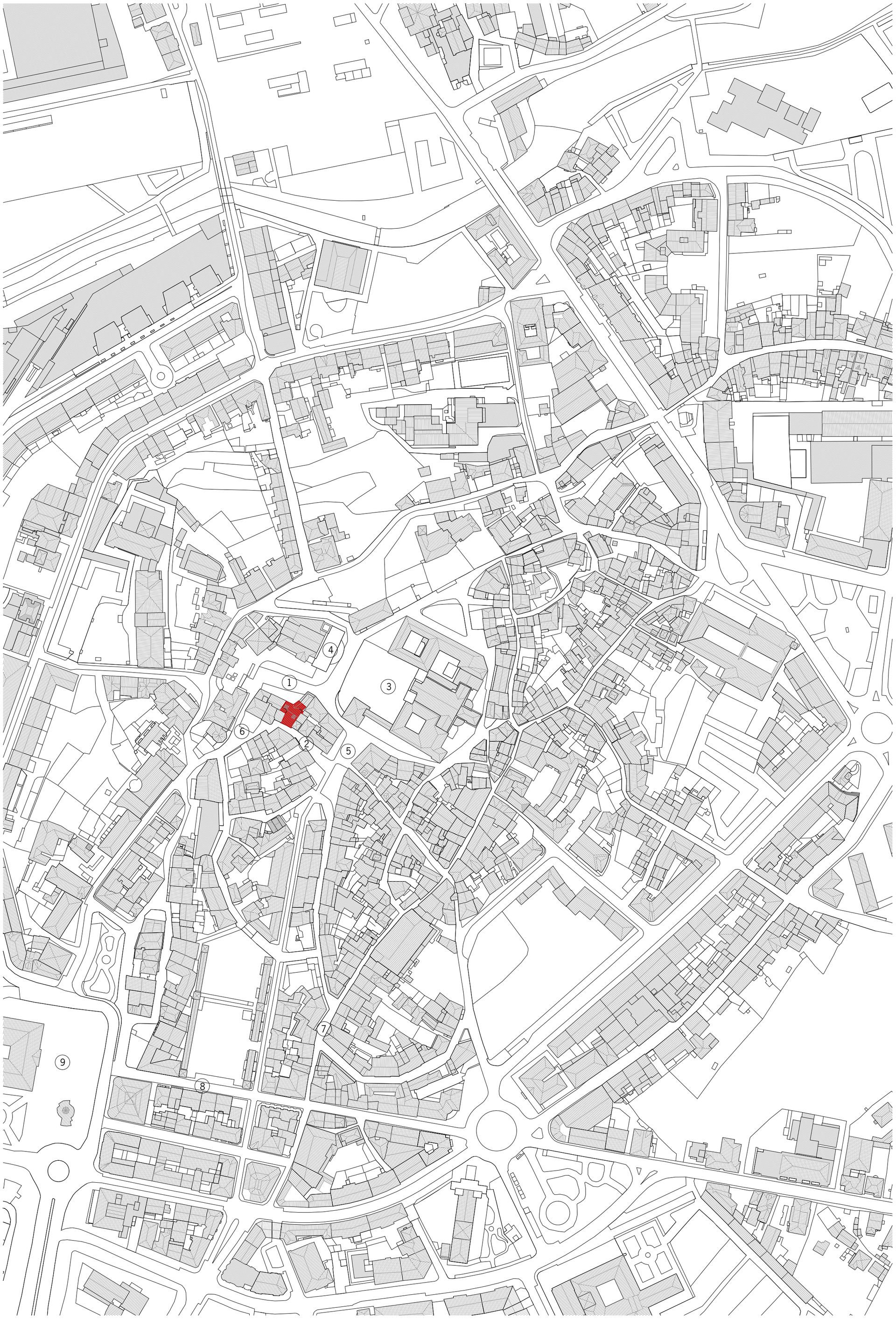
Alçado Posterior
Coberturas
Piso Sótão
Piso 4
Piso 3
Piso 2
Piso 1
Piso 0
Alçado Principal A
Corte A
Corte B
Levantamento Topográfico Altiplanimétrico



Planta explodida das diferentes camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo
Desenho nº1
Mariana Gouveia da Costa A91880



Planta síntese das camadas da cidade de Viseu e o caso de estudo
Escala 1:10000
Desenho n°2
Mariana Gouveia da Costa A91880



Legenda:

- Caso de estudo
- Telhados de águas
- Coberturas planas

N

1. Largo da Misericórdia
2. Rua Grão Vasco
3. Sé de Viseu
4. Igreja da Misericórdia
5. Praça D.Duarte
6. Largo Pintor Gata
7. Rua Direita
8. Rua Formosa
9. Rossio

Planta parcial das coberturas da cidade de Viseu e o caso de estudo
Escala 1:2000
Desenho n°3
Mariana Gouveia da Costa A91880

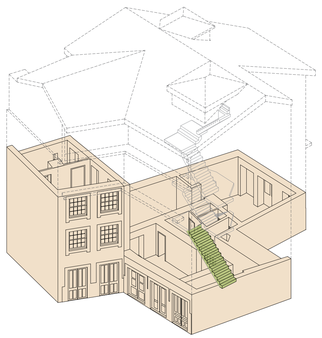
0 10 20 40 100m

Legenda:

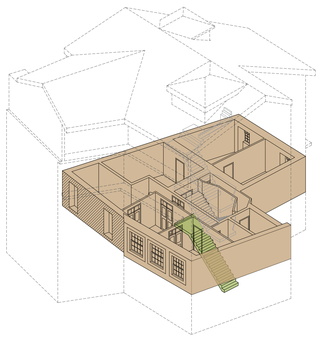
- Pedra
- Madeira pintada de bege
- Reboco

Palete dos materiais de remates das fachadas
Alçado Nordeste, Noroeste e Sudoeste
Escala 1:100
Desenho n°4, 4.1, 4.2
Mariana Gouveia da Costa A91880

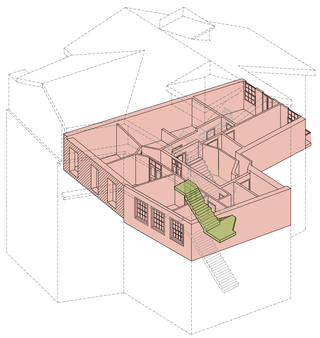
0 0.5 1 2 5m



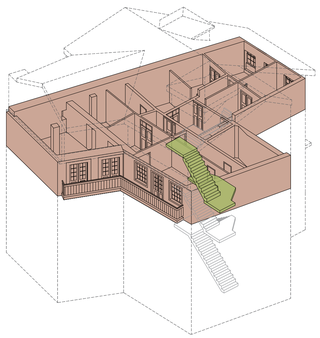
Etapa I



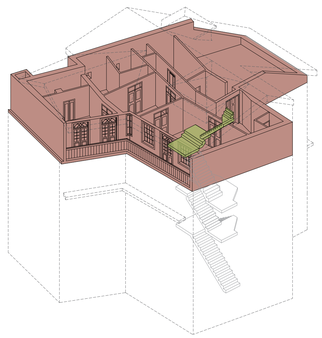
Etapa II



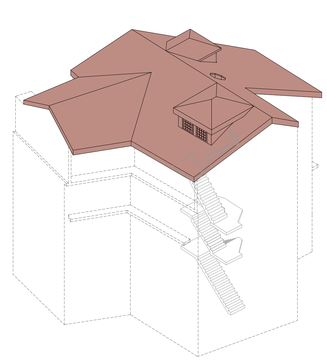
Etapa III



Etapa IV



Etapa V - Parte 1



Etapa V - Parte 2

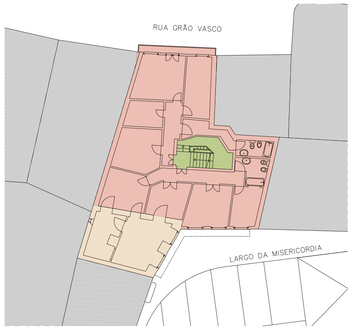




Piso 0



Piso 1



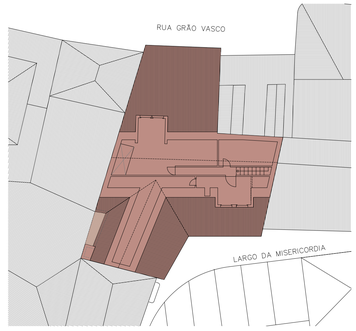
Piso 2



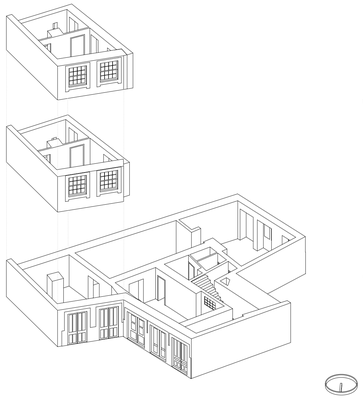
Piso 3



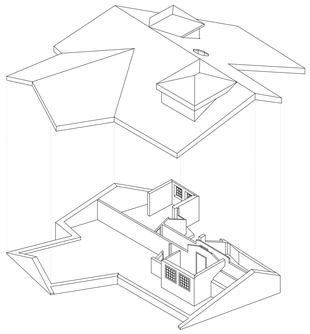
Piso 4



Piso sótão

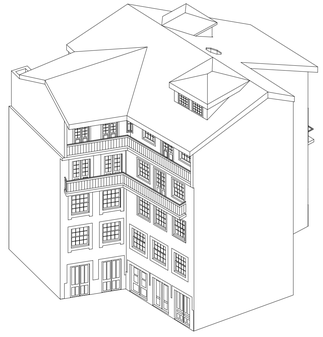


Axonometria explodida da etapa I



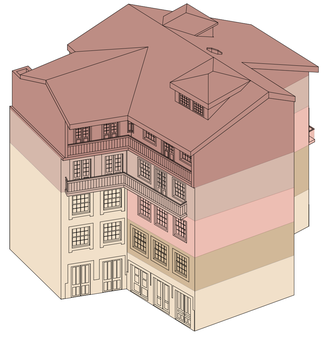
Axonometria explodida da etapa V - Parte 2



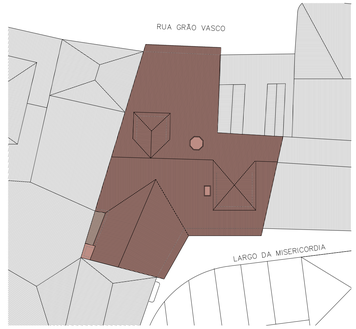


Volume do edifício





Volume do edifício com etapas



Coberturas



Interpretação das etapas de desenvolvimento do caso de estudo
Escala 1:200
Desenho nº5
Mariana Gouveia da Costa

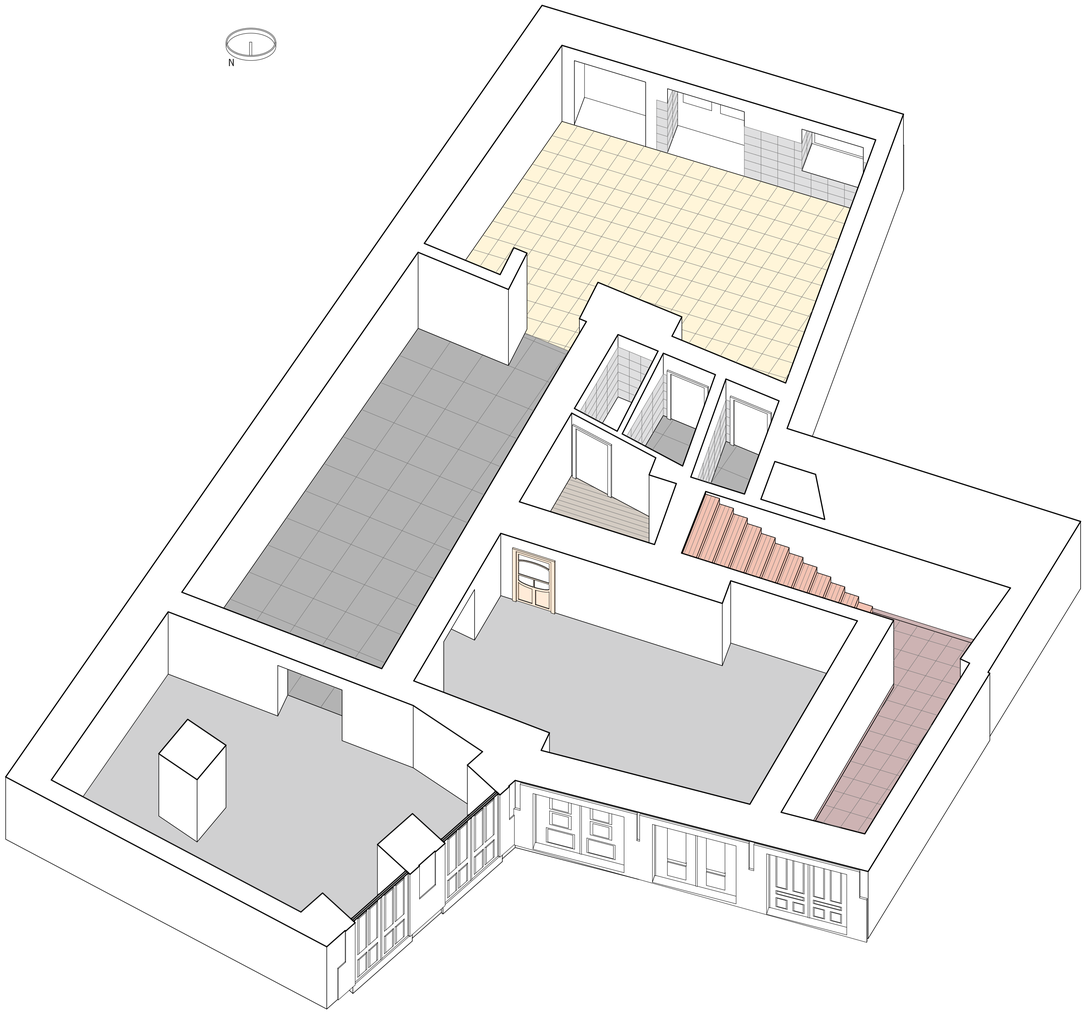
NO Noroeste
NE Nordeste
SE Sudoeste

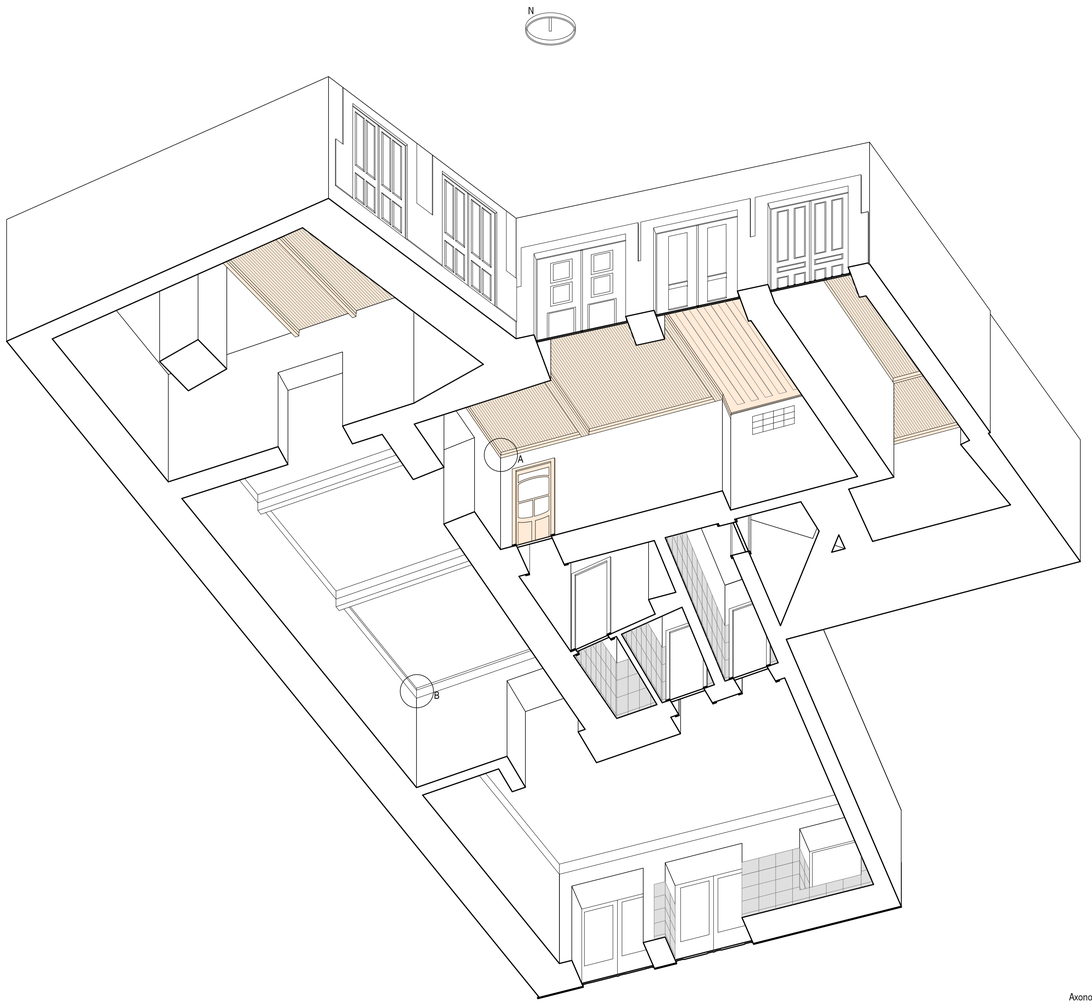
Etapa I
Etapa II
Etapa III
Etapa IV
Etapa V

Caixa de escadas
Trama de recorte
Águas das coberturas

Silhueta do volume
Linha de sobreposição

0 2 5 10 m





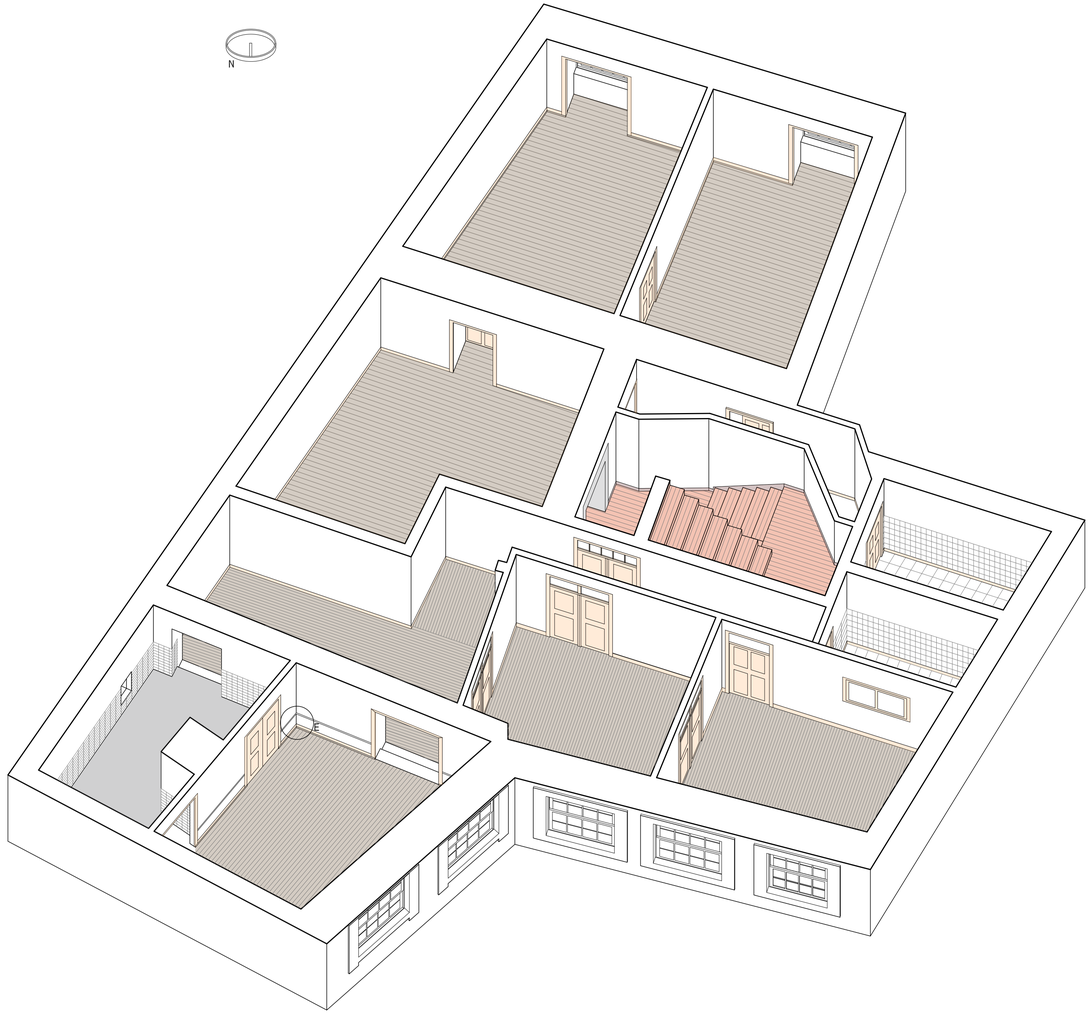


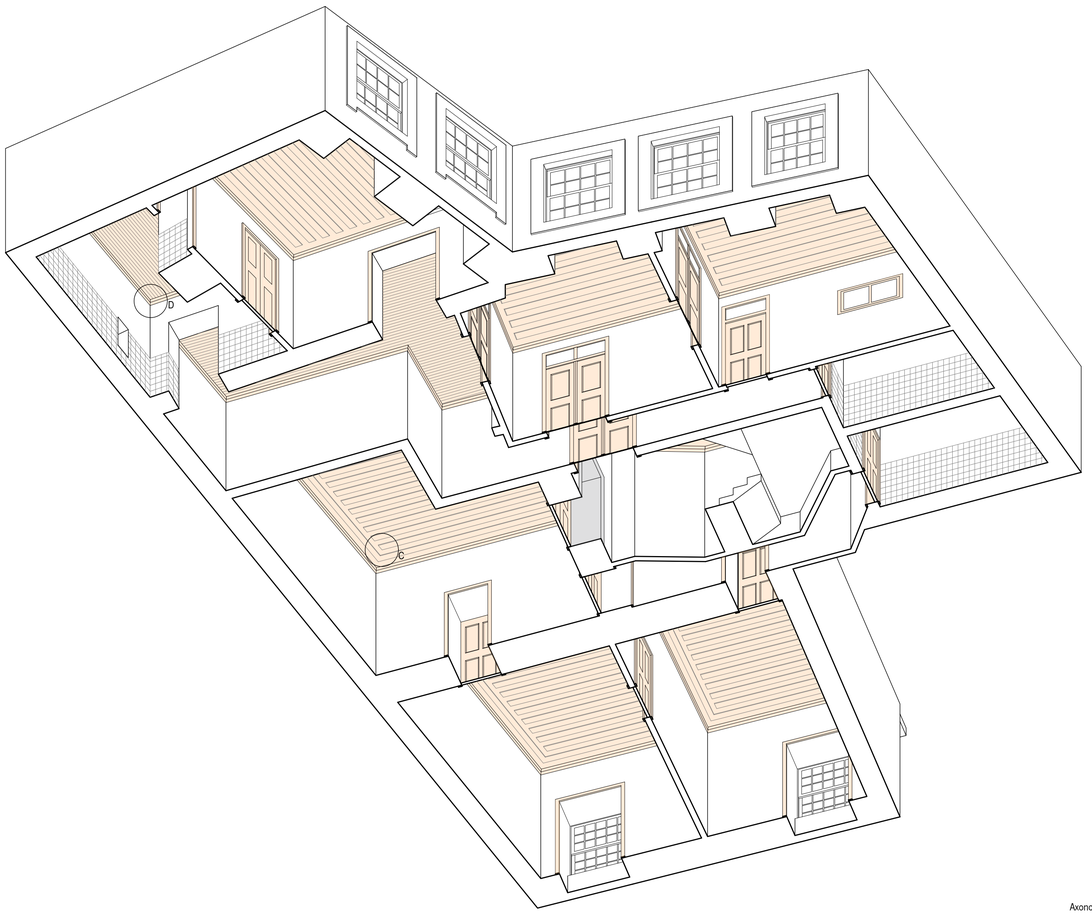
Legenda:

- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira pintada bege
- cor do mosaico
- cor do mosaico
- cor do azulejo
- cor do mosaico
- madeira envernizada
- betonilha

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 0
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.1
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





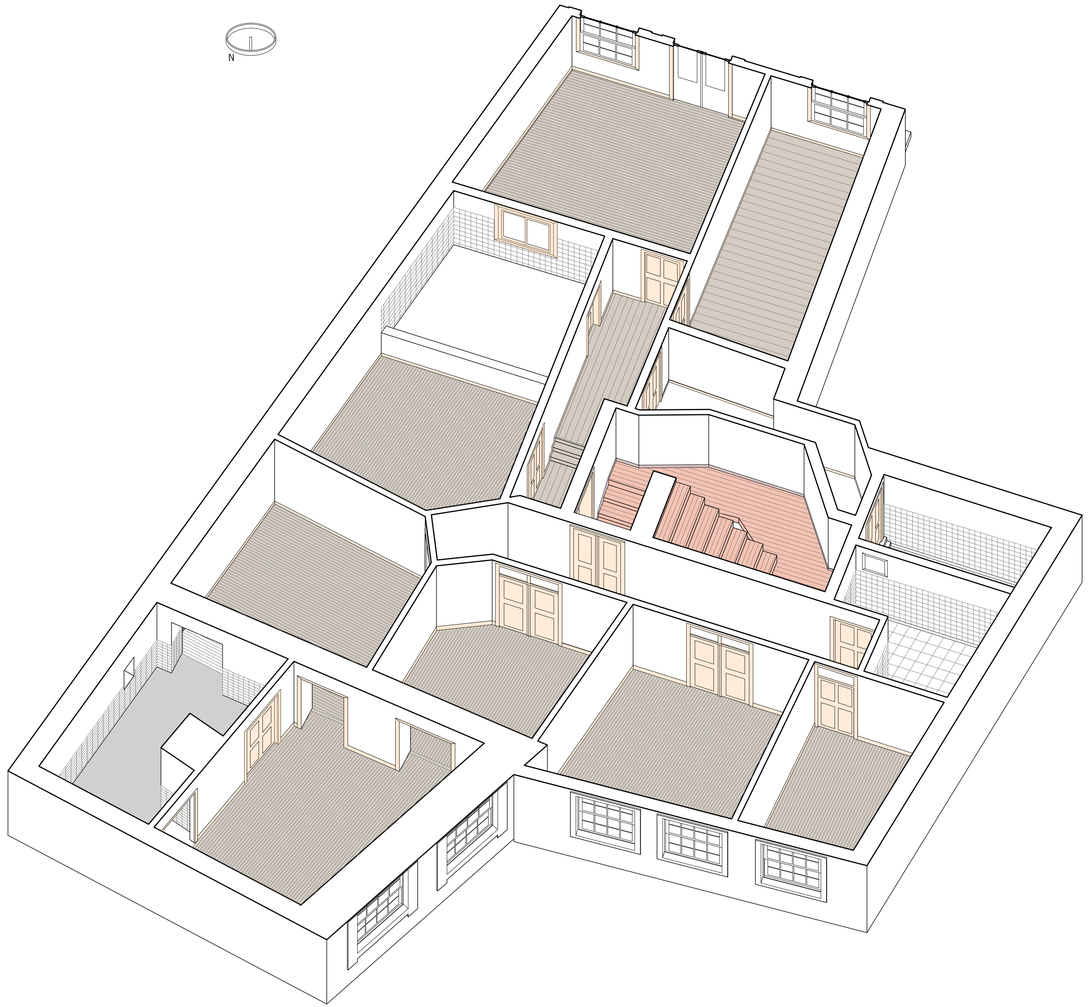


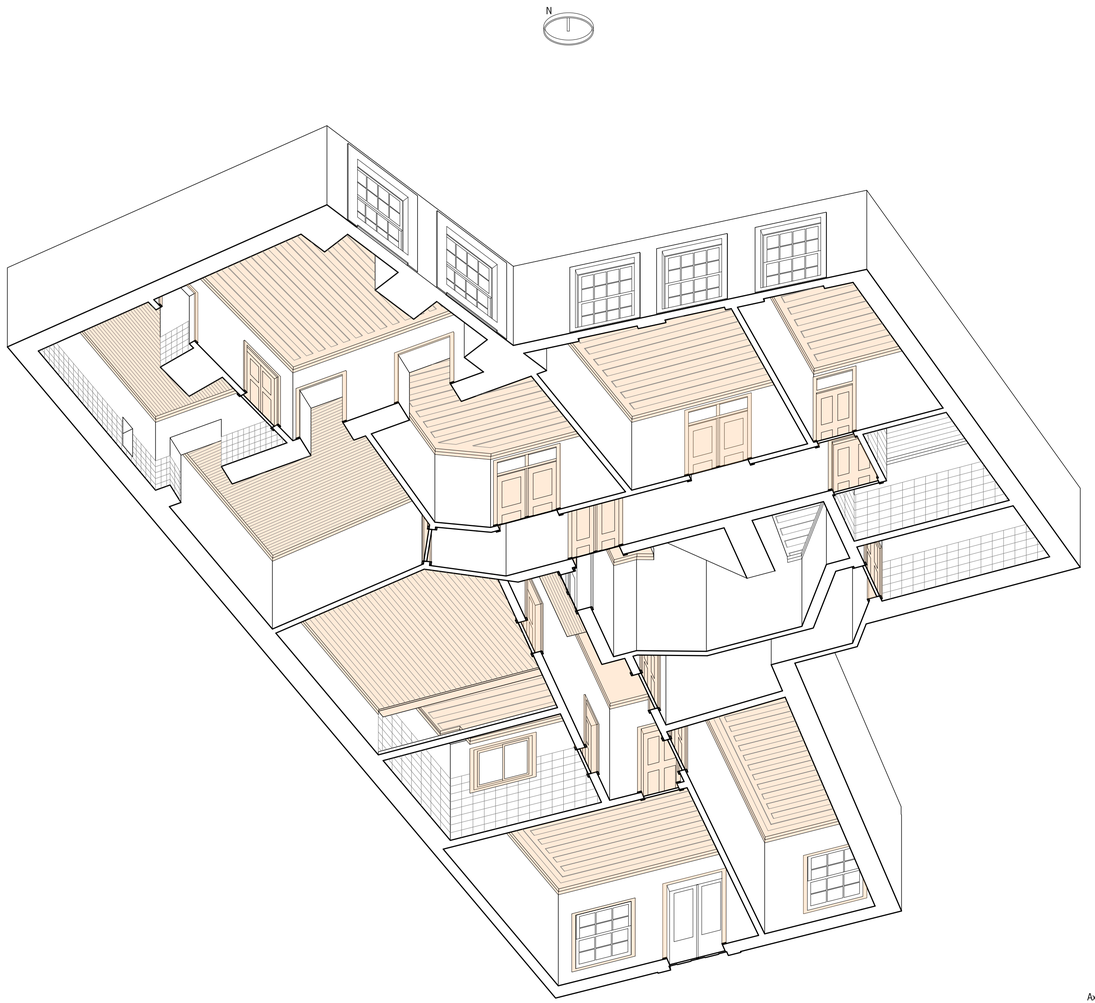
Legenda:

- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira pintada bege
- pedra granítica
- madeira envernizada
- betonilha
- madeira soalho sem acabamento

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 1
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.2
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





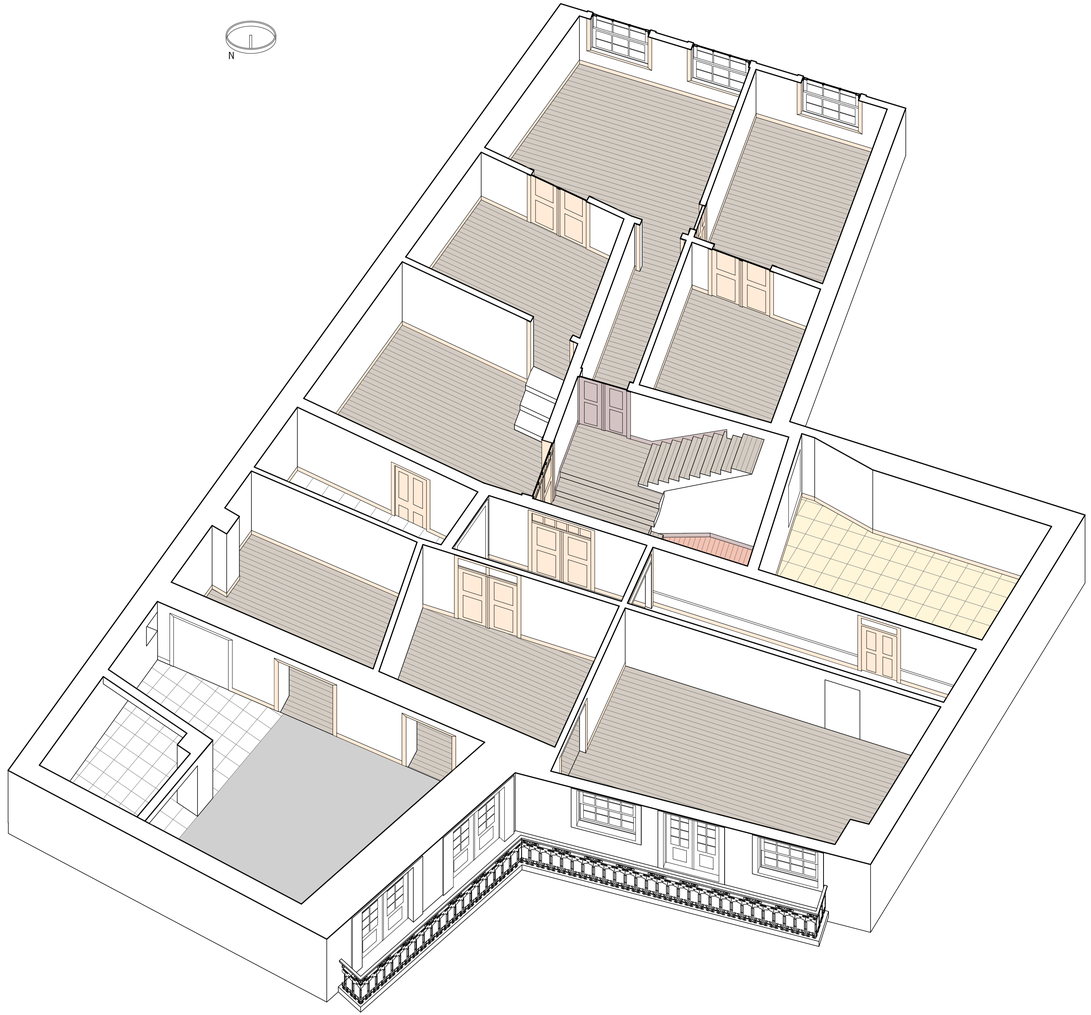


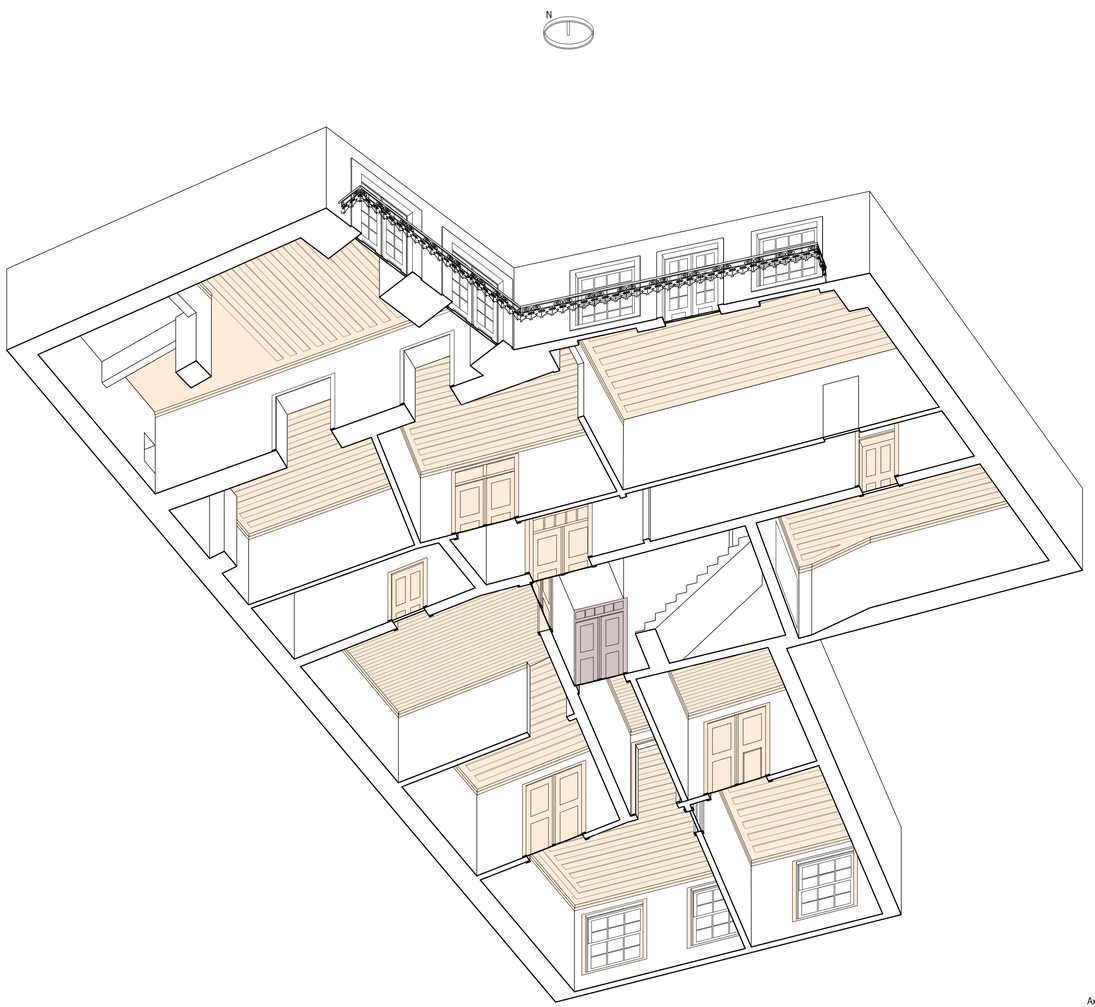
Legenda:

- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira pintada bege
- madeira envernizada
- betonilha
- madeira soalho sem acabamento

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 2
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.3
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





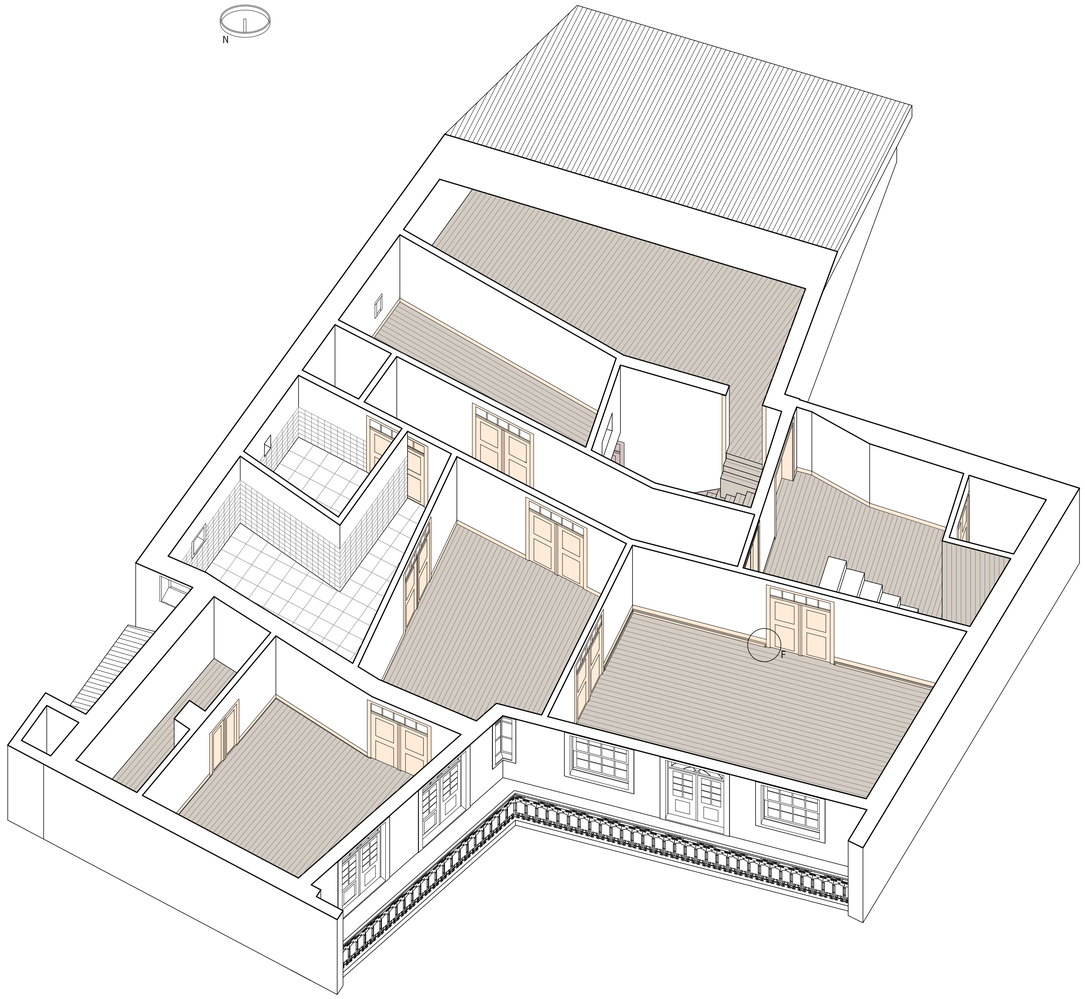


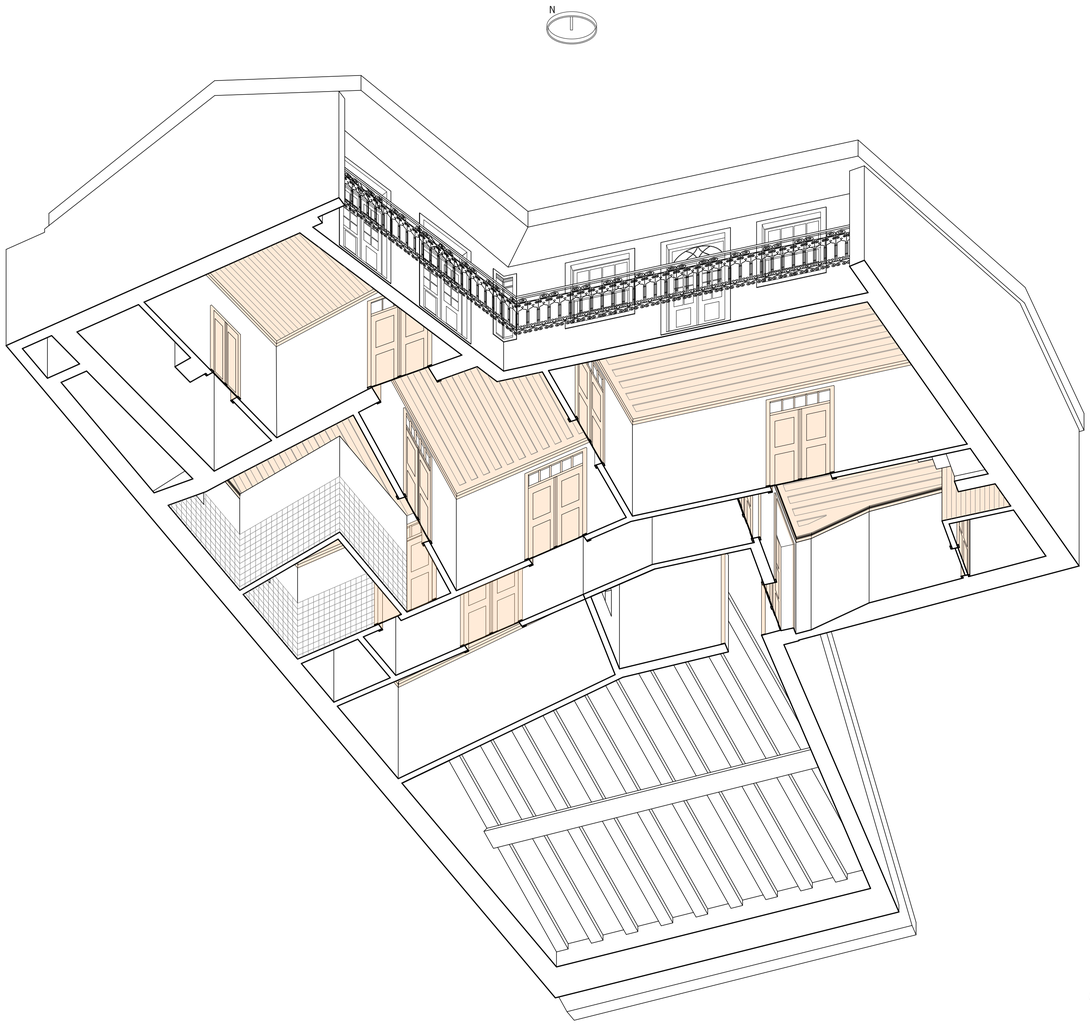
Legenda:

- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira pintada bege
- madeira envernizada
- betonilha
- cor de mosaico
- madeira soalho sem acabamento

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 3
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.4
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





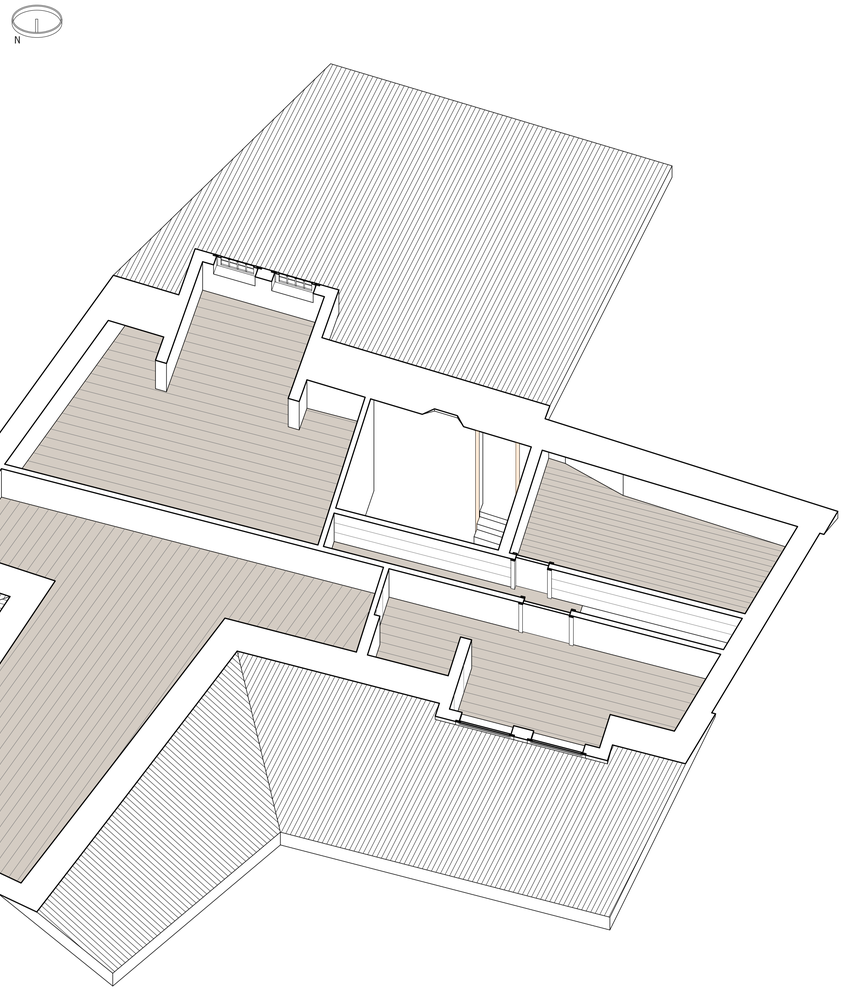


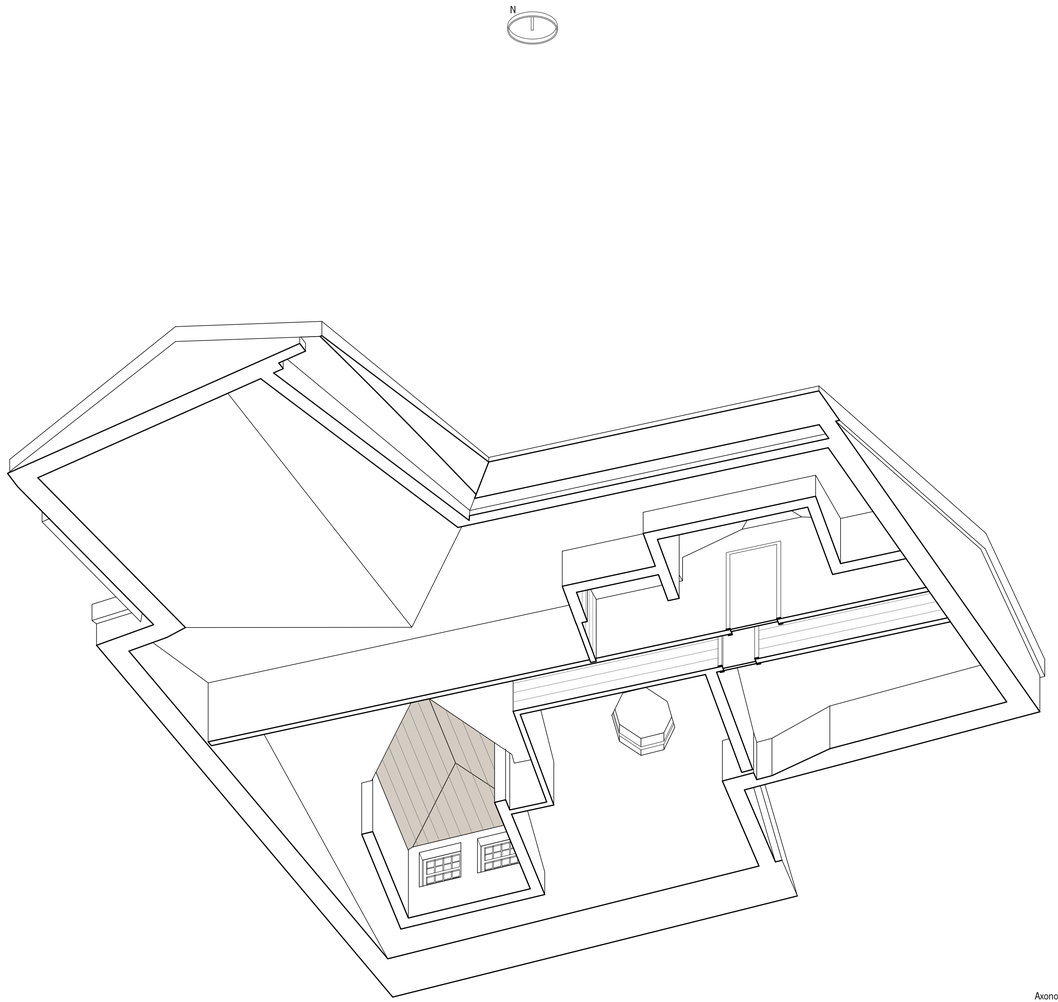
Legenda:

- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira pintada bege
- madeira soalho sem acabamento

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso 4
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.5
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





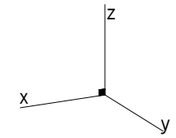


Legenda:

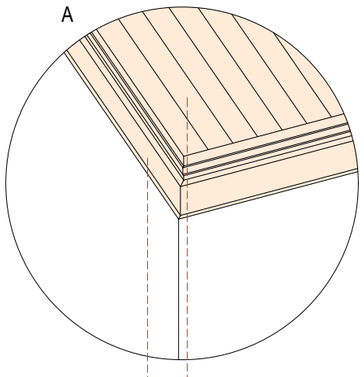
- mosaico/azulejo
- madeira
- madeira sem tratamento

Remates, pavimentos, tetos e caixilharia
Axonometrias dos rodapés e do rodatetos do Piso Sótão
Escala 1:50
Desenho nº6; 6.6
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m



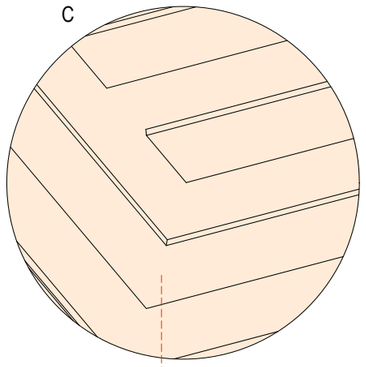
A



Teto em madeira envernizada e pintada a bege

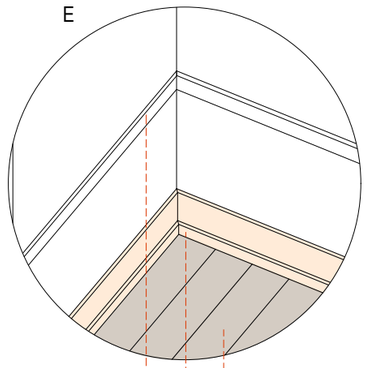
Rodateto em madeira envernizada e pintada a bege

C



Teto em madeira envernizada e pintada a bege

E

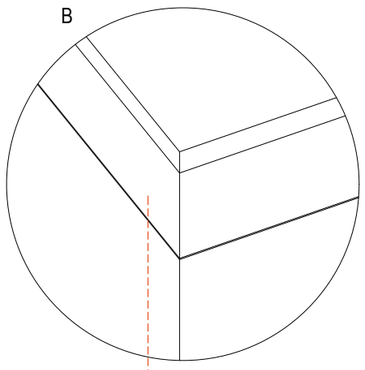


Madeira soalho envernizado

Rodapé em madeira envernizada e pintada a bege

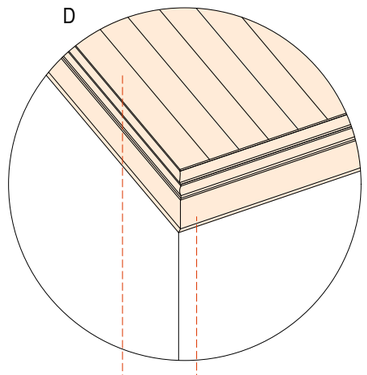
Placa decorativa em madeira pintada a branco

B



Rodateto em gesso branco

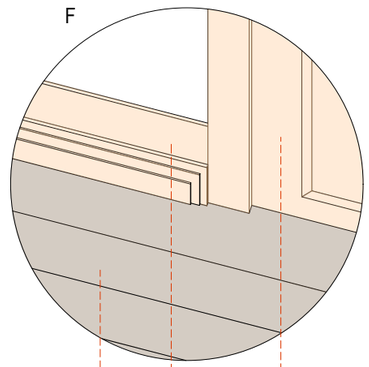
D



Rodateto em madeira envernizada e pintada a bege

Teto em madeira envernizada e pintada a bege

F

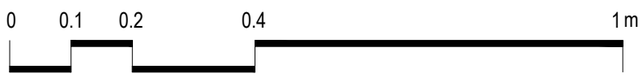


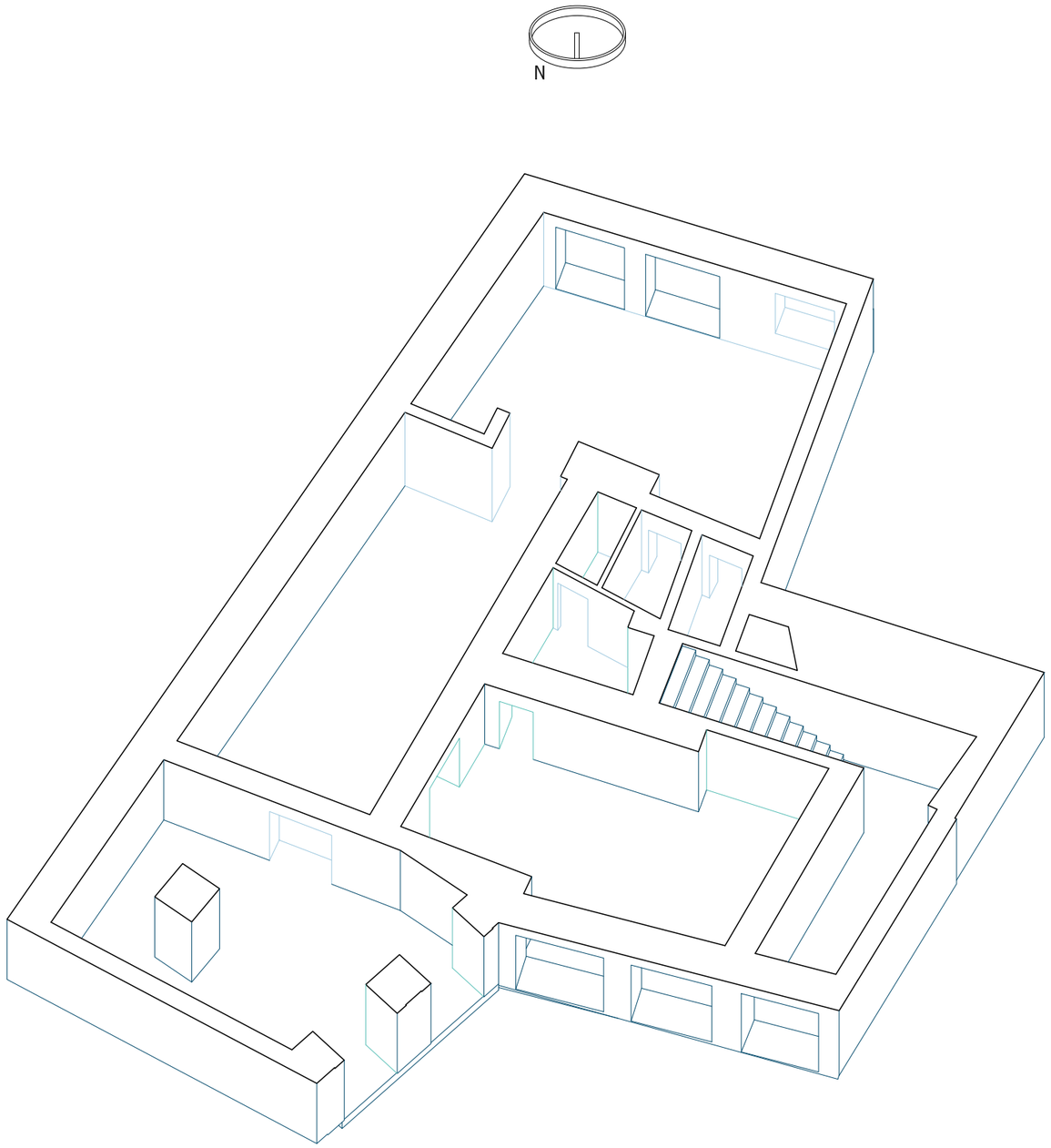
Porta em madeira envernizada e pintada a bege

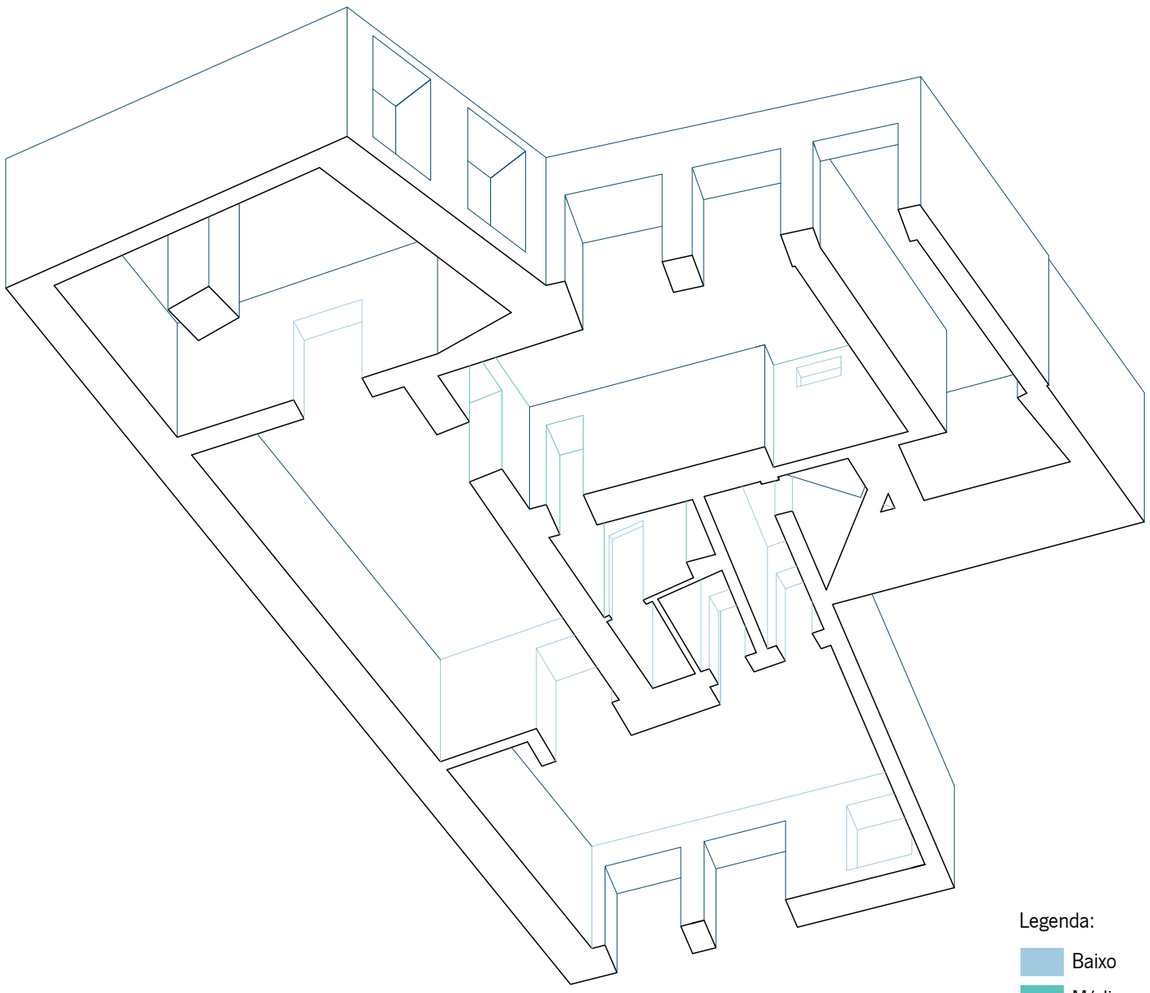
Rodapé em madeira envernizada e pintada a bege

Madeira soalho envernizado

Ampliação dos remates
Ampliação A, B, C, D, E e F Escala 1:10
Desenho nº7
Mariana Gouveia da Costa A91880





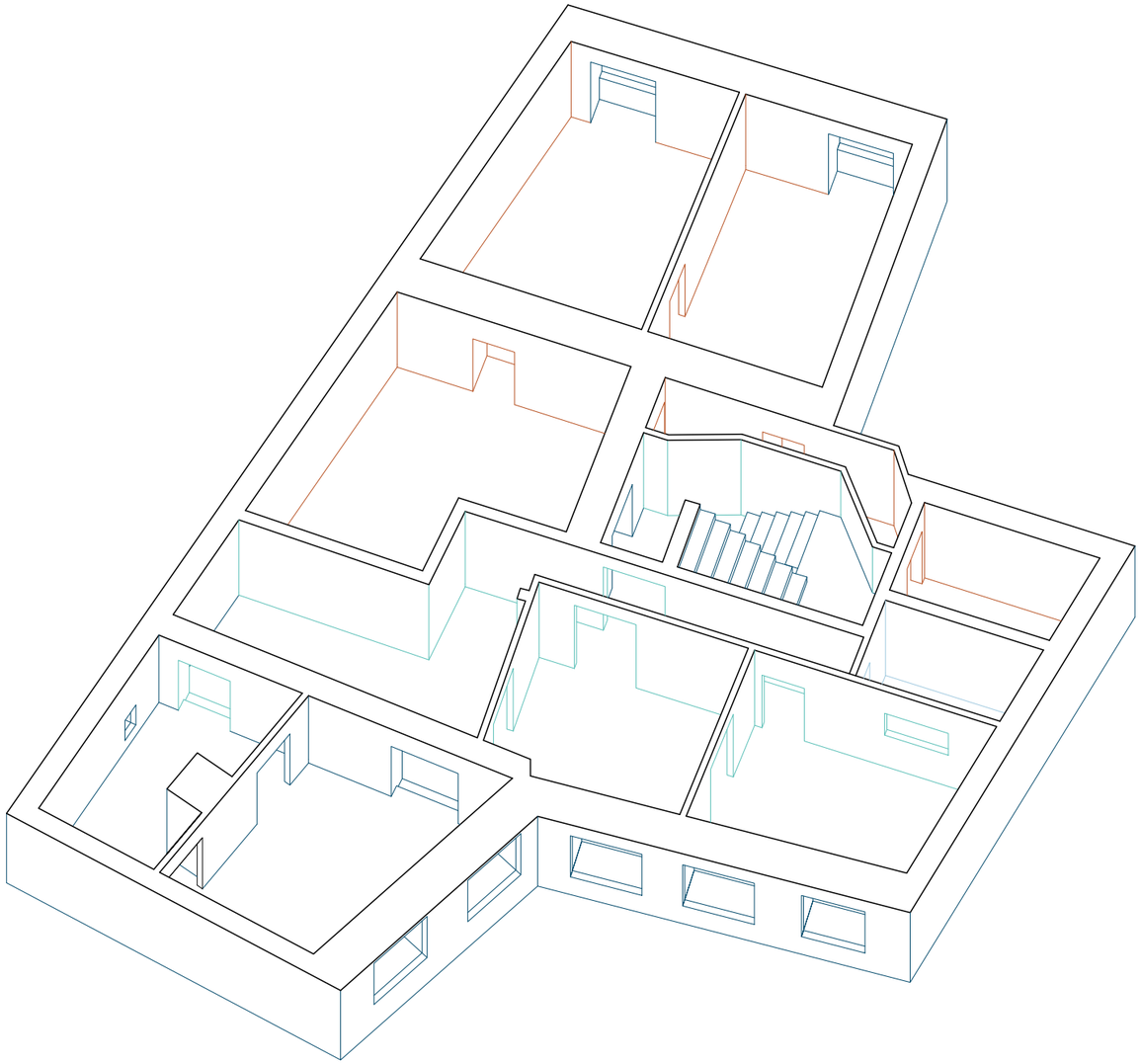


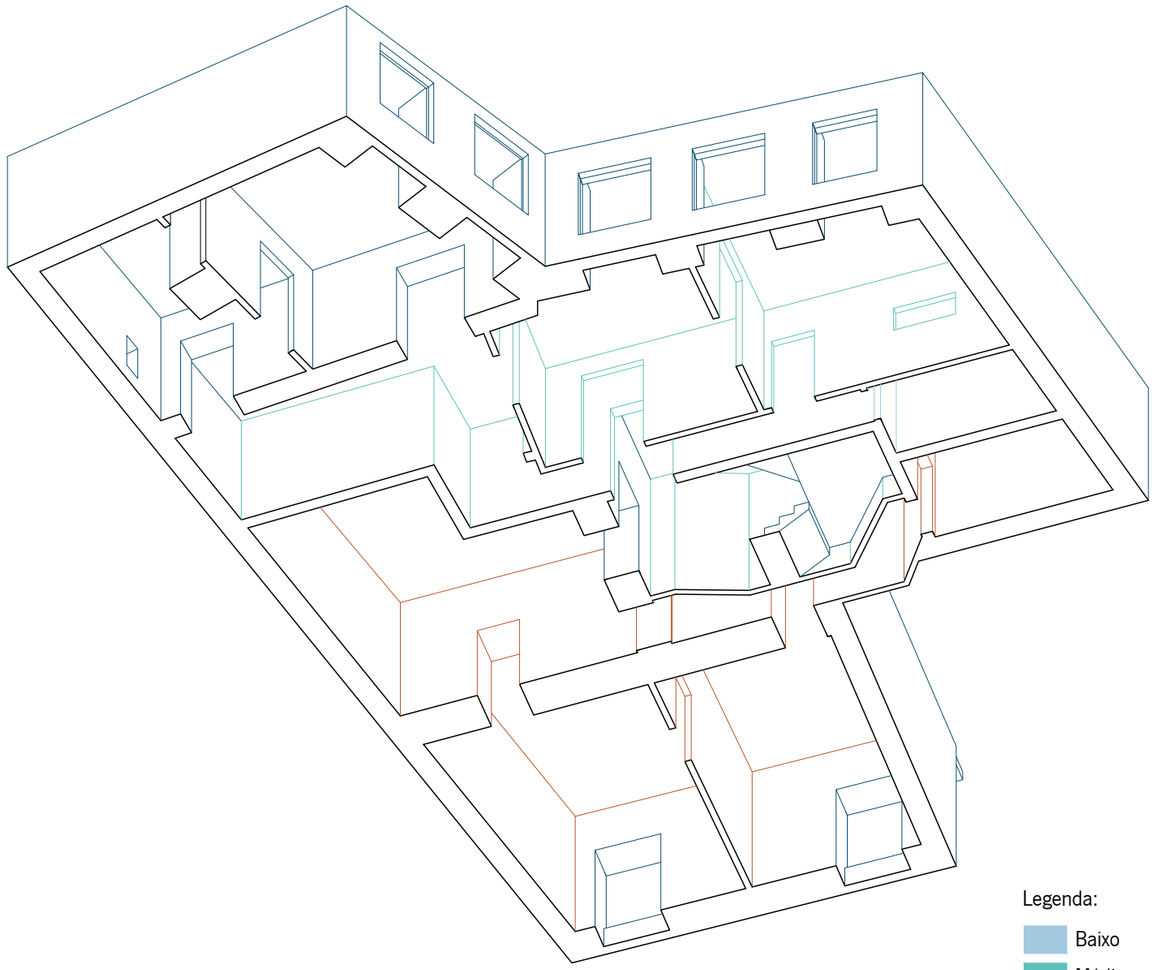
Legenda:

- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso 0
Escala 1:100
Desenho nº8; 8.1
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m



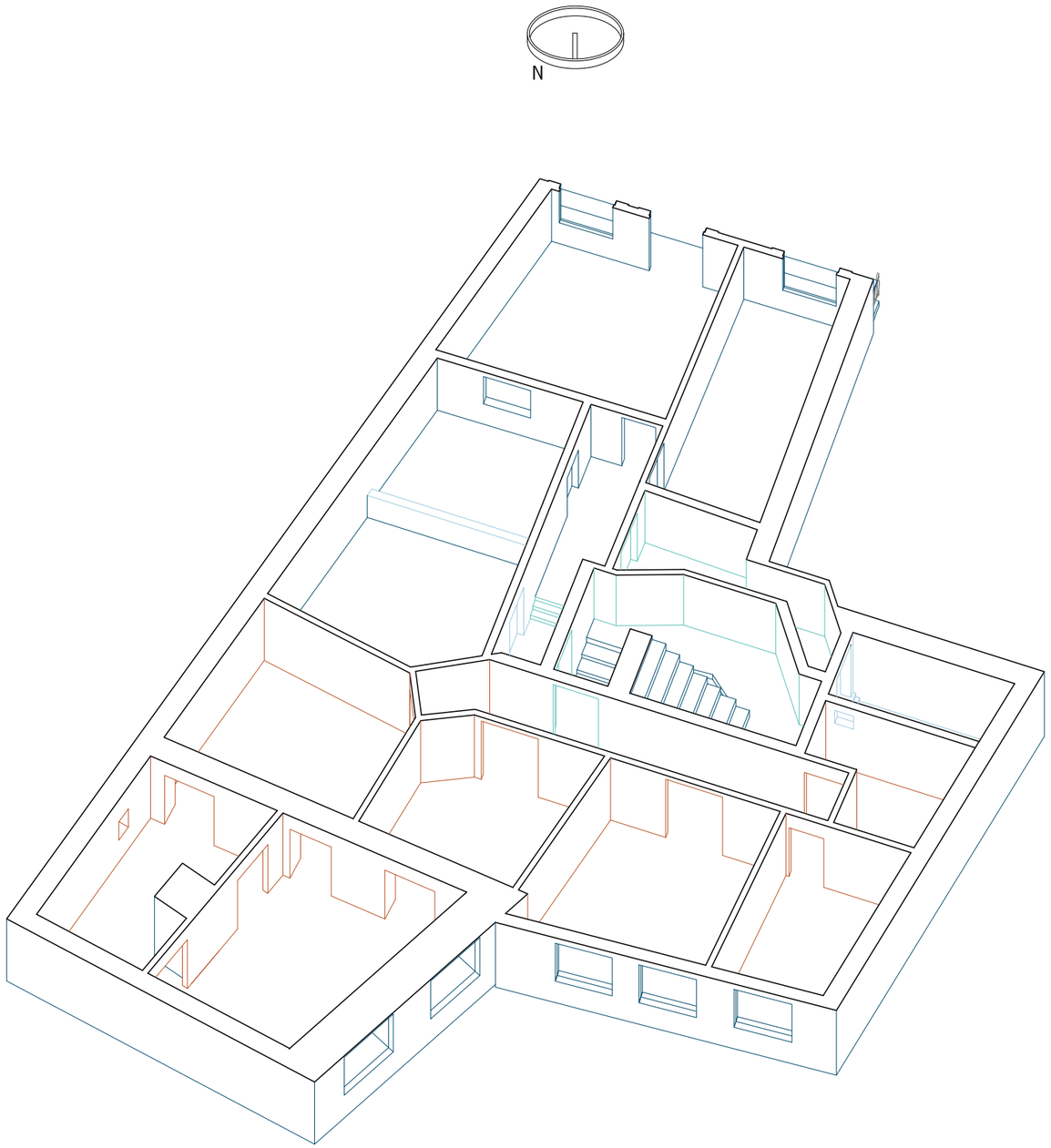


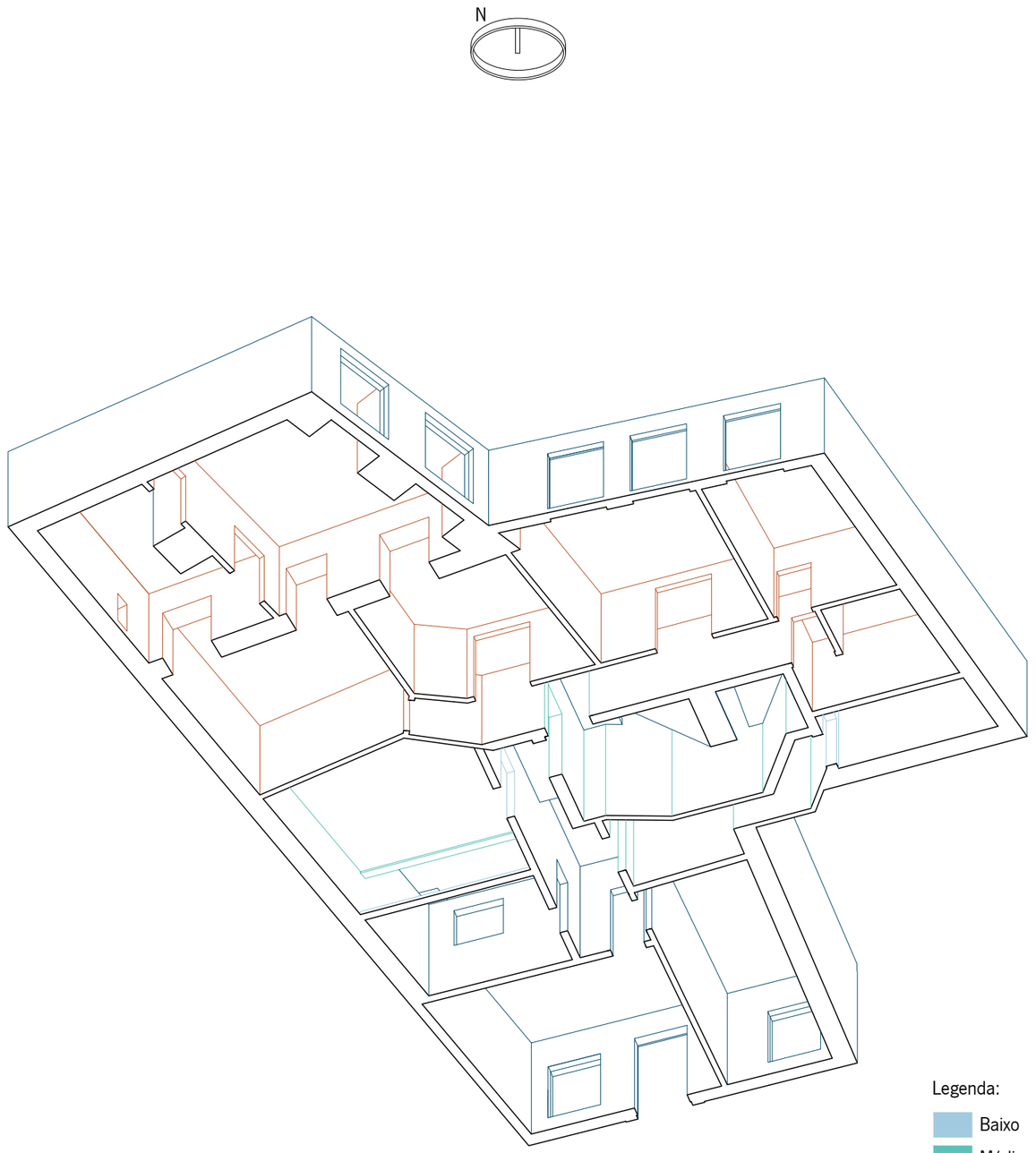
Legenda:

- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso 1
Escala 1:100
Desenho n°8; 8.2
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m



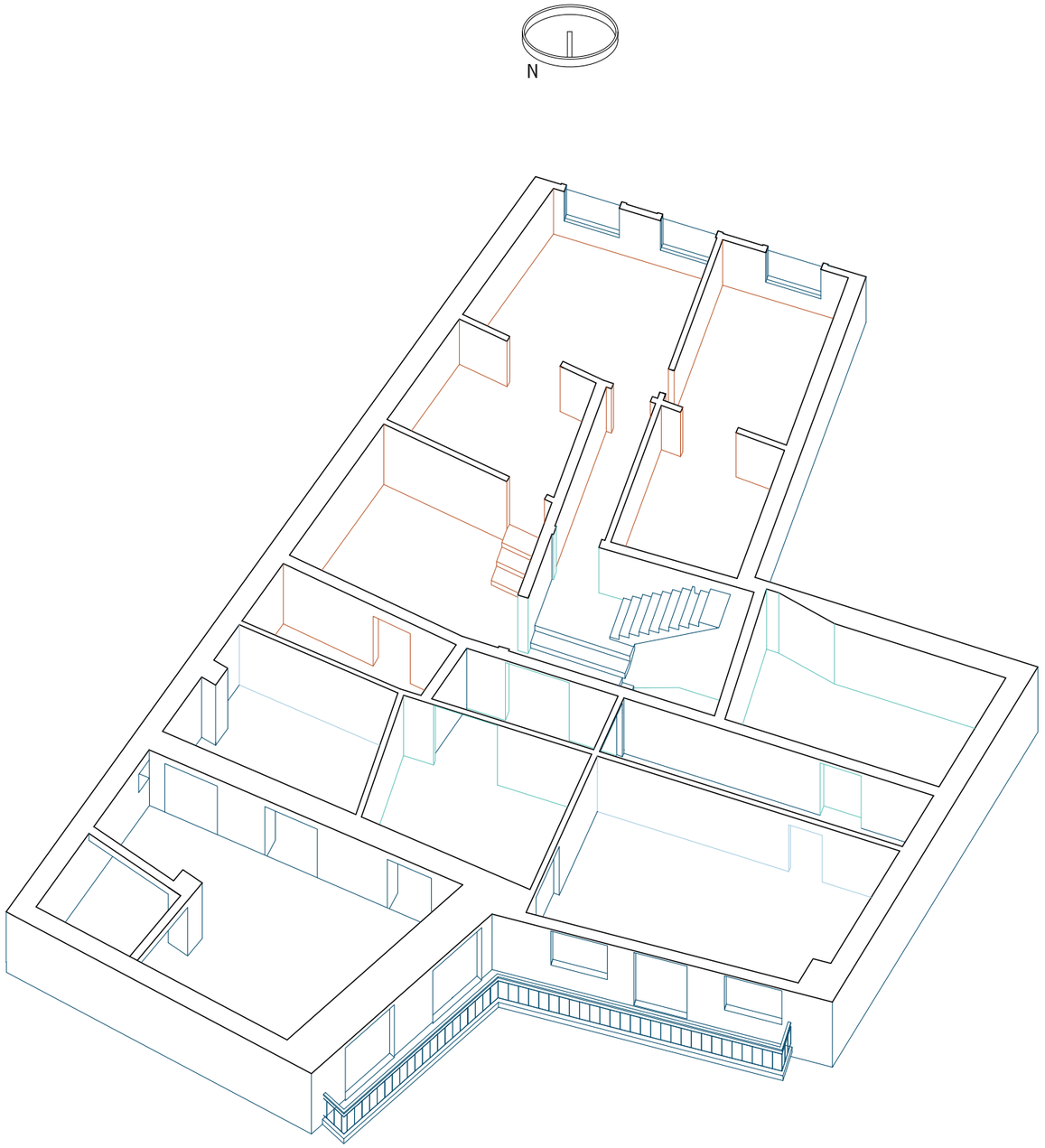


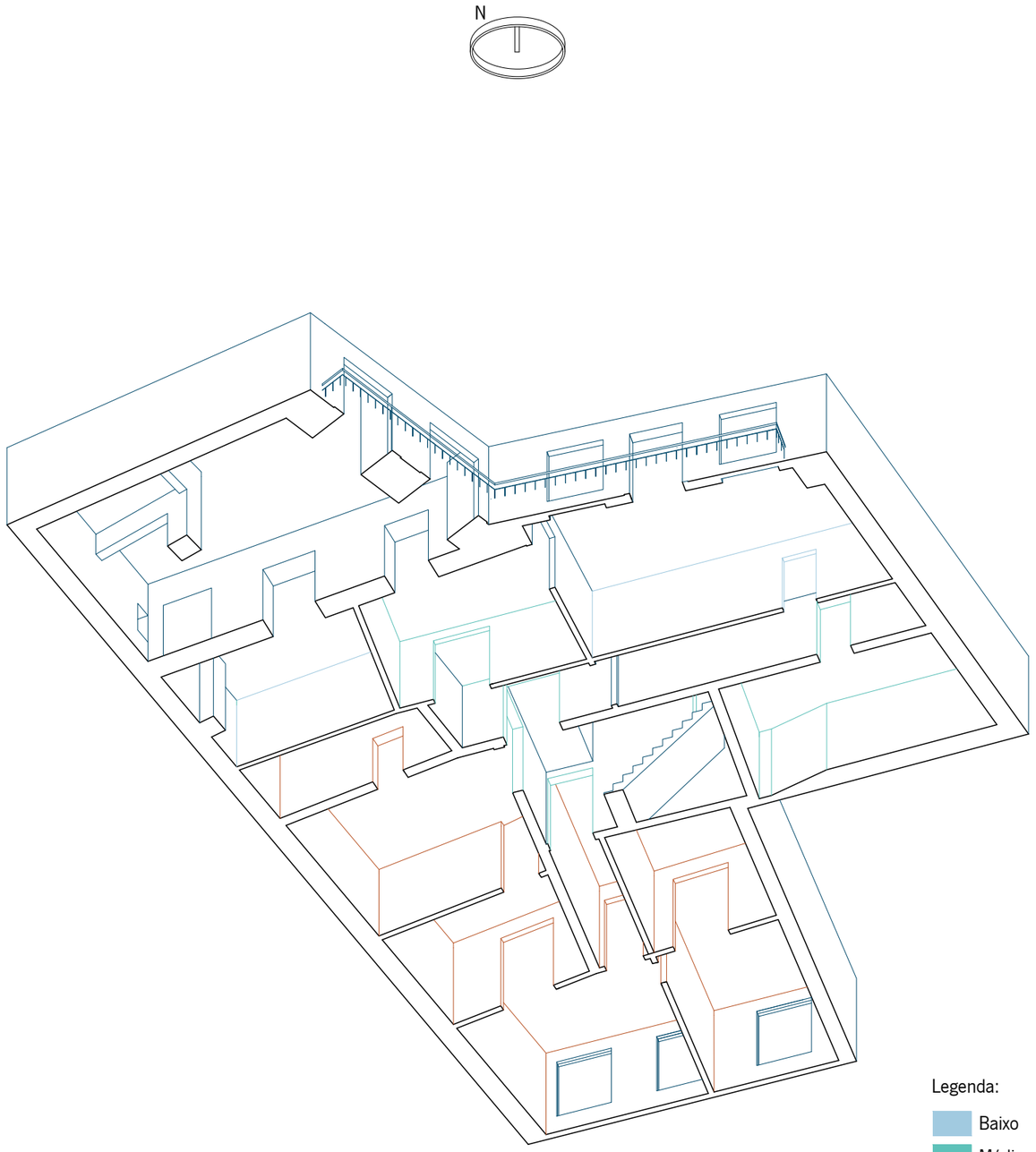
Legenda:

- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso 2
Escala 1:100
Desenho n°8; 8.3
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m



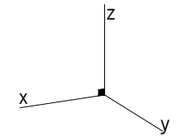


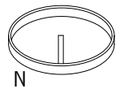
Legenda:

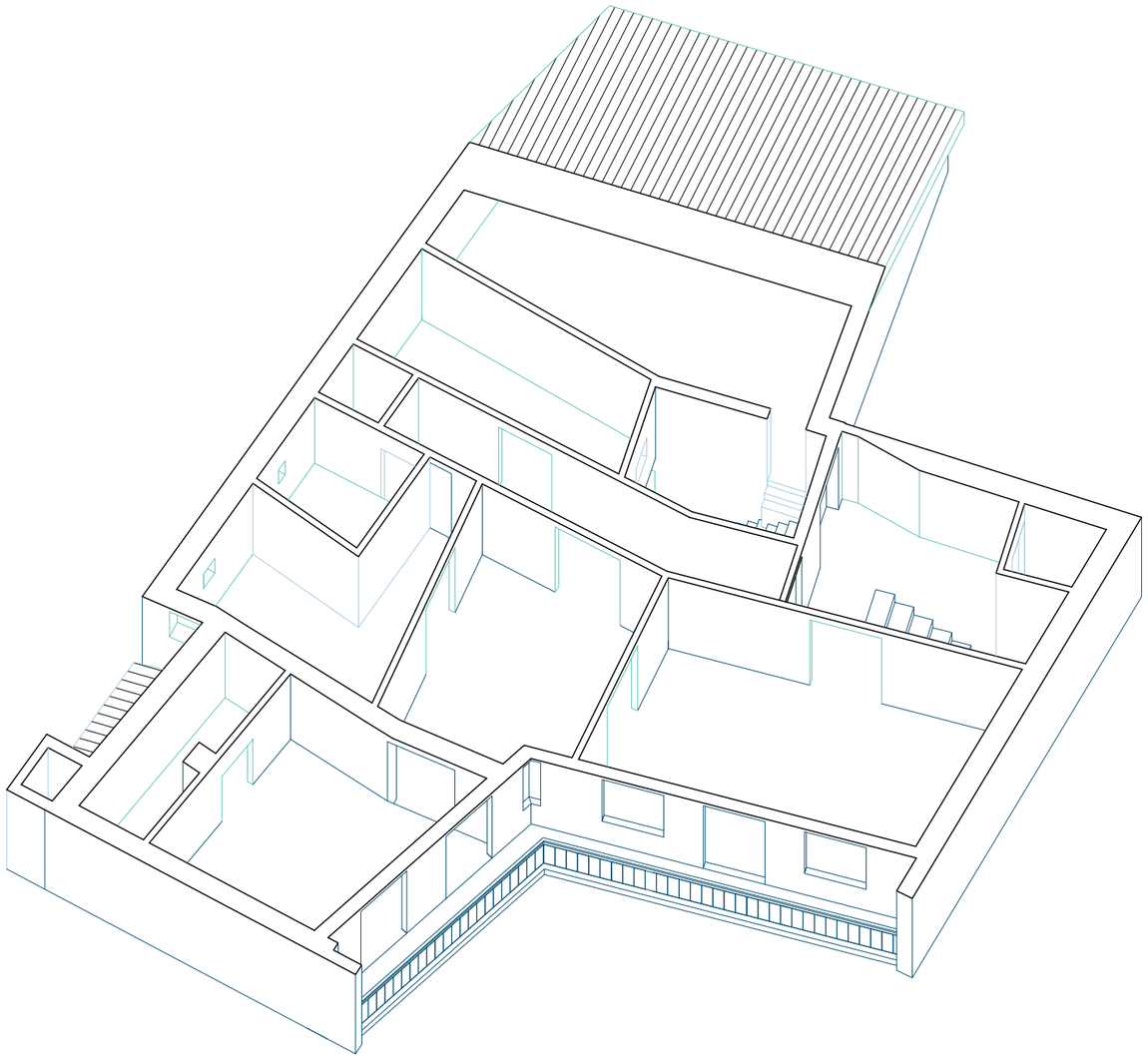
- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

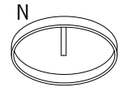
Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso 3
Escala 1:100
Desenho n°8; 8.4
Mariana Gouveia da Costa A91880

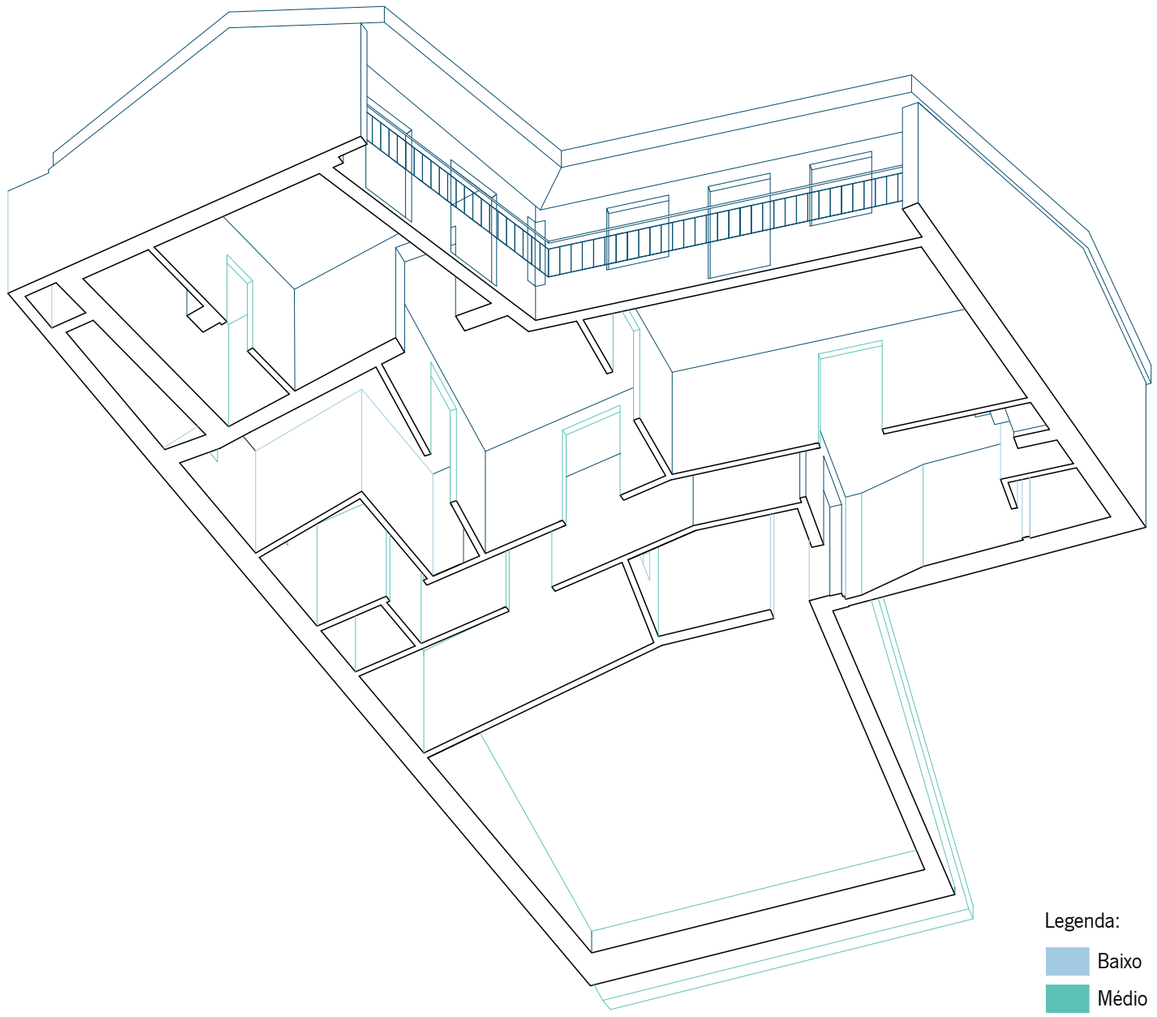
0 0.5 1 2 5m









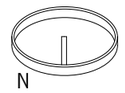


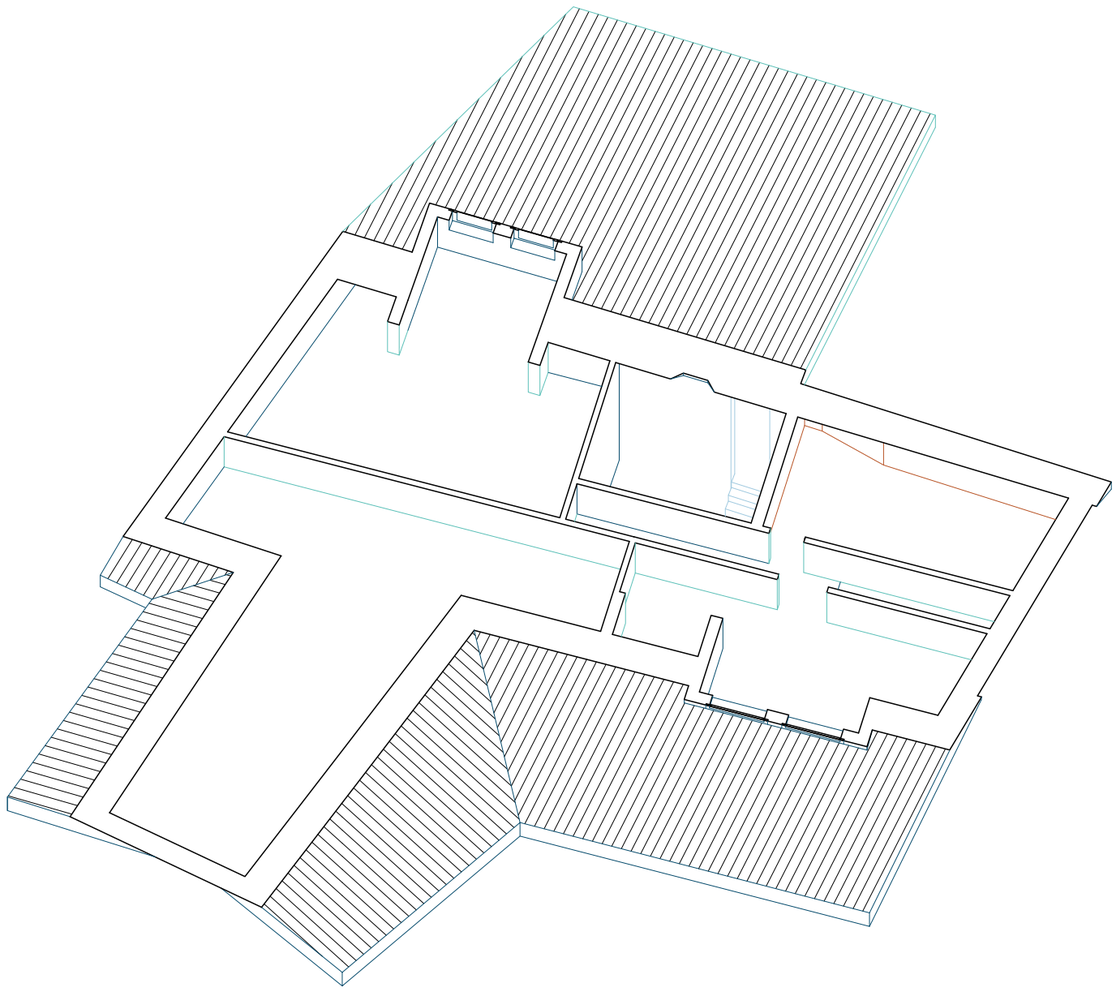
Legenda:

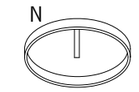
- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

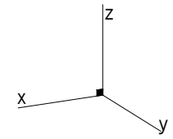
Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso 4
Escala 1:100
Desenho n°8; 8.5
Mariana Gouveia da Costa A91880

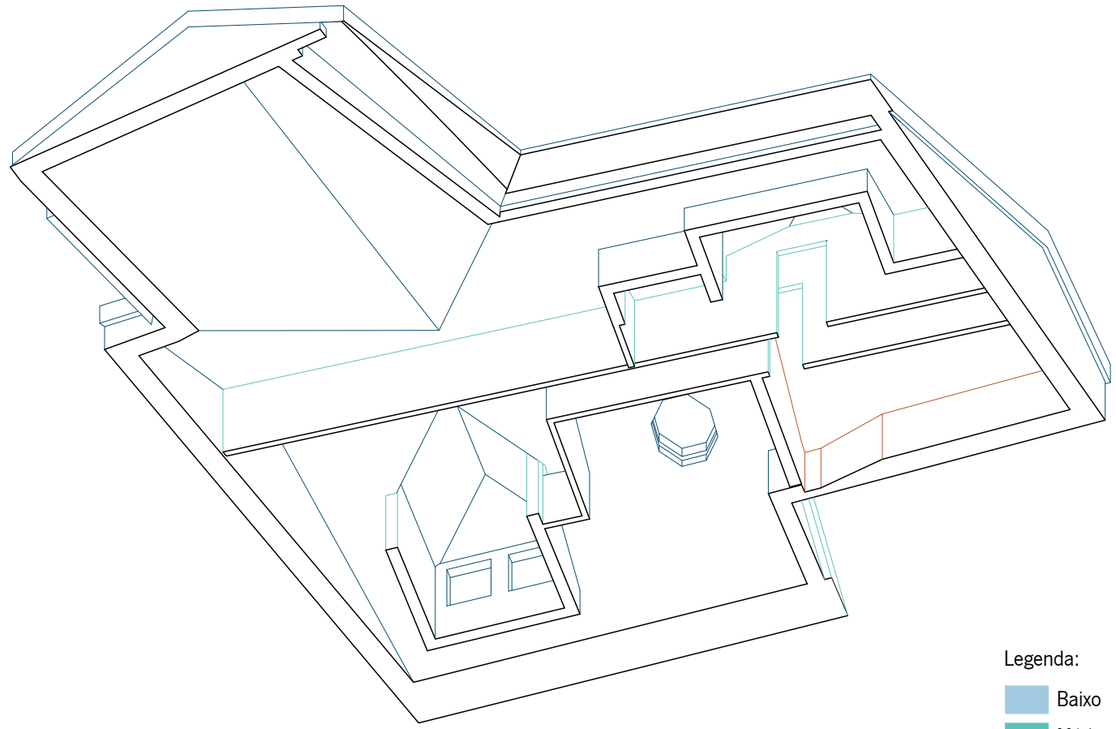
0 0.5 1 2 5m









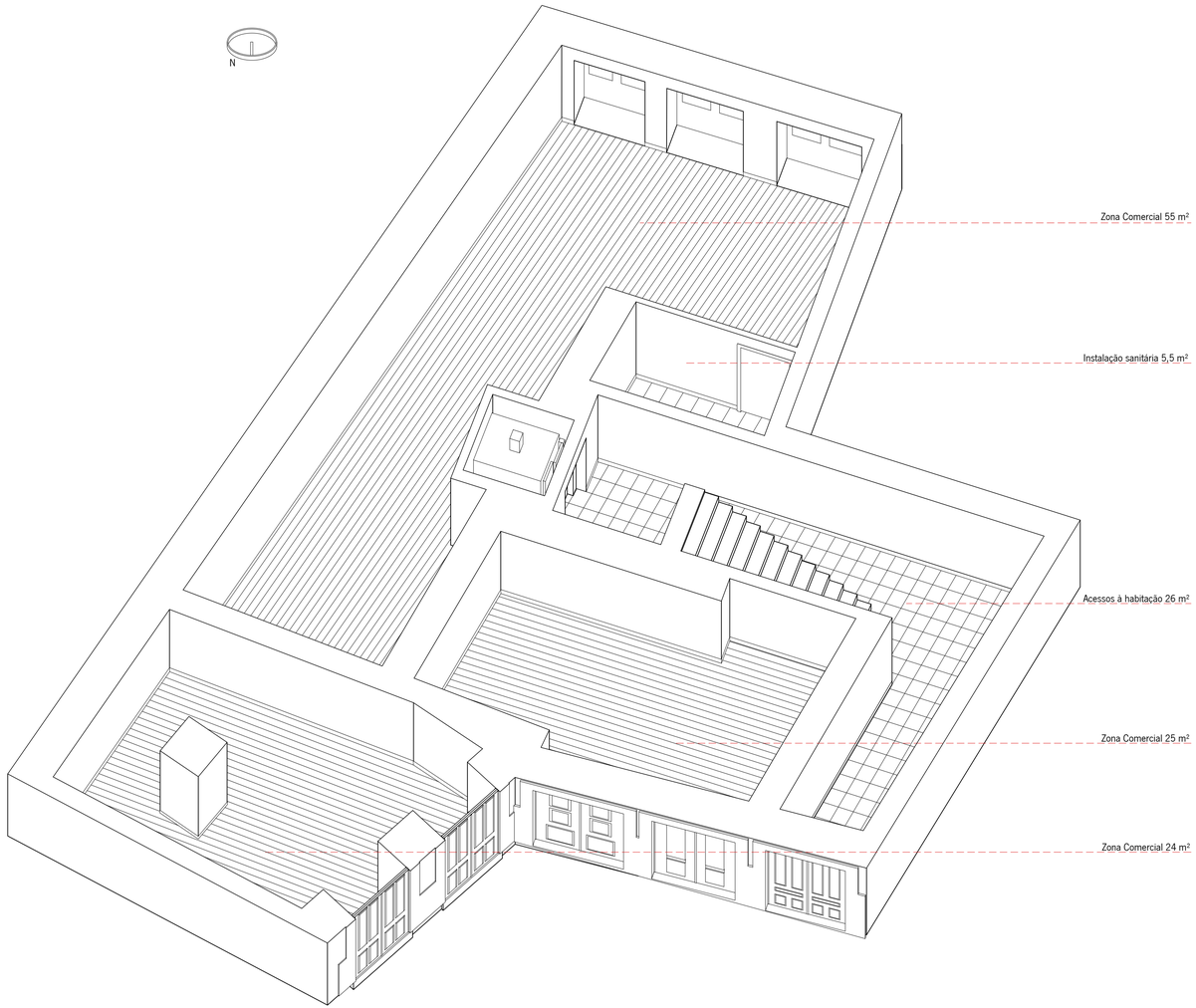


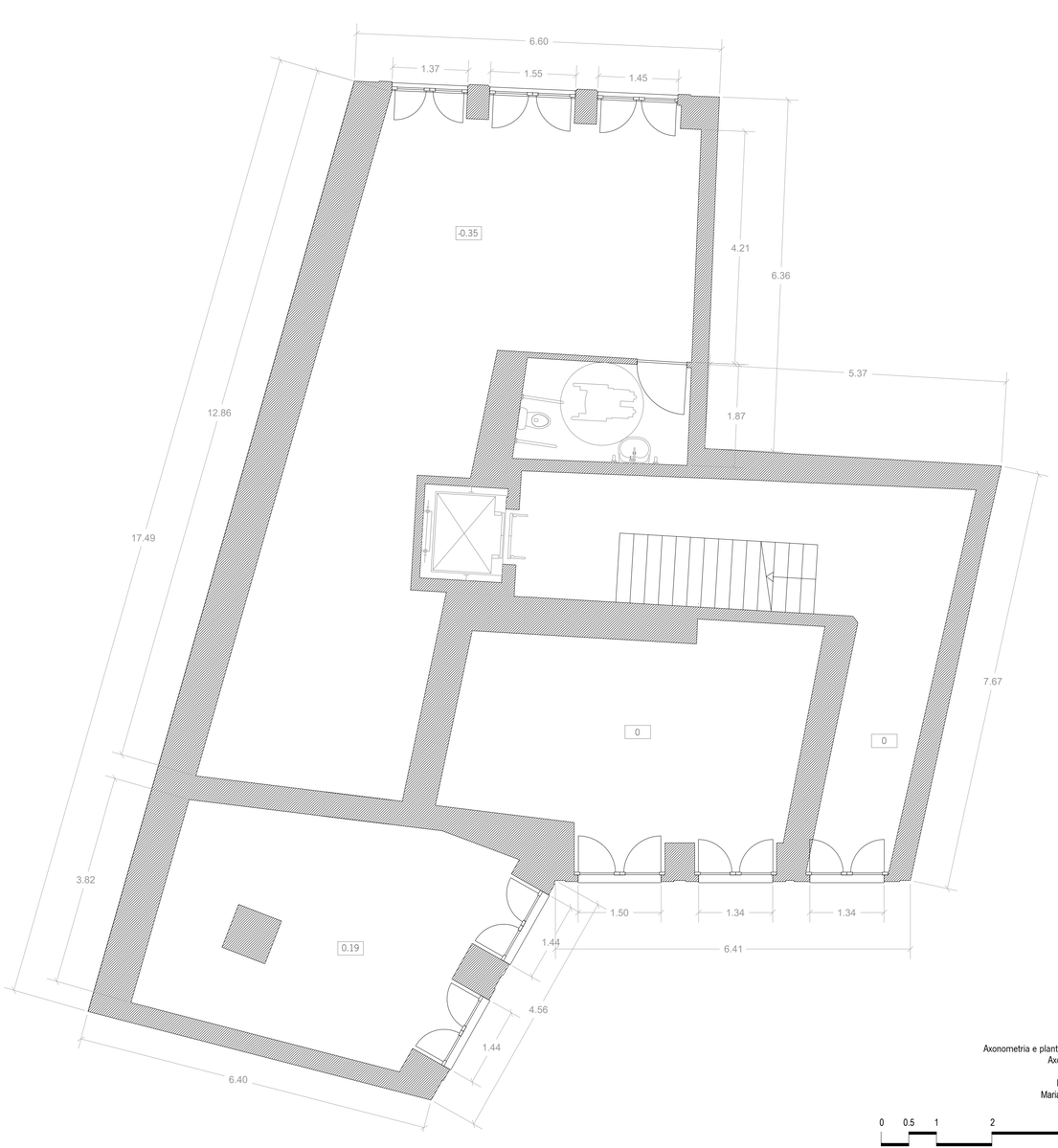
Legenda:

- Baixo
- Médio
- Alto
- Sem informação

Quadro das transformações
Axonometrias de análise das alterações do Piso Sótão
Escala 1:100
Desenho nº8; 8.6
Mariana Gouveia da Costa A91880







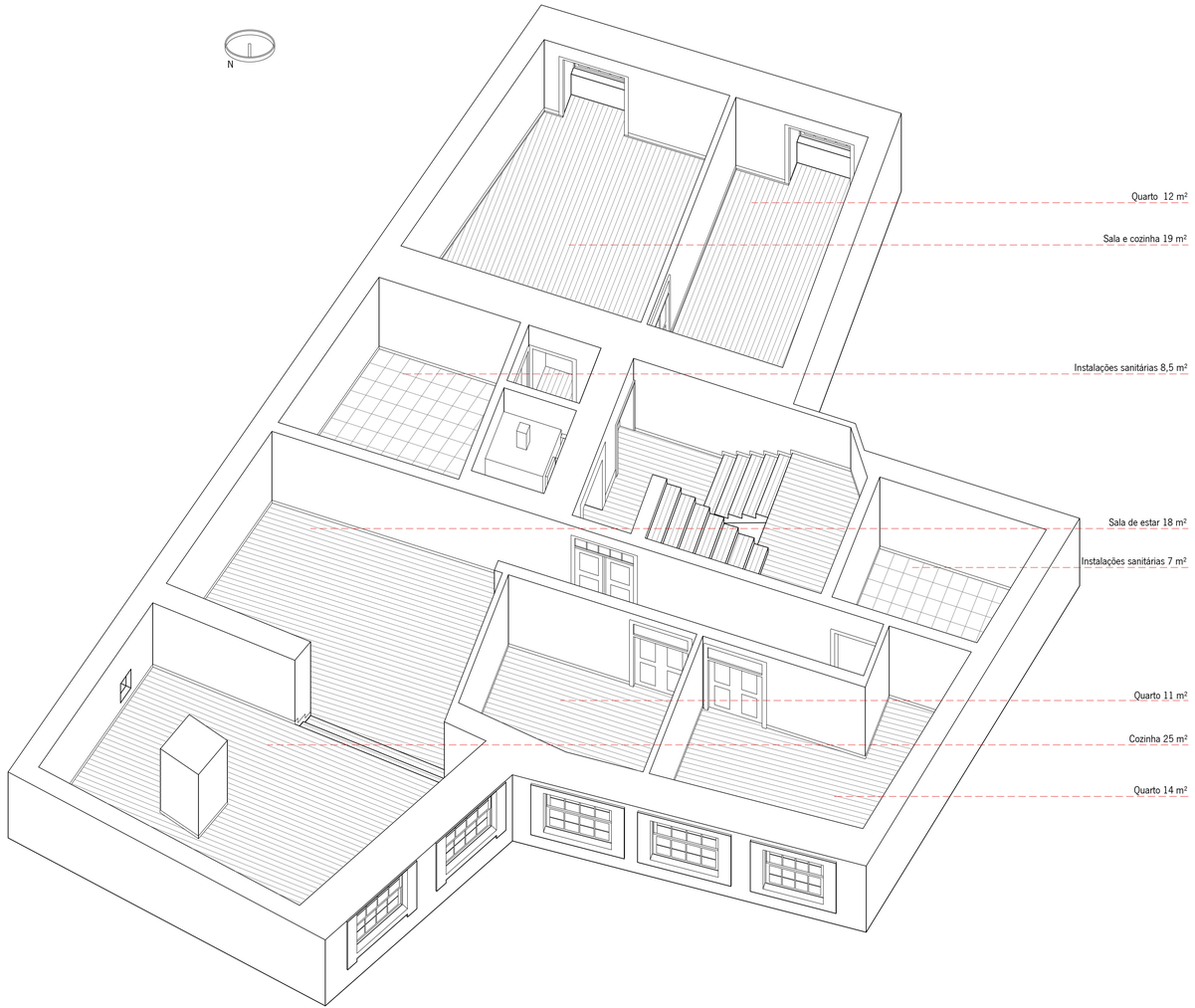
Legenda:

mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso 0
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.1; 10.1
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





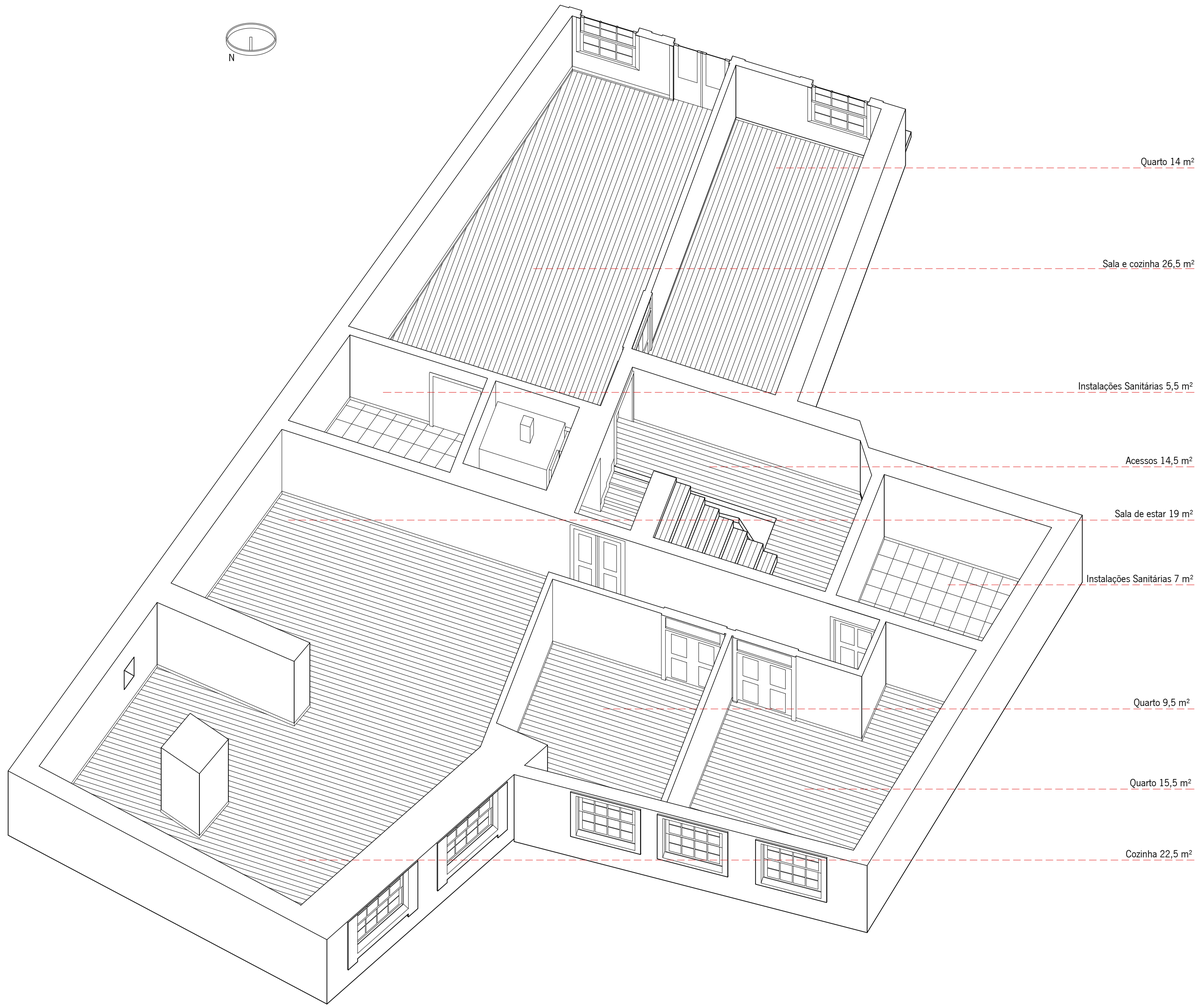
Legenda:

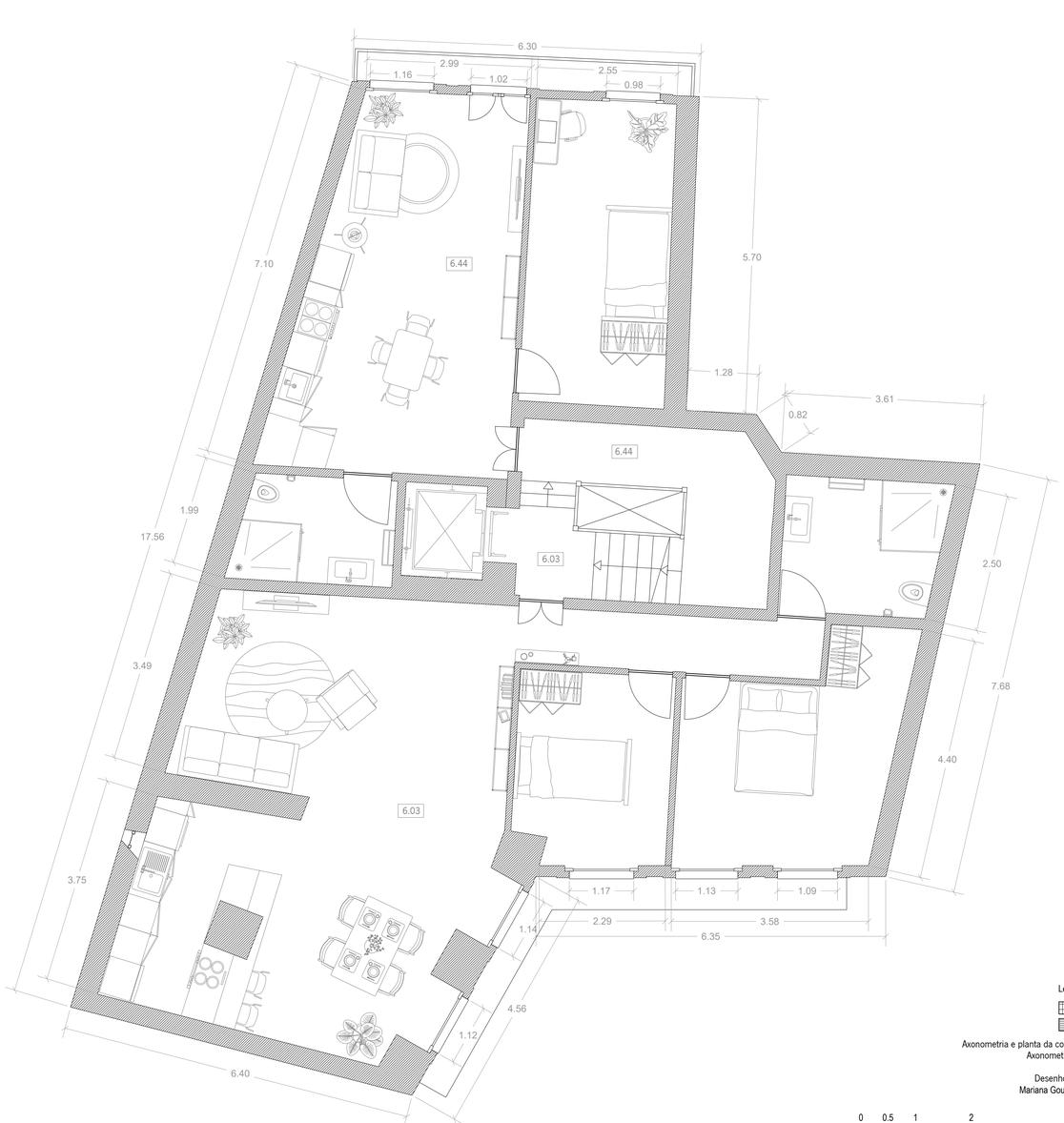
mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso 1
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.2; 10.2
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





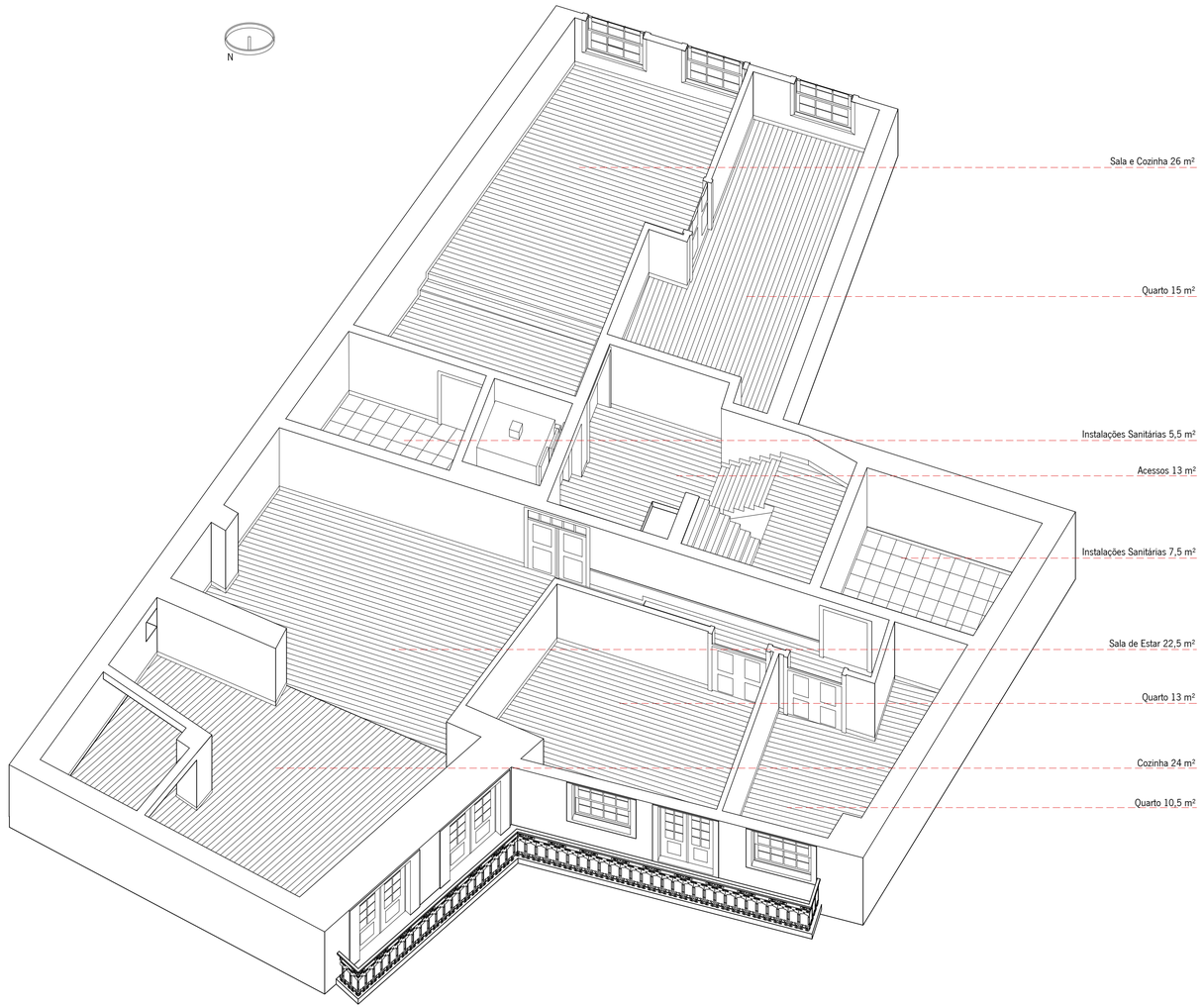
Legenda:

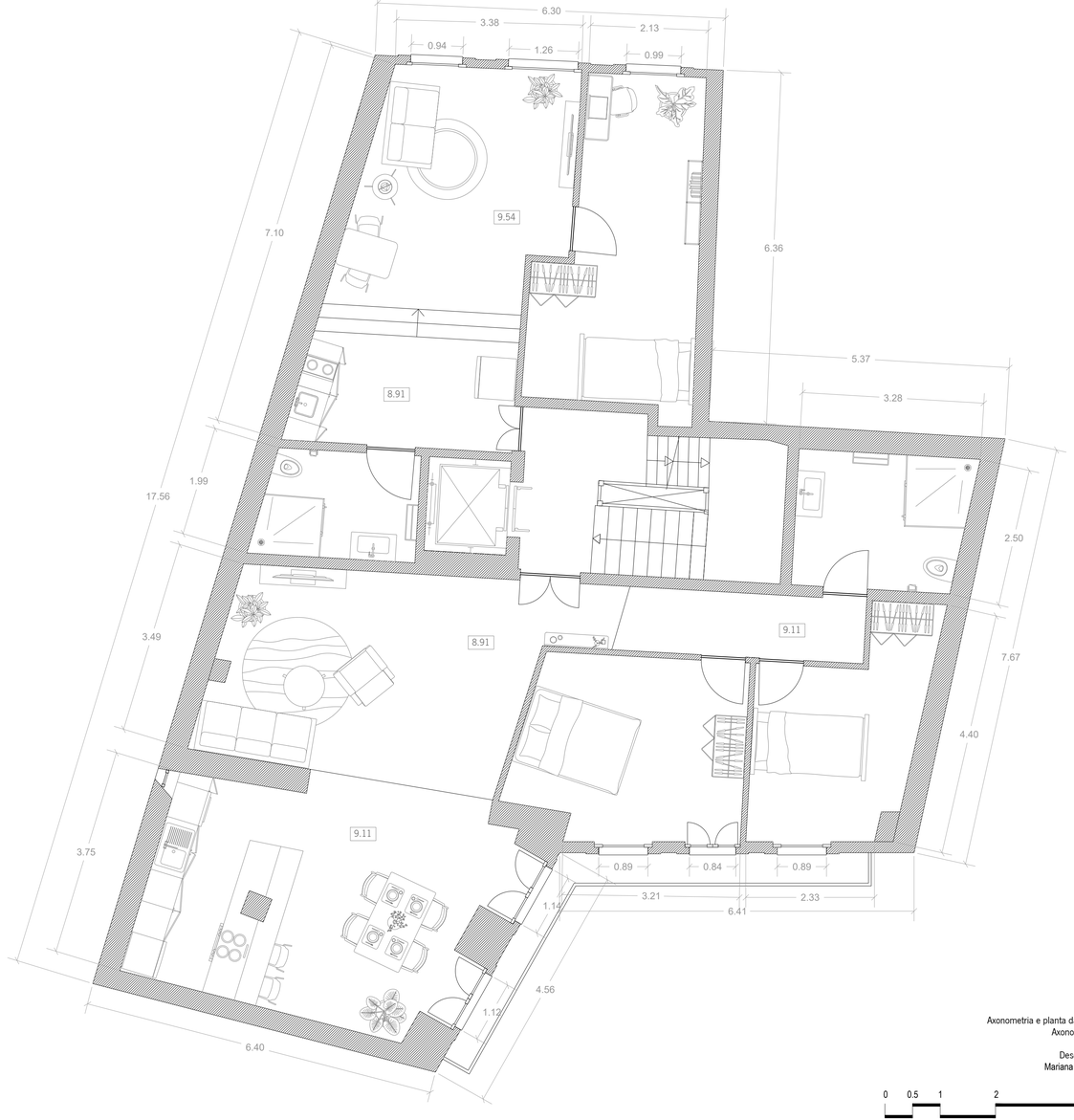
mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso 2
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.3; 10.3
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





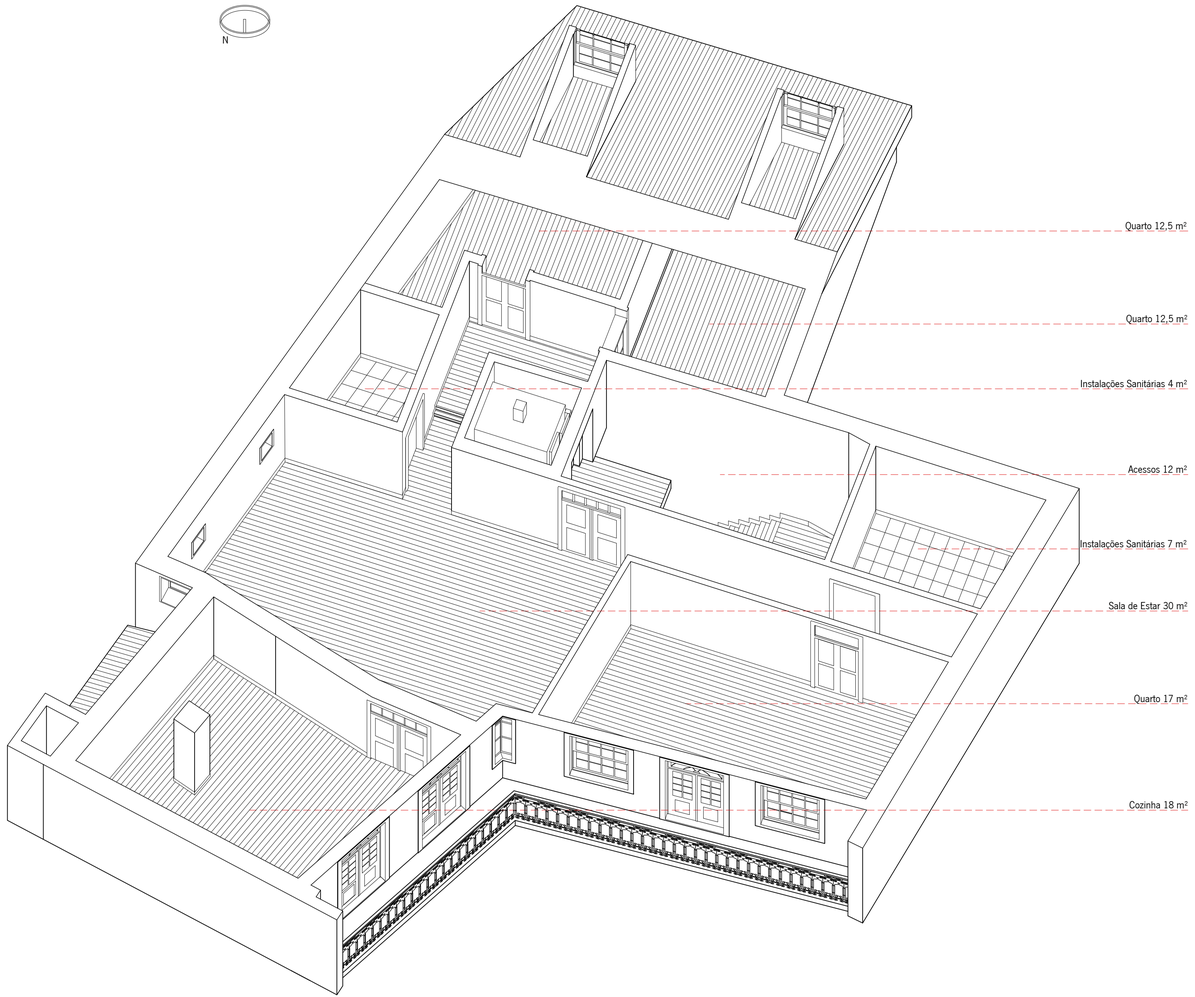
Legenda:

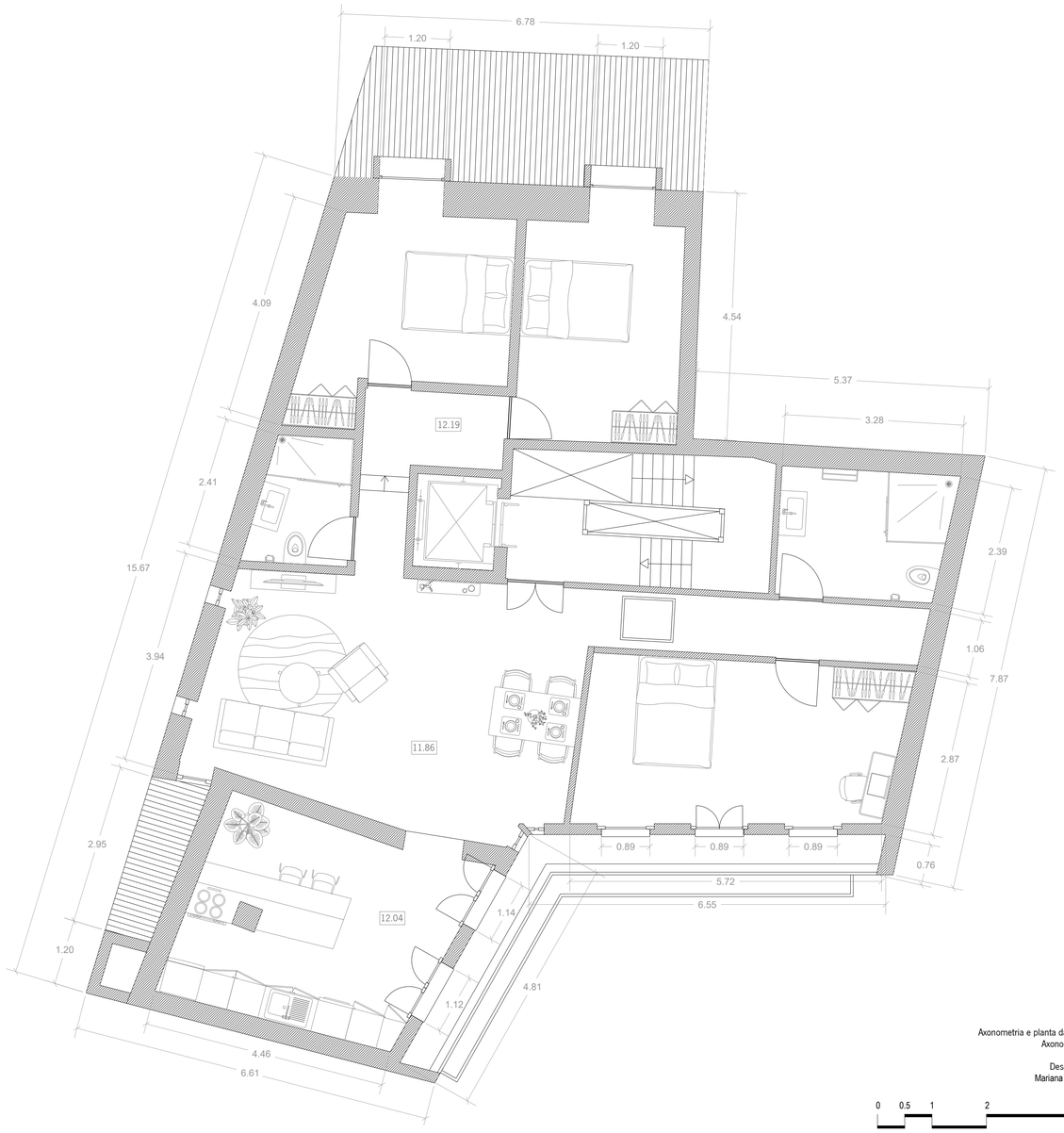
mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso 3
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.4; 10.4
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m





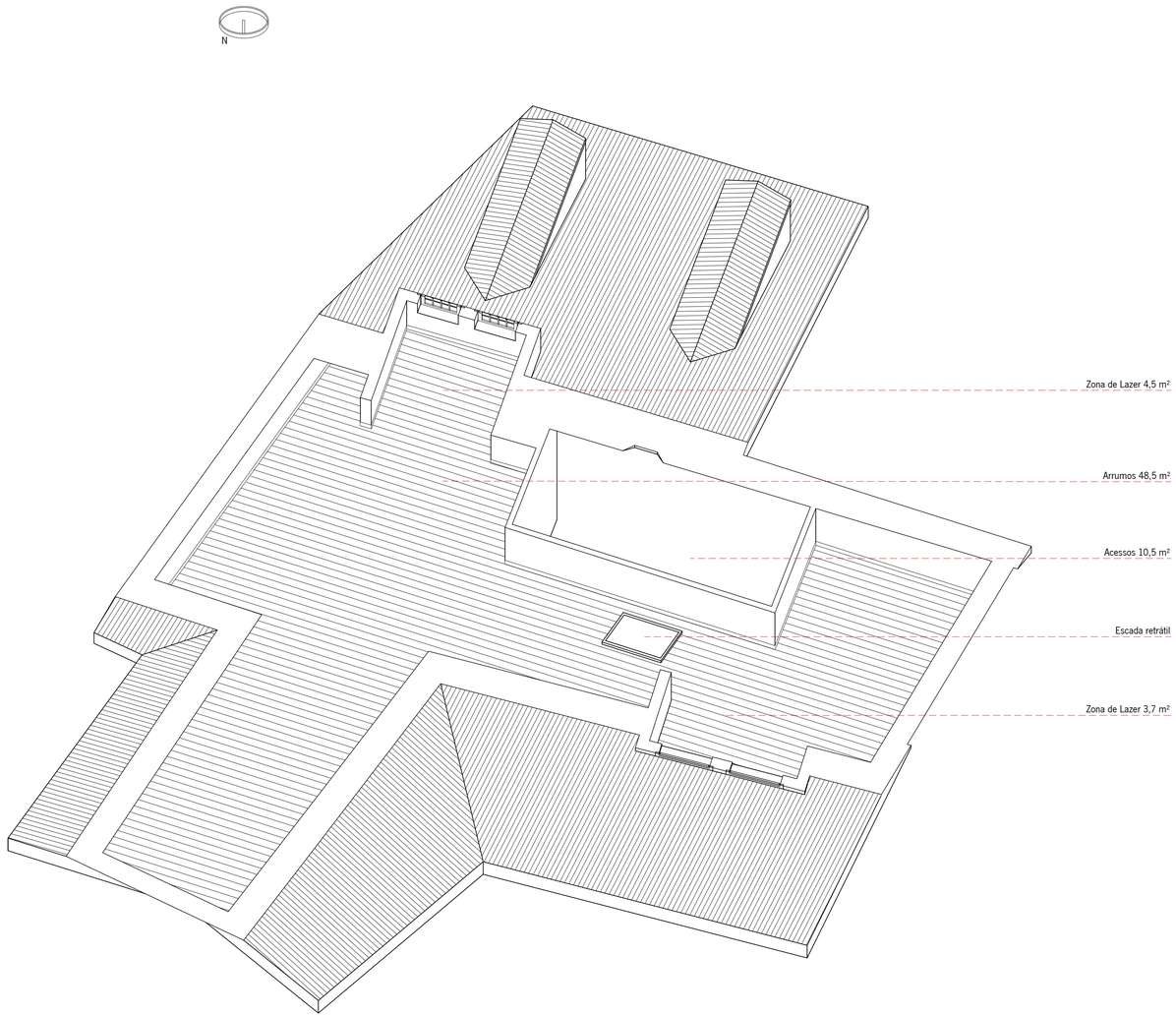
Legenda:

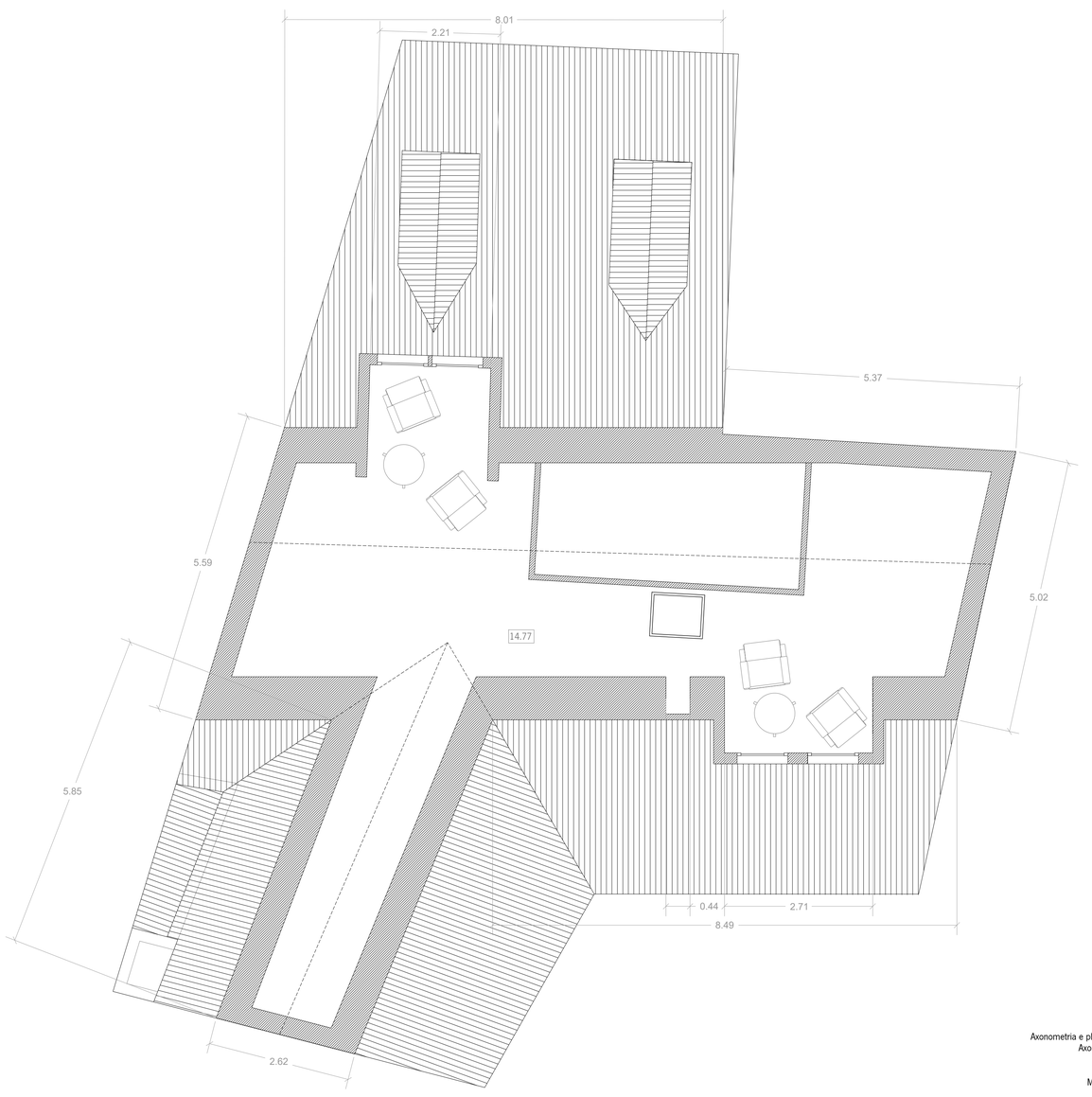
mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso 4
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.5; 10.5
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m







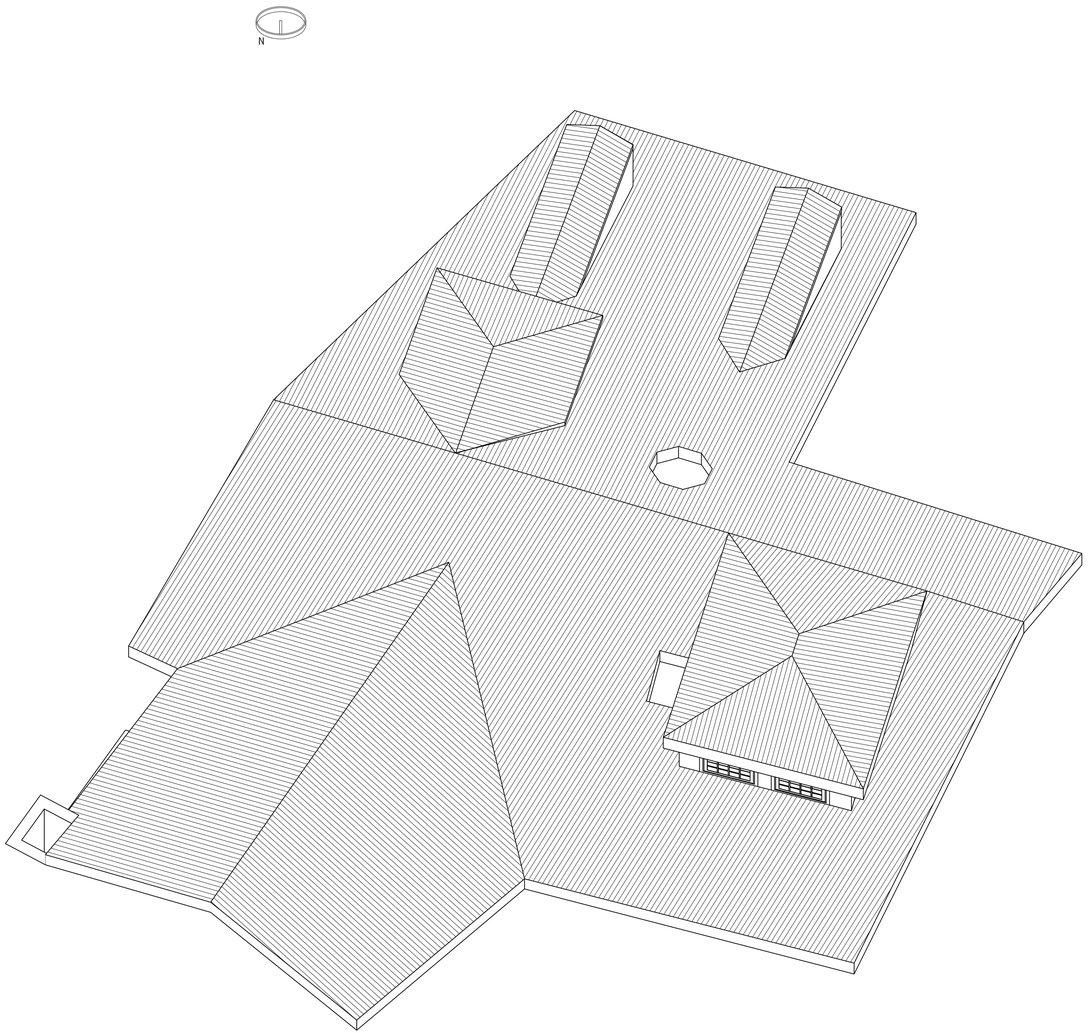
Legenda:

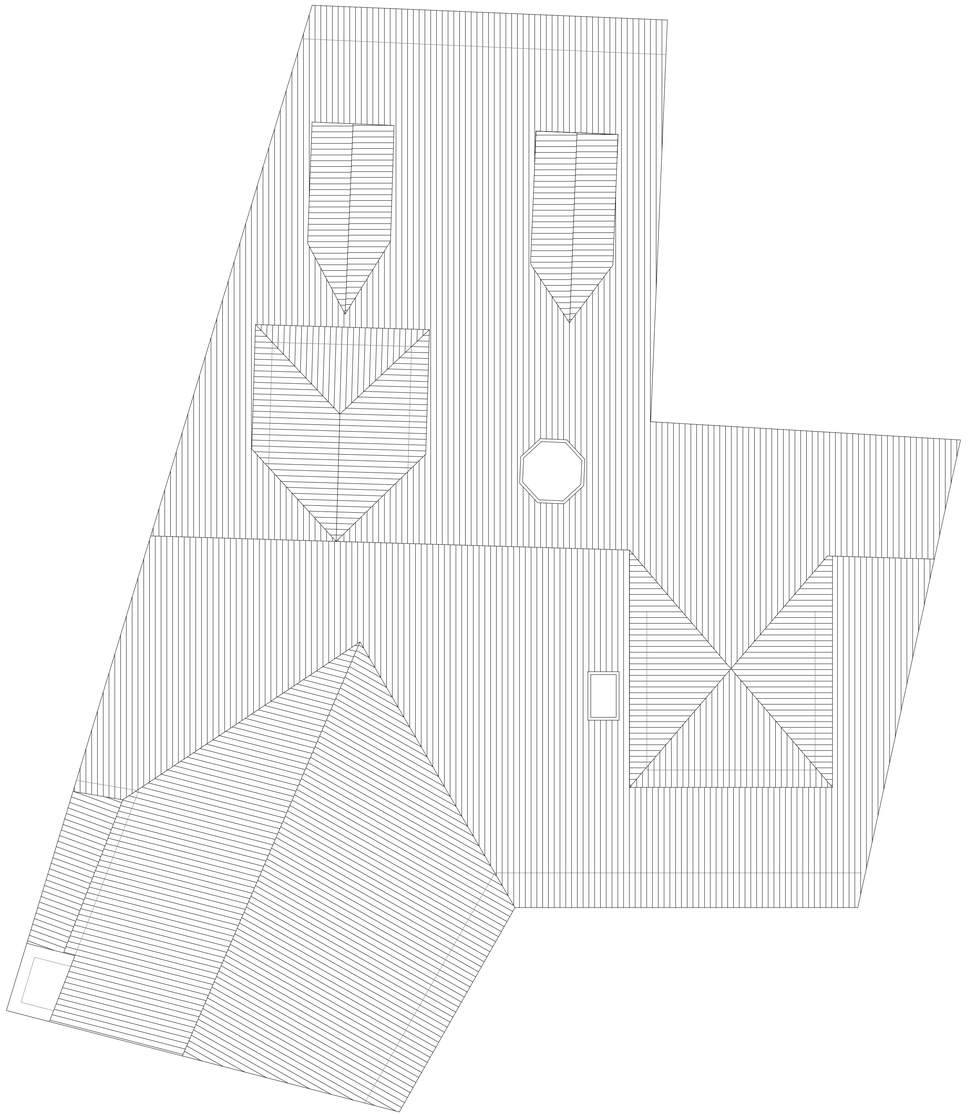
mosaico/azulejo

madeira

Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso Sótão
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.6; 10.6
Mariana Gouveia da Costa A91880

0 0.5 1 2 5m









Legenda:

mosaico/azulejo

madeira

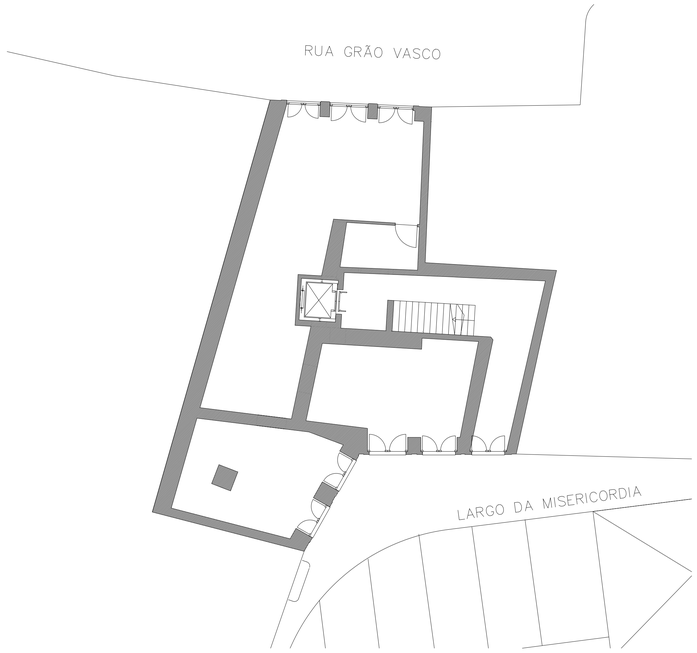
Axonometria e planta da configuração de projeto
Axonometria e planta do Piso Coberturas
Escala 1:50
Desenho nº9 e 10; 9.7; 10.7
Mariana Gouveia da Costa A91880



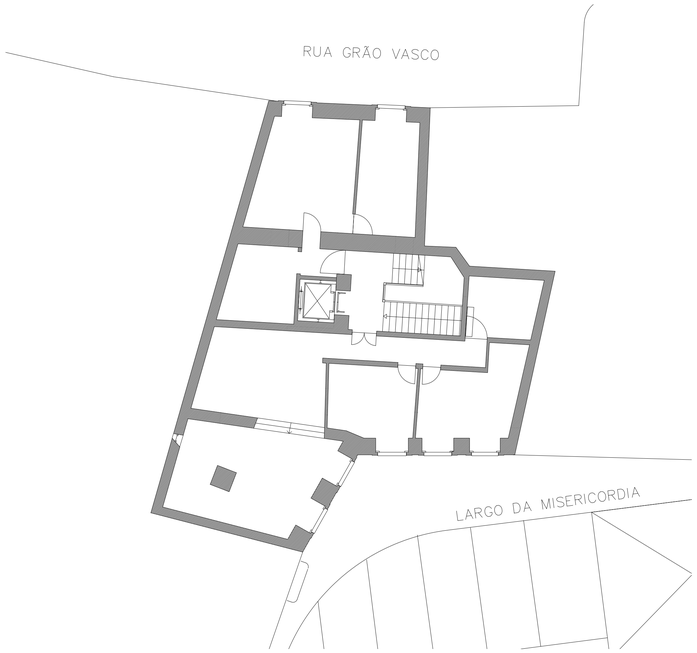




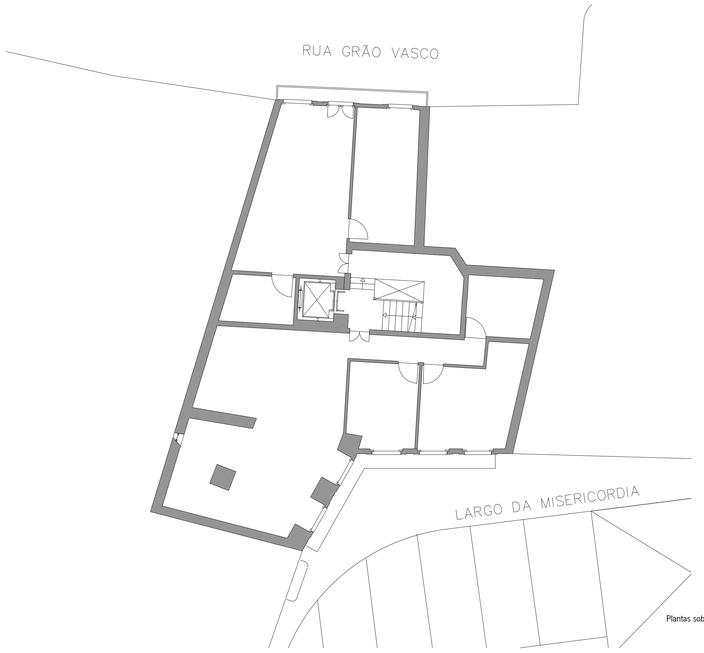




Piso 0



Piso 1



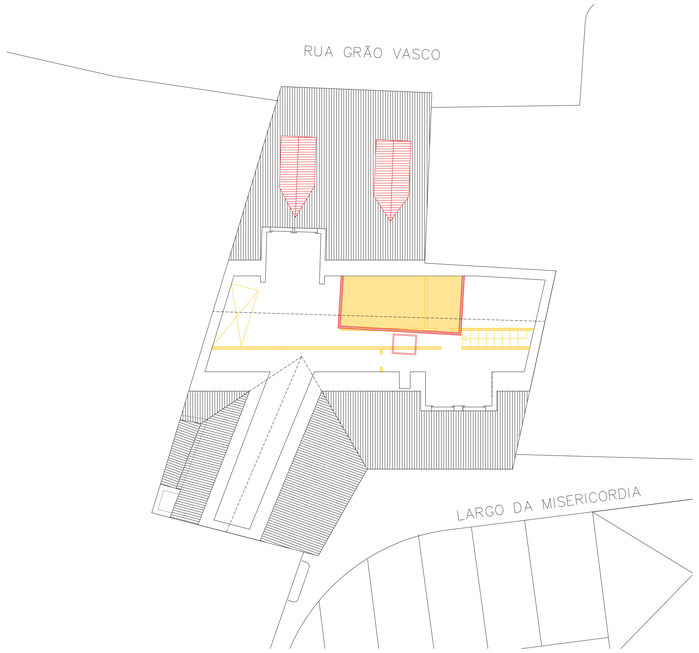
Piso 2

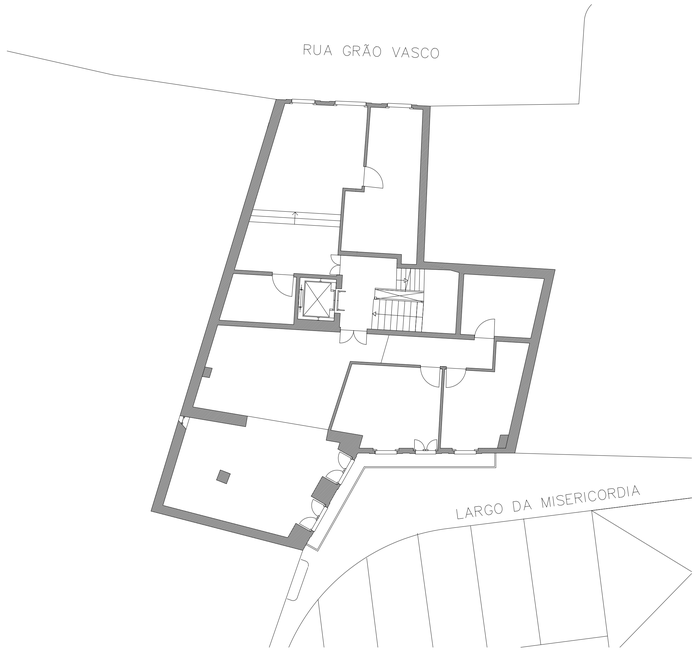
Plantas sobrepostas dos amarelos e vermelhos como verificação da configuração de projeto
Planta de amarelos e vermelhos dos pisos 0, 1, 2
Escala 1:100
N° do Desenho: 11; 11.1; 11.2; 11.3
Mariana Gouveia da Costa

0 0.5 1 2 5m

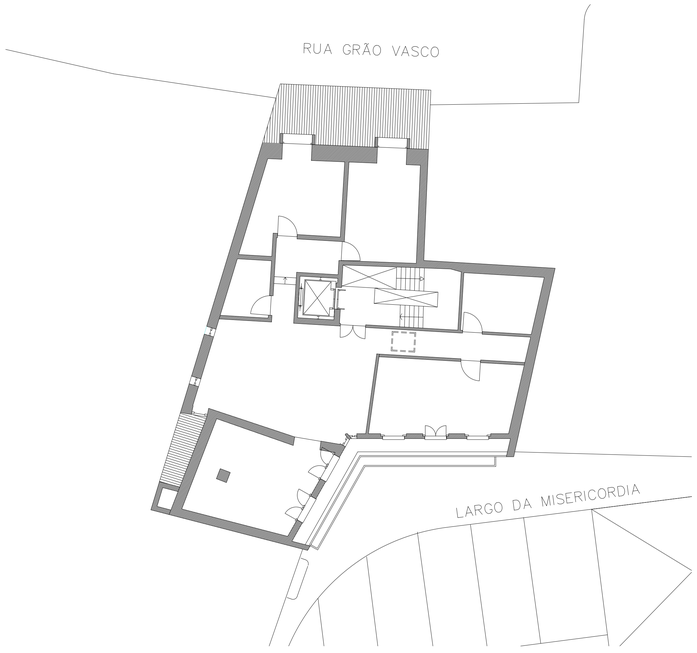




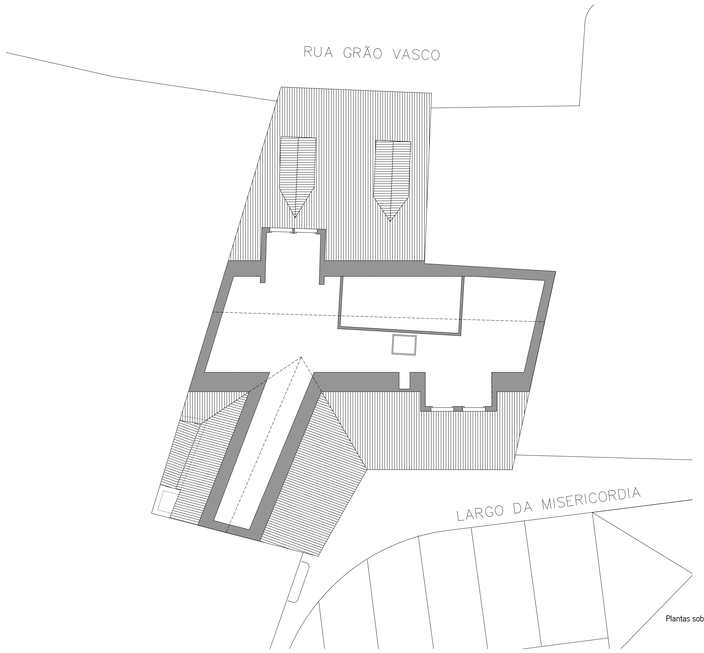




Piso 3



Piso 4

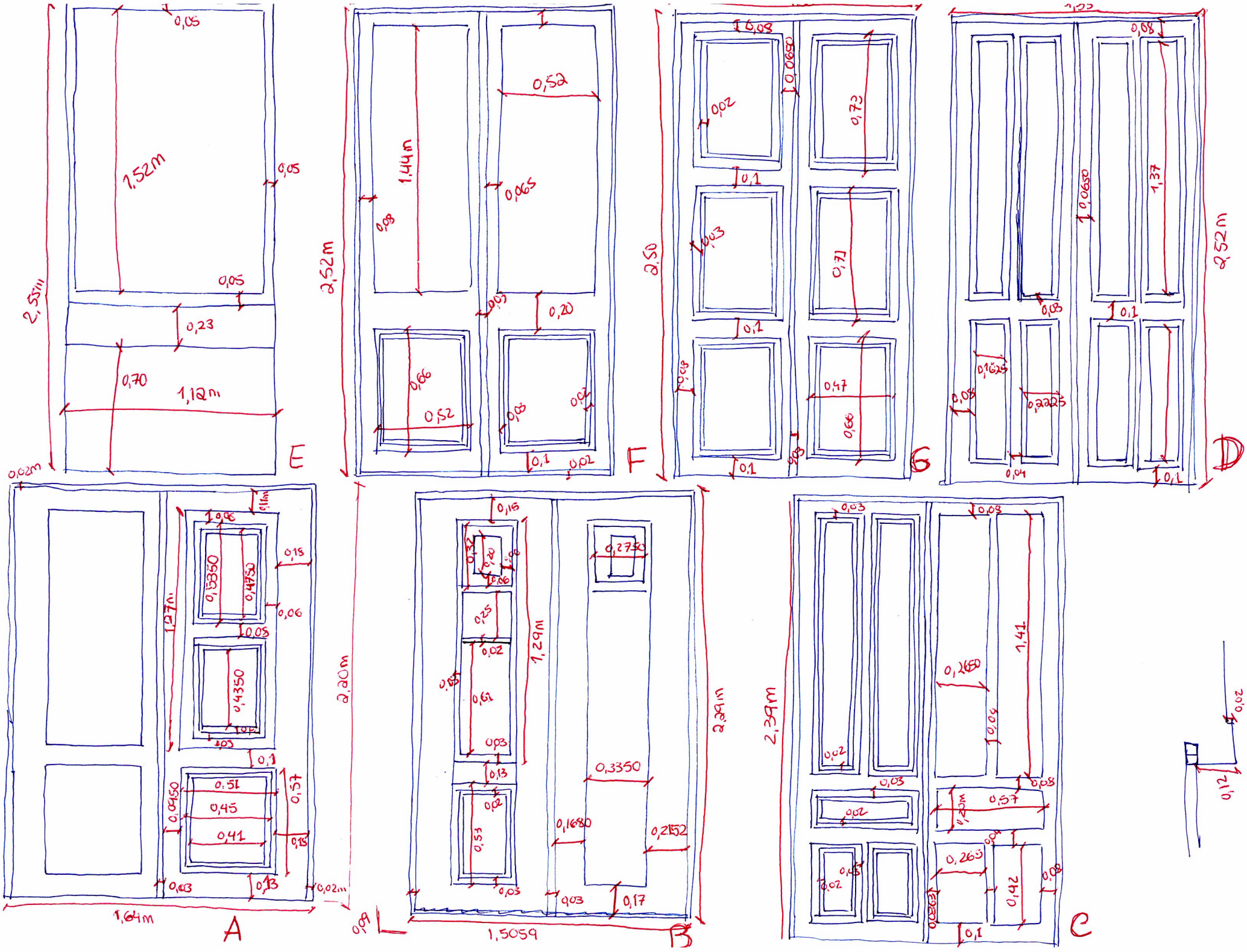


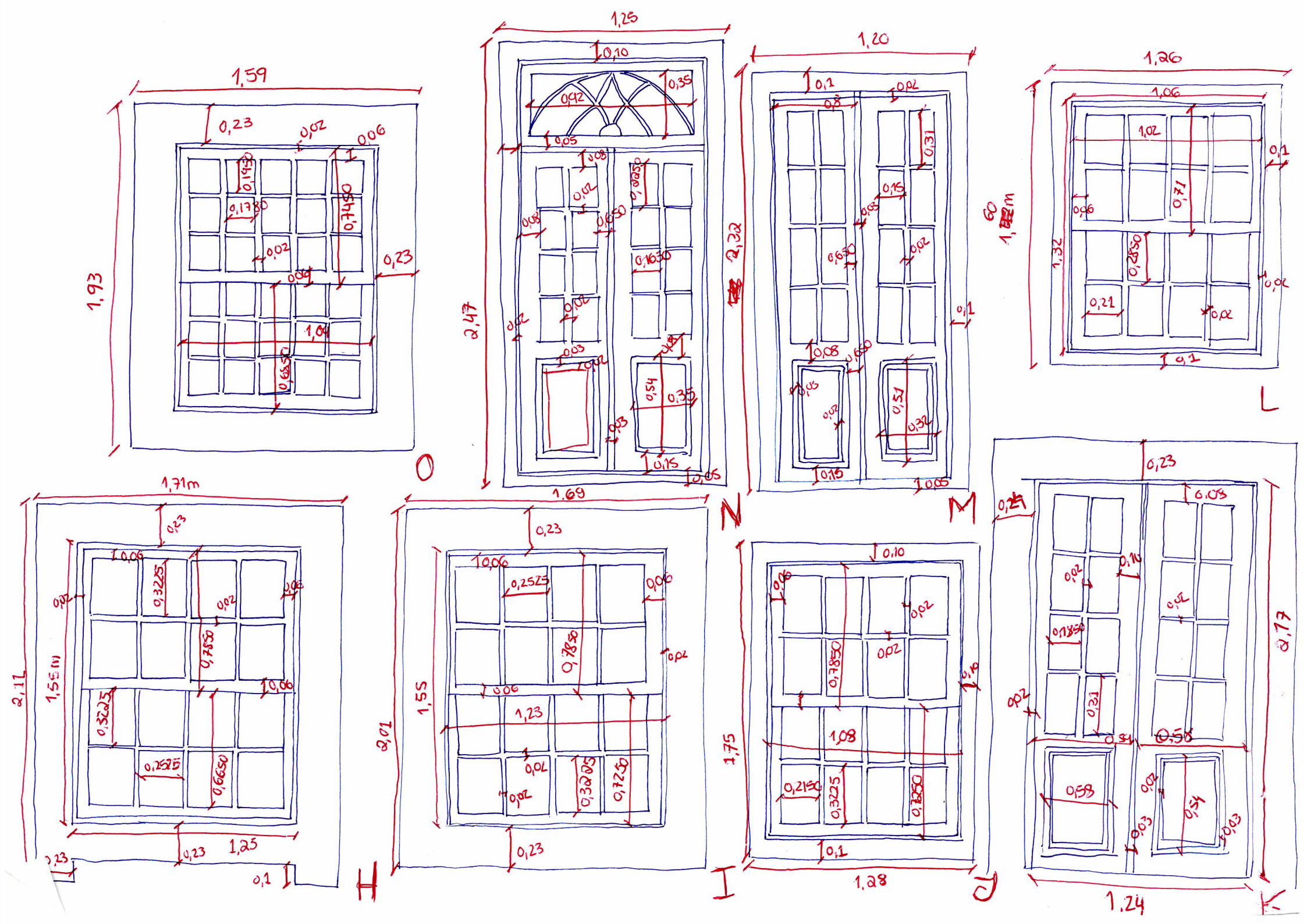
Piso Sótão



Plantas sobrepostas dos amarelos e vermelhos como verificação da configuração de projeto
Planta de amarelos e vermelhos dos pisos 3, 4 e Sótão
Escala 1:100
N° do Desenho: 11; 11.4; 11.5; 11.6
Mariana Gouveia da Costa

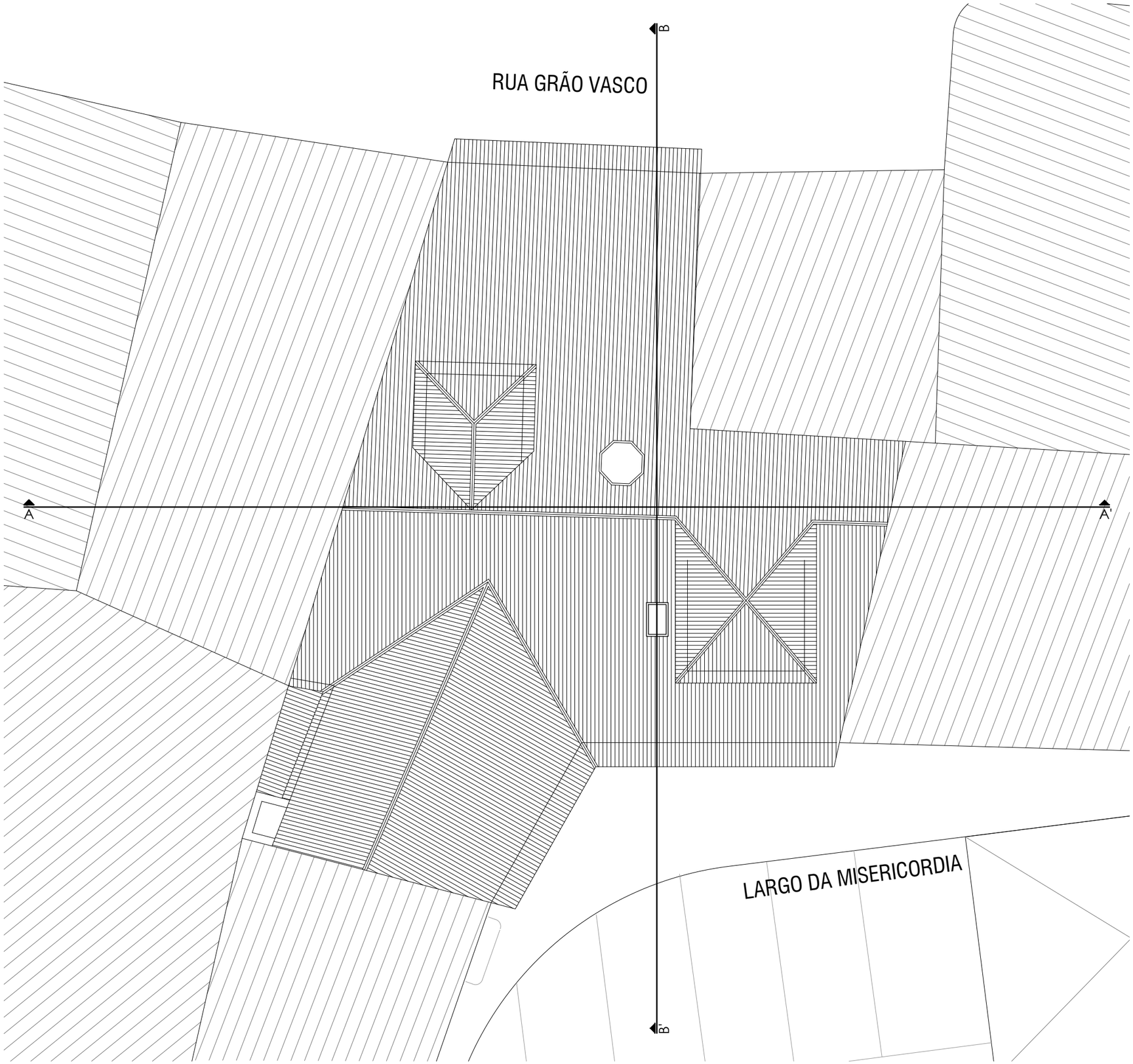
0 0.5 1 2 5m


E
F
G
D
A
L
B
C
2,55m
1,52m
1,12m
0,70
0,23
2,52m
1,44m
0,52
0,66
2,50
0,71
0,73
0,47
0,60
1,37
0,1625
0,3225
1,27m
0,13350
0,4750
0,4350
0,51
0,45
0,41
0,57
1,64m
2,20m
1,29m
0,1350
0,2752
0,53
0,61
0,25
1,5059
2,39m
1,41
0,1650
0,2652
0,42
0,12

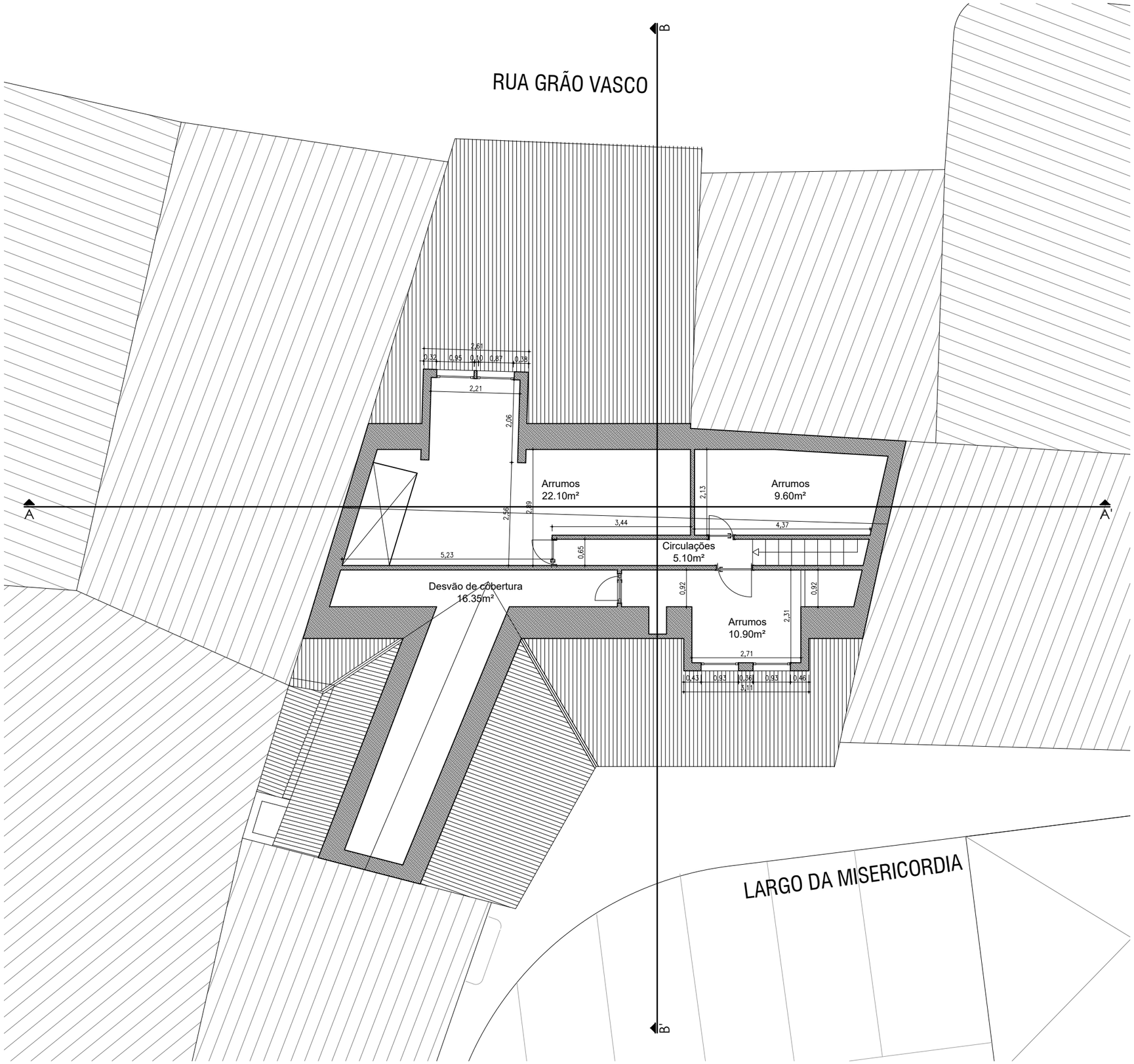

O
N
M
L
K
J
I
H



ALÇADO POSTERIOR



COBERTURAS


RUA GRÃO VASCO
B
B'
A
A'
2,61
0,32
0,95
0,10
0,87
0,38
2,21
2,06
Arrumos
22.10m²
Arrumos
9.60m²
2,13
2,56
2,09
3,44
4,37
5,23
0,65
Circulações
5.10m²
Desvão de cobertura
16.35m²
0,92
0,92
2,31
Arrumos
10.90m²
2,71
0,43
0,93
0,36
0,93
0,46
3,11
LARGO DA MISERICORDIA

PISO SOTÃO


RUA GRÃO VASCO
LARGO DA MISERICORDIA
A
A'
B
B'
Desvão de cobertura
27.75m²
Quarto
8.70m²
Circulações
5.60m²
I.S.
1.60m²
I.S.
3.90m²
Circulações
17.15m²
Cozinha
9.95m²
Sala
13.85m²
Quarto
8.80m²
Arrumos
4.50m²
Sala
12.80m²
6,24
3,04
4,51
4,43
2,62
1,95
2,96
1,63
2,18
3,14
1,20
1,04
5,29
0,87
3,38
2,03
1,04
6,16
6,04
2,29
4,39
3,65
3,80
5,95
3,84
1,21
3,14
0,21
1,05
0,89
0,83
0,89
0,83
0,89
0,89
1,14
0,81
1,12
0,86

PISO 4


RUA GRÃO VASCO
LARGO DA MISERICORDIA
A
A'
B
B'
Sala
9.75m²
Quarto
7.15m²
Cozinha
7.35m²
Circulações
5.95m²
Quarto
6.70m²
Sala
12.70m²
Circulações
9.80m²
I.S.
11.00m²
I.S.
4.60m²
Circulações
10.40m²
Quarto
8.80m²
Sala
9.00m²
Quarto
18.70m²
Cozinha
23.00m²
0,32
1,16
0,54
1,26
1,19
0,98
0,85
3,25
2,39
2,51
3,06
3,90
2,79
2,40
0,95
2,40
2,40
3,40
2,89
2,71
2,39
3,13
4,66
2,50
4,21
3,52
3,94
4,10
3,19
5,63
1,16
1,15
3,18
3,67
5,71
2,45
2,56
2,97
3,87
3,06
3,13
6,28
5,95
3,75
0,71
0,89
0,75
0,84
0,75
0,89
1,58
1,44
1,14
5,26
1,08
1,12
0,89

PISO 3


RUA GRÃO VASCO
LARGO DA MISERICORDIA
A
A'
B
B'
Sala
12.35m²
Quarto
9.70m²
Cozinha
6.35m²
Circulações
5.95m²
Circulações
4.60m²
Sala
12.70m²
Circulações
10.30m²
I.S.
3.85m²
I.S.
4.85m²
Circulações
7.95m²
Sala
11.30m²
Quarto
8.90m²
Quarto
12.00m²
Quarto
7.25m²
Cozinha
8.45m²
Sala
13.50m²

PISO 2


RUA GRÃO VASCO
LARGO DA MISERICORDIA
A
A'
B
B'
Sala
14.55m²
Quarto
13.90m²
Circulações
8.40m²
Circulações
4.20m²
Cozinha
17.80m²
Circulações
10.40m²
I.S.
5.00m²
I.S.
3.90m²
Circulações
5.50m²
Sala
11.60m²
Quarto
11.60m²
Quarto
12.55m²
Cozinha
8.55m²
Sala
13.90m²
0,57
1,11
2,71
1,13
1,03
2,64
2,90
4,72
4,64
4,69
3,05
3,90
4,60
0,55
0,81
3,07
3,21
4,75
2,14
1,70
0,72
2,99
4,58
6,97
1,02
1,47
1,50
0,71
2,52
3,66
4,23
2,06
2,06
2,63
3,04
3,26
3,07
5,50
3,51
3,79
2,53
3,69
3,76
4,07
0,33
0,82
1,17
0,72
1,13
0,81
1,09
0,68
2,20
2,95
1,14
1,08
1,12
0,89

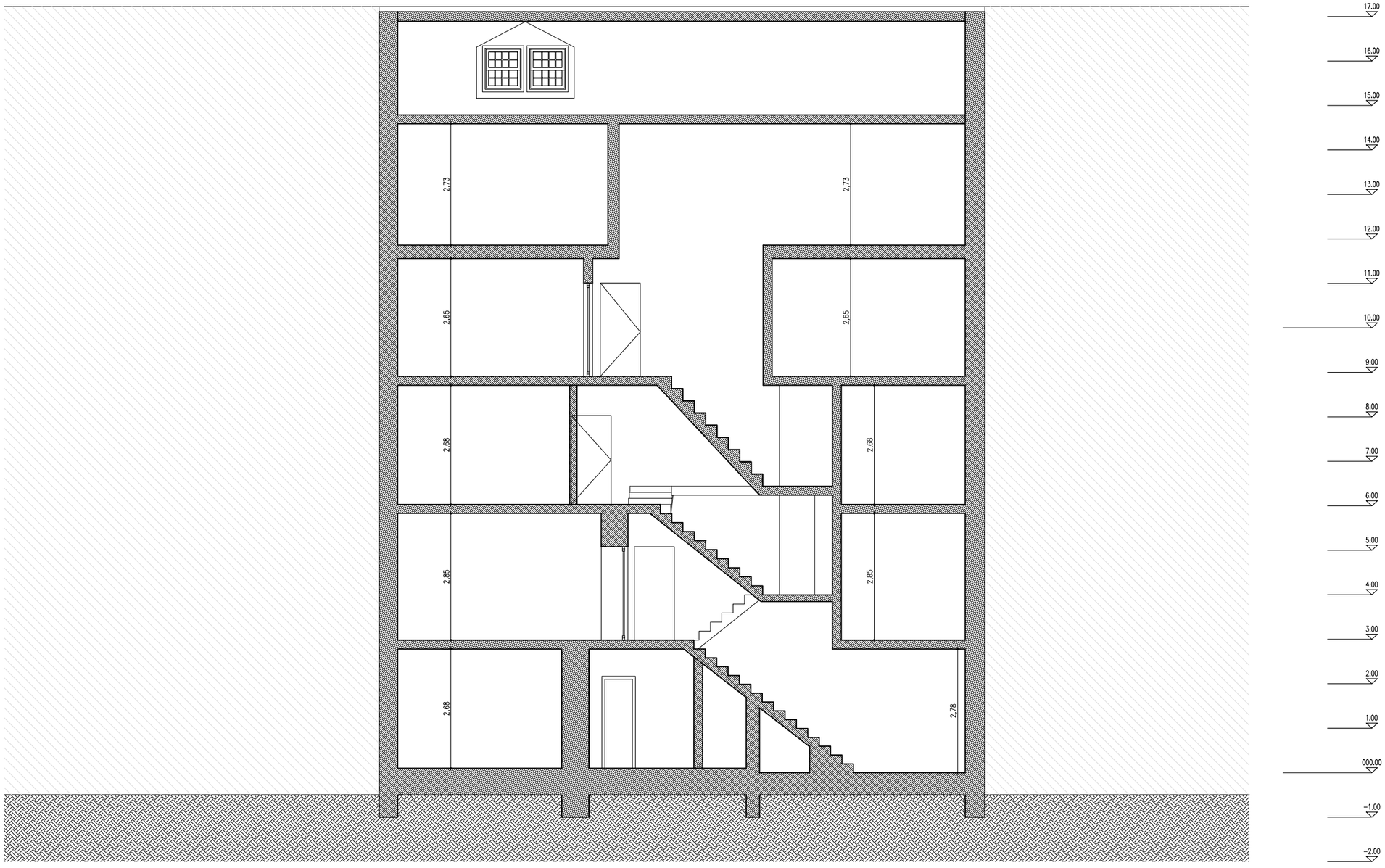
PISO 1


RUA GRÃO VASCO
LARGO DA MISERICORDIA
A
A'
B
B'
Comércio
27.80m²
Arrumos
1.85m²
I.S.
1.95m²
I.S.
5.50m²
Arrumos
1.85m²
Circulação/
Acesso a
apartamentos
9.20m²
Comércio
27.65m²
Comércio
23.00m²
Comércio
23.70m²
0,38
1,47
0,40
1,55
0,40
1,45
0,75
5,75
4,96
4,93
1,44
3,20
2,16
3,20
0,85
1,21
2,81
1,23
1,23
2,48
7,74
7,56
6,30
3,76
3,23
3,98
4,61
1,47
4,61
1,49
4,41
5,01
1,44
0,74
1,44
0,65
0,41
1,50
0,68
1,34
0,67
1,34
0,41

PISO 0


119°
18.00
17.00
16.00
15.00
14.00
13.00
12.00
11.00
10.00
9.00
8.00
7.00
6.00
5.00
4.00
3.00
2.00
1.00
000.00
-1.00
-2.00

ALÇ PRINC A


2,73
2,73
2,65
2,65
2,68
2,68
2,85
2,85
2,68
2,78
18.00
17.00
16.00
15.00
14.00
13.00
12.00
11.00
10.00
9.00
8.00
7.00
6.00
5.00
4.00
3.00
2.00
1.00
000.00
-1.00
-2.00

CORTE A



18.00	498.13
17.00	497.13
16.00	496.13
15.00	495.13
14.00	494.13
13.00	493.13
12.00	492.13
11.00	481.13
10.00	490.13
9.00	489.13
8.00	488.13
7.00	487.13
6.00	486.13
5.00	485.13
4.00	484.13
3.00	483.13
2.00	482.13
1.00	481.13
000.00	480.13
−1.00	479.13
−2.00	478.13

CORTE B

DATUM UTILIZADO: PT-TM06/ETRS89

EQUIPAMENTO UTILIZADO: GPS SOUTH S8 - ESTAÇÃO TOTAL LEICA TCR 400

Legenda:
- Área Levantada
- Habitações
- Ruínas
- Barracões e Anexos
- Caixas
- Taludes
- Igrejas
- Pontes ou Travessias
- Tanques
- Marcos de Extrema
- Poços
- Poste da EDP
- Arvores Frutos
- Arvores Protegidas
- Arvores Diversas
- Zona de Mato Grosso
- Poste da PT
- Sargetas
- Caixa de Ág. Pluviais



LEGENDA:	ARTIGO MTRICIAL Nº LOCAL: FREGUESIA: AREA TOTAL PRÉDIO: 171.65 m2	Couto de Baixo / Viseu Rua Cimo de Vila, Lot nº3 Telm.: 91 903 44 50 E-mail.: gil.miguel.gil@sapo.pt	TOPÓGRAFO:GIL MIGUEL	FASE LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO ALTIPLANIMÉTRICO	REQUERENTE 4 YOU - GABINETE DE ARQUITETURA LDA	LOCAL ZONA HISTÓRICA - VISEU	PROCESSO 2529 / 2019	DATA 30 / OUTUBRO / 2019	ESCALA 1 / 200	DATUM PT-TM06/ETRS89	Nº FOLHA Nº 1